A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec

TRADUÇÃO: **Ery Lopes**

LUZ ESPÍRITA

A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo

Allan Kardec (1804-1869)

Título original em francês:
La Genèse, les Miracles et les Prédictions selon le Spiritisme

Originalmente publicada em 6 de janeiro, 1868
Paris, França

Tradução: Ery Lopes
com base na 5ª edição francesa, 1869 - ebook

Versão digital: 3.8
Atualizado em 11 de fevereiro, 2026
São Paulo, Brasil

Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Distribuição gratuita:
Portal Luz Espírita

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec

Tradução:

Ery Lopes

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Nota do tradutor

A necessidade de estudar constantemente a obra de Allan Kardec, para aprender e fortalecer o nosso aprendizado doutrinário espírita — o que, aliás, constitui uma satisfação para nós — serviu de ensejo para cuidarmos desta tradução, que também é motivada pelo desejo de ofertarmos mais uma opção aos nossos confrades e demais estudiosos do Espiritismo, especialmente aqueles que não disponham da fluência na leitura em francês, cumprindo assim o papel essencial do tradutor, qual seja o de ser um facilitador.

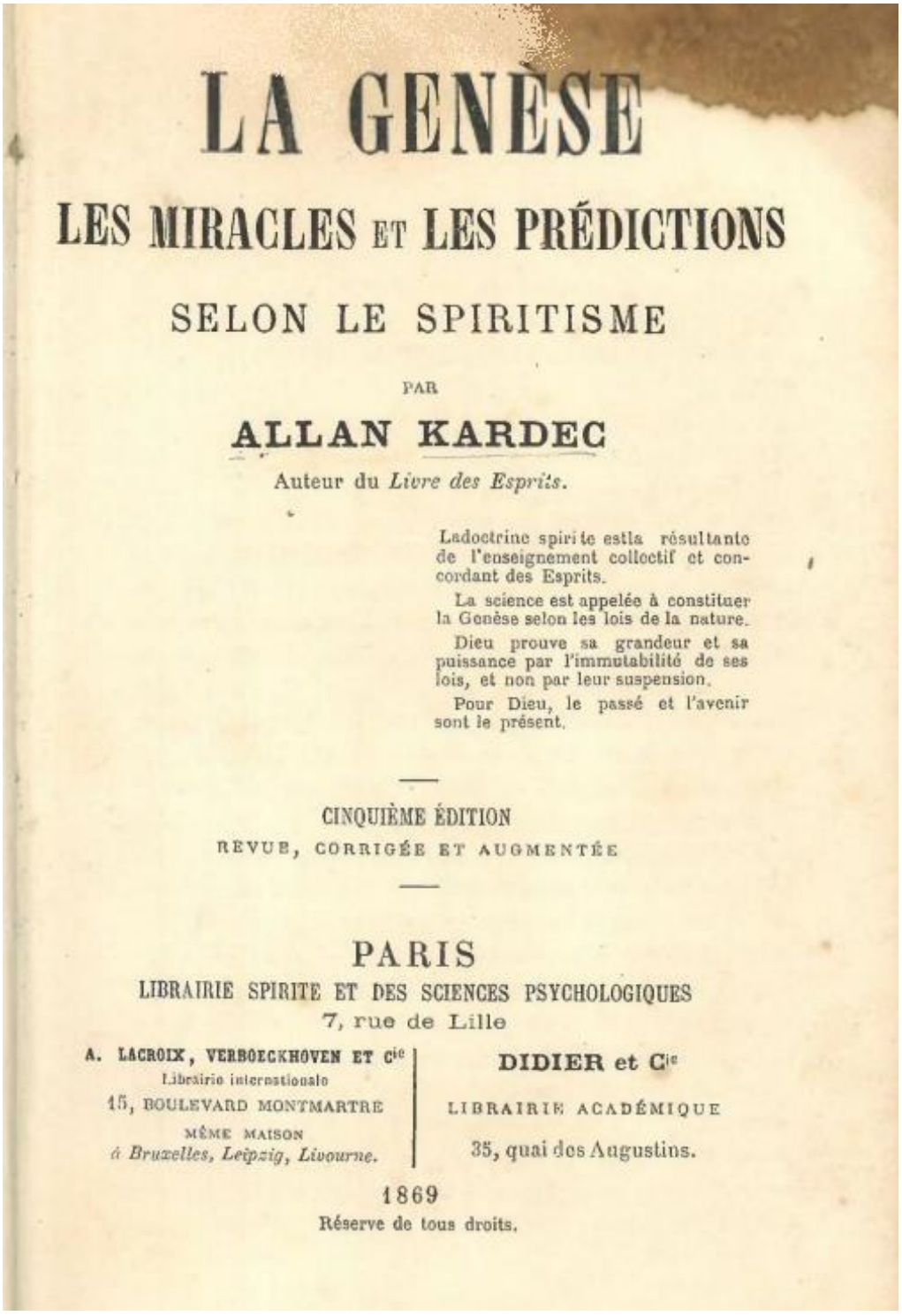
Não se ignora a dificuldade natural no trabalho de verter para outro idioma qualquer uma obra de fôlego, tal como esta; acrescente-se aí a gravidade das implicações de uma tradução de ***A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo***, posto que se trata de um livro que contém fundamentos de uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso, doutrina essa tão complexa quanto importante para toda a humanidade. Em face disso, não ousaríamos propor uma tradução perfeita, mas cuidamos tanto quanto nos é possível de buscar a máxima fidelidade da mensagem iluminadora e consoladora contida nesta obra monumental.

A revisão desta tradução é contínua, portanto, correções e sugestões de melhorias são bem-vindas.

É então ciente desta responsabilidade que este trabalho vem para contribuir com a propagação desta doutrina que abraçamos com amor.

Ery Lopes

Observação: as notas de rodapé de autoria do tradutor estão sinalizadas no final com a inscrição “N. T.”; as demais, sem sinalização, correspondem à tradução das notas de Allan Kardec contidas na obra original.



LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*.

La doctrine spirite est la résultante de l'enseignement collectif et concordant des Esprits.

La science est appelée à constituer la Genèse selon les lois de la nature.

Dieu prouve sa grandeur et sa puissance par l'immutabilité de ses lois, et non par leur suspension.

Pour Dieu, le passé et l'avenir sont le présent.

CINQUIÈME ÉDITION

REVUE, CORRIGÉE ET AUGMENTÉE

PARIS

LIBRAIRIE SPIRITE ET DES SCIENCES PSYCHOLOGIQUES

7, rue de Lille

A. LACROIX, VERBOECKHOVEN ET Cie
Librairie internationale
15, BOULEVARD MONTMARTRE
MÊME MAISON
à Bruxelles, Leipzig, Livourne.

DIDIER et Cie
LIBRAIRIE ACADÉMIQUE
35, quai des Augustins.

1869

Réserve de tous droits.

Somos gratos ao site **Allan Kardec Online** (www.allankardec.online) por compartilhar a fotocópia do arquivo original desta obra.

Allan Kardec
(1804-1869)

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES

SEGUNDO O ESPIRITISMO

P O R

ALLAN KARDEC

Autor de ***O Livro dos Espíritos***

A doutrina espírita é o resultado do ensinamento coletivo e concordante dos Espíritos.

A ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da natureza.

Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis, e não pela suspensão delas.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

QUINTA EDIÇÃO

REVISADA, CORRIGIDA E AUMENTADA

PARIS, 1869

Sumário

Introdução – pag. 12

A Gênese segundo o Espiritismo

I. Características da revelação espírita – pag. 17

II. Deus – pag. 54
- Existência de Deus
- Da natureza divina
- A providência
- Visualização de Deus

III. O bem e o mal – pag. 68
- Origem do bem e do mal
- O instinto e a inteligência
- Destruição mútua dos seres vivos

IV. Papel da ciência na Gênese – pag. 82

V. Antigos e modernos sistemas do mundo – pag. 90

VI. Uranografia geral – pag. 99
- O espaço e o tempo
- A matéria
- As leis e as forças
- A criação primária
- A criação universal
- Os sóis e os planetas
- Os satélites
- Os cometas
- A Via Láctea
- As estrelas fixas

Os desertos do espaço
Eterna sucessão dos mundos
A vida universal
Diversidade dos mundos

VII. Esboço geológico da Terra – pag. 133
Períodos geológicos
Estado primitivo do globo
Período primário
Período de transição
Período secundário
Período terciário
Período diluviano
Período pós-diluviano ou atual - Nascimento do homem

VIII. Teorias da Terra – pag. 158
Teoria da projeção
Teoria da condensação
Teoria da incrustação
Alma da Terra

IX. Revoluções do globo – pag. 166
Revoluções gerais ou parciais
Idade das montanhas
Dilúvio bíblico
Revoluções periódicas
Cataclismos futuros
Aumento ou diminuição do volume da Terra

X. Gênese orgânica – pag. 178
Formação primária dos seres vivos
Princípio vital
Geração espontânea
Escala dos seres orgânicos
O homem corporal

XI. Gênese espiritual – pag. 193
Princípio espiritual
União do princípio espiritual e da matéria

Hipótese sobre a origem do corpo humano
Encarnação dos Espíritos
Reencarnações
Emigrações e imigrações dos Espíritos
Raça adâmica
Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido

XII. Gênese mosaica – pag. 220
Os seis dias
O paraíso perdido

Os Milagres segundo o Espiritismo

XIII. Características dos Milagres – pag. 242
Os milagres no sentido teológico
O Espiritismo não faz milagres
Deus faz milagres?
O sobrenatural e as religiões

XIV. Os Fluidos – pag. 255
I. NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS
Elementos fluídicos – Formação e propriedades do perispírito – Ação dos Espíritos sobre os fluidos; criações fluídicas; fotografia do pensamento – Qualidade dos fluidos
II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS REPUTADOS SOBRENATURAIS
Visão espiritual ou psíquica; Dupla vista; Sonambulismo – Sonhos – Catalepsia; Ressurreições – Curas – Aparições; Transfigurações – Manifestações físicas; Mediunidade – Obsessões e possessões

XV. Os Milagres do Evangelho – pag. 288
Superioridade da natureza de Jesus
Sonhos
Estrela dos magos
Dupla vista
Curas
Possessos
Ressurreições
Jesus caminha sobre a água
Transfiguração
A tempestade acalmada

Bodas de Caná
Multiplicação dos pães
Tentação de Jesus
Prodígios na morte de Jesus
Aparições de Jesus após sua morte
Desaparecimento do corpo de Jesus

As Predições segundo o Espiritismo

XVI. Teoria da presciência – pag. 329

XVII. Predições do Evangelho – pag. 339
Ninguém é profeta em sua terra
Morte e paixão de Jesus
Perseguição aos apóstolos
Cidades impenitentes
Ruína do Templo e de Jerusalém
Maldição contra os fariseus
Minhas palavras não passarão
A pedra angular
Parábola dos vinhateiros homicidas
Um só rebanho e um só pastor
Advento de Elias
Anunciação do Consolador
Segundo advento do Cristo
Sinais precursores
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão
Juízo final

XVIII. Os tempos chegaram – pag. 367
Sinais dos tempos
A nova geração

INTRODUÇÃO

À PRIMEIRA EDIÇÃO, PUBLICADA EM JANEIRO DE 1868

Esta nova obra é mais um passo adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Assim como o seu título indica, ela tem por objetivo o estudo de três pontos até hoje interpretados e comentados de diversas formas: ***A Gênese, os milagres e as predições***, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos, ou se preferirem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material; da ação simultânea desses dois princípios nascem fenômenos especiais que seriam naturalmente inexplicáveis se tirássemos um deles, exatamente como a formação da água seria inexplicável se tirássemos um de seus dois elementos constitutivos: o oxigênio ou o hidrogênio.

Ao demonstrar a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a chave para uma imensidade de fenômenos incompreendidos, e por isso mesmo considerados inadmissíveis por uma certa classe de pensadores. Esses fatos ocorrem fartamente nas Escrituras, e é por falta de conhecer a lei que os regem que, girando sempre em torno das mesmas ideias, os comentadores dos dois campos opostos — uns desconsiderando os dados positivos da ciência, e os outros desconsiderando o princípio espiritual — não puderam chegar a uma solução racional.

Essa solução se encontra na ação recíproca do espírito e da matéria. É exato que ela tira o caráter sobrenatural da maioria desses fatos, contudo, o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza ou rejeitá-los

completamente? Sua rejeição absoluta implica a da própria base do edifício, ao passo que a sua admissão enquanto tal, suprimindo apenas os acessórios, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença de verdades que antes elas consideravam meras utopias.

Esta obra é então, assim como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo sob um ponto de vista especial. Os materiais estavam prontos, ou pelo menos elaborados desde há muito tempo, mas o momento de serem publicados ainda não havia chegado. Era preciso primeiramente que as ideias destinadas a lhes servir de base tivessem chegado à maturidade, e, além disso, que se levasse em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não contém mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito com claridade, a fim de que cada qual possa julgá-lo com conhecimento de causa; mas cada coisa deve vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, antes da elucidação completa da questão, seria uma causa mais de retardo do que de avanço. Nessa questão de que aqui tratamos, a importância do assunto nos impunha um dever de evitar toda precipitação.

Antes de entrarmos no conteúdo, pareceu-nos necessário definirmos claramente o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na obra da nova doutrina; essas considerações preliminares, que afastam dela toda ideia de misticismo, constituem o objeto do primeiro capítulo, intitulado: *Características da revelação espírita*. Pedimos uma séria atenção para esse ponto, porque de certo modo aí está o nó da questão.

Apesar da parte que toca à atividade humana na elaboração dessa doutrina, a sua iniciativa pertence aos Espíritos, porém ela não é formada da opinião particular de nenhum deles; ela é — e não pode deixar de ser — ***a resultante do ensinamento coletivo e concordante deles***. Somente sob esta condição ela pode se dizer a doutrina *dos Espíritos*. De outra forma, não seria mais do que a doutrina *de um Espírito*, e não teria mais valor do que uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensinamento, tal é o caráter essencial da doutrina, a condição até mesmo da sua existência; daí resulta que todo princípio que ainda não tenha recebido a consagração do controle da

generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

É essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos submetida também ao critério da lógica que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, seria preciso que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e que um dia eles viessem dizer o contrário daquilo que eles têm dito; desde que ela tem sua fonte no ensinamento dos Espíritos, para que ela sucumbisse, precisaria que os Espíritos deixassem de existir. É isso também o que a fará prevalecer sempre sobre todas as teorias pessoais, que não têm raízes por toda parte, como ela tem.

O Livro dos Espíritos só viu sua credibilidade se consolidar por ser a expressão de um pensamento coletivo geral; no mês de abril de 1867, viu-se cumprir sua primeira década; nesse intervalo, os princípios fundamentais sobre os quais pôs suas bases foram sucessivamente completados e desenvolvidos em virtude do ensino progressivo dos Espíritos, e nenhum recebeu qualquer desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais fortes do que nunca, ao passo que, de todas as ideias contraditórias que tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, em todas as partes, o contrário era ensinado. Aqui está um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais atribuímos a nós o seu mérito.

As mesmas precauções têm presidido a redação das nossas outras obras, de modo que, com toda a verdade, podemos dizer ***segundo o Espiritismo***, porque estávamos certos de sua conformidade com o ensinamento geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta obra, que, por motivos semelhantes, podemos dar como complemento das anteriores, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas como simples opiniões pessoais, até que elas sejam confirmadas ou contraditadas, a fim de que a sua responsabilidade não pese sobre a doutrina.

De resto, os leitores assíduos da ***Revista Espírita***[1] terão podido observar ali, em forma de esboço, a maior parte das ideias desenvolvidas nesta derradeira obra, conforme temos feito com relação às precedentes. A ***Revista Espírita*** muitas vezes representa para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constitutivas da doutrina.

[1] ***Revista Espírita (Revue Spirite,*** *no original em francês****),*** de cujo subtítulo "Jornal de Estudos Psicológicos", era uma publicação mensal, lançada em 1 de janeiro de 1858 por Allan Kardec e por ele editada até sua morte, passando em seguida (desde a edição de maio de 1869) a ser redigida por seus continuadores – Nota do Tradutor (N. T.).

A GÊNESE
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO PRIMEIRO

Características da revelação espírita

1. Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Sobre o que está fundada a sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A doutrina espírita é uma revelação no sentido teológico da palavra, ou seja, ela é em algum ponto o produto de um ensinamento oculto vindo do alto? Ela é absoluta ou suscetível de modificações? Ao trazer aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito lhes impedir de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos Espíritos se eles não são infalíveis nem superiores à humanidade? Qual a utilidade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo, que nós já conhecemos? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação? Ele não pode achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é preciso para se conduzir? Estas são as questões sobre as quais é importante que nos fixemos.

2. Primeiro vamos definir o sentido da palavra *revelação*.

Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente ***sair de sob o véu***, e, no sentido figurado: descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção comum mais genérica, diz-se de qualquer coisa ignorada que é divulgada, de toda ideia nova que se põe no caminho daquilo que não sabíamos.

Desse ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os

mistérios da natureza são revelações, e podemos dizer que para nós há uma incessante revelação. A astronomia nos revelou o mundo astral que não conhecíamos; a geologia revelou a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo etc.; Copérnico[2], Galileu[3], Newton[4], Laplace[5], Lavoisier[6] foram reveladores.

3. A característica essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é tornar um fato conhecido; se a coisa é falsa, já não é um fato, e por isso aí não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de ser uma revelação; se for atribuída a Deus, como Deus não pode mentir nem se enganar, ela não pode vir dele; ela deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos senão o de um revelador? Ele lhes ensina o que eles não sabem, o que não tiveram nem o tempo nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que contribuíram, cada qual com sua cota de observações, das quais se beneficiam aqueles que vêm depois. Portanto, na realidade, o ensino é a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas[7], feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram, e que, sem estas revelações, eles sempre as teriam ignorado.

---

[2] Nicolau Copérnico (1473-1543): matemático e astrônomo polaco; propôs a teoria heliocentrista, na qual afirmava que o Sol era o centro do Sistema Solar, derrubando a tese geocentrista, de que a Terra seria o centro do Universo. – N. T.

[3] Galileu Galilei (1564-1642): cientista italiano de notáveis contribuições à Ciência, por exemplo, estabelecendo os princípios do método científico moderno. – N. T.

[4] Isaac Newton (1643-1727): importante cientista inglês que revolucionou as leis da Física, dentre outras descobertas, com a lei da gravidade. – N. T.

[5] Pierre Simon Laplace (1749-1827): matemático, astrônomo e físico francês, pioneiro da Mecânica Física. – N. T.

[6] Antoine Lavoisier (1743-1794) foi um nobre e brilhante cientista francês, considerado o pai da Química moderna. – N. T.

[7] Metafísica: que vai além da dimensão material, que escapa aos sentidos físicos, transcendental, espiritual. — N. T.

5. Mas, o professor só ensina aquilo que tem aprendido: é um revelador de segunda ordem; o gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primordial; traz a luz que pouco a pouco se populariza. Que seria da humanidade sem a revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos!

Mas, quem são esses homens geniais? Por que são geniais? De onde vêm? O que acontece com eles? Notemos que na sua maioria eles trazem ao nascer capacidades transcendentes e conhecimentos inatos que basta um pouco de trabalho para se desenvolverem. Eles pertencem realmente à humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Porém, onde adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante sua vida? Dirão, como dizem os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, eles não teriam mais mérito do que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dirão, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida do que a alma comum dos homens? Suposição também totalmente ilógica, pois que ela tacharia Deus de parcialidade. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conta disso, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Ao encarnar, ele traz o que sabe, e como sabe muito mais do que os outros, sem precisar aprender, é então chamado homem de gênio. Mas aquilo que ele sabe não deixa de ser fruto de um trabalho anterior, e não o resultado de um privilégio. Logo, antes de renascer, ele era então Espírito adiantado; ele reencarna tanto para fazer que os outros aproveitem do que ele sabe quanto para aprender ainda mais.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; todavia, entregues às próprias forças, esse progresso é bastante lento, se não forem ajudados por homens mais adiantados, como o estudante é ajudado por seus professores. Todos os povos tiveram seus gênios, que vieram em diversas épocas lhes dar impulso e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admita a dedicação de Deus para com as suas criaturas, por

que não admitiríamos que Espíritos capazes de fazer a humanidade avançar, por sua energia e superioridade de conhecimento, encarnem pela vontade de Deus, com o propósito de ajudar no progresso em um determinado sentido? Por que não admitir que eles possam receber uma missão, como um embaixador recebe uma do seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. O que eles vêm fazer senão ensinar aos homens as verdades que estes ignoram e que teriam ignorado durante longos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses sábios — que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando atrás de si um longo rastro luminoso sobre a humanidade — são missionários, ou se o quiserem, messias. As coisas novas que eles ensinam aos homens — sejam de ordem física, sejam de ordem filosófica — são ***revelações***.

Se Deus ocasiona reveladores para as verdades científicas, com mais forte razão ele pode permiti-los para as verdades morais, que constituem um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode saber por si mesmo, que não pode descobrir por meio dos seus sentidos, e cujo conhecimento lhes é dado por Deus ou por seus mensageiros — quer seja por meio da palavra direta, quer seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou ***messias***, isto é, ***enviados***, ***missionários***, tendo a ***missão*** de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta; ela é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores, e estes, embora estejam todos longe de terem conhecido toda a verdade, tiveram sua providencial razão de ser, pois eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos aos quais falaram e aos quais eram relativamente superiores. Malgrado os erros de suas doutrinas, eles não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso que mais

tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão um dia à luz do Cristianismo. Então, é incorreto que se lance maldição sobre eles em nome da ortodoxia, pois virá um dia em que todas essas crenças — tão diversas nas formas, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma — se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, em todos os tempos as religiões têm sido instrumentos de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições secundárias e temos visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, graças ao prestígio desse nome, têm explorado a fé em proveito do seu orgulho, da sua ganância ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos seus iludidos. A religião cristã não ficou imune a esses parasitas. A esse respeito, pedimos séria atenção para o capítulo XXI de ***O Evangelho segundo O Espiritismo****; "Haverá falsos Cristos e falsos profetas."*

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? Esta é uma questão que não ousaríamos resolver de uma maneira absoluta — nem afirmativamente, nem negativamente. A coisa não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá prova certa disso. O que não parece ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição são penetrados por seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, conforme a ordem hierárquica a que pertençam e ao grau de sua sabedoria pessoal, eles podem tirar suas instruções dos seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo de mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, poderiam às vezes ser tomados pelo próprio Deus.

Esses tipos de comunicações não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vidência de Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho ou desperto, assim como vemos tantos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. Portanto, é rigorosamente exato dizermos que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados,

audientes ou videntes; daí, não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, nem, muito menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Somente os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas agora sabemos que os Espíritos estão longe de serem todos perfeitos, e que há alguns que se apresentam sob falsas aparências; foi isso o que levou são João a dizer: “Não acreditem em todo Espírito; mas vejam antes se os Espíritos são de Deus.” (I João, 4:4)

Então, pode haver revelações sérias e verdadeiras, como há as apócrifas[8] e mentirosas. ***O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação contaminada de erro ou sujeita a modificação não pode vir de Deus***. É assim que a lei do Decálogo[9] tem todas as características de sua origem, enquanto as outras leis mosaicas — essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai[10] — são obra pessoal e política daquele legislador hebreu. Depois que os costumes do povo se abrandaram, essas leis caíram por si mesmos em desuso, ao passo que o Decálogo permaneceu de pé como farol da humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, ao mesmo tempo em que aboliu as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, ele cuidaria para que não fossem tocadas. O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11. Uma importante revelação se cumpre na época atual: é a que nos mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvidas, mas ficou até os nossos dias, de certo modo no estado de letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o teria sufocado sob a

---

8 Apócrifo: não oficial, duvidoso, clandestino, falso. – N. T.

9 Decálogo: os Dez Mandamentos. – N. T.

10 Monte Sinai: segundo a tradição bíblica, lugar onde Moisés recebeu o decálogo. — N. T.

superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução positiva; estava reservado à nossa época desembaraçá-la desses acessórios ridículos, compreender seu alcance e fazer surgir a luz que devia clarear o caminho do futuro.

12. O Espiritismo — ao nos fazer conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, e consequentemente o destino do homem depois da morte — é uma verdadeira revelação, na concepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: ela deriva ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Deriva da primeira naquilo que o seu aparecimento foi providencial, e não o resultado da iniciativa e de uma intenção premeditada do homem; que os pontos fundamentais da doutrina são o produto do ensino dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos, mas que eles devem conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Ela deriva da segunda, naquilo que esse ensinamento não é privilégio de indivíduo algum, mas dado a todo o mundo pelo mesmo modo; que aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres ***passivos***, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; que eles não renunciaram ao seu raciocínio e livre-arbítrio; que o exame não lhes é proibido, mas, ao contrário, é recomendado; enfim, que a doutrina não foi ***ditada completa, nem imposta à crença cega***; que ela é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara e das quais ele próprio tira as consequências e as aplicações. Em uma palavra, ***o que caracteriza a revelação espírita é que a sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é fruto do trabalho do homem.***

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, ou seja, aplicando o método experimental.

Fatos de uma nova ordem se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara-os, analisa-os e, partindo dos efeitos às causas, ele chega à lei que os rege; depois, deduz as suas consequências e busca suas aplicações úteis. ***Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida***; assim, não apresentou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou com evidência da observação dos fatos, da mesma maneira que os outros princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a teoria que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação, e não o produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam no método experimental; mas até hoje acredita-se que esse método só seria aplicável à matéria, entretanto ele é igualmente aplicável às coisas metafísicas.

15. Citemos um exemplo: passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém havia suspeitado, que é o de Espíritos que acreditam não estarem mortos. Pois bem, os Espíritos superiores — que conhecem perfeitamente esse fato — não vieram dizer antecipadamente “Há Espíritos que acreditam ainda viver a vida terrestre; que conservaram seus gostos, costumes e instintos”; mas eles provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que nós os observássemos. Tendo então visto Espíritos incertos de seu estado, ou afirmando que ainda eram deste mundo, e supondo cuidar de suas ocupações cotidianas, do exemplo deduzimos a regra. A variedade de fatos semelhantes provou que esse caso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita; permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa estranha ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente, e que é peculiar a certos gêneros de morte; que é apenas temporária, mas que pode durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo ocorreu com todos os outros princípios da doutrina.

16. Assim como a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se daí que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. ***O Espiritismo e a ciência se completam um ao outro***; a ciência sem o Espiritismo fica na impossibilidade de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria; o Espiritismo sem a ciência careceria de apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que vir antes que o estudo da espiritualidade, porque é a matéria que primeiro é captada pelos sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas teria sido uma obra abortada, como tudo que vem antes do seu tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras ciências que foram cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a química, não podendo nada sem a física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica e a mineralogia só se tornaram ciências sérias com a ajuda das luzes trazidas pela física e pela química. A geologia, nascida recentemente, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras teria necessitado de seus verdadeiros elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. A ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos[11] e, de observação em observação, chegou à concepção ***de um só elemento*** gerador de todas as transformações da matéria; porém a matéria

[11] Os primeiros filósofos acreditavam que todo o Universo era gerado a partir de certos elementos básicos (por exemplo: terra, ar, fogo e água). Hoje sabemos que essas formas materiais não passam de agregação de outras substâncias, e, portanto, não são elementos materiais em si. – N. T.

por si só é inerte; ela não tem nem vida, nem pensamento nem sentimento; falta-lhe sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou esse princípio, no entanto, foi o primeiro a demonstrá-lo por provas incontestáveis; ele estudou, analisou e tornou evidente a sua ação. Ao ***elemento material*** ele juntou o ***elemento espiritual***. ***Elemento material*** e ***elemento espiritual***, eis aqui os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.[12]

Tendo como objetivo o estudo de um dos dois elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; ele só podia vir depois da elaboração delas, e nasceu pela força das coisas, pela impossibilidade de se explicar tudo com o auxílio apenas das leis da matéria.

19. Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; contudo, esquece-se que a astronomia tem por irmã mais velha a astrologia judiciária, que ainda não está muito distante de nós; que a química é filha da alquimia, aquela com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se atualmente. Ninguém nega, entretanto, que havia na astrologia e na alquimia a semente das verdades de que saíram as ciências atuais. Não obstante suas fórmulas ridículas, a alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades; a astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela havia estudado; mas na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram — para o leigo — seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Desde que Galileu, Newton e Kepler[13] tornaram essas leis conhecidas, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar

---

[12] A palavra ***elemento*** não é empregada aqui no sentido de ***corpo simples, elementar, de moléculas primitivas***, mas no de ***parte constitutiva de um todo***. Nesse sentido, podemos dizer que o ***elemento espiritual*** tem parte ativa na organização do Universo, como se diz que o ***elemento civil*** e o ***elemento militar*** estão presentes no cálculo de uma população; que o ***elemento religioso*** entra na educação; ou que na Argélia existe o ***elemento árabe*** e o ***elemento europeu***.

[13] Johannes Kepler (1571-1630): célebre astrônomo, matemático e astrônomo alemão. – N. T.

que algumas pessoas acharam indiscreto, os planetas apareceram para nós como simples mundos semelhantes ao nosso, e toda a estrutura do maravilhoso desmoronou.

O mesmo ocorre com o Espiritismo em relação à magia e à feitiçaria; estas também se apoiavam sobre a manifestação dos Espíritos, como a astrologia se apoia sobre o movimento dos astros; todavia, ignorando as leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam essas relações com práticas e crenças ridículas, as quais o Espiritismo moderno — fruto da experiência e da observação — rejeitou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que aquela que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia; confundi-las é provar que não se sabe nada sobre elas.

20. O simples fato da possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é um mundo totalmente novo que se revela para nós, e que é tão importante que alcança todos os homens, sem exceção. Esse conhecimento, em se generalizando, não pode deixar de implicar numa profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças que têm tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas ideias, revolução essa tão grande e tão poderosa que não está limitada a um povo, nem a uma classe social, mas que alcança simultaneamente pelo coração todas as categorias, todas as nacionalidades e todos os cultos.

Assim, é com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e por qual laço elas se ligam uma à outra.

21. Como profeta, Moisés revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai[14] e estabeleceu os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, depurando-se, haveria de um dia se espalhar sobre toda a Terra.

---

14 Os dez mandamentos, decálogo. — N. T.

22. O CRISTO, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que não passava de transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou ***a revelação da vida futura***, de que Moisés não havia falado, como aquela das penas e recompensas que aguardam o homem após a morte. (Ver ***Revista Espírita***, 1861, páginas 90 e 280.)

23. A parte mais importante da revelação do Cristo — no sentido que ela é a fonte primária, a pedra angular de toda sua doutrina — é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual devemos considerar a Divindade. Esta já não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés, o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem fazer exceção a mulheres, crianças e idosos, que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é mais o Deus injusto que pune um povo inteiro pelo erro do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelos erros dos pais; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, pleno de mansidão e misericórdia, que perdoa o pecador arrependido e ***dá a cada um segundo as suas obras***; já não é mais o Deus de um único povo privilegiado, ***o Deus dos exércitos*** presidindo os combates para sustentar sua própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção a todos os seus filhos e os convida todos a ele; já não é mais o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da descendência, mas aquele que diz aos homens: “Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial; é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão humilhados”. Já não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente; mas o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoem as ofensas, se querem ser perdoados; façam o bem em vez do mal; não façam ao outro o que não gostariam que eles lhes fizessem”. Já não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe — sob as mais rigorosas penas — a maneira pela qual ele quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas o Deus grande, que vê o pensamento e não se honra com formalidades. Enfim, já não é mais o Deus

que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, ***o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas fazem de Deus***. As religiões que fazem dele um Deus vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que fazem dele um Deus parcial e ciumento são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, conforme elas o acreditem mais ou menos contaminado pelas fraquezas e insignificâncias humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo está fundamentada sobre o caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e diz: ***Amem a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei***. Unicamente sobre esta crença ele assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, teria sido possível amar aquele Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

Essa revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, junto com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impondo-lhes novas obrigações, fazendo-lhes encarar a vida presente sob uma outra luz; por isso mesmo, ela tinha de reagir sobre os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas consequências, esse é o ponto mais importante da revelação do Cristo, e do qual não compreendemos suficientemente a importância; é lamentável dizer que esse é também o ponto do qual mais temos nos desviado e o que mais temos ignorado na interpretação dos seus ensinamentos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que lhes digo vocês ainda não podem compreender, e eu teria a lhes dizer muitas outras que vocês não compreenderiam; por isso é que lhes falo em parábolas; mais tarde, porém, ***eu lhes enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e lhes explicará tudo***.” (João, 14,16; Mateus, 17)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que ele julgou conveniente deixar certas verdades na sombra até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Por sua confissão, portanto, seu ensinamento estava incompleto, pois anunciava a vinda daquele que deveria lhe completar; logo, ele previu que não compreenderíamos bem suas palavras e que nos desviaríamos do seu ensinamento; em suma, que desfaríamos o que ele fez, uma vez que todas as coisas haveriam de ser restabelecidas: ora, só se ***restabelece*** aquilo que foi desfeito.

27. Por que ele denomina o novo Messias de ***Consolador***? Este nome — significativo e sem ambiguidade — é toda uma revelação. Ele previa com isso que os homens precisariam de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez o Cristo nunca tivesse sido tão claro e tão explícito quanto nestas derradeiras palavras, às quais poucas pessoas deram atenção o bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar o seu sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de uma maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais eles não o poderiam compreender; muitas coisas pareciam sem sentido no estado dos conhecimentos de então. Completar seu ensinamento deve ser entendido então no sentido de ***explicar*** e ***desenvolver***, muito mais do que de lhe agregar verdades novas, porque tudo nele se encontra em germe; faltava somente a chave para extrairmos o sentido das suas palavras.

29. Mas quem ousa se meter a interpretar as Escrituras sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, senão os teólogos? [15]

Quem o ousa? Primeiro, a ciência, que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza, e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as

[15] Teólogo: aquele que se ocupa da teologia, que é a ciência que estuda Deus, sua natureza, seus atributos e as implicações disso com o homem e o universo. – N. T.

Escrituras não são mais a arca santa[16] na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e em particular os Pais da Igreja, eles, contudo, não eram o bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra[17] e a crença nos antípodas;[18] e, mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram maldição à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, de noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, reveladas mais tarde pela ciência: eis por que os próprios teólogos — mesmo com muito boa vontade — enganaram-se sobre o sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar aí a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de tal modo que só viam o que queriam ver. Por mais instruídos que fossem, os teólogos não podiam compreender causas dependentes de leis que eles desconheciam.

Mas quem se fará o juiz das interpretações diversas, e muitas vezes contraditórias, dadas fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso. Os homens — cada vez mais esclarecidos à medida que novos fatos e novas leis forem se revelando — saberão separar os sistemas utópicos da realidade. Ora, as ciências tornam conhecidas certas leis; o Espiritismo revela outras; todas estas leis são indispensáveis para a interpretação dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio[19] e Buda[20] até o cristianismo.

---

16 Referência à Arca da Aliança, descrita no Antigo Testamento, espécie de baú sagrado onde foram depositadas as pedras sobre as quais foram escritos os Dez Mandamentos recebidos por Moisés. – N. T.

17 O tribunal da Inquisição, pertencente à Igreja Católica, condenavam defensores da ideia de a Terra girar em torno do Sol, pois a Igreja defendia que este planeta era o centro do Universo e que, portanto, tudo girava em torno dele. – N. T.

18 Antípoda: seres que habitam em lugares opostos. Refere-se ao fato de os antigos doutores da Igreja não terem descoberto a existência de povos de outras regiões, como os do continente americano. – N. T.

19 Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.): filósofo e teórico político chinês – N. T.

Quanto à teologia, ela não poderia judiciosamente alegar contradições da ciência, visto que ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O ESPIRITISMO — tomando seu ponto de partida nas próprias palavras do Cristo, como o Cristo tomou o seu nas de Moisés — é uma consequência direta da doutrina cristã.

À vaga ideia da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso ele especifica a crença; ele lhe dá um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Ele define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que escondia dos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre aí temporariamente e vê em toda parte a justiça de Deus.

Ele sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até que ela atinja o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há diferença entre elas senão quanto ao progresso realizado; que todas têm a mesma destinação e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente conforme seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem algumas mais favorecidas do que outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados sob o nome de ***demônios*** são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado espiritual, como praticavam na condição humana, mas que avançarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas sim Espíritos que chegaram à meta, depois de terem

---

[20] Buda, ou Siddartha Gautama (563 a.C. – 483 a.C.): príncipe de uma região ao Sul do Nepal que se tornou fundador e líder espiritual do Budismo. – N. T.

percorrido a fileira do progresso; que assim, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o universo, e que todos os seres gravitam num objetivo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, por serem todos filhos das suas próprias obras.

31. Pelas relações que o homem hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, ele possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo com os dos outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, é testemunha das suas alegrias e das suas penas; sabe por qual razão eles são felizes ou infelizes e a sorte que espera por ele próprio, conforme o bem ou o mal que tenha feito. Essas relações o iniciam na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato patente, uma certeza matemática. Desde então a morte nada mais tem de amedrontador, porque é para ele a sua libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas; dita de outra forma, que ele é punido pelo que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente caso persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um se melhorar, cada um, em virtude do seu livre-arbítrio, pode prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre de seus excessos enquanto não põe um fim neles.

33. Se a razão rejeita — por ser incompatível com a bondade de Deus — a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; se rejeita os suplícios do inferno, que não podem ser

minimizadas nem sequer pelo mais ardente e mais sincero arrependimento, essa razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que jamais fecha a porta ao arrependimento e estende incessantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.

34. A pluralidade das existências — cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, mas sem defini-lo, como outros tantos princípios — é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que ela demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem compreende todas as aparentes anormalidades que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela longevidade do Espírito que tem vivido e progredido mais ou menos, e traz ao renascer o que adquiriu em suas existências anteriores. (Ver item 5.)

35. Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnais: não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com aquele sistema do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida: os homens não são solidários com o futuro. Pela reencarnação, eles são solidários com o passado e com o futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo e o mal tem suas consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, caem os preconceitos de raças e de classes, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, nobre ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhum que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se então a reencarnação fundamenta o princípio da fraternidade universal sobre uma lei da natureza, também por esta mesma lei

ela fundamenta o princípio da igualdade dos direitos sociais, e por conseguinte o da liberdade.

37. Tirem do homem o espírito livre, independente e sobrevivente à matéria e fariam dele uma máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio além da lei civil, e ***pronta para ser explorada*** como um animal inteligente. Nada esperando após a morte, nada o impede que aumente os prazeres do presente; se ele sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro e a de reencontrar aqueles a quem amou, bem como ***o temor de rever aqueles a quem ofendeu***, todas as suas ideias mudam. Ainda que o Espiritismo só tivesse tirado do homem a dúvida quanto à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o reprimem algumas vezes, mas não o modificam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não somente seria inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens culpáveis pela falta de um só: seria também um contrassenso, e ainda menos justificável porque, segundo esta doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência, o homem traz ao ***renascer*** o germe de suas antigas imperfeições, dos defeitos de que ainda não se corrigiu e que se traduzem pelos seus instintos naturais e tendências a esse ou àquele vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, do qual ele sofre naturalmente todas as consequências, mas com a diferença capital de que carrega a pena das suas próprias faltas, e não a da falta de outro alguém; e esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente equitativa, que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir — seja se depurando de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos, e isso até que, estando suficientemente purificado, ele não precise mais da vida corporal e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que tenha progredido moralmente traz ao renascer qualidades nativas, como aquele que progrediu intelectualmente

traz ideias inatas; é identificado com o bem, pratica-o sem esforços, sem interesse e, por assim dizer, sem pensar nisso. Aquele que é obrigado a combater suas más tendências, esse vive ainda em luta: o primeiro já venceu, o segundo está a caminho de vencer. Portanto, há ***virtude original***, como há ***saber original***, e ***pecado***, ou melhor: ***vício original***.

39. O Espiritismo experimental tem estudado as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do ***perispírito***, suposto desde a Antiguidade e designado por são Paulo sob o nome de ***Corpo espiritual***,[21] isto é, corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Hoje sabemos que essa vestimenta é inseparável da alma; que é um dos elementos constitutivos do ser humano; que é o veículo da transmissão do pensamento, e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito desempenha um papel muito importante no organismo e numa multidão de afecções, que se liga tanto à fisiologia quanto à psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos até então incompreendidos por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque se relacionam com a espiritualidade, qualificados por alguns como milagres ou feitiçarias, conforme suas crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos também fazem parte de leis naturais, assim como os fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais podem se reproduzir, o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseguintemente, a fonte da maioria das superstições.

---

[21] Conforme lemos na 1ª carta aos Coríntios, 15:44: “Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual” – N. T.

Se ele faz com que acreditemos na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quimeras[22], também impede que se creia em muitas outras, de que ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver — pelas novas leis da natureza que ele revela — tudo quanto o Cristo disse e fez; ele traz a luz sobre os pontos obscuros do seu ensinamento, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram incompreensíveis, ou pareciam ***inadmissíveis***, compreendem-nas sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo e as admitem; enxergam melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. Se, além do mais, considerarmos o poder moralizador do Espiritismo — pela finalidade que atribui a todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal que ele torna tangível; pela força moral, pela coragem e consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de revê-los, a possibilidade de se entreter com eles; enfim, pela certeza de que tudo o quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, em sabedoria, em moralidade, ***até a derradeira hora da vida***, não fica perdido, que tudo aproveita ao avanço — reconhecemos que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do ***Consolador*** anunciado. Ora, como é o ***Espírito de Verdade*** que preside o grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma realizada, pois, de fato, é ele o verdadeiro ***Consolador***.[23]

---

[22] Quimera: utopia, ilusão, fantasia, absurdo, algo impossível etc. — N. T.

[23] Muitos pais de família lastimam a morte prematura dos filhos para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem que tudo foi pura perda de tempo. Com o Espiritismo, eles não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam seus filhos morrerem, porque sabem que, se estes não aproveitam tal educação na vida presente, ela servirá, primeiro que tudo para o seu adiantamento espiritual; e mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando eles voltarem, terão uma bagagem

43. Se adicionarmos a estes resultados a rapidez espantosa da propagação do Espiritismo — apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo — ninguém poderá discordar de que a sua vinda não seja providencial, visto como ele triunfa sobre todas as forças e sobre toda a má vontade humana. A facilidade com que ele é aceito por tão grande número de pessoas — e isso sem constrangimento, sem outros meios senão pelo poder da ideia — prova que ele corresponde a uma necessidade, qual seja a de crer em alguma coisa, após a vida escavada pela descrença, e que, por consequência, ele veio na sua hora.

44. Os aflitos são em grande número; por isso, não é surpreendente que tanta gente acolha uma doutrina que consola em vez daquelas que desesperam, pois é aos deserdados que o Espiritismo se dirige, mais do que aos felizes do mundo. O doente vê o médico chegar com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vocês que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, ofereçam-nos mais e melhor do que ele; curem mais seguramente as feridas da alma. Deem mais consolações, mais satisfações de coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores; façam do futuro um quadro mais racional, mais atraente; porém, não creiam vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno ou da beatitude e inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não está em nenhum indivíduo. As duas primeiras foram individuais, a terceira é coletiva; aí está uma característica essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ter sido feita para privilégio de

---

intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas, que sabem, por assim dizer, sem ter necessidade de aprender. Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos colocarem em prática essa educação, eles certamente desfrutarão disso mais tarde — seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os progenitores desses mesmos filhos, a quem chamamos de afortunadamente dotados pela natureza, e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se tornarem maus devido a negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que lhes suscitarão em nova existência (ver ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, cap. V, item 21; *Mortes prematuras*).

ninguém; em consequência disso, ninguém pode proclamar-se como seu profeta exclusivo. Ela surgiu simultaneamente sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e de todas as condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme aquela profecia registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei de meu espírito sobre toda a carne; seus filhos e filhas profetizarão; os jovens terão visões, e os anciãos terão sonhos.'" (Atos dos Apóstolos, 2:17-18) Ela não saiu de nenhum culto especial, a fim de um dia servir a todos como ponto de ligação.[24]

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto de um ensinamento pessoal, ficaram necessariamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo as alcançarem inteiramente. A terceira tem isto de particular: que não estando personificada em um indivíduo, produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que todos se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que em determinado tempo acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num único ponto e fosse obra exclusiva de um homem, teria formado

---

24 Nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que já começa a se operar, é o de um observador atento que estuda os fatos para descobrir suas causas e delas tirar as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir; temos comparado e comentado as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo, depois coordenamos tudo metodicamente; em resumo, temos estudado e dado ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuirmos aos nossos trabalhos qualquer outro valor que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos considerarmos chefe da doutrina, nem querermos impor as nossas ideias a ninguém. Publicando essas ideias, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de um grande número, do qual não podemos nos envaidecer, posto que sua origem não nos pertence. Nosso maior mérito é o da perseverança e da dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, temos feito o que qualquer outro poderia fazer como nós; essa é a razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem muito menos de nos apresentarmos como tal.

seita[25] em torno dele; e talvez decorresse meio século sem que alcançasse os limites do país onde tivesse surgido, ao passo que após dez anos, ela já plantou raízes de um polo a outro.

47. Esta circunstância — inédita na história das doutrinas — lhe dá uma força excepcional e um poder de ação irresistível; de fato, se a reprimem em um ponto, em num determinado país, é materialmente impossível reprimi-la em todos os pontos, em todos os países. Para cada lugar onde ela seja entravada, haverá mil outros ao lado onde ela florescerá. E mais: se a atingirem num indivíduo, não poderão atingi-la nos Espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se eventualmente conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria qualquer tempo depois, porque ela repousa sobre ***um fato, e que esse fato está na natureza*** — e não se pode suprimir as leis da natureza. É disso que devem se convencer aqueles que sonham com a aniquilação do Espiritismo. (***Revista espírita***, fev. de 1865: *Perpetuidade do Espiritismo.*)

48. Entretanto, esses centros disseminados poderiam ainda permanecer por longo tempo isolados uns dos outros, confinados como alguns estão em países mais distantes. Faltava entre eles um traço de ligação que os pusesse em comunhão de pensamentos com seus irmãos de crença, ensinando-os o que se fazia noutros lugares. Esse traço de união — que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade — encontra-se nas publicações que vão a toda parte, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado em toda a parte sob múltiplas formas e nas diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações não podiam ser mais do que o resultado de um ensinamento direto; elas deviam se impor à fé pela autoridade da palavra do mestre, pois os homens não eram bastante avançados para contribuir com sua elaboração.

Todavia, notemos entre elas uma diferença bem sensível quanto ao

[25] Seita: doutrina religiosa ou teoria filosófica separada da opinião geral da qual se originou; facção, divisão, partido. – N. T.

progresso dos costumes e das ideias, se bem que elas eram feitas entre o mesmo povo e no mesmo meio, só que depois de dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absolutista, autoritária; ela não admite discussão e se impõe ao povo todo pela força. A de Jesus é essencialmente ***conselheira***; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; ela é debatida já desde a vida do seu fundador, que não deixava de discutir com seus adversários.

50. A terceira revelação — vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não se submete a um papel passivo e em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver para onde o conduzem e quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. ***Os Espíritos só ensinam justamente o que é necessário se colocar no caminho da verdade, mas eles se abstêm de revelar aquilo que o homem pode descobrir por si mesmo***, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao crivo da razão, muitas vezes deixando-o mesmo adquirir experiência por conta própria. Eles lhes fornecem o princípio e os materiais: cabe ao homem aproveitá-los e implementá-los. (Nº 15.)

51. Sendo os elementos da revelação espírita simultaneamente dados sobre uma multiplicidade de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, fica bem evidente que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo fruto; que as consequências a se tirar delas, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em uma palavra, a conclusão sobre a qual haviam de se firmar as ideias não podia surgir senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, limitado num círculo restrito, muitas vezes só vendo uma ordem particular de fatos — não raro contraditórios na aparência, geralmente vindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, entravados por influências locais e espírito partidário — achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de reunir as observações isoladas a um princípio comum. Cada qual apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos

Espíritos que se manifestassem, logo teriam surgido tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum dos quais poderia estar completo, por falta de elementos de comparação e controle. Numa palavra, cada qual teria se imobilizado na sua revelação parcial, crendo possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Além disso, é notável que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado de uma maneira completa; ele diz respeito a tão grande número de observações, sobre assuntos tão diversos que exigem tanto conhecimentos quanto aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível reunir num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os objetos de estudo e de observação, assim como em algumas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários.

A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda neste momento, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento daquilo que obtém, e é o conjunto e a coordenação de todos os ensinamentos parciais que têm constituído a ***doutrina espírita***.

Portanto, era necessário agrupar os fatos espalhados para ver sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los e estudar suas semelhanças e diferenças. Sendo as comunicações dadas por Espíritos de todas as ordens e mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia lhes conceder e distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas das que tinham a aprovação do ensinamento geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; afastar aquelas que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da sensata lógica, utilizar igualmente os erros e as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível e dele formar um conjunto homogêneo. Era preciso, em suma, um centro de elaboração independente de qualquer ideia preconcebida e de todo preconceito de seita, ***decidido a***

aceitar a verdade tornada evidente, ainda que ela fosse contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e ***sem propósito premeditado***.[26]

53. Desse estado de coisas, resultou uma dupla corrente de ideias: umas, partindo das extremidades para o centro e as outras retornando do centro à circunferência. É assim que a doutrina tem caminhado prontamente em direção à unidade, malgrado a diversidade das fontes de onde ela emanou; que as teorias divergentes pouco a pouco caem, pelo fato de seu isolamento, diante da influência da opinião da maioria, na falta de aí encontrar repercussões simpáticas. Uma comunhão de pensamentos desde então se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se compreendem e se simpatizam de um extremo a outro do mundo.

Os Espíritos se sentiram mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os reuniu à grande família; os fenômenos que testemunhavam então não mais lhes pareceram estranhos, anormais nem contraditórios, desde que puderam vinculá-los às

---

[26] ***O Livro dos Espíritos***, a primeira obra que fez o Espiritismo entrar na via filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos, que abordou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, tem sido, desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a Era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências da curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria, é que ele era a expressão dos sentimentos dessa maioria, e que correspondia às suas aspirações; é assim também porque cada qual encontrou nele a confirmação e uma explicação racional do que se obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, ele não teria tido nenhum crédito e prontamente teria caído no esquecimento. Ora, para o que convergimos? Não é para o homem, que não é nada por si mesmo, agente operário que morre e desaparece, mas para a ideia que não perece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea de forças dispersas deu lugar a uma imensa correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Na presença dessas provas irrecusáveis, o que será de agora em diante de todas as falsas alegações e difamações da inveja e do ciúme?

leis gerais da harmonia, abarcar de um golpe de vista a edificação, e descobrir em todo esse conjunto um fim grandioso e humanitário.[27]

Mas como saber se um princípio é ensinado por toda parte ou se não é apenas o resultado de uma opinião individual? Os grupos isolados não estando em condições de saber o que se diz noutros lugares, seria necessário que um centro reunisse todas as instruções para fazer uma espécie de apanhado das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria.[28]

54. Não há nenhuma ciência que tenha tirado todas as peças do cérebro de um só homem; todas — sem exceção — são o produto das observações sucessivas, apoiando-se em observações precedentes, como em um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. É assim que os Espíritos têm

---

[27] Um testemunho significativo — tão notável quanto tocante — dessa comunhão de pensamentos que se estabeleceu entre os Espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, por parte de pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais jamais vimos. Não é esse o prelúdio da grande unificação que se prepara e a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

É notável que de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de promover cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que os que, por orgulho ou outras razões, não querem parecer se submeterem à lei comum, consideraram-se fortes o suficiente para caminharem sozinhos, cheios de luzes para dispensarem conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia que fosse preponderante e viável; todos se extinguiram ou vegetaram na sombra. Como poderia ser de outro modo, desde que, para se distinguirem — em vez de se esforçarem para dar uma soma maior de satisfações —, eles rejeitavam os princípios da doutrina, especialmente aquele que a torna mais poderosamente atraente, o que ela tem de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se eles tivessem compreendido a força dos elementos morais que têm constituído a unidade, não teriam sido enganados por uma ilusão quimérica; entretanto, tomando o seu pequeno círculo como se fosse o Universo, não viram nos adeptos mais do que uma confraria que pode ser facilmente atropelada por outra confraria contrária. É enganar-se estranhamente quanto às características essenciais da doutrina e esse erro só poderia acarretar decepções; em lugar de romper a unidade, eles quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida (Ver ***Revista Espírita***, abril de 1866: 'Espiritismo sem Espíritos' e 'Espiritismo independente').

[28] Este é o objetivo das nossas publicações, que podem ser consideradas como o resultado desse apanhado. Todas as opiniões são discutidas nelas, mas as questões somente são formuladas em princípios depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações que, só elas, podem lhes dar força de lei e permitir afirmá-las. Eis por que não defendemos apressadamente qualquer teoria e é nisso que a doutrina, procedendo do ensino geral, não é o produto de um sistema preconcebido; é também o que dá a sua força e o que garante o seu futuro.

procedido para com o Espiritismo; daí o fato de o seu ensinamento ser gradativo; eles não abordam as questões senão à medida que os princípios sobre os quais devam se apoiar estejam suficientemente elaborados e que a opinião esteja bastante madura para lhes assimilar. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras eles não obtiveram mais do que respostas contraditórias e não conclusivas. Quando, ao contrário, é chegado o momento favorável, o ensinamento se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Todavia, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências há uma diferença capital, que é a de que estas só atingiram o ponto que alcançaram após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos para o Espiritismo, senão para alcançar o ponto máximo, pelo menos para recolher uma soma de observações bastante grande para constituir uma doutrina. Isto se deve à multidão inumerável de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, trazendo cada qual a sua parcela de conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, foram produzidas quase ao mesmo tempo, em apenas alguns anos, e que bastou reuni-las para formar um todo.

Deus quis que fosse assim, primeiramente para que o edifício chegasse mais rapidamente ao ápice; em segundo lugar, para que pudéssemos, por meio da comparação, ter uma comprovação a bem dizer imediata e permanente da universalidade do ensino, não tendo nenhuma de suas partes valor e nem ***autoridade*** a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todas se harmonizar, achar seu lugar no registro geral, e chegar cada qual no seu tempo.

Não confiando a um único Espírito o encargo da promulgação da doutrina, Deus quis de outra forma que tanto o mais pequenino quanto o maior entre os Espíritos e entre os homens trouxessem sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa que faltou a todas as doutrinas decorrentes de uma única fonte.

Por outro lado, cada Espírito, assim como cada homem, não tendo mais do que uma soma limitada de conhecimentos, estava individualmente inabilitado para tratar com verdadeiro conhecimento de causa as inúmeras

questões inerentes ao Espiritismo; eis também porque a doutrina, para cumprir os desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito e nem de um só médium; ela só podia surgir da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros.[29]

55. Uma derradeira característica da revelação espírita, e que ressalta das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, ela é e não pode deixar de ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua essência, ela faz aliança com a ciência, que, sendo a exposição das leis da natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus — o autor dessas leis. ***As descobertas da ciência glorificam Deus ao invés de o rebaixarem; elas só destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que fizeram de Deus***.

Portanto, o Espiritismo só estabelece como princípio absoluto aquilo que é demonstrado com evidência, ou aquilo que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da organização social — aos quais presta apoio com suas próprias descobertas — ele assimilará sempre todas as doutrinas progressivas — de qualquer ordem que sejam — que tenham chegado ao estado de ***verdades práticas*** e tenham saído do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; se deixasse de ser o que é, faltaria com a sua origem e com o seu objetivo providencial. ***Caminhando ao lado do progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que ele está em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto; se uma nova verdade for revelada, ele a aceitará***.[30]

56. Qual é a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, já que ela não é outra

---

[29] Ver em ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, 'Introdução', item II, e ***Revista Espírita***, de abril de 1864: 'Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos'.

[30] Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, caem todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal-informadas emprestam à doutrina. Estas declarações, aliás, não são novas; temos repetido isso muitíssimas vezes nos nossos escritos, para não restar nenhuma dúvida a tal respeito. Elas nos assinalam ainda nosso verdadeiro, o único que ambicionamos: o papel de trabalhador.

senão aquela do Cristo? O homem carece de uma revelação? Não poderia encontrá-la em si próprio tudo o que é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, sem dúvida, Deus concedeu ao homem um guia na consciência que lhe diz: "Não faça a ninguém o que não gostaria que te fizessem". A moral natural certamente está inscrita no coração dos homens; porém, todos sabem lê-la? Nunca eles violaram seus sábios preceitos? O que eles têm feito da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos que a ensinam? Ela não se tornou uma letra morta, uma bela teoria, boa para os outros e não para si? Vocês repreenderão a um pai por repetir dez vezes ou cem vezes as mesmas instruções aos seus filhos, se eles não as aproveitarem? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos em tempos, mensageiros especiais entre os homens para lembrá-los de seus deveres, para reconduzi-los ao bom caminho quando dele se afastam, para abrir os olhos da inteligência aos que os têm fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão aquela do Cristo, pela razão que não há outra moral melhor. Mas então, a quem serve o seu ensinamento, já que só dizem aquilo que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão, e em termos quase idênticos; de todos os moralistas que repetem as mesmas coisas sobre todos os tons e sobre todas as formas. Pois bem! ***Os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número dos moralistas***, com a diferença que, manifestando-se em toda parte, eles se fazem ouvir tanto num barraco quanto num palácio, tanto aos ignorantes quanto aos instruídos.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que enlaçam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, e que dão por sanção à sua doutrina cristã as próprias leis da natureza. Com a ajuda das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que liga todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; faz por convicção o que se fazia unicamente por dever — e o faz melhor.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, só então poderão dizer

que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados; sendo assim, Deus também não lhes enviará tais moralistas.

57. Uma das questões mais importantes entre as propostas no começo deste capítulo é a seguinte: qual é a autoridade da revelação espírita, já que ela emana de seres cujas luzes são limitadas e não são infalíveis?

A objeção seria séria se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se a devêssemos receber exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados; essa objeção fica sem valor desde o instante em que o homem dá a ela a contribuição de sua inteligência e do seu julgamento; que os Espíritos se limitam a colocar no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fatos; o homem os estuda e procura a sua lei; ele é auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que são mais ***colaboradores*** do que ***reveladores***, no sentido usual da palavra; ele submete os seus dizeres ao controle da lógica e do bom-senso; dessa maneira, beneficia-se dos conhecimentos especiais que devem à sua posição, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Não sendo os Espíritos nada além do que as almas dos homens, em se comunicando com eles nós não deixamos a humanidade — circunstância capital a considerarmos. Os homens sábios que foram as bandeiras da humanidade vieram, portanto, do mundo dos Espíritos, e para lá retornaram quando deixaram a Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como fizeram sob a forma corporal; podem nos instruir após sua morte, tal qual faziam quando vivos; eles apenas estão invisíveis, em vez de visíveis — essa é a única diferença. Sua experiência e sua sabedoria não podem ser menores, e se palavra deles tinha autoridade, como homens, não deve ter menos autoridade só porque estejam no mundo dos Espíritos.

58. Mas não são apenas os Espíritos superiores que se manifestam, são também Espíritos de todas as categorias, e isso era necessário para nos iniciarmos no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-nos aquele

mundo com todas as suas faces; por isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas e a conectividade é mais evidente; vemos mais claramente de onde viemos e para onde vamos; esse é o objetivo essencial dessas manifestações. Todos os Espíritos — qualquer que seja o nível em que se encontrem — nos ensinam então alguma coisa; porém, como eles são mais ou menos esclarecidos, cabe-nos discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que seus ensinamentos contenham; ora, sejam eles quem forem, todos podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca o saberíamos.

59. Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem dúvidas, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Que um só dentre eles — fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão — viesse nesses últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem poderia provar a veracidade das suas afirmações, nesta época de ceticismo? Não o tomariam por sonhador ou utópico? E mesmo admitindo que ele tivesse a verdade absoluta, séculos se escoariam até que suas ideias fossem aceitas pelos povos. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensinamento a fim de convencer de sua existência fosse dado pelos ***próprios Espíritos***, não por encarnados, e que aparecesse simultaneamente por toda a Terra — seja para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensinamento uma prova da verdade, tendo assim cada um os meios de se convencer por si mesmo.

60. Os Espíritos não vieram isentar o homem do trabalho de estudo e das pesquisas; eles não lhe transmitem nenhuma ciência inteiramente pronta; com relação ao que o homem pode encontrar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças; isso é o que hoje os espíritas sabem perfeitamente. Há muito tempo a experiência tem demonstrado o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para se conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, os Espíritos constituem uma de suas faces; assim como na Terra, também há entre eles superiores e vulgares;

muitos deles sabem científica e filosoficamente menos do que certos homens; eles dizem o que sabem — nem mais, nem menos; do mesmo modo que entre os homens, os mais avançados podem nos instruir sobre muitas coisas e nos dar conselhos mais judiciosos do que os atrasados. ***Pedir conselhos aos Espíritos não é, portanto, endereçar-se às potências sobrenaturais, mas a seus semelhantes, àqueles mesmos a quem se teria dirigido enquanto estes estivessem vivos: a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós***. Disto é que importa que todos se convençam e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Qual é então a utilidade dessas manifestações, ou se o preferirem, dessa revelação, se os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como temos dito, eles se abstêm de nos dar aquilo que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar, pois o nosso grau de adiantamento não os comporta. Fora isto, porém, as condições da sua nova existência estendem o círculo das suas percepções; eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria e isentos dos cuidados da vida corpórea, eles apreciam as coisas de um ponto mais elevado, e por isso mesmo com mais sensatez; sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos preconceitos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser — de acordo com o seu grau de adiantamento — mais sensatos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite ainda nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos e que não podemos aprender no estado em que estamos. Até nossos dias, o homem não formulou mais do que hipóteses sobre o seu porvir; daí por que suas crenças a esse respeito se dividem em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde a teoria do nada até as fantásticas concepções do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os

próprios atores da vida de além-túmulo que vêm nos dizer o que seja esse porvir, ***e que só eles o podiam fazer***. Essas manifestações serviram então para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos; e só esse conhecimento seria de uma importância capital, em supondo que os Espíritos fossem incapazes de nada mais nos ensinar.

Se fossem a um país novo para vocês, recusariam as informações do mais humilde camponês que encontrassem? Deixariam de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ele não ser mais do que um camponês? Certamente não esperariam dele esclarecimentos de um grande alcance, mas tal como ele é, na sua esfera; ele poderia lhes informar sobre certos pontos melhor do que um sábio que não conheça o país. Vocês tirariam das indicações dele as consequências que ele próprio não tiraria, mas nem por isso ele deixaria de ser um instrumento útil para as suas observações, embora não pudesse servir além de lhes informar sobre os costumes dos camponeses. É o mesmo nas relações com os Espíritos, em que até o menor deles pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação simples fará que se compreenda ainda melhor a situação:

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Ficamos sabendo que esse navio naufragou; nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre seu destino; acredita-se que todos os passageiros morreram e todas as famílias estão de luto. Entretanto, a tripulação inteira, sem exceção de um único homem, aportou numa terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente — e que nós ignoramos. Ora, eis que um dia outro navio aporta nessa terra e lá encontra os náufragos sãos e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez do relâmpago; cada qual se diz: “Os nossos entes não morreram!” E rendem graças a Deus. Eles não podem se ver, mas se correspondem; trocam demonstrações de afeto e eis que a alegria substitui a tristeza.

Assim é a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna; esta, semelhante ao segundo navio, nos traz a

boa-nova da sobrevivência dos que são queridos por nós e a certeza de que a eles nos juntaremos um dia; a dúvida sobre a sorte deles e a nossa não mais existe; o desânimo se desfaz diante da esperança.

E outros resultados vêm fertilizar essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar os mistérios de sua destinação e contemplar de sangue frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse erguido. O fato das manifestações nada tem de extra-humano; ***é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal*** e lhe dizer:

"Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que somos e o que vocês serão; o futuro é de vocês como é para nós. Vocês caminhavam nas trevas e nós viemos lhes clarear o caminho e traçar o seu roteiro; vocês andavam ao acaso e nós mostramos a direção. A vida terrestre era tudo para vocês, porque nada viam além dela; viemos lhes dizer, mostrando a vida espiritual: A vida terrestre não é nada. Vossa visão se detinha no túmulo e nós lhes mostramos para mais adiante um esplêndido horizonte. Não sabiam por que sofrem na Terra e agora, no sofrimento, vocês enxergam a justiça de Deus; o bem era sem fruto aparente para o futuro, mas de agora em diante ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade não passava de uma bela teoria, e agora está assentada numa lei da natureza. Sob o império da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidão está vazia, o egoísmo reina soberano entre vocês e a vossa palavra de ordem é: 'Cada um por si'; com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito e o vazio e a solidão não ocupam nenhum lugar, a solidariedade liga todos os seres aquém e além da tumba; é o reino da caridade, sob o lema: 'Um por todos e todos por um'. Enfim, ao término da vida vocês davam eterno adeus aos que lhes são caros e agora dizem: 'Até breve!'"

Em resumo, estes são os resultados da nova revelação; ela veio preencher o vazio escavado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada, e dar a todas as coisas uma razão de ser. Seria esse resultado sem importância só porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, nem dar sabedoria aos ignorantes, nem aos preguiçosos dar os meios de se enriquecerem sem luta? Contudo, os frutos

que o homem deve colher dela não são somente para a vida futura; ele os colherá na Terra pela transformação que estas novas crenças devem necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus anunciado pelo ***Cristo***.[31]

---

[31] O uso do artigo antes da palavra ***Cristo*** (do grego *Christos*, ungido), uso esse em um sentido absoluto, é mais correto, posto que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada como substantivo. Diz-se então: Jesus era *Cristo*; ele era o *Cristo* anunciado; a morte do *Cristo* e não de *Cristo*, enquanto dizemos: a morte de *Jesus* e não *do Jesus*. Em Jesus Cristo, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: *o Buda*; Gautama adquiriu a dignidade de *Buda* pelas suas virtudes e alteridades; a vida *do Buda*, como se diz: o exército *do Faraó* e não de *Faraó;* Henrique IV era *rei;* o título de *rei;* a morte *do rei*, e não de *rei.*

Nota do tradutor: o artigo a que Allan Kardec faz referência na nota acima aparece em português na forma contraída com a preposição (***pelo*** = *por* + *o*), conforme lemos em "... o reino de Deus anunciado ***pelo*** *Cristo*."; enquanto isso, em francês, esse artigo aparece em destaque e separado da preposição (par + ***le***): "... le règne de Dieu annocé par ***le*** *Christe*."

CAPÍTULO II

Deus

EXISTÊNCIA DE DEUS – DA NATUREZA DIVINA – A PROVIDÊNCIA – VISUALIZAÇÃO DE DEUS

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. Deus, sendo a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo e o eixo sobre a qual repousa o edifício da criação, também é o ponto que devemos considerar antes de tudo.

2. É um princípio elementar que se julgue uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se vê essa causa.

Se um pássaro percorrendo os ares é atingido por um chumbo mortal, deduzimos que um hábil atirador o alvejou, embora não estejamos vendo esse atirador. Portanto, nem sempre se faz necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que chegamos ao conhecimento das causas.

3. Outro princípio também elementar, e que passou à condição de axioma[32] pela força da verdade, é o de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Se perguntássemos qual é o construtor de tal mecanismo engenhoso, o que pensaríamos daquele que respondesse que ele se fez sozinho? Quando

---

[32] Axioma: ideia tão racional e evidente que em geral é tomada como uma verdade, sentença, máxima, provérbio — N. T.

vemos uma obra-prima da arte ou da indústria, dizemos que ela deve ser o produto de um gênio, porque só uma alta inteligência poderia ter presidido a sua confecção; julgamos que nada menos que um homem deve tê-la feito, pois sabemos que a coisa não está acima da capacidade humana, mas não virá a ninguém a ideia de dizer que ela saiu da cabeça de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que ela é o trabalho de um animal ou produto do acaso.

4. Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. A existência dos homens antediluvianos[33] não estaria provada somente por fósseis humanos, mas também — e com muita certeza — pela presença de objetos trabalhados pelos homens, nos terrenos daquela época; um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma ou um tijolo bastaria para atestar a sua presença. Pela grosseria ou pela perfeição do trabalho reconheceríamos o grau de inteligência e de adiantamento daqueles que executaram essas obras. Portanto, se vocês se encontrassem num país habitado exclusivamente por selvagens e descobrissem uma estátua digna de Fídias[34], não hesitariam em dizer que selvagens eram incapazes de tê-la feito e ela devia ser obra de uma inteligência superior àquela dos selvagens.

5. Pois bem! Lançando os olhos em torno de si, sobre as obras da natureza, observando a providência, a sabedoria e a harmonia que presidem a tudo, reconhecemos não haver nenhuma que não ultrapasse o mais alto porte da inteligência humana. Desde que o homem não pode produzir tais obras, é que elas são produto de uma inteligência superior à humanidade, a menos que se diga que há efeitos sem causa.

6. A isto alguns opõem o seguinte raciocínio:

As obras ditas da natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos imóveis se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas

---

33 Antediluviano: que existia antes do dilúvio. – N. T.

34 Fídias (490 a.C. - 430 a.C.): exímio escultor da Grécia Antiga. – N. T.

nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre do mesmo modo, cada uma na sua espécie, em virtude daquelas mesmas leis; cada sujeito se assemelha à espécie da qual surgiu; o crescimento, a floração, a frutificação e a coloração estão subordinados às causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não evidencia uma inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer, mas aquele que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade; mas essas forças são efeitos que hão de ter uma causa e ninguém pretende que elas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas, também isto é verdade; mas elas são postas em ação, distribuídas, apropriadas para as necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A apropriação útil dessas forças é um efeito inteligente que denotam uma causa inteligente. Um ponteiro de relógio se move com uma regularidade automática e é nessa regularidade que está o seu mérito. A força que faz esse ponteiro se mover é toda material e nada tem de inteligente; mas, que seria desse ponteiro se uma inteligência não tivesse combinado, calculado e distribuído o emprego dessa força para fazê-lo mover com precisão? Pelo fato de a inteligência não estar no mecanismo do ponteiro e de que não se pode vê-la, seria racional concluirmos que ela não existe? Nós a julgamos pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e a sabedoria do relojoeiro. Quando um relógio lhes indica a hora exata de que vocês precisam, acaso veio à mente de alguém dizer: “Eis aqui um relógio muito inteligente!”?

Assim ocorre com o mecanismo do Universo; ***Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras***.

7. Portanto, a existência de Deus é um fato comprovado, não somente pela

revelação, mas pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram nenhuma revelação e, entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; eles veem as coisas que estão acima do poder do humano e deduzem que elas vêm de um ser superior à Humanidade. Eles não são mais lógicos do que aqueles que acham que elas são feitas por si mesmas?

DA NATUREZA DIVINA

8. Não é permitido ao homem sondar a natureza íntima de Deus. ***Para compreendermos Deus, ainda nos falta o sentido que só se adquire pela completa depuração do Espírito***. Contudo, se o homem não pode penetrar a essência de Deus, sendo sua existência dada como premissa, o homem pode, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento dos seus atributos necessários; porque, vendo o que ele não pode ser sem deixar de ser Deus, deduz-se daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível entender a obra da criação; esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e é por falta de se recorrer a isso — como a um farol que poderia lhes guiar — que a maioria das religiões errou em seus dogmas. Aquelas que não atribuíram a Deus a onipotência[35] imaginaram vários deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. ***Deus é a inteligência suprema e soberana***. A inteligência do homem é limitada, pois não pode fazer e nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abrangendo o infinito, deve ser infinita. Se a imaginássemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer aquilo que o outro não faria, e assim por diante até o infinito.

---

[35] Onipotência: qualidade e condição que atribuímos a Deus como única potência e, portanto, como força soberana, acima de tudo e de todos – N. T.

10. ***Deus é eterno***, quer dizer que não teve começo nem terá fim. Se tivesse tido um começo, ele teria saído do nada; ora, não sendo coisa alguma, o nada não pode produzir nada; ou ainda, se ele tivesse sido criado por outro ser anterior, nesse caso, este outro ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos então conceber um ser que tivesse existido antes dele ou podendo existir depois dele, e assim por diante até o infinito.

11. ***Deus é imutável***. Se ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. ***Deus é imaterial***, isto é, sua natureza difere de tudo o que ***chamamos matéria***; de outro modo, ele não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável aos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem — que não conhece nada além de si mesmo — toma a si próprio como modelo de comparação para tudo o que não compreende. Essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e coberto de um manto são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o Ser supremo até as mesquinhas proporções da Humanidade; daí, para lhe atribuírem as paixões humanas e a fazerem dele um Deus colérico e ciumento não falta um passo.

13. ***Deus é todo-poderoso***. Se ele não tivesse o poder supremo, poderíamos imaginar um ser mais poderoso e assim por diante até encontrarmos o ser que nenhum outro pudesse ultrapassar em potência, e então esse outro é que seria Deus.

14. ***Deus é soberanamente justo e bom***. A providencial sabedoria das leis divinas se revela tanto nas mais pequeninas coisas quanto nas maiores, e essa sabedoria não permite que se duvide nem da sua justiça nem da sua bondade.

A infinidade de uma qualidade exclui a possibilidade de existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser

infinitamente bom não poderia ter a menor parcela de maldade, nem o ser ***infinitamente mau*** poderia ter a menor parcela de bondade; do mesmo modo que um objeto não poderia ser de um negro absoluto com a mais ligeira tonalidade de branco, nem de um branco absoluto com o mais pequenino ponto preto.

Deus então não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, porque, não possuindo nenhuma dessas duas qualidades no grau supremo, ele não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao capricho e não haveria estabilidade em nada. Assim sendo, ele não poderia deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau; ora, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e sua solicitude, devemos concluir que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade requer a soberana justiça, pois se ele agisse injustamente ou com parcialidade em ***uma só circunstância***, ou com relação a ***uma só de suas criaturas***, já não seria soberanamente justo, e por conseguinte, já não seria soberanamente ***bom***.

15. ***Deus é infinitamente perfeito***. É impossível concebermos Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, porque sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se preciso que ele seja infinito em tudo.

Como são infinitos, os atributos de Deus não estão sujeitos nem de aumento nem de diminuição, sem o que eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos a menor parcela de um dos seus atributos, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16. ***Deus é único***. A unicidade de Deus é a consequência da infinidade absoluta das perfeições. Não poderia existir outro Deus senão sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, pois se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e então não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso seria por toda a eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade e um mesmo poder; portanto, confundidos na sua identidade, não haveria na

realidade mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas então, não existiria igualdade perfeita entre eles, porque nenhum possuiria a soberana autoridade.

17. É o desconhecimento do princípio da infinidade das perfeições de Deus que tem gerado o politeísmo — culto de todos os povos primitivos; eles atribuíram a divindade a todo poder que lhes parecia acima da humanidade; mais tarde, a razão os levou a mesclar essas diversas potências numa só. Depois, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, eles suprimiram de seus símbolos as crenças que eram a sua negação.

18. Em resumo, Deus não pode ser Deus senão sob a condição de não ser ultrapassado em nada por nenhum outro ser, pois o ser que o superasse no que quer que fosse, ainda que apenas na espessura de um cabelo, este é que seria o verdadeiro Deus; por isso, é indispensável que ele seja infinito em todas as coisas.

É assim que, estando a existência de Deus constatada pela evidência das suas obras, chegamos, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que lhe caracterizam.

19. Portanto, Deus é ***a suprema e soberana inteligência; ele é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições***, e não pode ser outra coisa.

Tal é a sustentação sobre a qual repousa o edifício universal; esse é o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, e a única luz capaz de guiar o homem na busca da verdade; seguindo essa luz, ele nunca se enganará, e se o homem tem errado tantas vezes, é por não ter seguido o rumo que lhe foi indicado.

Tal também é o critério ***infalível*** de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo com segurança que ***toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que***

estiver em contradição com um só desses atributos, que se incline não só a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, esta não pode estar com a verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral e em religião só há de verdadeiro o que não se afaste — nem que seja um til — das qualidades essenciais da divindade. A religião perfeita seria aquela em que ***nenhum artigo de fé*** estivesse em oposição com estas qualidades, em que todos os dogmas pudessem passar pela prova desse controle sem com isso sofrer nenhum choque.

A PROVIDÊNCIA

20. A providência é o cuidado de Deus para com suas criaturas. Deus está em toda parte, vê tudo, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas; é nisto que consiste a ação providencial.

"Sendo Deus tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, como pode se imiscuir em detalhes minúsculos, preocupar-se com os menores atos e com os ínfimos pensamentos de cada indivíduo?" Esta é uma interrogação que o incrédulo propõe a si mesmo, donde conclui que, em admitindo a existência de Deus, sua ação não deva se estender além das leis gerais do Universo; que o Universo funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura está submetida na esfera da atividade, sem que seja preciso a intervenção incessante da providência.

21. No seu estado atual de inferioridade, os homens só com muita dificuldade podem compreender Deus infinito, porque eles mesmos estão circunscritos e limitados, porque o imaginam também circunscrito e limitado, como eles; representam-no como um ser circunscrito e fazem sua imagem à semelhança deles. Nossos quadros em que ele é pintado com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito dos povos, que adoram nele mais a forma do que o pensamento. Para a maioria, Deus é um soberano poderoso, sentado em um ***trono*** inacessível, perdido na imensidade dos céus,

e como suas capacidades e percepções são restritas, não compreendem que Deus possa ou se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. Na incapacidade em que o homem se encontra para compreender a essência própria da Divindade, ele não pode fazer dela mais do que uma ideia aproximada com a ajuda de comparações necessariamente bastante imperfeitas, mas que ao menos podem lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; sendo inteligente, esse fluido age mecanicamente somente por suas forças materiais; porém, se supuséssemos que esse fluido fosse dotado de inteligência, de faculdades perceptíveis e sensitivas, ele agiria, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade: ele vai ver, ouvir e sentir.

23. As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia disso. Ele não é por si mesmo inteligente, porque é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas é o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele quem o transmite, de certo modo fica ***impregnado*** dele, e, na impossibilidade em que estamos de o isolar, ele parece se confundir com um fluido, como o som parece se confundir com o ar, de tal modo que, por assim dizer, podemos materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos dizer — tomando o efeito pela causa — que o fluido se torna inteligente.

24. Seja assim ou não o pensamento de Deus, ou seja, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para a facilidade de nossa inteligência, vamos representá-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente preenchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da criação: ***a natureza inteira está mergulhada no fluido divino***; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o todo, cada átomo desse fluido, se assim

podemos nos exprimir, possuindo o pensamento — isto é, os atributos essenciais da divindade — e estando esse fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência e à sua solicitude; não há nenhum ser, por mais insignificante que pareça, que não esteja repleto desse fluido. Então nós estamos constantemente na presença da divindade; não há uma só das nossas ações que possamos subtrair de seu olhar; nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê os mais profundos segredos do nosso coração. ***Estamos nele, como ele está em nós***, segundo a palavra do Cristo.

Para estender sua solicitude a todas as suas criaturas, Deus não precisa então mergulhar seu olhar do alto da imensidade; nossas preces, para serem ouvidas por ele, não precisam percorrer o espaço, nem serem ditas com voz retumbante, porque, continuamente ao nosso lado, nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. Longe de nós a ideia de materializar a Divindade; a imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mas apropriada para dar uma ideia mais justa de Deus do que os quadros que o apresentam sob uma figura humana; ela tem por objetivo fazer que se compreenda a possibilidade que Deus tem de estar em toda parte e de se ocupar com tudo.

26. Temos constantemente sob nossos olhos um exemplo que pode nos dar uma ideia da maneira como a ação de Deus pode ser exercida sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e conseguintemente como as mais sutis impressões de nossa alma chegam a ele. Esse exemplo foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre tal assunto.

27. “O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e cujo princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Espírito seria Deus (Compreendam bem que temos aqui uma questão de analogia e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos e suas articulações são outras

tantas individualidades materiais — se assim podemos dizer — localizadas em pontos especiais do corpo; se bem que seja considerável o número dessas partes constitutivas, tão variadas e tão diferentes por natureza, não é entretanto duvidoso para ninguém que não se possa produzir movimentos ou que nenhuma impressão possa ocorrer um determinado lugar sem que o Espírito não tenha consciência disso. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito sente todas elas, distingue-as, analisa-as, atribui a cada uma a sua causa e o seu ponto de ação por intermédio do fluido perispiritual.

"Um fenômeno semelhante ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte na natureza, como o Espírito está em toda a parte do corpo; todos os elementos da criação estão em constante relação com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual; logo, não há razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira num e noutro caso.

"Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração: o Espírito sente cada manifestação, distingue-o e o localiza. As diferentes criações e as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe tudo o que se passa e atribui a cada um o que lhe é particular.

"Daí podemos deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, enfim, das criações e do Criador." (Quinemant, *Sociedade de Paris*, 1867.)

28. Compreendemos o efeito, e isso já é muito; do efeito chegamos à causa e julgamos sua grandeza pela grandeza do efeito; porém, sua essência íntima nos escapa, como aquela da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; nós os calculamos e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então mais racional negarmos o princípio divino só por que não o compreendemos?

29. Pelo princípio da soberana inteligência, nada impede que se admita um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o Universo de seus eflúvios, como o Sol faz com a sua luz. Mas onde está esse foco? Isso é o que ninguém pode dizer. É provável que ele não esteja mais fixo em um determinado ponto do que a sua ação, e que ele percorra incessantemente as regiões do espaço sem fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus essa faculdade há de ser sem limites. Estando Deus preenchendo o Universo, nós poderíamos ainda admitir — a título de hipótese — que esse foco não precise se transportar e que ele se forme sobre todas as partes onde a soberana vontade julgue conveniente que se produza, donde podemos dizer que ele está em toda parte e em parte nenhuma.

30. Diante desses problemas incompreensíveis, nossa razão deve se humilhar. Deus existe: disso não podemos duvidar; ele é infinitamente justo e bom: essa é a sua essência; sua solicitude se estende a tudo: isso nós compreendemos; portanto ele não pode querer senão o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele: eis aqui o essencial; quanto ao mais, vamos esperar que nos tornemos dignos de compreendê-lo.

VISUALIZAÇÃO DE DEUS

31. Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos quando deixarmos a Terra? Tais são as questões que se faz diariamente.

À primeira é fácil responder; nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam impróprios para ver certas coisas — mesmo coisas materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente da nossa vista e aos instrumentos de análise, e, contudo, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força da gravidade, mas não vemos essa força.

32. As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas pelos órgãos materiais; só com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas

do mundo imaterial; por isso, somente a nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela o verá imediatamente após a morte? Isto é o que somente as comunicações de além-túmulo podem nos ensinar. Por elas, nós sabemos que a visualização de Deus é privilégio apenas das almas mais purificadas, e, desse modo, deixando o corpo terreno, bem poucas possuem o grau de desmaterialização necessária. Uma comparação simples tornará isso facilmente compreensível.

33. Aquele que esteja no fundo de um vale envolvido por um denso nevoeiro não vê o Sol; entretanto, pela luz difusa ele percebe a presença solar. Se ele sobe a montanha, à medida que se eleva, o nevoeiro se dissipa, a luz fica cada vez mais viva, mas ainda não vê o Sol. Só depois que ele estiver subido completamente acima da camada brumosa é que, encontrando-se num ar perfeitamente puro, ele o vê em todo o seu esplendor.

Assim é com a alma. O envoltório perispiritual — embora seja invisível e impalpável para nós — é para ela uma verdadeira matéria, bastante grosseira para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como camadas brumosas que obscurecem sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mancha a menos; todavia, só depois de ser completamente depurada é que desfruta da plenitude de suas capacidades.

34. Sendo Deus a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu esplendor exceto pelos Espíritos que chegaram ao mais alto nível de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o veem, não é porque estejam mais distantes dele do que os outros; igual àqueles, como a todos os seres da natureza, eles se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós estamos mergulhados na luz; só que suas imperfeições são como vapores que lhes tiram a vista; quando o nevoeiro for dissipado, eles o verão resplandecer; para isso, eles não precisarão subir nem o procurar nas profundezas do infinito; estando a visão espiritual desembaraçada dos entraves morais que a obscureciam, eles verão Deus de onde quer que estejam, até mesmo da Terra, porque ele está em toda parte.

35. O Espírito só se purifica ao longo do tempo, e as diferentes encarnações são os filtros nos quais, a cada vez, deixamos algumas impurezas. Saindo do envoltório corporal, ele não se purifica instantaneamente de suas imperfeições; é por isso que há aqueles que, depois da morte, não veem Deus mais do que quando estavam vivos; porém, à medida que se purificam, eles têm uma intuição mais distinta dele; se não o enxergam, eles o compreendem melhor: a luz é menos difusa. Então, quando alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe de responder a uma determinada questão, não é que Deus lhes apareça, ou lhes dirija a palavra para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo; não, porém eles o sentem, recebem os eflúvios de seu pensamento, como ocorre conosco com relação aos Espíritos que nos envolvem com seus fluidos — embora não os vejamos.

36. Portanto, nenhum homem pode ver Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguns, isso não poderia ser senão em estado de êxtase, quando a alma estivesse tão desprendida dos laços da matéria quanto possível durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, seria o das almas da elite, encarnadas em missão, e não em ***expiação***. Mas, como os Espíritos da mais elevada ordem resplandecem de um brilho deslumbrante, pode ser que Espíritos menos elevados — encarnados ou desencarnados — atingidos pelo esplendor que os cerca, suponham ver o próprio Deus. É como às vezes se vê um soberano ser confundido com seu ministro.

37. Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos dessa graça? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco resplendente de luz? Isto é o que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos dar uma ideia disso; somos como cegos aos quais se procurasse em vão fazer que eles compreendessem o brilho do Sol. Nosso vocabulário é limitado pelas nossas necessidades e pelo círculo de nossas ideias; o vocabulário dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é muito pobre para descrever os esplendores dos céus, nossa inteligência muito restrita para compreendê-los e a nossa vista, bastante fraca, ficaria deslumbrada.

CAPÍTULO III

O bem e o mal

ORIGEM DO BEM E DO MAL – O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA – DESTRUIÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS

ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. Deus sendo o princípio de todas as coisas, e esse princípio sendo todo sabedoria, todo bondade e todo justiça, tudo o que procede dele há de fazer parte dos seus atributos, pois o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir de irracional, mau e injusto. O mal que observamos não pode então ter sua origem nele.

2. Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial — seja o que chamamos Arimane[36] ou Satanás —, de duas coisas, uma: ou esse ser seria igual a Deus e por conseguinte tão poderoso e de toda a eternidade como ele, ou seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra parte fizesse e se contrariando mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na ordenação do Universo.

No segundo caso, sendo inferior a Deus, este ser estaria subordinado a ele; não podendo ter sido, como ele, de toda a eternidade sem ser igual a este, teria tido um começo; se tivesse sido criado, só poderia ter sido por Deus;

---

[36] Na religião zoroástrica (antiga religião dos persas) Arimane, ou Arimã, significa o princípio do mal, senhor das trevas, mais ou menos equivalente a Satanás na tradição cristã – N. T.

assim, Deus haveria criado o Espírito do mal, o que seria a negação da bondade infinita. (Ver ***O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo***, cap. X: *Os Demônios*.)

3. Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de todos os tipos — físicos ou morais — que afligem a humanidade apresentam duas categorias que convém distinguirmos: há os males que o homem pode evitar e aqueles que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, é preciso colocar os flagelos naturais.

O homem, cujas capacidades são limitadas, não pode penetrar e nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses concretos e convencionais que tem criado para si mesmo e que não estão na ordem da natureza; é por isso que muitas vezes ele acha mal e injusto aquilo que consideraria justo e admirável se conhecesse a sua causa, o objetivo e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, ele reconhecerá que tudo traz a marca da sabedoria infinita, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo para as coisas que não compreende.

4. O homem recebeu uma cota de inteligência com cujo auxílio ele pode afastar, ou pelo menos atenuar consideravelmente os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais ele adquire sabedoria e avança em civilização, menos desastrosos são esses flagelos; com uma organização social sabiamente previdente ele poderá até neutralizar as consequências, quando elas não puderem ser inteiramente evitadas. Assim, por esses mesmos flagelos, que têm sua utilidade na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que fere no presente, Deus deu ao homem — pelas qualidades com as quais seu Espírito foi dotado — os meios de paralisar os efeitos.

Assim é que ele saneia as regiões insalubres, que ele neutraliza os miasmas pestilentos, que ele fertiliza terras incultas e se esforça para preservá-las das inundações; é assim que ele constrói habitações mais seguras, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera e se coloca ao abrigo das catástrofes; enfim, é assim que pouco a

pouco a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitação do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

5. Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estímulo para o exercício de sua inteligência, de todas as suas capacidades físicas e morais, forçando-o a buscar meios de diminuir esses malefícios. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; seu espírito se entorpeceria na inatividade; não inventaria e nem descobriria nada. ***A dor é o incentivo que impulsiona o homem para frente na estrada do progresso***.

6. Porém os males mais numerosos são aqueles que o homem cria pelos seus próprios vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, de sua cobiça e de seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, dos conflitos, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das enfermidades.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria que não tem outro objetivo senão o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las; sua rota é traçada pela sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração, e, além do mais, Deus lhe faz lembrar delas sem cessar através dos seus messias e seus profetas, de todos os Espíritos encarnados que têm recebido a missão de o esclarecer, moralizá-lo e o melhorar — e nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em todas as partes. ***Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há dúvidas de que ele pouparia a si mesmo dos mais cruciantes males e viveria feliz na Terra***. Se assim não o fizer, é em virtude de seu livre-arbítrio, e então ele sofre as suas consequências. (***O Evangelho segundo o Espiritismo***, cap. V, itens 4, 5. 6 e seguintes.)

7. Deus, entretanto, pleno de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o bem. Chega um momento em que o excesso do

mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida; instruído pela experiência, ele é forçado a procurar um remédio no bem — sempre por efeito do seu livre-arbítrio; quando toma uma direção melhor, é pelo fato de sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes da outra direção. Portanto, a necessidade o constrange a melhorar-se moralmente com vista a ser mais feliz, do mesmo modo como a necessidade o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência. (Ver o item 5.)

8. Podemos dizer que ***o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal também não é um atributo específico assim como o frio não é um fluido especial; um é o negativo do outro***. Onde não exista o bem, forçosamente existe o mal; não fazer o mal já é o começo do bem. ***Deus somente quer o bem; o mal só procede do homem. Se houvesse na criação um ser encarregado do mal, ninguém poderia evitá-lo; mas, como o homem tem a causa do mal em* SI MESMO*, e tendo ao mesmo tempo seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, poderá evitá-lo quando bem desejar***.

Tomemos um fato comum por comparação. Um proprietário sabe que na extremidade de suas terras há um lugar perigoso onde quem por lá se aventurasse poderia perecer ou se ferir. O que ele faz para prevenir os acidentes? Ele coloca perto desse lugar um aviso tornando proibido de se ir mais longe, por causa do perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar de tudo, alguém imprudente não leva em conta o aviso, ultrapassa e se dá mal, de quem ele poderá se queixar senão de si mesmo?

Igualmente ocorre com todo mal; o homem o evitaria se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, pôs um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ele ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As doenças, as enfermidades e a morte que daí podem resultar vêm, portanto, da sua imprevidência, e não de Deus.

9. Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem e sendo o homem criado por Deus, dirão que nem por isso Deus não deixa de ter criado se não o mal, pelo menos a causa do mal; se ele tivesse criado o homem perfeito, o mal

não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, ele fatalmente seria inclinado ao bem; ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem nem para o mal. Quis Deus que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que ele tivesse o seu mérito, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que for feito por sua vontade. Logo, a questão consiste em saber qual é, no homem, a fonte de sua tendência para o mal.[37]

10. Se estudarmos todas as paixões e mesmo todos os vícios, veremos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto se encontra com toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; apenas aí ele domina, porque ainda não há neles o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto, ao contrário, se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; no entanto, nas primeiras fases da sua existência corpórea ele só tem necessidades materiais a satisfazer, e para isso o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, ***materialmente falando***. Mas ultrapassado esse período, ele tem outras carências, a princípio carências semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele se livrar do jugo, avança pela senda providencial e se aproxima da sua destinação final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se assemelha ao bruto. Nessa situação, ***o que antes era um bem — porque era uma necessidade da sua natureza — transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, mas porque se***

[37] O erro consiste em se pretender que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito e da sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que chegasse a suas finalidades últimas por uma vida ativa e em resistência ao mal. Se tivesse criado a alma tão perfeita quanto ele, e que, saindo das suas mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, Deus teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio. (Bonnamy, juiz de instrução: *La Raison du Spiritisme [A Razão do Espiritismo]*, cap. VI).

torna prejudicial à espiritualização do ser. Tal aquilo que é qualidade numa criança e se torna defeito num adulto. O mal é então relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de avanço.

Portanto, todas as paixões têm sua utilidade providencial; sem elas, Deus teria feito algo inútil e nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, ele livremente escolhe entre o bem e o mal.

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11. Que diferença há entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e onde começa o outro? O instinto seria uma inteligência rudimentar, ou seria uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita aos seres orgânicos atos espontâneos e involuntários, em favor da sua conservação. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, volta-se para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; é assim que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme a necessidade; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno do apoio, ou se agarram com seus cachos. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou inútil; que se dirigem, conforme a estação, para os climas propícios; que, sem ensino prévio, constroem com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas crias, bem como armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam com destreza as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se atraem; que a mãe choca seus filhotes e que estes procuram o seio materno. No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é pelo instinto que a criança faz os seus primeiros movimentos, que toma o alimento, que chora para expressar as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um perigo, para fugir de uma ameaça, para manter o equilíbrio; tais ainda o piscar das pálpebras para temperar o

brilho da luz, a abertura mecânica da boca para respirar etc.

12. ***A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias***. É, incontestavelmente, um atributo exclusivo da alma.

Todo ato mecânico é instintivo; aquele que demonstra reflexão e combinação é inteligente; um é livre, o outro não o é.

O instinto é um guia seguro, que não se engana jamais; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, às vezes está sujeita a errar.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, revela pelo menos ***uma causa inteligente***, essencialmente previdente. Se admitirmos que o instinto tem sua origem na matéria, teremos de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e previdente do que a alma, já que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como é que, em certos casos, ele seja superior à inteligência raciocinada? E que ele dê a possibilidade de executar coisas que a inteligência não pode produzir?

Se é o atributo de um princípio espiritual especial, qual vem a ser esse princípio? Desde que o instinto se apaga, então esse princípio seria sufocado? Se os animais são dotados apenas de instinto, seu destino é sem consequência; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação. Isso não estaria em acordo nem com a justiça e nem com a bondade de Deus (cap. II, item 19).

13. Segundo outra teoria, o instinto e a inteligência teriam um único e semelhante princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento, esse princípio — que de início não teria mais do que as qualidades do instinto — passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre.

Se assim fosse, no homem inteligente que perde a razão e não é mais guiado pelo instinto, a inteligência retornaria ao seu estado primitivo, e, ao recobrar a razão, o instinto voltaria a ser inteligência, e assim alternadamente a cada acesso — o que não é admissível.

Além disso, com frequência a inteligência e o instinto se mostram

simultaneamente no mesmo ato. Ao caminhar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe um pé à frente do outro mecanicamente, sem pensar nisso; mas quando quer acelerar ou desacelerar sua caminhada, levantar um pé ou desviar-se para evitar um obstáculo, aí há um cálculo, uma decisão; ele age com propósito deliberado. ***O impulso voluntário do movimento é o ato instintivo; a direção calculada do movimento é o ato inteligente***. O animal carnívoro é impelido pelo instinto para se nutrir de carne; mas as precauções que toma e varia conforme as circunstâncias para pegar sua presa e sua previsão de eventualidades são atos de inteligência.

14. Outra hipótese que, aliás, se alia perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente previdente do instinto e concorda com aquilo que o Espiritismo nos ensina no tocante às relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo.

Sabe-se agora que Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais eles são protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluídicos; que o homem age muitas vezes de modo ***inconsciente***, sob a ação desses eflúvios.

Sabemos também que o instinto — que por si mesmo produz atos inconscientes — predomina nas crianças, e em geral nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um ***efeito*** da ação direta dos protetores invisíveis que complementariam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Isso seria igual à andadeira com a qual se amparam as crianças que ainda não sabem caminhar. Mas, do mesmo modo que gradualmente se deixa de usar a andadeira à medida que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos na medida em que estes caminham por sua própria inteligência.

Logo, longe de o instinto ser produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria o fato de uma inteligência estranha ***na plenitude da sua força***; inteligência protetora, suprindo a insuficiência, seja de uma

inteligência mais jovem que forçaria inconscientemente a fazer, para o seu bem, aquilo que ainda fosse incapaz de fazer por si mesma, seja de uma inteligência madura, porém momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, como aquela que se dá com o homem na infância e nos casos de idiotia e de doenças mentais.

Diz-se comumente que há um deus para as crianças, para os loucos e para os ébrios; esse ditado é mais verdadeiro do que se supõe; esse deus não é outro senão o Espírito protetor que vela pelo ser incapaz de se proteger pela sua própria razão.

15. Nesta ordem de ideias, podemos ir ainda mais longe. Essa teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão.

Se observarmos os efeitos do instinto, em primeiro lugar notaremos uma unidade de vistas e do conjunto, uma segurança de resultados que não existe mais desde que o instinto seja substituído pela inteligência livre; ademais, à apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie, reconheceremos uma profunda sabedoria. Essa unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento, e a unidade de pensamentos é incompatível com a diversidade de aptidões individuais; só ela poderia produzir esse conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produz desde a origem dos tempos e em todos os climas, com regularidade e precisão matemáticas, sem jamais causar defeito. A uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que obrigatoriamente implica ***a unidade da causa***; se essa causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos indivíduos houvesse, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que demonstra sabedoria e previdência há de ter uma causa sábia e previdente. Ora, uma causa sábia e previdente, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas as qualidades necessárias para produzir tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportamos à explicação que foi dada sobre a

maneira como se pode conceber a ação providencial (cap. II, item 24) e se imaginarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a previdente sabedoria e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Tanto mais ativa é essa solicitude quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua própria inteligência; é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no homem.

A partir dessa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto materno — o mais nobre de todos e que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria — fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não seria preciso que ele fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. ***Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.***

16. Esta teoria de modo nenhum anula o papel dos Espíritos protetores, cujo auxílio é fato observado e comprovado pela experiência; contudo, devemos notar que a ação desses Espíritos é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido, e que em parte nenhuma apresenta a uniformidade e a generalidade do instinto. Em sua sabedoria, o próprio Deus conduz os cegos, porém confia às inteligências livres o cuidado de guiar os clarividentes, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente, e que é para eles um meio de avanço, conforma a maneira como a cumprem.

17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas e nenhuma apresenta um caráter suficiente de autenticidade para ser dada como solução definitiva. A questão certamente será resolvida um dia, quando tivermos reunidos os elementos de observação que ainda nos faltam; até lá, temos que nos limitar a submeter as diversas opiniões ao exame da razão e da lógica, e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproxima da verdade será necessariamente aquela que corresponda melhor aos

atributos de Deus, isto é, à soberana bondade e à soberana justiça (cap. II, item 19).

18. Como o instinto é o guia e as paixões são as molas da alma no primeiro período do seu desenvolvimento, eles por vezes se confundem em seus efeitos. Todavia, há diferenças entre esses dois princípios que é essencial considerarmos.

O instinto é um guia seguro e sempre bom; dado certo tempo, ele pode se tornar inútil, mas nunca prejudicial; ele se enfraquece pela predominância da inteligência.

Nas primeiras fases da alma, as paixões têm em comum com o instinto o fato de os seres serem aí impelidos por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem principalmente das necessidades do corpo e têm mais do organismo do que do instinto. O que sobretudo as distingue do instinto é que elas são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; nós os vemos, ao contrário, variar de intensidade e de natureza conforme os indivíduos. São úteis, como estimulante, até a eclosão do senso moral, que de um ser passivo faz um ser racional; nesse momento, tornam-se não só inúteis como também prejudiciais ao avanço do Espírito, dos quais retardam a desmaterialização; elas se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que agisse constantemente pelo instinto poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência; seria igual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse se utilizar de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, mas ao mesmo tempo ser muito mau. ***O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só são dominadas pelo esforço da vontade***.

DESTRUIÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS

20. A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, menos parecem se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-

se por que ele criou entre eles a necessidade de mutuamente se destruírem para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem não vê mais do que a matéria e restringe a sua visão à vida presente, certamente isso parece uma imperfeição na obra divina. É que geralmente os homens julgam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; seu próprio juízo está na medida de sua sabedoria e eles pensam que Deus não saberia fazer coisa melhor do que eles mesmos fariam. Sua visão curta não lhes permite julgar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia precisamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

21. ***A verdadeira vida — tanto a do animal como a do homem — não está mais no envoltório corporal, assim como não está na vestimenta; está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo***. Esse princípio necessita do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve cumprir sobre a matéria bruta; o corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa então que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório! Não deixa de ser menos Espírito por isso; é absolutamente como se um homem renovasse as suas roupas cem vezes em um ano: não deixaria de ser o mesmo homem por causa disso.

Pelo incessante espetáculo da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Irão questionar: Deus não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios e sem constranger os seres vivos a se destruírem? Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não deve fazer falta mais num ponto do que noutros; se não a compreendemos, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. No entanto, podemos tentar buscar a razão, tomando por bússola esse princípio: ***Deus deve ser infinitamente justo e***

sábio; portanto, procuremos em tudo a sua justiça e a sua sabedoria, e nos curvemos diante daquele que ultrapassa nosso entendimento.

22. Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição — cuja utilidade é puramente física, é verdade — é esta aqui: os corpos orgânicos só se conservam com a ajuda das matérias orgânicas e só essas matérias contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, os corpos precisando ser incessantemente renovados e a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se nutrem um dos outros; então, é o corpo que se nutre do corpo, mas o Espírito não é nem aniquilado nem alterado; apenas ele está desprovido do seu envoltório.[38]

23. Há também considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades. Aquele que ataca para tirar seu sustento e aquele que se defende para conservar a sua vida usam de astúcia e inteligência, e por isso mesmo, aumentam suas forças intelectuais. Um dos dois tomba; mas, na realidade, o que foi que o mais forte ou o mais esperto tirou do mais fraco? A vestimenta de carne, nada mais; o Espírito — que não morreu — tomará mais tarde outro corpo.

24. Nos seres inferiores da criação, naqueles em quem o senso moral não existe e a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não tem outro propósito senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação; eles então lutam unicamente para viver, isto é, para pegar ou manter uma presa, pois eles não poderiam ser estimulados por um propósito mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto; nas primeiras fases, o instinto animal domina e a luta ainda tem por objetivo a satisfação das necessidades materiais; mais tarde o instinto animal

---

[38] Ver a ***Revista Espírita*** de agosto de 1864: ‘Extinção das raças’.

e o sentimento moral se contrabalançam; o homem então luta não mais para se alimentar, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho e a necessidade de dominar; para isso, ainda precisa destruir. Porém, na medida em que o senso moral prepondera, a sensibilidade se desenvolve e a necessidade da destruição diminui, acabando mesmo por desaparecer e se tornar odiosa: assim o homem tem horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo tendo chegado a esse ponto que nos parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito; só a custo de sua atividade é que ele adquire conhecimentos e experiências, e que ele se despoja dos últimos vestígios da animalidade; mas, desse momento em diante, de sangrenta e brutal que era a luta, torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes.[39]

---

[39] Sem nada prejulgar sobre as consequências que podemos tirar desse princípio, queríamos apenas demonstrar, por essa explicação, que a destruição mútua dos seres vivos não derroga em nada a sabedoria divina, e que tudo se encadeia nas leis da natureza. Esse encadeamento seria necessariamente rompido se tirássemos o seu princípio espiritual; eis por que tantas questões ficam insolúveis se só considerarmos a matéria.

As doutrinas materialistas trazem nelas o princípio de sua própria destruição; elas têm contra si mesmas não apenas seu antagonismo com as aspirações da universalidade dos homens e suas consequências morais que lhes farão repelir como dissolventes da sociedade, mas também a necessidade que sentimos de realizar tudo o que nasce do progresso. O desenvolvimento intelectual leva o homem à busca das coisas; ora, por pouco que reflita, não demora a reconhecer a impotência do materialismo para explicar tudo. Como é que poderiam prevalecer doutrinas que não satisfazem nem o coração, nem a razão e nem a inteligência, e que deixam sem solução as questões mais vitais? O progresso das ideias aniquilará o materialismo, como tem aniquilado o fanatismo.

CAPÍTULO IV

Papel da ciência na Gênese

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da sua religião: é por isso que seus primeiros livros foram obras religiosas; e como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas — que é também o da humanidade — elas têm dado explicações sobre a formação e o arranjo do Universo de acordo com o grau de conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram por longo tempo o único código das leis civis.

2. Nos tempos primitivos, os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo haviam de ser repletas de erros grosseiros; mas, ainda que esses meios fossem tão completos quanto os de hoje, os homens não teriam sabido se servir deles; aliás, tais meios só podiam ser fruto do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. Na medida em que o homem avançou no conhecimento dessas leis, ele penetrou os mistérios da criação e retificou as ideias que foram formuladas sobre a origem das coisas.

3. O homem era impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a chave para isso lhe foi dada pela ciência. Foi preciso que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar o olhar nele; que, pela força do cálculo ele pudesse determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravidade, do calor, da luz

e da eletricidade; que a química lhe ensinasse as transformações da matéria, e a mineralogia os materiais que formam a superfície do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A botânica, a zoologia, a paleontologia, a antropologia deviam lhe iniciar na filiação e na sucessão dos seres organizados; com a arqueologia ele pôde acompanhar os traços da humanidade através dos períodos; numa palavra, todas as ciências se completam umas às outras, devendo trazer sua parcela indispensável para o conhecimento da história do mundo; na falta disso, o homem não tinha outro guia além de suas primeiras hipóteses.

Ademais, antes que o homem tivesse posse desses elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese — cuja razão esbarrava nas impossibilidades materiais — giravam num mesmo círculo sem poder sair dele; só o puderam quando a ciência abriu o caminho, abrindo brechas no velho edifício das crenças, e tudo então mudou de aspecto; uma vez que o fio condutor foi encontrado, as dificuldades foram prontamente aplanadas; em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese real e, de certo modo, experimental; o campo do Universo se alargou ao infinito; vimos a Terra e os astros se formarem gradualmente de acordo com leis eternas e imutáveis, que demonstram muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus, em vez de uma criação miraculosa tirada repentinamente do nada, como uma mutação à vista, por uma súbita ideia da Divindade após uma eternidade de inércia.

Como é impossível concebermos a Gênese sem os dados fornecidos pela ciência, podemos dizer com toda a verdade que: ***a ciência é chamada a constituir a verdadeira Gênese a partir das leis da natureza***.

4. Ao ponto a que ela chegou no século dezenove, a ciência solucionou todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, certamente; mas é incontestável que ela destruiu sem retorno todos os erros principais e lançou os fundamentos mais essenciais sobre dados irrecusáveis; propriamente falando, os pontos ainda incertos não passam de questões de detalhes, cuja solução não pode prejudicar o conjunto, qualquer que ela venha a ser no futuro. Aliás, apesar de todos os recursos que ela tem tido à sua disposição, faltou-lhe até agora um elemento importante, sem o

qual a obra jamais poderia estar completa.

5. De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos — malgrado os erros que contém, e que hoje são demonstrados até com evidência — é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais e vêm ou da falsa interpretação de certas palavras — cujo significado original se perdeu ao passar de língua em língua pela tradução, ou cujo significado se modificou com os costumes dos povos — ou pela forma simbólica própria ao estilo oriental, a qual tomamos ao pé da letra em vez de se procurar o seu sentido.

6. A Bíblia evidentemente contém fatos que a razão desenvolvida pela ciência não poderia aceitar hoje, além de outros fatos que parecem estranhos e repugnantes, porque se apegam a costumes que já não são os nossos. Porém, ao lado disso, haveria parcialidade em não reconhecermos que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali um espaço considerável, e esconde sob o seu véu verdades sublimes que se evidenciam desde que as procuremos no íntimo do pensamento, daí então o absurdo desaparece.

Por que então o véu não se ergueu mais cedo? Por um lado, por falta de luzes que só a ciência e uma sã filosofia poderiam dar, e por outro lado, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito bastante cego para a letra, sob a qual a razão deveria se inclinar, e, por conseguinte, pelo temor de comprometer a sustentação das crenças erguidas sobre o sentido literal. Como as crenças partindo de um ponto primitivo, acreditava-se que se o primeiro anel da cadeia viesse a se romper, todas as malhas da rede acabariam por se desagregar; é por isso que se fecharam os olhos de qualquer maneira; mas fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando um edifício cede, não seria mais prudente substituir imediatamente as pedras defeituosas por outras pedras boas, em vez de se esperar, por respeito à antiguidade do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

7. Levando suas investigações até as entranhas da Terra e às profundezas dos céus, a ciência demonstrou de maneira irrecusável os erros da Gênesis

mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de as coisas terem se passado como são ali referidas textualmente; por isso mesmo, a ciência desferiu um duro golpe nas crenças convencionais. A fé ortodoxa se sobressaltou, pois acreditou estar vendo sua pedra fundamental ser removida; mas quem devia estar com a razão? A ciência — caminhando prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos dados e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas — ou uma narrativa escrita numa época em que absolutamente faltavam os meios de observação? No final das contas, quem deve prevalecer: aquele que diz que 2 mais 2 são 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 mais 2 são 4 e o prova?

8. Mas então, alguns dizem: se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou? Se não é uma revelação divina, ela não tem mais autoridade, e a religião desmorona por falta de alicerce.

Das duas coisas, uma: ou a ciência está errada, ou tem razão; se tem razão, ela não pode fazer que uma opinião contrária seja verdadeira; não há revelação que possa se sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus — que é todo verdade — induza os homens ao erro, nem ciente nem inscientemente, senão ele não seria Deus. Portanto, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, devemos concluir logicamente que ele não as pronunciou, ou que tais palavras foram tomadas em sentido contrário.

Se a religião sofre dano com qualquer parte dessas contradições, a culpa não é da ciência, que não pode fazer que aquilo que é deixe de ser; a culpa é dos homens, por haverem prematuramente estabelecido dogmas absolutos, dos quais fizeram uma questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de nos resignar, de boa ou má vontade, quando não consigamos evitá-las. Quando o mundo avança, sem poder ser detido pela vontade de alguns, o mais sensato é segui-lo e nos adaptarmos ao novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se desmorona, sob o risco de cairmos com ele.

9. Seria preciso, por respeito aos textos considerados como sagrados, impor silêncio à ciência? Isso seria uma coisa tão impossível quanto impedir que a Terra gire. Sejam quais forem as religiões, elas jamais ganharam coisa alguma por sustentar erros evidentes. A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obra de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões baseadas na verdade. Lançar anátema[40] ao progresso, como atentar contra a religião, é também ir contra a mesma obra de Deus; é, além do mais, esforço inútil, pois nem todos os anátemas do mundo impediriam a ciência de avançar, e a verdade se faz hoje. ***Se a religião se recusa a caminhar com a ciência, a ciência avançará sozinha***.

10. Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência; essas descobertas só são fatais para aquelas que se deixam distanciar das ideias progressistas ao se imobilizar no absolutismo das suas crenças; elas geralmente fazem uma ideia tão mesquinha da Divindade que não compreendem que assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus em suas obras; mas, na sua cegueira, preferem render homenagem ao Espírito do mal. ***Uma religião que não estivesse em contradição em nenhum ponto com as leis da natureza nada teria que temer do progresso e seria invulnerável***.

11. A Gênese contém duas partes: a história da formação do mundo material e a da formação da humanidade, considerada em seu duplo princípio corporal e espiritual. A ciência está limitada à pesquisa das leis que regem a matéria; no próprio homem, ela não estudou mais do que o envoltório carnal. A esse respeito, com uma precisão incontestável, chegou a se dar conta das principais partes do mecanismo do Universo e do organismo humano. Sobre esse ponto capital, a ciência pôde então completar a Gênesis de Moisés e nela retificar as partes defeituosas.

Mas a história do homem — considerado como ser espiritual — se vincula a uma ordem especial de ideias que não estão do domínio da ciência

---

[40] Anátema: sentença de reprovação e maldição lançada pela igreja contra os hereges (aqueles que atentam contra os princípios da religião); excomunhão, condenação — N. T.

propriamente dita, e das quais, por este motivo, ela não tem feito objeto de suas investigações. A Filosofia, que particularmente tem mais esse gênero de estudo nas suas atribuições, só tem formulado sistemas contraditórios sobre o ponto em questão, desde a mais pura espiritualidade até a negação do princípio espiritual e até de Deus, sem outras bases senão as ideias pessoais de seus autores; pois então, ela tem deixado a questão indecisa, por falta de um controle suficiente.

12. No entanto, essa questão é a mais importante para o homem, porque é o problema do seu passado e do seu futuro; aquela do mundo material só o afeta indiretamente. O que lhe importa saber antes de tudo é de onde ele veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, e que destinação lhe está reservada.

Sobre todas essas questões a ciência é muda. A Filosofia não dá mais do que opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permite debater — o que faz com que muitas pessoas se coloquem do seu lado, em vez do da religião que não debate.

13. Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, embora sem demonstrá-lo; mas não se concordam quanto à sua origem, nem quanto ao seu passado, nem sobre seu futuro e nem sobretudo — que é o essencial — sobre as condições de que depende a sua sorte futura. Em sua maioria, elas fazem do seu futuro um quadro imposto conforme a crença de seus adeptos, que não pode ser aceito senão pela fé cega, mas que não pode suportar um exame sério. Nos seus dogmas, o destino que elas fazem da alma — estando ligado às ideias que se fizeram do mundo material e do mecanismo do Universo nos tempos primitivos — é inconciliável com o estado dos conhecimentos atuais. Então, só tendo o que perder com o exame e o debate, as religiões acham mais simples anular um e outro.

14. Dessas divergências sobre o futuro do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. Todavia, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido no qual cedo ou tarde fatalmente deve

ingressar; a ideia do nada o congela; a consciência lhe diz que para além do presente há alguma coisa para ele: mas o quê? Sua razão desenvolvida já não lhe permite aceitar as histórias com as quais acalentaram sua infância, nem tomar a alegoria como a realidade. Qual o sentido dessa alegoria? A ciência lhe rasgou um canto do véu, mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, nada lhe responde de uma maneira peremptória e apropriada para acalmar suas apreensões; por toda parte ele se depara com a afirmação a se chocar contra a negação, sem provas mais concretas de um lado que do outro; daí a incerteza, e ***a incredulidade sobre as coisas da vida futura faz com que o homem, tomado de um frenesi, se atire às coisas da vida material***.

Tal é o efeito inevitável das épocas de transição: o edifício do passado desmorona sem que o do futuro não esteja construído. O homem é como o adolescente que já não tem a crença ingênua dos seus primeiros anos, mas ainda não possui os conhecimentos da idade madura; tem apenas vagas aspirações, mas que ele não sabe definir.

15. Se a questão do homem espiritual permaneceu até os dias atuais em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação direta, que só existiam para constatar o estado do mundo material, e o campo permaneceu aberto para as especulações do espírito humano. Enquanto o homem não conhecia as leis que regem a matéria e não podia aplicar o método experimental, ele andou a errar de sistema em sistema no tocante ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. Assim tem sido tanto na ordem moral quanto na ordem física; para fixar as ideias, faltava o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado para a nossa época, bem como o conhecimento das leis da matéria tem sido a obra dos dois últimos séculos[41].

16. Até o presente, o estudo do princípio espiritual — contido na metafísica — tem sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo, ele é todo

[41] Referentes aos séculos XVII e XVIII — N. T.

experimental. Com o auxílio da faculdade medianímica — agora mais desenvolvida, e sobretudo popularizada e mais bem estudada — o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio foi para o mundo espacial e o microscópio para o dos seres infinitamente pequenos; ela permitiu explorar, estudar e — por assim dizer, *de visu*[42] — suas relações com o mundo corporal; permitiu separar no homem vivo o ser inteligente do ser material, e lhes observar agir separadamente. Uma vez em interação com os habitantes desse mundo, tornou-se possível seguir a alma na sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações; pudemos, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aqui o que faltava aos anteriores comentadores da Gênesis para compreendê-la e retificar os seus erros.

17. Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contato, eles são solidários entre si; ambos têm sua parte de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível constituir uma Gênese completa quanto seria para um escultor dar vida a uma estátua. Somente agora, se bem que nem a ciência material nem a ciência espiritual tenham dito sua última palavra, o homem possui os dois elementos próprios para lançar luz sobre esse imenso problema. Era preciso, com toda a necessidade, essas duas chaves para se chegar a uma solução, ainda que aproximada.

[42] Expressão latina equivale a “de vista, por ter visto, por ter presenciado” — N. T.

CAPÍTULO V

Antigos e modernos sistemas do mundo

1. A primeira ideia que os homens tiveram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo deve ter sido, a princípio, baseada unicamente na percepção dos sentidos. Na ignorância das mais elementares leis da física e das forças da natureza, só dispondo de sua vista limitada como meio de observação, eles não podiam julgar senão pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã de um lado do horizonte e desaparecer à tarde do lado oposto, concluiu-se naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta permanecia imóvel. Se dissessem então aos homens que é o contrário o que ocorre, eles responderiam que tal coisa não seria possível, pois, diriam: nós vemos o Sol mudar de lugar e não sentimos a Terra se mexer.

2. A curta extensão das viagens — que naquela época raramente ultrapassavam os limites da tribo ou do vale — não permitia constatar a esfericidade da Terra. Além disso, como supor que a Terra fosse uma bola? Os homens só poderiam se manter sobre o ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda a superfície, como poderiam eles viver no hemisfério oposto, de cabeça para baixo e de pés para cima? A coisa parecia ainda menos possível com o movimento de rotação. Mesmo nos nossos dias, em que conhecemos a lei de gravidade, quando vemos pessoas relativamente esclarecidas ainda não perceberem esse fenômeno, não devemos nos surpreender que os homens das primeiras gerações sequer tenham suspeitado disso.

A Terra então era para eles uma superfície plana e circular qual uma mó de moinho, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal; daí a expressão ainda em uso: ir ao fim do mundo. Seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que havia embaixo, tudo era desconhecido.[43]

3. O céu, aparecendo sob uma forma côncava, era tida, segundo a crença comum, como uma abóbada[44] concreta, cujas bordas inferiores repousavam sobre a Terra e demarcavam os seus confins; vasto domo cujo ar enchia toda a capacidade. Sem nenhuma noção do espaço infinito, incapazes até mesmo de lhe conceberem, os homens imaginavam essa abóbada constituída de uma matéria sólida, donde vem a denominação ***firmamento*** que sobreviveu à crença e que significa ***firme***, ***resistente*** (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma*, *hermatos*, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4. As estrelas, cuja natureza eles não podiam suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou menos grossos, fixadas na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, consequentemente, todas elas à mesma distância da Terra, da mesma maneira como as representamos

---

43 "A mitologia hindu ensinava que o Sol se despojava de sua luz ao entardecer e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega figurava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto, ao que refere Plutarco, sustentava que o Sol era um carrinho repleto de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, segundo uns, teria emitido a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do Oceano; outros pensam que desse astro se fez uma pedra-pomes [rocha vulcânica] aquecida até a incandescência. Anaxágoras o tomava por um ferro em brasa, do tamanho do Peloponeso. Observação estranha! Os antigos eram tão invencivelmente inclinados a considerar como real a aparente magnitude desse astro que perseguiram a este filósofo imprudente por ter atribuído aquele tal volume à tocha do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte, e comutar essa pena em uma sentença de exílio." (Flammarion, *Estudos e leituras sobre a astronomia*, pág. 6).

Diante de tais ideias, emitidas no quinto século antes do Cristo, nos tempos mais florescentes da Grécia, não devem causar espanto aquelas que os homens das primeiras gerações faziam sobre o sistema do mundo.

44 Abóboda: espécie de cobertura, teto construído em formas curvadas. Na ideia primitiva, a abóboda celeste seria uma cobertura física semelhante a uma cúpula, domo, metade de uma esfera – N. T.

no interior de certas cúpulas pintadas em azul, para simbolizar o azulado dos céus.

Se bem que hoje as ideias sejam totalmente diferentes, o uso das expressões antigas se conservou; ainda se diz, por comparação: a abóbada estrelada, sob a calota do céu.

5. A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era então igualmente desconhecida; a ninguém podia vir a ideia de que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na Terra, de onde ninguém a via subir. Daí a crença na existência de águas superiores e de águas inferiores, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida, capaz de sustentá-los. As águas superiores, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em chuva e, conforme fossem mais ou menos largas as frestas, a chuva era suave, torrencial e diluviana.

6. A ignorância completa do conjunto do Universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros — que, aliás, pareciam tão pequenos, em comparação com a Terra — fez necessariamente com que esta fosse considerada como a coisa principal, o objetivo único da criação e os astros como acessórios criados exclusivamente para a distração dos seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até os nossos dias, não obstante as descobertas da ciência, que, para o homem, mudaram o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu a entreter a vista dos habitantes da Terra!

7. Não tardou para que se percebesse do movimento aparente das estrelas, que se movem em massa do oriente para o ocidente, despontando ao anoitecer e se pondo pela manhã, conservando suas respectivas posições. Essa observação não teve durante longo tempo outra consequência que não fosse a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida arrastando consigo as estrelas no seu movimento de rotação.

Essas ideias primárias, ingênuas, no curso de largos períodos seculares,

constituíram o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias[45] antigas.

8. Mais tarde percebeu-se, pela direção do movimento das estrelas e pelo seu retorno periódico na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente uma metade de uma esfera posta sobre a Terra, mas sim uma esfera inteira, oca, ao centro da qual se achava a Terra, sempre plana, ou quando muito convexa, e habitada somente na superfície superior. Isso já era um progresso.

Mas, sobre o que estava apoiada a Terra? Seria inútil mencionar todas as suposições ridículas criadas pela imaginação — desde a dos indianos, que a diziam suportada por quatro elefantes brancos e pousados sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sábios confessavam que nada sabiam a respeito.

9. Entretanto, uma opinião geralmente difundida nas teogonias[46] pagãs situava nos *lugares baixos*, ou dito de outro modo, nas profundezas da Terra, ou debaixo desta, não se sabia bem, a morada dos condenados, chamada *infernos*, isto é, *lugares inferiores*, e nos *lugares altos*, além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até hoje, se bem que tenha perdido a significação etimológica depois que a geologia[47] retirou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra, e que a astronomia demonstrou que não há nem baixo e nem alto no espaço infinito.

10. Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta exatidão o quanto a ausência de instrumentos especiais o permitia. Notou-se inicialmente que certas estrelas tinham um movimento próprio e independentemente da massa, o que não permitia supor que elas estivessem

---

45 Cosmogonia: ramo da Astronomia que estuda a origem, formação, estrutura e evolução do Cosmos (Universo) – N. T.

46 Teogonia: narração do nascimento dos deuses (presente nas religiões politeístas, ou seja, aquelas que creem e adoram várias divindades) – N. T.

47 Geologia: ramo da ciência que estuda a origem, história, vida e estrutura da Terra – N. T.

presas à abóbada; chamaram-lhes *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calculou-se seus movimentos e os retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, observou-se a imobilidade da Estrela Polar, ao redor das qual as outras descreviam em vinte e quatro horas círculos oblíquos paralelos, uns maiores e outros menores conforme a sua distância em relação à estrela central; foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade[48] do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram observar a diferença dos aspectos do céu segundo as latitudes e as estações; a elevação da Estrela Polar, acima do horizonte variando com a latitude, demonstrou a forma redonda da Terra; foi assim que pouco a pouco se fez uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Por volta do ano 600 antes de Cristo, ***Tales*** de Mileto (Ásia Menor) descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da elíptica[49] e a causa dos eclipses.

Um século depois, ***Pitágoras*** de Samos descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol, e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar.

160 anos antes de Cristo, ***Hiparco*** de Alexandria (Egito) inventa o astrolábio[50], calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico e a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que fossem essas descobertas para o progresso da ciência, elas levaram perto de 2000 anos para se popularizar. As ideias novas, dispondo apenas de raros manuscritos para então se propagar, permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados; as massas — que ninguém cuidava de esclarecer — não tiravam nenhum proveito delas e continuavam a se nutrir das velhas crenças.

---

48 Obliquidade: o que não é reto, que é torto, que tem curva – N. T.

49 Elíptica: referente ao plano de órbita da Terra no entorno do sol, na forma de uma elipse, oval – N. T.

50 Astrolábio: Instrumento em forma esférica ou de círculo graduado, com haste móvel, usado para observar e determinar a altura do Sol e das estrelas e medir a latitude e a longitude do lugar onde se encontra o observador – N. T.

11. Por volta do ano 140 da era cristã, ***Ptolomeu*** — um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria —, combinando suas próprias ideias com as crenças comuns e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar de misto, que traz o seu nome, e que, por cerca de quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do Universo e se compõe de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Era a primeira região, dita ***elementar***. A segunda região, dita ***etérea***, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel que dava movimento a todos os céus inferiores, e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o ***Empíreo***, habitação dos bem-aventurados, assim denominada do grego *pyr* ou *pur*, que significa ***fogo***, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz como o fogo.

A crença em muitos céus superpostos prevaleceu por longo tempo, mas variava quanto ao número; o sétimo era geralmente tido como o mais elevado, donde vem a expressão: Ser arrebatado ao sétimo céu. São Paulo disse que havia sito elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, segundo Ptolomeu, os astros tinham movimentos próprios, uns maiores outros menores, conforme sua distância em relação ao centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios[51], que de fato se realiza a cada 25.868 anos.

12. No começo do século dezesseis, ***Copérnico***, célebre astrônomo nascido em Thorn (Prússia) no ano de 1472 e morto no de 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras; ele publicou um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não tardou a desbancar

---

[51] Equinócios: momento em que o Sol, em seu movimento anual aparente, corta o equador celeste, fazendo com que o dia e a noite tenham igual duração, mas que, com o fenômeno da precessão, essa igualdade é desfeita. Ver mais sobre isso no cap. IX, item 6. – N. T.

aquele de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu redor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, natural de Florença, inventa o telescópio; em 1610, ele descobre os quatro satélites de Júpiter[52] e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; Galileu observa as suas fases e determina o tempo de suas rotações em torno de seu eixo, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então ruiu a sustentação dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e como esta, sem dúvida, habitados; as estrelas sendo inúmeros sóis, prováveis centros de outros tantos sistemas planetários; e o próprio Sol foi reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que a ele estão sujeitos.

As estrelas não estão mais confinadas numa zona da esfera celeste, mas estão irregularmente espalhadas pelo espaço sem limites; aquelas que pareciam se tocar encontrando-se a distâncias inimagináveis umas das outras; as menores aparentemente são as mais afastadas de nós e as maiores são as que estão mais perto — ainda assim estando a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de ***constelações*** não são mais do que conjuntos aparentes causados pela distância; suas figuras são efeitos de perspectiva, formando-se à vista daquele que se posta em um ponto fixo de luzes dispersas numa vasta planície, ou as árvores de uma floresta; porém esses agrupamentos não existem realmente; se nós pudéssemos nos transportar para a reunião de uma dessas constelações, a sua forma se desmancharia na medida em que nos aproximássemos dela e novos grupos se desenhariam à nossa vista.

Como esses agrupamentos só existem em aparência, o significado que uma crença vulgar e supersticiosa lhe atribui é ilusória, e sua influência não

---

[52] Depois de Galileu, os astrônomos descobriram mais oito; são conhecidos atualmente, portanto, 12 satélites de Júpiter, 4 deles com movimento retrógrado. – N. T.

poderia existir senão na imaginação.

Para distinguir suas constelações, foi dado a elas nomes como estes: ***Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Libra, Capricórnio, Câncer, Áries, Hércules, Grande Ursa*** ou ***Carro de David, Pequena Ursa, Lira*** etc., e as representaram pelas figuras que esses nomes lembram — fantasiosas em sua maioria, mas que, em todos os casos, não têm qualquer relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Seria assim em vão procurar tais formas no céu.

A crença na influência das constelações — sobretudo daquelas que compõem os doze signos do zodíaco — veio da ideia ligada aos nomes que elas trazem; se àquela que se chama ***leão*** fosse dado o nome de ***asno*** ou de ***ovelha***, certamente lhe teriam atribuído outra influência.

13. A partir de Copérnico e Galileu, as velhas cosmogonias foram destruídas para sempre; a astronomia só podia avançar, e não recuar. A História conta as lutas que esses grandes pensadores tiveram de sustentar contra os preconceitos e sobretudo contra o espírito de seita, interessado em manter erros sobre os quais se haviam fundado crenças que lhes pareciam firmadas sobre uma base inabalável. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar uma estrutura de muitos milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público iniciado nas novas ideias começou a não se deixar embalar com ilusões e tomou parte na luta; já não era contra indivíduos que eles tinham de combater, mas contra a opinião geral, que abraçou a causa da verdade.

Quanto o Universo é grande em relação às mesquinhas proporções que nossos pais lhe deram! Quanto é sublime a obra de Deus, desde quando a vemos realizar-se conforme às eternas leis da natureza! Mas também, quanto tempo, quantos esforços de gênios e quantos devotamentos se fizeram necessários para destravar os olhos e, afinal, arrancar deles a venda da ignorância!

14. Desde então estava aberto o caminho em que ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra delineada. Na Alemanha, Kepler descobre as famosas leis que conservam o seu nome e por meio das quais se reconhece

que os planetas descrevem suas órbitas não circulares, mas em elipses, onde o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravidade universal; Laplace, na França, cria a mecânica celeste; e finalmente a astronomia deixa de ser um sistema fundado sobre conjeturas ou de probabilidades e se torna uma ciência estabelecida sobre as mais rigorosas bases do cálculo e da geometria. Assim se acha assentada uma das pedras fundamentais da Gênese, cerca de três mil e trezentos anos depois de Moisés.

CAPÍTULO VI

Uranografia geral [53] [54]

O ESPAÇO E O TEMPO – A MATÉRIA – AS LEIS E AS FORÇAS – A CRIAÇÃO PRIMÁRIA – A CRIAÇÃO UNIVERSAL – OS SÓIS E OS PLANETAS – OS SATÉLITES – OS COMETAS – A VIA-LÁCTEA – AS ESTRELAS FIXAS – OS DESERTOS DO ESPAÇO – ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS – A VIDA UNIVERSAL – DIVERSIDADE DOS MUNDOS

O ESPAÇO E O TEMPO

1. Várias definições de espaço já foram dadas; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos. Daí certos sofistas[55] deduziram que onde não haja corpos não haveria espaço; é nisto que alguns doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço seria necessariamente finito, alegando que corpos limitados em certo número não poderiam formar uma série infinita, e que, onde acabassem os corpos, o espaço também findaria. Também definiram o espaço como: o lugar onde os mundos se movem, o vazio onde a matéria age etc. Deixemos nos tratados onde repousam todas essas definições que não definem nada.

---

[53] Uranografia: ciência que tem por objetivo a descrição do céu; Astronomia, Uranologia – N. T.

[54] Esse capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de *Estudos Uranográficos*, e assinado por Galileu; médium M. C. F. [o célebre astrônomo espírita Nicolas Camille Flammarion].

[55] Sofista: na definição de Sócrates, aquele que faz uso de sofisma, ou seja, argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa – N. T.

Espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática[56], evidente por ela mesma e cujas diversas definições que se possam lhe dar só servem para obscurecê-la. Todos nós sabemos o que é o espaço e eu não pretendo nada mais do que estabelecer sua infinidade, a fim de que nossos estudos posteriores não encontrem nenhuma barreira opondo-se às investigações de nossa ótica.

Ora, digo que o espaço é infinito pela razão de ser impossível imaginarmos algum limite nele, e que, apesar da dificuldade que temos para conceber o infinito, mais fácil para nós é avançar eternamente pelo espaço em pensamento do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para exemplificarmos a infinidade do espaço o quanto as nossas limitadas habilidades nos permitam, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da faísca elétrica que percorre ***milhares de léguas por segundo***, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo, nos encontraríamos num lugar de onde a Terra apareceria para nós não mais do que sob o aspecto de uma pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre na mesma direção, chegamos a estrelas distantes que vocês mal percebem de sua estação terrestre; e de lá, não só a Terra desaparece inteiramente do nosso olhar nas profundezas do céu, como até o vosso próprio Sol, com todo o seu esplendor, é eclipsado pela extensão que nos separa dele. Movidos sempre pela mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma abundância com que semeou as plantas nos campos terrenos.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, milhares de mundos passaram sob nossas vistas e, no entanto, escutem! Na realidade, não avançamos um só passo no Universo!

---

[56] Axiomática: relativo a axioma; ideia considerada consistente e inquestionável — N. T.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes mais seculares e ***incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago***, igualmente nem um passo teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos encaminhemos e qualquer que seja o ponto para onde nos dirijamos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aqui o que é o espaço!

2. O tempo, assim como o espaço, é uma palavra já definida por si mesmo; temos feito dele uma ideia mais exata em estabelecendo sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade da mesma maneira que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamos que estamos na origem do nosso mundo, a essa época primitiva em que a Terra ainda não se balança sob a divina impulsão; numa palavra: no começo da Gênese. Aqui o tempo ainda não havia saído do misterioso berço da natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos nos encontramos, porque o balancear dos séculos ainda não está em movimento.

Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa com eterno timbre, o planeta se mexe no espaço e desde então temos ***noite*** e ***manhã***. Para além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação a muitos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a supre e durante uma determinada série de gerações nós contaremos os anos e os séculos.

Vamos nos transportar agora para o último dia desse mundo, à hora em que, curvado sob o peso da velhice, a terra se apagará do livro da vida para não mais aí reaparecer: aqui a sucessão dos acontecimentos se encerra; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem, e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição de coisas naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que ele se extinga, basta para mostrar que, visto do ponto em que tivemos de nos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar e cuja queda é medida.

Quantos mundos na vasta amplidão e quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade reposiciona essas rápidas sucessões e enche tranquilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites são as duas grandes propriedades da natureza universal.

O olhar do observador que atravessa as incomensuráveis distâncias do espaço sem jamais encontrar parada e o olhar do geólogo que volta além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade escancarada onde eles um dia se perderão, atuam em concordância, cada um na sua direção, para adquirir essa dupla noção do infinito: extensão e duração.

Ora, conservando essa ordem de ideias, será fácil concebermos que o tempo não sendo mais do que a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se, tomando os séculos terrestres por unidade, nós os empilhássemos milheiros sobre milheiros para formar um número colossal, esse número jamais representaria mais que um ponto na eternidade; do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não são mais do que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e nos supor envelhecidos desse número de séculos sem que na realidade nossa alma conte mais que um dia; e, juntando a esse número indefinível de séculos, uma série de números semelhantes, longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, e imaginando viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao término, o incompreensível amontoado de séculos que nos passaria sobre a cabeça seria como se não existisse: restaria sempre diante de nós toda a eternidade.

O tempo não passa de uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de medida alguma do ponto de vista da duração; para ela, não há começo e nem fim: tudo é presente para ela.

Se séculos de séculos são menos que um segundo em relação à eternidade, que vem a ser a duração da vida humana?!

A MATÉRIA

3. À primeira vista, nada parece tão profundamente variado nem tão essencialmente distinto que as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza nos faz passar diariamente ante o olhar, há dois que demonstram uma perfeita identidade, ou pelo menos uma igualdade de composição? Quanta dessemelhança do ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Quanta diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade sobre a Terra!

Todavia, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam — seja do ponto de vista da constituição íntima, seja pela relação de sua ação recíproca — não são de fato mais do que modos diversos sob os quais a matéria se apresenta; apenas variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

4. A química, cujo progresso tem sido tão rápido depois da minha época, com a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode considerar precisamente como filha do século da observação e unicamente baseada no método experimental, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas; a química, digo, fez um belo jogo dos quatro elementos primitivos[57] que os antigos concordaram em reconhecer na natureza; ela mostrou que o elemento terrestre não é mais do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produto de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, nada mais é do que um estado da matéria resultante do movimento universal

[57] Quatro elementos primitivos: certos filósofos antigos acreditavam que tudo no Universo era constituído basicamente de quatro substâncias essenciais, a saber: terra, água, fogo e ar – N. T.

a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, ela encontrou considerável número de princípios até então desconhecidos que lhe pareceram formar, por suas combinações determinadas, as diversas substâncias e os diversos corpos que ela estudou e que, segundo certas leis e em certas proporções, atuam simultaneamente nos trabalhos operados no grande laboratório da natureza. A esses princípios ela denominou ***corpos simples***, indicando de tal modo que os considera como primitivos e indivisíveis, e que até hoje nenhuma operação pode reduzi-los a frações relativamente mais simples do que eles próprios.[58]

5. Mas, aí param as especulações do homem, mesmo ajudados pelos mais impressionantes sentidos artificiais, e a obra da natureza continua; aí onde o comum toma a aparência como a realidade, lá onde o prático levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de ação da natureza apenas vê, nos materiais constitutivos do mundo, a ***matéria cósmica*** primitiva, simples e única, diversificada em certas regiões na época do seu aparecimento, repartida em corpos solidários durante sua vida, materiais um dia desmembrados no receptáculo da extensão por sua decomposição.

6. Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais só poderemos emitir opiniões pessoais mais ou menos hipotéticas; sobre essas questões eu me calarei ou justificarei minha maneira de ver; mas aquela com que nos ocupamos não pertence a esse número. Portanto, àqueles que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, eu direi: Abracem, se possível, com um olhar investigador, a multiplicidade das operações da natureza e reconhecerão que, se não admitirmos a unidade da matéria, será impossível explicar, não lhes direi apenas os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção de um inseto.

---

58 Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio etc.

7. Se observamos tal diversidade na matéria, é porque as forças que têm presidido as suas transformações e as condições em que estas são produzidas, sendo em número ilimitado, as combinações variadas da matéria não podiam mesmo deixar de ser ilimitadas.

Portanto, que a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou que seja revestida das características e das propriedades comuns da matéria, não há em todo o Universo senão uma única substância primitiva: o ***cosmo***, ou ***matéria cósmica*** dos uranógrafos.[59]

AS LEIS E AS FORÇAS

8. Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua existência efêmera no fundo das tenebrosas regiões do oceano; se um desses poligástricos[60], uma dessas nereidas — miseráveis animais minúsculos que da natureza só conhecem os peixes ictiófagos[61] e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de estabelecer sobre suas apreciações um raciocínio conjetural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve em seu meio e do mundo terrestre que não faz parte do campo de suas observações?

Agora, por efeito maravilhoso do poder da sua nova capacidade, se esse mesmo ser chegasse a se elevar acima das suas trevas eternas até a superfície do mar — não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, ao Sol fértil, irradiador de um benéfico calor —, que juízo ele faria das suas antigas teorias sobre a criação universal, teoria que ele logo substituiria por uma apreciação mais larga, embora ela ainda fosse tão relativamente incompleta quanto a primeira? Assim é, homens, a imagem da

---

59 Uranógrafo: aquele que estuda o céu, os astros e o espaço cósmico; astrônomo – N. T.

60 Poligástrico: que possui vários estômagos – N. T.

61 Ictiófago: que se alimenta de peixes — N. T.

sua ciência toda especulativa![62]

9. Já que venho aqui tratar da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que como vocês sou apenas um ser relativamente ignorante em face da ciência real, não obstante a aparente superioridade que me dá com relação aos meus irmãos da Terra a possibilidade de estudar questões naturais que lhe estão interditadas na sua situação, meu único objetivo é lhes expor a noção geral das leis universais, sem explicar em detalhes o modo de ação e a natureza das forças especiais de delas dependente.

10. Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o ***éter*** ou ***matéria cósmica*** primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter pertencem as forças que presidiram as metamorfoses da matéria e as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas formas múltiplas — indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas e diversificadas em seus modos de ação, conforme as circunstâncias e os meios — são conhecidas na Terra sob os nomes de ***gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo*** e ***eletricidade ativa***; os movimentos vibratórios do agente são os de: ***som, calor, luz*** etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, oferecem outras características desconhecidas neste mundo, e na imensa amplidão dos céus, um número indefinido de forças tem se desenvolvido numa escala inimaginável cuja grandeza somos tão incapazes de avaliar, como o crustáceo no fundo do oceano é incapaz de apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.[63]

---

62 Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, quando, após haverem se despojado do envoltório carnal, os horizontes desse mundo se desdobram sob as suas vistas. Eles compreendem então o vazio das teorias pelas quais pretendiam explicar tudo por meio exclusivo da matéria. Contudo, esses horizontes ainda lhes escondem mistérios que só lhes serão desvendados sucessivamente, à medida que eles se elevam pela depuração. Porém, desde os seus primeiros momentos nesse mundo novo, veem-se forçados a reconhecer a sua cegueira e o quanto estavam distantes da verdade.

63 Relacionamos tudo ao que conhecemos, e do que os nossos sentidos não captam, só compreendemos o que o cego de nascença compreende acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. Pode ser então que em outros ambientes o fluido cósmico tenha propriedades e

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, porém diversificada em suas combinações, da mesma forma todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, e que, nos decretos eternos, tem sido soberanamente imposta à criação para lhe constituir a harmonia e a estabilidade.

11. A natureza jamais se opôs a si mesma. O brasão do Universo não é mais do que uma divisão: UNIDADE / VARIEDADE. Retornando à escala dos mundos, encontramos ***unidade*** de harmonia e de criação, ao mesmo tempo como uma variedade infinita nesse imenso canteiro de estrelas; percorrendo os degraus da vida — desde o último dos seres até Deus — a grande lei de continuidade se faz evidente; considerando as forças em si mesmas, podemos formar com elas uma série cujo resultado — confundindo-se com a geradora — é a lei universal.

Vocês não saberiam apreciar esta lei em toda a sua extensão, pois as forças que a representam no campo das suas observações são restritas e limitadas; entretanto, a gravidade e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação da lei primordial que rege para além dos céus.

Todas essas forças são eternas — nós explicaremos esse termo — e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela sua simultaneidade ou sua sucessão; predominando aqui e se apagando acolá; fortes e ativas em certos pontos, latentes ou secretas noutros; mas finalmente preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da natureza

---

combinações das quais não fazemos nenhuma ideia, efeitos apropriados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas quem nos diz que não existam outros agentes fora a luz aos quais os organismos especiais sejam afetados? A vista sonambúlica — que não é detida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais e nem pela escuridão — nos oferece um exemplo. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam ***normalmente*** o que os nossos sonâmbulos sejam excepcionalmente; eles não teriam necessidade nem da nossa luz nem dos nossos olhos, e então eles veriam o que não podemos ver. É o mesmo caso de todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam segundo os ambientes.

onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

A CRIAÇÃO PRIMÁRIA

12. Depois de termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; desceremos em seguida à criação da Terra em particular e ao seu estado atual na universalidade das coisas, e daí, tomando esse globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13. Se bem compreendemos a relação, ou melhor, a oposição entre a eternidade e o tempo, se estamos habituados com essa ideia de que o tempo não é mais do que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é suscetível de qualquer medida do ponto de vista da duração, compreenderemos que para ela não há nem começo nem fim.

Doutro lado, se fazemos uma ideia exata — embora necessariamente muito fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha existido e exista sempre. Do momento em que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos nascessem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno como ela.

14. Deus, sendo por sua natureza de toda a eternidade, tem criado desde toda a eternidade e isso não poderia ser de outro modo, porque, por mais distante que seja a época a que recuemos pela imaginação os supostos limites da criação, sempre restará além desse limite uma eternidade — pensem bem nessa ideia —, uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as vontades infinitas, teriam sido sepultadas numa letargia muda, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida

aos seres; de silêncio indiferente para o verbo que os governa, de esterilidade fria e egoísta pelo Espírito de amor e de vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo aos fluxos de luz que vão se difundindo para todos os lados na extensão; do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao ***Fiat lux!*** [64] do início.

15. O começo absoluto das coisas volta-se então para Deus; suas sucessivas aparições no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia contar as magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das eras que se desdobraram naqueles tempos antigos em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; a essa época primitiva em que a voz do Senhor se fez ouvir, os materiais que no futuro haviam de se agregar simetricamente e por si mesmos para formar o templo da natureza se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos; quanto àquela voz misteriosa que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para irem vibrar juntas e modular o concerto dos vastos céus!

No seu berço, o mundo não foi estabelecido na sua virilidade e na plenitude da sua vida; não: o poder criador nunca se contradiz, e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu origem sucessivamente a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a amontoados de matéria nebulosa que se dividiram entre si e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em razão das forças que predominaram sobre um ou sobre outro, e das circunstâncias posteriores que presidiram os seus desenvolvimentos, esses

---

64 *Fiat lux*: expressão latina equivalente a “Faça-se a luz” ou “Que haja luz”, que tradicionalmente remete à narrativa bíblica (contida no terceiro versículo do primeiro capítulo do livro Gênesis) de quando Deus iniciou a sua criação e ordenou que a luz existisse. — N. T.

centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando uma extensão ilimitada, só cresceram com uma extrema lentidão, ou se dividiram em outros novos centros secundários.

16. Transportando-nos a apenas alguns milhões de séculos acima da época atual, nossa Terra ainda não existe, nem mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, entretanto, esplêndidos sóis já iluminam o éter; planetas habitados já dão vida e existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; as opulentas produções de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo! Os esplendores já não são mais aqueles que antigamente fizeram palpitar o coração de outros mortais sob o pensamento da infinita potência! E nós, pobres seres pequeninos que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está atrás de nós, como na nossa frente; que o espaço é o teatro de uma inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas — que mal percebemos, nos mais longínquos pontos do céu — são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes ou de declínio. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações anteriores e posteriores; que a criação universal não se restringe a nós e que não podemos usar essa palavra à formação isolada do nosso pequeno globo.

A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17. Após haver retornado, tanto quanto nossa fraqueza o permita, em direção à fonte oculta de onde fluem os mundos como gotas d’água de um rio,

consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que ostentam suas magnificências diante da eternidade; ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e — mais que isso — a eterna geratriz. Ela, essa substância de onde provém as esferas siderais, não desapareceu; ela, essa potência, não está morta, pois ainda incessantemente ela dá à luz a novas criações, e recebe incessantemente os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea — mais ou menos rarefeita, que permeia os espaços interplanetários —, esse fluido cósmico — que preenche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, repletas de aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado lá onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações de acordo com as localidades da extensão — não é outra coisa senão a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a natureza tem tirado todas as coisas.[65]

18. Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo conforme sua condição, princípio em estado latente que se conserva adormecido lá onde a voz de um ser não o reclama. Cada criatura mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — pois há muitos outros reinos naturais de cuja existência vocês nem sequer suspeitam[66] — sabe, em virtude desse princípio vital universal, apropriar-se das condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm sua soma dessa vida, do mesmo modo que a semente e o embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras

---

65 Se se perguntasse qual é o princípio dessas forças e como esse princípio pode estar na própria substância que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos disso. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi imprimido.

66 Segundo a Biologia atual, os seres vivos são classificados em cinco reinos: monera, protista, fungi, vegetal e animal. — N. T.

simétricas que constituem os indivíduos.

É muito importante nos convencermos desta noção: que a matéria cósmica primitiva se achava revestida não somente das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, mas também do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se manifestam as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. Portanto, é exato dizermos que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus tem criado sempre, cria incessantemente e sempre criará.

19. Porém, até aqui, temos guardado silêncio sobre o ***mundo espiritual***, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as augustas determinações do Senhor.

Não posso dar mais que um ensinamento bem restrito acerca do modo da criação dos Espíritos, por razão da minha própria ignorância, e devo me calar também sobre certas questões, ainda que me tenha sido permitido aprofundá-las.

Aos que estejam religiosamente desejosos de conhecer, e que sejam humildes perante Deus, direi, rogando-lhes para não levantar nenhuma teoria prematura acerca das minhas palavras: O Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo que o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais lentamente se elabora a obra da sua individualidade; somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte a sua augusta marca é que o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez: não construam sobre as minhas palavras seus raciocínios, tão tristemente célebres na história da metafísica; eu preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões acima das nossas meditações ordinárias, a lhes expor a desnaturar o sentido de meu ensinamento, e, por

culpa minha, lançá-los nos incompreensíveis labirintos do deísmo[67] ou do fatalismo.

OS SÓIS E OS PLANETAS

20. Ora, aconteceu que em um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa é animada das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis — e especialmente a da força molecular de atração — ela toma a forma de um esferoide, a única que pode assumir primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro logo modificou a esfera primitiva a fim de conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular.[68] Estamos nos referindo ao conjunto da nebulosa.

21. Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga; a primeira tendendo a reunir todas as partes rumo ao centro, a segunda tendendo dispersá-las a partir do centro. Ora, com o movimento acelerando à medida que a nebulosa se condensa, e seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, predominou logo sobre a atração central.

Assim como um movimento bastante rápido de um estilingue a quebrar a corda e deixar escapar o projétil para longe, também a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial[69] da nebulosa, e desse anel se

---

67 Deísmo: teoria que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar a existência de Deus, rejeitando, para tal propósito, as revelações, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada. – N. T.

68 Lenticular: semelhante a uma lente, ou a um grão de lentilha, mais ou menos como uma esfera achatada. Diz-se galáxia lenticular aquela que se assemelha a essa forma – N. T.

69 Equatorial: relativo à linha do equador, o eixo horizontal da Terra, dividindo o Globo em Hemisfério Norte e Hemisfério Sul – N. T.

forma uma nova massa isolada da primeira, mas, todavia, submetida ao seu império. Essa massa conservou seu movimento equatorial que, modificado, tornou-se seu movimento de translação em torno do astro solar. Ao demais, seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22. A nebulosa geratriz que deu nascimento a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas como o calor primitivo, desenvolvido por seus movimentos diversos e só se abrandando com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante um longo período, até que essa nebulosa não tenha se tornado bastante densa e sólida o bastante para oferecer resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprima sucessivamente o seu movimento de rotação.

Então, ela não terá dado nascimento a apenas um astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado anteriormente. Ora, cada um de seus mundos — revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos — gerará na sequência novos globos doravante gravitando em torno de si, como ele gravita, juntamente com seus irmãos em torno do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente separados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do seu astro gerador.

23. Assim, os planetas são formados de massas de matéria condensada, embora ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação da força centrífuga, e, em virtude das leis do movimento, tomando a forma esférica mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral à qual ela própria deve a sua existência; Terra, deste então inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza é protegida pelas asas da divina Providência, nova corda colocada na harpa infinita que deve vibrar, no seu lugar, no concerto universal dos mundos.

OS SATÉLITES

24. Antes que as massas planetárias tivessem atingido um grau de resfriamento o bastante para lhes operar a solidificação, massas bem menores, verdadeiros glóbulos líquidos, desprenderam-se de algumas delas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é bem maior, e em razão das mesmas leis adquiriram um movimento de translação em torno do seu planeta originário, como sucedeu a estes em relação ao seu astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa menos considerável teve que sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram a sua separação do equador terreno, e o seu movimento de translação no mesmo plano agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma esférica, tomou a de um globo ovoide, isto é, tendo a forma alongada de um ovo, cujo centro de gravidade será fixado na parte inferior.

25. As condições nas quais se efetuou a desagregação da Lua mal lhe permitiram afastar-se da Terra e a obrigaram a permanecer eternamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide em que as partes mais pesadas formariam a face inferior voltada para a Terra e cujas partes menos densas ocupariam o topo, tanto que assim descrevemos com a palavra *topo* a face virada ao lado oposto à Terra e se elevando para o céu. É isso que faz com que esse astro nos apresente continuamente a mesma face. Para melhor se compreender o seu estado geológico, ele pode ser comparado a um globo de cortiça cuja base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer semelhança com a nossa, porque os seus corpos fluidos e etéreos são desconhecidos; a outra, mais leve em relação à Terra, porque todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser aqui e ali nos limites desse hemisfério subterrestre; a

outra, rica de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo.[70]

26. O número e o estado dos satélites de cada planeta têm variado de acordo com as condições especiais nas quais eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, tal como Mercúrio, Vênus e Marte[71], ao passo que outros formaram um ou vários, como a Terra, Júpiter, Saturno etc.

27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma como auréola branca. Essa formação é para nós uma nova prova da universalidade das leis da natureza. De fato, esse anel é o resultado de uma separação que se operou em tempos primitivos no equador de Saturno, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno, em todas as suas partes, encontra-se formado de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e dessa maneira pôde continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que move o planeta. Se um dos pontos desse anel tivesse ficado mais denso do que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam operado subitamente e Saturno contaria com muitos

---

70 Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravidade, a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Seu centro de gravidade, em vez de estar no centro da esfera, encontra-se num dos pontos de sua superfície e, em consequência disso, sendo atraído para a Terra por uma força maior do que as partes mais leves, a Lua produzirá o efeito das figuras chamadas *joão-bobo*, que se levantam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a iguais distâncias da superfície e giram regularmente sobre o próprio eixo. Os fluidos vivificantes — gasosos ou líquidos, em virtude da sua leveza específica — se encontrariam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que nós vemos, seria desprovido de tais fluidos e por isso impróprio à vida, enquanto esta reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior fosse habitado, seus habitantes jamais teriam visto a Terra, a menos que excursionem pelo outro hemisfério, o que seria impossível, por não haver ali as necessárias condições de vitalidade.

Por muito racional e científica que seja essa teoria, como ela ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, somente pode ser aceita como hipótese e como uma ideia capaz de servir de base à ciência; mas não se pode discutir que seja a única até o momento que dê uma explicação satisfatória das particularidades que esse globo apresenta.

71 Marte deve ser excluído desta lista, pois, como se sabe atualmente, logo mais em 1877 foram descobertos dois satélites (Fobos e Deimos) relativos a esse planeta – N. T.

satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

OS COMETAS

28. Os cometas — astros errantes, mais ainda do que os planetas, que conservaram a denominação etimológica — serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema ao qual a Terra pertence, para nos levar às regiões longínquas da extensão sideral.

Mas antes de explorarmos os domínios celestes, com a ajuda desses viajantes do Universo, será bom conhecermos o quanto for possível a natureza intrínseca deles e o seu papel na organização planetária.

29. Muitas vezes esses astros cabeludos são vistos como planetas nascentes, elaborando no seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são compartilhadas com as terras habitadas; outros imaginaram que esses corpos extraordinários eram mundos em estado de destruição, e, para muitos, sua estranha aparência foi motivo de apreciações errôneas acerca da sua natureza, a tal ponto que não houve quem — nem mesmo a astrologia judiciária — não fizesse presságios de infortúnios enviados por decretos providenciais à Terra espantada e trêmula.

30. A lei de variedade é aplicada com tão larga profusão nos trabalhos da natureza que é de se perguntar como os naturalistas, os astrônomos ou os filósofos levantaram tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para somente verem neles astros em um grau mais ou menos adiantado de desenvolvimento ou de degeneração. Entretanto, os quadros da natureza deveriam bastar amplamente para afastar o observador da preocupação de investigar relações inexistentes e deixar aos cometas o papel modesto — porém útil — de astros errantes que servem de exploradores para os impérios solares. Como os corpos celestes de que tratamos são muito diferentes dos corpos planetários; eles não estão destinados — assim como os

planetas estão — a servir de habitação para as humanidades? Eles vão sucessivamente de sóis em sóis, por vezes pelo caminho se enriquecendo de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, absorvendo das lareiras solares os princípios vivificantes e renovadores que eles derramam sobre os mundos terrestres (cap. IX, n° 12).

31. Quando um desses astros se aproxima do nosso pequenino globo, para atravessar a sua órbita e retornar ao seu apogeu[72], situado a uma incalculável distância do Sol, se nós os seguíssemos pelo pensamento, para com ele visitar as províncias siderais, transporíamos essa prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas, e observando os movimentos combinados desse astro, que se imaginaríamos estivesse perdido no deserto do infinito, ainda aí encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que atuam a distâncias que a mais criativa imaginação mal pode conceber.

Aí, a forma elíptica toma a forma parabólica[73] e a marcha se torna tão lenta ao ponto de não percorrer mais que alguns metros ao mesmo tempo em que no seu perigeu[74] ela terá percorrido muitos milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso e mais importante do que aquele que ele acaba de deixar exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba na categoria de seus súditos, e então as crianças espantadas da vossa pequenina Terra esperarão em vão o retorno que haviam calculado pelas observações incompletas. Nesse caso, nós — que acompanhamos pelo pensamento o cometa errante nessas regiões desconhecidas — encontraremos então uma nova nação ignorada pelos olhares terrenos, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para seu pensamento, porque ela será teatro de inexploradas maravilhas.

---

[72] Apogeu: em astronomia, é o ponto mais afastado em que um satélite (como a lua e os cometas) se coloca em relação à Terra – N. T.

[73] Forma parabólica: forma de uma parábola, seção cônica de iguais distâncias entre dois pontos dispersos em relação a determinado ponto fixo – N. T.

[74] Perigeu: oposto de apogeu, ponto da órbita de um astro (como um cometa) que se encontra mais próximo da Terra – N. T.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam no espaço infinito e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da criação. Só chegando lá, saberemos o que é a Terra.

A VIA-LÁCTEA

32. Durante as belas noites estreladas e sem luar, todo mundo tem podido contemplar essa réstia esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra, e que os antigos chamaram ***via láctea***, por causa da sua aparência leitosa. Essa réstia difusa tem sido longamente explorada pela lente do telescópio nos tempos modernos, e essa estrada de poeira de ouro, ou esse regato de leite da mitologia antiga, transformou-se num vasto campo de inconcebíveis maravilhas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento da sua natureza e tem revelado que, ali, onde o olhar errante reconheceu apenas uma fraca claridade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que o Sol que nos clareia.

33. De fato, a Via Láctea é uma campina semeada de flores solares e planetárias que brilham na sua vasta extensão. Nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiosos dos quais se compõe a Via Láctea; porém, apesar das suas dimensões gigantescas em relação à Terra e à grandeza do seu império, o Sol não ocupa mais que um inapreciável lugar nessa vasta criação. Podemos contar por uma trintena de milhões os sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, afastados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre.[75]

34. Por esse cálculo aproximado, podemos julgar a extensão dessa região sideral e da relação que une o nosso sistema planetário e a universalidade dos sistemas que a ocupam. Podemos igualmente julgar a pequenez do domínio solar e, *a fortiori* [76], do nada que é a nossa miúda Terra. Que seria então se

[75] Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas.

[76] *A fortiori*, expressão latina equivalente a “por uma razão mais forte” ou “com muito mais razão” — N. T.

considerarmos os seres que os povoam!

Digo “do nada” porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos — o que seria pouco — mas também e sobretudo ao seu estado moral de habitação, ao grau que ocupam na eterna hierarquia dos seres. A criação se mostra aí em toda a sua majestade, criando e propagando tudo em torno do mundo solar, e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35. De certa maneira, conhecemos a posição ocupada pelo nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações ganharão peso maior ainda se refletirmos sobre o próprio estado da Via Láctea que, na imensidade das criações siderais, não representa propriamente mais do que um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, pois ela não é mais do que uma nebulosa estelar, entre os milhões das que existem no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, ao passo que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36. Ora, se sabemos que a Terra não é nada, ou quase nada no sistema solar, este não é nada ou quase nada na Via Láctea; esta é nada ou quase nada na universalidade das nebulosas; e esta própria universalidade bem pouca coisa é dentro do imensurável infinito; então começamos a compreender o que é o globo terrestre.

AS ESTRELAS FIXAS

37. As estrelas chamadas fixas, e que constelam os dois hemisférios do firmamento, não se acham totalmente isoladas de toda atração exterior como geralmente se supõe; longe disso: todas elas pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte e cujo plano equatorial que se projeta

no céu recebeu o nome de ***Via Láctea***. Todos os sóis que a constituem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravidade universal as agrupa todas numa mesma família.

38. Entre esses diversos sóis, na sua maioria são como o nosso, cercados de mundos secundários, que eles iluminam e fertilizam por meio das mesmas leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns como Sirius, são milhares de milhões de vezes mais magnificentes em dimensões e em riquezas do que o nosso, e o seu papel no Universo é muito mais importante, do mesmo modo que são rodeados por planetas em maior quantidade e bem superiores aos nossos. Outros são muito diferentes pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis — verdadeiros gêmeos da ordem sideral — são acompanhados de seus irmãos da mesma idade, e formam, no espaço, sistemas binários aos quais a natureza concedeu funções inteiramente diversas daquelas funções pertencentes ao nosso Sol[77]. Lá, os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos iluminados por um duplo facho foram dotados de condições de existência inimagináveis por aqueles que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo e privados de planetas, receberam elementos de habitação melhores do que os que foram dados aos demais. Na sua imensidade, as leis da natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do Universo, a variedade infinita não é menos do que o seu eterno atributo.

---

[77] É o que se chama, em astronomia, estrelas duplas. São dois sóis em que um gira em torno do outro, como um planeta em torno de seu sol. De que estranho e magnífico espetáculo devem desfrutar os habitantes dos mundos que compõem esses sistemas clareados por um duplo sol! Mas também quão diferentes devem ser as condições de vitalidade ali!

Em uma comunicação dada posteriormente, o Espírito de Galileu acrescenta: “Existem sistemas ainda mais complicados nos quais diferentes sóis desempenham o papel de satélites entre si. Efeitos maravilhosos de luz são então produzidos para os habitantes dos globos que eles iluminam; tanto mais que, apesar de sua aparente proximidade, mundos habitados podem circular entre eles e receber, por sua vez, as ondas de luz multicoloridas cuja união recompõe a luz branca.”

39. Não obstante o prodigioso número dessas estrelas e seus sistemas, não obstante as distâncias incomensuráveis que as separam, todas elas pertencem à mesma nebulosa estelar que os mais possantes telescópios mal conseguem atravessar, e que as concepções das mais ousadas imaginações mal conseguem avistar; nebulosa que, entretanto, não é mais do que uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. As estrelas chamadas fixas não estão imóveis na amplidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A ***distância*** da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo a partir dessa estação são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica (cap. V, n° 12).

41. Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se acha contida numa mesma aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa que vocês chamam ***Via Láctea***; mas, por todos pertencerem ao mesmo grupo, esses astros não são menos animados cada qual de um movimento próprio de translação no espaço; o repouso absoluto não existe em parte alguma. Eles são regidos pelas leis universais da gravidade e rolam no espaço sob a impulsão incessante dessa imensa força; rolam, não segundo roteiros traçados pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar mais compreensíveis as minhas palavras por meio de um exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42. Pelas modernas observações, sabemos que ele não é fixo nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia; mas que o Sol avança pelo espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, essa marcha não é fortuita e ele não vai vagando pelos vácuos infinitos, a transviar seus filhos e seus súditos para longe das regiões que lhe estão atribuídas. Não, sua órbita é determinada, e em concordância com outros sóis da mesma ordem que ele, e como ele rodeados de certo número de terras habitadas, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, como o dos seus irmãos sóis, é inapreciável a observações anuais,

pois períodos seculares em grande número mal seriam suficientes para marcar um desses anos astrais.

43. O sol central de que acabamos de falar também é um globo de segunda ordem em relação a outro ainda mais importante, ao redor do qual ele perpetua uma marcha lenta e compassada, na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos constatar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis até que a nossa imaginação ficasse cansada de escalar tal hierarquia; pois, não nos esqueçamos de que, em números redondos, podemos contar na Via Láctea uma trintena de milhões de sóis, subordinados uns aos outros, como rodas gigantescas de um imenso sistema.

44. E esses astros, em números incontáveis, vivem cada qual uma vida solidária; assim como nada está isolado na organização do seu pequeno mundo terrestre, nada também está isolado no incomensurável Universo.

De longe, ao olhar investigador do filósofo que pudesse alcançar o quadro desenvolvido pelo espaço e o tempo, esses sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhão pelo sopro divino, que faz os mundos siderais voarem nos céus, como voam os grãos de areia nas costas do deserto.

Não mais imobilidade, não mais silêncio, não mais noite! O grande espetáculo que se desenrola ante os nossos olhos seria a criação real, imensa e plena da vida etérea que abraço no conjunto imenso o olhar infinito do Criador.

Todavia, até aqui, não temos falado senão de apenas uma nebulosa; seus milhões de sóis e seus milhões de terras habitadas formam — como já dissemos — simplesmente uma ilha no arquipélago infinito.

OS DESERTOS DO ESPAÇO

45. Um deserto imenso, sem limites, se estende para além da aglomeração de

estrelas de que acabamos de falar e a envolve. Solidões sucedem solidões e incomensuráveis planícies do vácuo se distendem ao longe. Os amontoados de matéria cósmica se encontram isolados no espaço como ilhas flutuantes de um enorme arquipélago, se de alguma forma quisermos ter uma ideia da enorme distância que separa o amontoado de estrelas de que fazemos parte, dos outros aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares se encontram disseminadas e raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que separa umas das outras é incomparavelmente maior do que as que medem suas respectivas dimensões.

Ora, lembramos que a nebulosa estelar mede em números redondos mil vezes a distância das estrelas mais aproximadas, tomada por unidade, isto é, alguns cem mil trilhões de léguas. A distância que existe entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito; só a imaginação — em suas mais altas concepções — é capaz de transpor tão prodigiosa imensidade, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e, de certa maneira, de encarar a ideia dessa infinidade relativa.

46. No entanto, esse deserto celeste — que envolve nosso universo sideral e que parece estender-se como sendo os afastados confins do nosso mundo astral — é abraçado pela visão e pelo poder infinito do Altíssimo, que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47. Com efeito, mais além dessas vastas solidões, mundos irradiam em sua magnificência, bem como nas regiões acessíveis às investigações humanas; para lá desses desertos, esplêndidos oásis vagam no éter límpido, e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Lá se desdobram os agregados longínquos de substância cósmica, que o profundo olhar do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu — essas nebulosas a que vocês chamam irresolúveis, e que lhes parecem ligeiras nuvens de poeira branca perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá se revelam e se desenvolvem novos mundos onde as condições variadas e diversas das que são peculiares ao vosso globo, lhes dando uma vida que as

vossas concepções não podem imaginar, nem os vossos estudos podem constatar. É lá que resplandece em toda a sua plenitude o poder criador; para aquele que vem das regiões ocupadas pelo vosso sistema, outras leis estão em ação, cujas forças regem as manifestações da vida, e as novas rotas que seguimos nesses países estrangeiros nos abrem perspectivas desconhecidas.[78]

---

[78] Em astronomia, dá-se o nome de nebulosas ***irresolúveis*** àquelas em que ainda se não puderam distinguir as estrelas que as compõem. Foram, a princípio, consideradas como amontoados de matéria cósmica em vias de condensação para formar mundos, mas, hoje, geralmente se entende que essa aparência é devida ao afastamento, e que, com instrumentos bastante poderosos, todas seriam resolúveis.

Uma comparação familiar pode dar uma ideia — conquanto muito imperfeita — das nebulosas resolúveis: são os grupos de centelhas projetadas pelas bombas dos fogos de artifício no momento de sua explosão. Cada uma dessas centelhas representará uma estrela e o conjunto delas a nebulosa, ou grupo de estrelas reunidas num ponto do espaço e submetidas a uma lei comum de atração e de movimento. Vistas de certa distância, essas centelhas mal se distinguem, e seu grupo tem a aparência de uma nuvenzinha de fumaça. Essa comparação não seria exata se se tratasse de massas de matéria cósmica condensada.

Nossa Via Láctea é uma dessas nebulosas; ela conta perto de 30 milhões de estrelas ou sóis que ocupam nada menos de algumas centenas de trilhões de léguas de extensão e, entretanto, não é a maior. Suponhamos apenas uma média de 20 planetas habitados circulando em torno de cada sol: teremos aproximadamente 600 milhões de mundos só para o nosso grupo.

Se pudéssemos nos transportar da nossa nebulosa para outra qualquer, estaríamos lá como estaríamos no meio da nossa Via Láctea, porém com um céu estrelado de um aspecto inteiramente diferente, e este, apesar das suas dimensões colossais em relação a nós, parecer-nos-ia, de longe, um pequenino floco lenticular perdido no infinito. Mas antes de atingirmos a nova nebulosa, seríamos qual o viajante que deixa uma cidade e percorre um vasto país inabitado antes de chegar a outra cidade; teríamos transposto incomensuráveis espaços desprovidos de estrelas e de mundos, o que Galileu denominou os desertos do espaço. À medida que avançássemos, veríamos a nossa nebulosa afastar-se atrás de nós, diminuindo de extensão aos nossos olhos, ao mesmo tempo que, diante de nós, se apresentaria aquela para a qual nos dirigíssemos, passo a passo mais distinta, semelhante à massa de centelhas de bomba de fogos de artifício. Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço além do ***arquipélago*** da nossa nebulosa, veremos em todo o nosso entorno milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas, contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados.

Tudo o que nos possa identificar com a imensidade da extensão e com a estrutura do universo é útil para a ampliação das ideias, tão restringidas pelas crenças vulgares. Deus se engrandece aos nossos olhos à medida que melhor compreendemos a grandeza de suas obras e nossa infimidade. Estamos longe, como se vê, dessa crença implantada pela Gênese mosaica que fez da nossa pequenina e imperceptível Terra a criação principal de Deus, e fez dos seus habitantes os únicos objetos da sua solicitude. Compreendemos a vaidade dos homens que creem que tudo no universo foi feito para eles, e dos que ousam discutir a existência do Ser supremo. Em alguns séculos, causará espanto que uma religião feita para glorificar a Deus o

ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS

48. Vimos que uma única lei primordial e geral foi dada ao Universo para lhe assegurar a estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por muitas ações particulares que nomeamos forças diretrizes da natureza. Vamos agora mostrar que a harmonia do mundo inteiro — considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço — é assegurada por essa lei suprema.

49. Com efeito, se retornarmos à origem primária das aglomerações primitivas de substância cósmica, notaremos que, sob o império dessa lei, a matéria já sofre as transformações necessárias que levam da semente ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das suas revoluções periódicas; primeiramente, centro fluídico dos movimentos, em seguida gerador dos mundos, e mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem a história do Cosmo; o que importa saber agora é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, pois a morte não é apenas uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e se em sentido literal é certo dizer que a vida só é acessível diante da morte, também é justo acrescentar que a substância deve de toda necessidade passar pelas transformações inerentes à sua composição.

50. Temos aqui um mundo que desde seu berço primitivo percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer; o foco interior da sua existência está extinto e seus próprios elementos perderam sua virtude inicial; os fenômenos da sua natureza — que para sua

---

tenha rebaixado a tão mesquinhas proporções e que ela tenha rejeitado — como sendo a concepção do espírito do mal — as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela sua onipotência, iniciando-nos nos grandiosos mistérios da criação; será ainda maior o espanto quando souberem que essas descobertas foram repelidas porque emancipariam o espírito dos homens e tirariam a preponderância daqueles que se diziam representantes de Deus na Terra.

produção requerem a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo — já não podem mais se manifestar, porque essa alavanca da sua atividade já não dispõe do ponto de apoio que lhe dava toda sua força.

Ora, será que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes sem uma finalidade e passar como cinza inútil pelo vendaval dos céus? Será que permanece inscrita no livro da vida universal, agora que já se tornou letra morta e vazia de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão presidir à desagregação de seus elementos constitutivos para reconduzi-los ao laboratório onde a potência criadora absorve incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter para se assimilarem a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um evento inútil para a Terra e nem para suas irmãs; ela renovará noutras regiões outras criações de uma natureza diferente, e lá onde os sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. Desse modo, a eternidade real e efetiva do Universo fica assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim sendo os mundos sucedem a mundos, sóis sucedem a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas molas.

Lá onde os seus olhos admiram esplêndidas estrelas na abóbada das noites, lá onde o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem sobre espaços longínquos, por um longo tempo o dedo da morte dissipou esses esplendores, por um longo tempo o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e recebeu até novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros — pelo que a luz que eles nos enviam gasta milhares de anos a chegar até nós — faz com que somente hoje recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra, e que

ainda os admiramos durante milhares de anos após a sua desaparição real.[79]

Que são os seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos de séculos? Meros segundos nos vossos séculos. Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Logo, vamos reconhecer aqui, como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem não são nada em comparação com o que existe, e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca findará.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando tivermos habitado por séculos incontáveis esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais distantes domínios das eras futuras tiverem sido percorridos por inúmeras peregrinações, nós teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e teremos a eternidade imóvel como perspectiva.

A VIDA UNIVERSAL

53. Essa imortalidade das almas, cujo sistema de mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade passageira e não entenderam que só ela é verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, podemos tornar

---

[79] Há aqui um efeito do tempo que a luz gasta para atravessar o espaço. Sendo sua velocidade de 70.000 léguas por segundo, ela nos chega do Sol em 8 minutos e 13 segundos. Daí resulta que, se um fenômeno se passa na superfície do Sol, só o percebemos 8 minutos mais tarde, e pela mesma razão ainda o veremos 8 minutos depois de seu desaparecimento. Se, em virtude do seu afastamento, a luz de uma estrela consome mil anos para nos chegar, só mil anos depois da sua formação veremos essa estrela. (Ver, para explicação e descrição completa desse fenômeno, a ***Revista espírita*** de março e maio de 1867, a resenha de *Lúmen*, por C. Flammarion.)

compreensível toda a sua grandeza — eu diria quase toda a perfeição.

54. Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência e que os mundos sejam a morada de seres que os contemplam e lhes descobrem sob o véu o poder e a sabedoria daquele que os formou, essa questão já não nos oferece mais dúvida; mas que as almas que povoam esses mundos sejam solidárias, isso é o que nos convém saber.

55. Com efeito, a inteligência humana mal consegue considerar esses globos radiosos que cintilam na amplidão como simples massas de matéria inertes e sem vida; ela mal consegue sondar que haja nessas regiões distantes magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis férteis e dias plenos de luz, vales e montanhas onde as produções múltiplas da natureza têm desenvolvido toda a sua luxuriante pompa; ela mal consegue imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode revitalizar-se, como em sua própria vida, seja farto da existência e carente de qualquer ser pensante que o possa conhecer.

56. Porém, a essa ideia eminentemente justa da criação, faz-se necessário acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade ainda inapreciada por vocês foram concedidos a esses mundos. ***Se esses astros que se harmonizam nos seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não são assim por seres desconhecidos uns dos outros, mas ao contrário, por seres marcados na fronte do mesmo destino, que hão de se encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e se reencontrar segundo suas mútuas simpatias***; é a grande família de Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. Por qual estranha aberração acreditou-se ser preciso negar à imortalidade

as vastas regiões do éter, quando a confinamos num limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria proceder então da verdadeira doutrina dogmática e a ciência proceder da teologia? Esta, a teologia, se transviará tanto que irá colocar sua base sobre a metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a nova filosofia se sentará triunfante sobre as ruínas da antiga, pois sua base será erguida vitoriosa sobre os antigos erros.

DIVERSIDADE DOS MUNDOS

58. Vocês têm nos acompanhado em nossas excursões celestes, e têm visitado conosco as regiões imensas do espaço. Sob nossas vistas, sóis sucederam sóis, sistemas sucederam sistemas, nebulosas sucederam nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do cosmo se desenrolou diante dos nossos passos e recebemos uma amostra da ideia do infinito, que não poderemos compreender em toda a sua extensão senão seguindo nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter nos desvendaram seu enigma até aqui indecifrável e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas. Cumpre agora nos determos e refletirmos.

59. Sem dúvida, é bom termos reconhecido a infimidade da terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é bom termos abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e sermos humilhado ante a grandeza absoluta; mas será melhor ainda interpretarmos no sentido moral o espetáculo de que temos sido testemunhas. Refiro-me ao poder infinito da natureza e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nas diversas partes do vasto Universo.

60. Acostumados como estamos a julgar as coisas pela nossa pobre e pequena habitação, imaginamos que a natureza não poderia ou não deveria agir sobre os outros mundos exceto segundo as regras que reconhecemos aqui embaixo. Ora, é precisamente nisto que importa reformularmos a nosso conceito.

Lancem por um instante o olhar sobre uma região qualquer do vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza: não reconhecerão aí o cunho de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não veem na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto a prestigiosa fecundidade dessa bela natureza?

Que os vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares os, que desçam à violeta dos prados, que mergulhem nas profundezas do oceano, então em tudo e por toda a parte poderão ler esta verdade universal: A natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é uma una sua harmonia geral, mas múltipla nas suas produções; ela brinca com um sol como com uma gota de água; ela povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que choca o ovo posto pela borboleta do outono.

61. Ora, se tal é a variedade que a natureza nos pôde descrever em todos os recintos deste pequeno mundo tão acanhado e tão limitado, tanto mais vocês devem estender esse modo de ação em pensamento às perspectivas dos vastos mundos! Tanto mais vocês devem desenvolvê-la e reconhecer a pujante extensão aplicando-a a esses mundos maravilhosos que, muito mais do que a terra, atestam sua inconcebível perfeição!

Não vejam, pois, em torno de cada um dos sóis do espaço, sistemas semelhantes ao vosso sistema planetário; não vejam nesses planetas desconhecidos os três reinos da natureza que brilham ao derredor de vocês; mas pensem que, da mesma forma que nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma prodigiosa e inimaginável diversidade se acha espalhada pelas moradas eternas que vogam no seio dos espaços.

Desde que a vossa natureza animada começa no zoófito para terminar no homem, desde que a atmosfera alimenta a vida terrestre, desde que o elemento líquido a renova incessantemente, e desde que as vossas estações fazem suceder nessa vida os fenômenos que as distinguem, não concluam que os milhões e milhões de terras que rolam pela extensão sejam semelhantes a vossa terra; longe disso, elas diferem seguindo as diversas condições que lhes

foram devotadas e seguindo o seu respectivo papel no palco do mundo; são pedrarias variadas de um imenso mosaico, as flores diversificadas de um admirável jardim.

CAPÍTULO VII

Esboço geológico da Terra

PERÍODOS GEOLÓGICOS – ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO – PERÍODO PRIMÁRIO – PERÍODO DE TRANSIÇÃO – PERÍODO SECUNDÁRIO – PERÍODO TERCIÁRIO – PERÍODO DILUVIANO – PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL – NASCIMENTO DO HOMEM

PERÍODOS GEOLÓGICOS

1. A Terra traz em si os traços evidentes da sua formação; acompanhamos suas fases com uma precisão matemática nos diferentes terrenos que compõem sua estrutura. O conjunto desses estudos constitui a ciência chamada ***geologia***, ciência nascida neste século[80] e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da sua origem e da origem dos seres vivos que o habitam. Aqui, não há nada de hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos, e diante dos fatos a dúvida não é permitida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que fala, que se mostra abertamente, e não a imaginação dos homens que criou teorias. Onde vemos traços de fogo, podemos dizer com certeza que ali houve fogo; onde vemos os rastros da água, dizemos com não menos garantia que ali havia água; onde vemos pegadas de animais, podemos dizer que ali viveram animais.

---

[80] Referente ao século XIX — N. T.

Portanto, a geologia é uma ciência toda de observação; só faz deduções daquilo que vê; nada afirma sobre os pontos duvidosos; não emite senão opiniões discutíveis cuja solução definitiva espera por observações mais completas. ***Sem as descobertas da geologia, bem como sem as da astronomia, a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda***. Graças a elas, hoje o homem conhece a história da sua habitação, e a estrutura de fábulas que lhe rodeavam o berço desmoronou para não mais tornar a se erguer.

2. Em todos os terrenos onde existam valas, escavações naturais ou praticadas pelo homem, nota-se o que chamamos ***estratificações***, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de ***terrenos estratificados***. Essas camadas — de uma espessura muito variada, desde alguns centímetros até 100 metros e mais — se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e sobretudo das minas têm permitido lhes observar até uma profundidade bastante grande.

3. As camadas geralmente são homogêneas, quer dizer, cada uma é formada de uma mesma substância, ou de diversas substâncias que existiram juntas e formaram um conjunto compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente sulcada, como nas fiadas de uma construção; em nenhuma parte as vemos se misturar e se perder umas nas outras nos pontos de seus respectivos limites, como ocorre, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris.

Por essas características, nós reconhecemos que elas se formaram sucessivamente depositando-se uma sobre outra nas condições e por causas diferentes; as mais profundas foram naturalmente aquelas que se formaram primeiro, e as mais superficiais foram as posteriores. A derradeira de todas, aquela que se encontra na superfície, é a camada da terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos dos materiais orgânicos provenientes de plantas e animais.

4. As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em geologia o nome de ***rochas***, palavra que, nesse sentido, nem sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, mas significa um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou de terra argilosa, de marna, de seixos rolados; outras são de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármores, a cal, os calcários ou pedras calcárias, as pedras molares, ou carvões de pedra, os asfaltos etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante conforme sua espessura seja mais ou menos considerável.

Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhece-se por sinais certos que algumas provêm de matérias fundidas e às vezes vitrificadas sob a ação do fogo; outras, de substâncias terrosas depositadas pelas águas; algumas dessas substâncias se conservaram desagregadas, como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou por outras causas, endureceram e com o tempo adquiriram a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostas demonstram depósitos sucessivos. Então, o fogo e a água tomaram parte na ação da formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5. A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas provenientes de depósitos aquosos é a direção horizontal. Quando vemos essas planícies imensas, que por vezes se estendem a perder de vista, de uma perfeita horizontalidade, unidas como se tivessem sido niveladas com um rolo, ou esses fundos de vales tão planos quanto a superfície de um lago, podemos estar certos de que, numa época mais ou menos recuada, tais lugares foram por longo tempo cobertos de águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que elas depositaram enquanto ali estacionaram. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se em vez de terras oleosas, limosas, argilosas, ou arenosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas tivessem depositado apenas areias silicosas, sem agregação, teríamos apenas esses planos arenosos e áridos que constituem os pântanos e os desertos. Os depósitos que as inundações parciais deixaram, assim como os depósitos que formam os aterros nas embocaduras dos rios, podem nos dar uma pequena ideia disso.

6. Se bem que a horizontalidade seja a posição normal e a mais generalizada das formações aquosas, vermos frequentemente sobre extensões bastante grandes, nos países montanhosos, rochas duras cuja natureza indica que foram formadas pelas águas, numa posição inclinada e às vezes até vertical. Ora, como segundo as leis do equilíbrio dos líquidos e da gravidade os depósitos aquosos não podem se formar senão em planos horizontais, uma vez que aqueles que surgem sobre planos inclinados são arrastados nas baixadas pelas correntes e pelo próprio peso, fica evidente que esses depósitos devam ter sido levantados por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações podemos concluir com certeza que todas as camadas pedregosas provêm de depósitos aquosos numa posição perfeitamente horizontal foram formadas na sequência dos séculos por águas tranquilas, e que todas as vezes que essas camadas têm uma posição inclinada, é que o solo esteve atormentado e deslocado posteriormente por convulsões generalizadas ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico e da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que oferece, consiste no dos despojos ***fósseis*** de animais e de vegetais encontrados em incontáveis quantidades nas diferentes camadas; e como esses despojos se encontram até nas mais duras pedras, haveremos de concluir que a existência de tais seres é anterior à formação das referidas pedras; ora, se levarmos em conta o prodigioso número de séculos que foram necessários para operar seu endurecimento, e para que elas alcançassem o estado em que se acham desde tempos imemoriais, chegamos a essa conclusão forçada que o aparecimento dos seres orgânicos na Terra se perde na noite das idades e consequentemente é muito anterior à data assinalada pela Gênesis.[81]

---

81 Fóssil, do latim *fossilia, fossilis*, derivado de *fossa*, e de *fodere*, cavar, escavar a terra. Em geologia, essa palavra designa corpos ou despojos de corpos organizados, provenientes de seres que viveram anteriormente às épocas históricas. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que trazem traços da presença de seres organizados, tais como as marcas de vegetais ou de animais.

O termo *petrificado* não é aplicado senão aos corpos transformados em pedra pela

8. Entre os despojos de vegetais e animais, alguns há que foram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma tenha sido alterada, de matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore; essas são as petrificações propriamente ditas. Outros foram apenas envolvidos pela matéria no estado de flacidez; nós os encontramos intactos e alguns inteiros nas mais duras pedras. Outros, enfim, apenas deixaram marcas, mas de uma perfeita nitidez e delicadeza. No interior de certas pedras, são encontradas até marcas de passos, e pela forma de pé, dedos e unhas, reconhece-se de qual espécie o animal é proveniente.

9. Sabe-se que os fósseis de animais dificilmente contêm mais do que partes sólidas e resistentes, isto é, os ossos, as escamas e os chifres; algumas vezes são esqueletos completos, mas na maioria das vezes são apenas partes fragmentadas, embora seja fácil reconhecer sua proveniência. Pela inspeção de uma mandíbula ou um dente, logo se vê se ela pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal têm uma necessária correlação, a forma da cabeça, de uma omoplata, de uma das pernas ou de um pé, é o suficiente para determinar o porte, a forma geral e o gênero de vida do animal.[82] Os animais terrestres têm uma organização que não permite que sejam confundidos com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são extremamente numerosos; às vezes, só as conchas formam bancos inteiros de grande espessura. Pela natureza deles, verificamos sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

---

infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa, quando mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias (como aquelas do racho de Saint-Allyre, perto de Clermont, na Auvergne [região central da França] não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos oriundos de fabricação humana pertencem à arqueologia.

[82] No ponto a que Georges Cuvier levou a ciência paleontológica, frequentemente basta um único osso para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos, e para reconstruí-lo inteiramente.

Nota do tradutor: as pesquisas arqueológicas ficaram muito mais sofisticadas após o surgimento dos estudos a partir do DNA, desde o final da década de 1960.

10. Os cascalhos rolados que em certos lugares formam rochas poderosas são um inequívoco indício da sua origem. Eles são arredondados como os seixos de beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram por efeito das águas. As regiões onde eles se encontram enterrados em massas consideráveis foram incontestavelmente ocupadas pelo oceano, ou por águas violentamente agitadas.

11. Os terrenos de diversas formações, por outro lado, são caracterizados pela natureza própria dos fósseis que eles trazem; as mais antigas contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram inteiramente da superfície do globo. Algumas espécies mais recentes também desapareceram, porém conservaram seus semelhantes, que não diferem da sua estirpe senão pelo porte e por alguns detalhes de forma. Finalmente, outras — das quais nós ainda vemos seus últimos representantes — tendem evidentemente a desaparecer num futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam daquelas que existem hoje.

As perturbações e os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem modificaram suas condições de vitalidade e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. Interrogando a natureza sobre as camadas geológicas, sabemos da maneira mais positiva se, na época de sua formação, a região onde se apresentam era ocupada pelo mar, pelos lagos ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Se, portanto, numa mesma região encontramos uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, muitas vezes repetidos, isso é uma prova irrecusável de que essa região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E quantos séculos de séculos com certeza, ou talvez quantos milhares de séculos não foram precisos para que cada período se completasse! Que força poderosa não foi necessária para deslocar e reposicionar o oceano e levantar

montanhas! Por quantas revoluções físicas e comoções violentas a Terra não teve de passar antes de ser igual a vemos desde os tempos históricos! E pretendem que tudo isso fosse obra de menos tempo do que o necessário para germinar uma planta!

13. Como já foi dito, o estudo das camadas geológicas atesta formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em várias épocas. Essas épocas constituem os chamados ***períodos geológicos*** cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. Contamos seis principais períodos que designamos pelos nomes de: primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período se chamam assim: terrenos primitivos, de transição, secundários etc. Diz-se então que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil se encontram nos terrenos de tal ou tal período.

14. É essencial notarmos que o número desses períodos não é absoluto e que ele depende dos sistemas de classificação. Nos seis principais mencionados acima só se compreendem os que estão assinalados por uma mudança notável e geral no estado do globo; mas a observação prova que muitas formações sucessivas se operaram no tempo da duração de cada um deles; é por isso que os dividimos em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que elevam para vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que vêm de modificações devidas a causas puramente locais.

ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15. O achatamento dos polos e outros fatos conclusivos são indícios certos de que o estado da Terra na sua origem deve ter ficado num estado de fluidez ou de flacidez. Esse estado poderia ter como causa a matéria liquefeita pela ação do fogo ou acharcada pela água.

Diz-se proverbialmente: Não há fumaça sem fogo. Essa proposição

rigorosamente verdadeira é uma aplicação do princípio: Não há efeito sem causa. Pela mesma razão, podemos dizer: não há fogo sem um foco. Ora, pelos fatos que se passam sob os nossos olhos, não é somente fumaça o que se produz, mas é fogo bastante real que há de ter um foco; vindo esse fogo do interior da terra e não do alto, o foco deve estar no interior; o fogo sendo permanente, o foco deve ser igualmente assim.

O calor, que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra e que, a certa distância da superfície, chega a uma temperatura altíssima; as fontes térmicas tanto mais quentes quanto mais vêm de uma maior profundidade; os fogos e as massas de matéria fundida e inflamada que escapam dos vulcões, como por vastos respiradouros, ou por fendas produzidas em certos terremotos, não deixam dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. A experiência demonstra que a temperatura se eleva um grau a cada trinta metros de profundidade, donde se segue que a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água a ferver; a 30.000 metros, ou seja, 7 ou 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí ao centro ainda há um espaço de mais de 1.400 léguas, sendo 2.800 léguas em diâmetro, espaço que seria ocupado por matérias fundidas.

Conquanto isso seja apenas uma hipótese, julgando a causa pelo efeito, ela tem todas as características da probabilidade, e chegamos a essa conclusão de que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de no máximo 25 léguas de espessura, que mal chega à 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos do que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, pois há zonas — sobretudo nos terrenos vulcânicos — onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é pouco considerável. A elevada temperatura das águas termais constitui igualmente o indício de proximidade do foco central.

17. De acordo com isso, torna-se evidente que o estado primitivo de fluidez ou

de flacidez da Terra deve ter sido por causa da ação do calor, e não a da água. Em sua origem, a Terra era então uma massa incandescente. Em consequência da irradiação do calórico[83], ocorreu o que ocorre com toda matéria em fusão: ela pouco a pouco esfriou e o resfriamento começou naturalmente pela superfície, que se endureceu, ao passo que o interior se conservou fluido. Podemos assim comparar a Terra a um bloco de carvão ao sair ardente da fornalha e cuja superfície se apaga e resfria em contato do ar, ao passo que, se o quebrássemos, encontraríamos seu interior ainda abrasada.

18. Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais ou a menos do que hoje; apenas sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais se achavam em estado muito diferente; eles não sofreram mais que uma transformação; em razão do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, dilatado consideravelmente, devia se estendia a uma distância imensa; toda a água, forçosamente transformada em vapor, estava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, tais como os metais, o enxofre, o carbono, achavam-se em estado de gás. O estado da atmosfera não tinha, portanto, nada de comparável ao que é hoje; a densidade de todos esses vapores lhe dava uma opacidade que nenhum raio de sol poderia atravessar. Se um ser vivo pudesse existir na superfície do planeta a essa época, ele não seria iluminado senão pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob os pés e da atmosfera abrasada, e nem sequer suspeitaria da existência do Sol.

---

83 Valendo-se da ciência do seu tempo, aqui Kardec utiliza a ideia do **calórico** como substância, de cuja teoria já caiu em desuso. A chamada **teoria calórica** supunha a existência de um fluido invisível e inodoro, chamado *calórico*, que todos os corpos conteriam em quantidades determinadas em sua composição, que era denominado como o causador das alterações de temperatura até meados do século XIX. Segundo a qual, quanto maior fosse a temperatura de um corpo, maior seria a sua quantidade de calórico, limitada, para cada corpo, a uma quantidade finita. O **calor** — que não é uma substância contida nos corpos, como supunha a teoria calórica — é energia que é transferida entre parcelas de matéria (incluindo sólidos, líquidos, gases e plasmas) em contato, exclusivamente em virtude da diferença de temperaturas entre elas. — N. T.

PERÍODO PRIMÁRIO

19. O primeiro efeito do resfriamento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão, e a formação aí de uma crosta resistente que, a princípio fina, engrossava gradativamente. Essa crosta constitui a pedra chamada ***granito***, de uma extrema dureza, assim denominada pelo seu aspecto granulado. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem um brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica foi, portanto, a primeira que se formou no globo, que ela envolve por inteiro e do qual constitui de certo modo a estrutura óssea; é o produto direto da matéria em fusão consolidada. É sobre ela, e nas cavidades que apresentava sua superfície atormentada, que sucessivamente foram depositadas as camadas de outros terrenos formados posteriormente. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda estratificação; quer dizer: ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente havia de produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas quais essa mesma matéria transbordava.

20. O segundo efeito do resfriamento foi a liquefação[84] de algumas matérias contidas no ar em estado de vapor, as quais se precipitaram na superfície do solo. Então houve aí chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, cobre, chumbo e outros metais fundidos; esses materiais, infiltrando-se pelas fissuras, constituíram os veios e filões metálicos.[85]

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições alternativas; produziram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, porém em massas confusas e sem estratificações regulares.

---

84 Liquefação: transição ao estado líquido de uma substância que se encontra no estado gasoso ou sólido. – N. T.

85 Veios e filões: camadas, riscos, estrias e listras de cores variadas presentes em rochas, pedras, mármores. — N. T.

A seguir, vieram as águas que, tombando sobre um solo ardente, novamente se vaporizavam, recaíam em chuvas torrenciais e assim sucessivamente, até que a temperatura lhes permitiu permanecer sobre o solo em estado líquido.

É na formação dos terrenos graníticos que principia a série dos períodos geológicos. Aos seis períodos principais, seria então conveniente que acrescentarmos o do estado primitivo de incandescência do globo.

21. Esse foi o aspecto do primeiro período, verdadeiro ***caos*** de todos os elementos mesclados procurando sua estabilização onde nenhum ser vivo poderia existir; além disso, um de seus caracteres distintivos em geologia é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal ou animal.

É impossível especificar uma duração determinada a esse período, muito menos quanto aos seguintes; contudo, dado o tempo que uma bala de canhão de um determinado volume e aquecida até o vermelho vivo precisou para que sua superfície fosse resfriada o bastante até que uma gota d'água aí fique em estado líquido, calculou-se que se essa bala tivesse o tamanho da Terra, seria preciso mais de um milhão de anos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

22. No começo do período de transição, a crosta sólida granítica ainda tinha pouca espessura e não oferecia mais que uma fraquíssima resistência à efervescência das matérias abrasadas que ela cobria e comprimia. Produziam-se ali dilatações, despedaçamentos numerosos, por onde se escapava a lava interior. O solo só apresentava desigualdades pouco consideráveis.

Pouco profundas, as águas cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes elevadas, formando terrenos baixos e frequentemente alagados.

O ar pouco a pouco se purgava das matérias as mais pesadas momentaneamente em estado gasoso, e que, condensando-se por efeito do resfriamento, precipitavam-se na superfície do solo, sendo depois arrastadas

e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento para aquela época, deve-se entender essa palavra em sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, pois a temperatura ainda deveria ser ardente.

Os espessos vapores aquosos que se elevavam em toda parte da imensa superfície líquida recaíam em chuvas abundantes e quentes, obscurecendo o ar. No entanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar teve de se expurgar — por estar naturalmente em estado gasoso — foi o ácido carbônico, que então formou uma das suas partes constituintes.

23. A essa época começaram a se formar as camadas de terrenos de sedimento, depositadas pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas apropriadas para a vida orgânica.

Surgem aí os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; a princípio em número reduzido, encontram-se neles traços cada vez mais frequentes à medida que passamos pelas camadas mais elevadas dessa formação. É notável como a vida se manifesta por toda parte tão logo que as condições lhe são propícias, e que cada espécie nasça desde que se produzam as condições próprias à sua existência.

24. Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica sob os nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, liquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas.[86] Ainda não se via ali árvores com tronco lenhoso, mas as do gênero palmeira, cujo caule esponjoso é semelhante ao das ervas.

Os animais desse período, que apareceram em seguida aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos: primeiramente os polipeiros, os raiados, zoófitos, animais de organização simples e por assim dizer

[86] A Biologia de nosso tempo aponta os primeiros seres vivos eram ainda mais simples: unicelulares, bactérias muito primitivas e desprovidas de núcleos. — N. T.

rudimentar, que se aproxima o máximo dos vegetais; mais tarde, vieram os crustáceos e os peixes de espécies que já não existem hoje.

25. Sob o império do calor e da umidade, e por consequência do excesso de ácido carbônico espalhado no ar — gás impróprio para a respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas — os terrenos expostos se cobriram rapidamente de uma vegetação pujante ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas do gênero daquelas que nos dias atuais são simples ervas de alguns centímetros atingiam altura e grossura admiráveis; assim é que havia florestas de fetos arborescentes de 8 a 10 metros de elevação e de uma grossura proporcional; os licopódios (pé de lobo; tipo de musgo) de mesmo porte; cavalinhas[87] de 4 a 5 metros, que hoje mal tem um metro, e uma infinidade de espécies que não existem mais. Ao final do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

26. Como resultado do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram repetidamente submergidos, recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto, por outro lado, os que estavam secos se adornavam de vegetação semelhante. Houve então várias gerações de vegetais alternativamente extintas e renovadas. O mesmo não ocorreu com os animais que, por serem todos aquáticos, não estavam sujeitos a essas alternativas.

Acumulados durante longa série de séculos, esses destroços formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, aquelas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em ***hulha*** ou ***carvão de barro***. As minas de hulha são exatamente o produto direto da decomposição de amontoados de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que são

[87] Planta pantanosa, normalmente chamada *cauda de cavalo*.

encontrados em quase todas as regiões.[88]

27. Os restos fósseis da poderosa vegetação daquela época acham-se hoje sob os gelos das terras polares, bem como na zona tórrida, pelo que é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, igualmente a temperatura havia de ser assim. Portanto, os polos eram cobertos de gelo como é agora. É que então a Terra tirava o calor de si mesma, do fogo central que aquecia de igual modo toda a camada sólida ainda pouco espessa. Esse calor era bem superior ao que podia vir dos raios solares, enfraquecidos de alguma forma pela densidade da atmosfera. Só mais tarde, quando a ação do calor central não pode exercer sobre a superfície exterior do globo mais do que uma ação fraca ou nula, a do Sol se tornou preponderante e as regiões polares — que apenas recebiam raios curvos, portadores de pouquíssimo calor — se cobriram de gelo. Compreende-se que na época de que falamos, e ainda muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

A julgar pelo número e pela espessura das camadas carbonizadas, esse período deve ter sido muito longo.[89]

PERÍODO SECUNDÁRIO

28. Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam essa época — seja porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, seja porque uma série de cataclismos tenha aniquilado tudo que tinha vida na Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para essa transformação, porque, de um lado o estudo

---

88 A turfa [massa de tecidos de várias plantas] se formou da mesma maneira: pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos; mas com a diferença de ser muito mais recente, e sem dúvida, noutras condições, ela não tinha tempo de se carbonizar.

89 Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou sobre uma camada de hulha na espessura de 400 metros 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de vários solos de florestas cujos troncos de árvores ainda estavam guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier).

Não supondo mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68.000 anos só para essa única camada carbonizada.

dos terrenos que marcam o fim desse período atesta grandes convulsões causadas pelos soerguimentos e erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lavas, e, por outro lado notáveis modificações se operaram nos três reinos.

29. O período secundário, sob o aspecto mineral, é caracterizado por numerosas e fortes camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal do que no período precedente, sem dúvida por consequência da diminuição do calor e da umidade, e de modificações sobrevindas dos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas, juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. Os animais ainda são aquáticos, ou no máximo anfíbios; a vida animal sobre a terra alcançou pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas se desenvolve no meio dos mares devido à formação das matérias calcárias; tornam a nascer novos peixes de organização mais aperfeiçoada do que no período precedente; vemos aparecer os primeiros cetáceos. Os mais característicos animais dessa época são os répteis monstruosos dentre os quais se notam:

O ***ictiossauro***, espécie de peixe-lagarto que atingia até 10 metros de comprimento e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, eram armadas de cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e expelia água por aberturas como aquela.

O ***plesiossauro***, outro réptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro e cujo pescoço excessivamente longo dobrava-se como o do cisne e lhe dava a aparência de enorme serpente ligada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; sua pele devia ser lisa, qual a do precedente, porquanto não se lhe descobriu nenhum traço de escamas nem

de carapaça.[90]

O ***teleossauro*** se aproxima mais dos crocodilos atuais, que parecem ser os diminutivos dele; como os últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e na terra; seu tronco era de cerca de 10 metros, dos quais 3 ou 4 só para a cabeça; sua enorme boca tinha 2 metros de abertura.

O ***megalossauro***, grande lagarto, espécie de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento e essencialmente carnívoro, nutria-se de répteis, de pequenos crocodilos e tartarugas. Sua formidável mandíbula era armada de dentes em forma de lâmina de podadeira[91], de gume duplo e recurvados para trás, de tal modo que uma vez enfincados na presa, era impossível de esta se desgarrar.

O ***iguanodonte***, o maior dos lagartos que já apareceram na Terra; tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era dotado de um chifre ósseo semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece que não diferir senão pela forma, já que esse último tem apenas 1 metro de comprimento. O formato dos dentes prova que ele era herbívoro e o dos pés prova que era um animal terrestre.

O ***pterodáctilo***, animal estranho, do tamanho de um cisne, por sua vez tomando parte do réptil pelo corpo, do pássaro pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que lhe religava os dedos de uma espantosa largura e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, tão longos quanto a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminando em ponta como um bico.

31. Durante esse período — que há de ter sido muito longo, como atestam o número e a potência das camadas geológicas — a vida animal teve imenso desenvolvimento no âmago das águas, tal como ocorreu com a vegetação no período que anterior. Mais depurado e mais favorável à respiração, o ar começou a permitir a alguns animais viver sobre a terra. O mar foi várias

---

90 O primeiro fóssil deste animal foi descoberto na Inglaterra em 1823. Depois, outros dele foram achados na França e na Alemanha.

91 Espécie de foice usada em jardinagem para podar plantas — N. T.

vezes deslocado, porém, ao que parece, sem abalos violentos. Com esse período desaparecem por sua vez aquelas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies parecidas, de formas menos desproporcionadas e de porte bem menor.

32. O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para suas necessidades. Mas qual o número dos que lhe servem diretamente, dos que lhe foi possível submeter, comparado ao número incalculável daqueles com os quais ele nunca teve nem nunca terá qualquer contato? Como pode sustentar semelhante tese, em face das inumeráveis espécies que só povoaram a Terra por milhares e milhares de séculos antes mesmo que ele aí surgisse e que afinal desapareceram? Pode-se afirmar que elas foram criadas em seu proveito? Contudo, todas as espécies tinham a sua razão de ser, sua utilidade. Certamente, Deus não as poderia criar por um capricho da sua vontade e para em seguida se dar ao prazer de aniquilá-las, pois que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que objetivo ele o fez? Esse objetivo deve ter sido soberanamente sábio, embora ainda o não compreendamos. Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo, para confusão do seu orgulho; mas enquanto isso, quanto as ideias se ampliam diante os novos horizontes dos quais agora lhe é permitido mergulhar a vista ante o espetáculo imponente dessa criação, tão majestosa na sua lentidão, tão admirável na sua previdência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

PERÍODO TERCIÁRIO

33. Com o período terciário, começa para a Terra uma nova ordem de coisas; a situação da sua superfície muda completamente de aspecto; as condições de vitalidade se modificam profundamente e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período são marcados por uma interrupção da produção vegetal e animal; tudo revela traços de uma destruição quase geral dos seres vivos, e depois aparecem sucessivamente novas espécies cuja

organização mais perfeita se adapta à natureza do meio onde são convidados a viver.

34. Durante os períodos anteriores, em virtude da sua pequena espessura a crosta sólida do globo apresentou — como já dissemos — uma resistência muito fraca à ação do fogo interior; esse envoltório, facilmente despedaçado, permitiu as matérias em fusão se derramar livremente pela superfície do solo. Não ocorreu o mesmo quando ela adquiriu certa espessura; as matérias abrasadas e comprimidas de todos os lados — como a água em ebulição num vaso fechado — acabaram por produzir um tipo de explosão; a massa granítica, violentamente quebrada numa multidão de pontos, ficou sulcada de fendas como um ***vaso rachado***. No ***percurso dessas fendas*** a crosta sólida, levantada e reajustada formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Algumas partes não rasgadas do envoltório ficaram simplesmente levantadas, enquanto em outros pontos se produziram depressões e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito irregular; as águas, que até aquele momento a cobriam de uma maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram arrastadas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes ou cumes isolados de montanhas que formaram as ilhas.

Eis o grande fenômeno que se realizou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não se produziu nem instantaneamente nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos longas.

35. Como já foi dito, uma das primeiras consequências desses levantamentos foi a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais e conservadas nessa última posição onde quer que o solo não fosse abalado. Foi, portanto, nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações mais se pronunciaram.

36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a sua horizontalidade, para se chegar às da primeira formação, é preciso atravessar

todas as outras até uma considerável profundidade, ao fim da qual inevitavelmente encontramos a rocha granítica. Mas quando essas camadas se ergueram em montanhas, elas foram elevadas acima do seu nível normal, indo às vezes até uma grande altura, de tal modo que se fosse feito um corte vertical no flanco da montanha, elas mostrar-se-iam em toda a sua espessura e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que se encontra grandes elevações de bancos consideráveis de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Está perfeitamente comprovado hoje que em nenhuma época o mar pôde alcançar tal altura, pois todas as águas existentes na Terra não bastariam, mesmo que ainda cem vezes mais. Então teríamos de supor que a quantidade de água diminuiu, mas aí caberia perguntar no que se tornou a porção desaparecida. Os levantamentos — que hoje são um fato incontestável — explicam de uma maneira tão lógica quanto rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas.[92]

37. Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu uma completa rasgadura do solo — seja pela sua rapidez, seja pela forma, a altura e o volume da massa soerguida — o granito mostrou-se descoberto, ***como um dente que perfura a gengiva***. Levantadas, quebradas e arrumadas, as camadas que o revestiam ficaram a céu aberto: é assim que terrenos pertencentes às mais antigas formações e que na posição primitiva se achavam a uma grande profundidade formam hoje o solo de certas regiões.

38. Deslocada por efeito dos erguimentos, a massa granítica deixou em alguns sítios fissuras por onde se escapa o fogo interior e se escoam as matérias em fusão: os vulcões. Os vulcões são como que chaminés da imensa fornalha, ou, melhor ainda, ***válvulas de segurança*** que, dando vazão ao excesso das matérias ígneas, preservam de comoções muito mais terríveis; daí podermos dizer que o número de vulcões em atividade é uma questão de segurança para o conjunto da superfície do solo.

---

[92] Foram encontradas camadas de calcário de concha nos Andes da América, a 5.000 metros acima do nível do oceano.

Podemos fazer uma ideia da intensidade desse fogo supondo que os vulcões se abrem até no meio dos mares e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é o suficiente para cessá-los.

39. As convulsões operadas na massa sólida necessariamente deslocaram as águas, que foram empurradas de volta para as partes esburacadas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pelos afundamentos. Mas esses mesmos baixios, por sua vez soerguidos ora num lugar e ora noutro, expulsaram as águas, que refluíram para outros lugares, e assim por diante até que estas pudessem tomar uma base mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida forçosamente araram e remoeram a superfície do solo. As águas, escoando-se, arrastaram consigo uma parte dos terrenos de formações anteriores postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram algumas montanhas que elas recobriam e deixaram à mostra a sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados enquanto outros eram aterrados.

Portanto, há montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central: estas são principalmente as montanhas graníticas; outras são formadas devido a ação das águas, que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, escavaram vales em torno de uma base resistente, calcária ou outra.

As matérias carregadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distinguem das dos períodos precedentes, menos pela composição — que é quase a mesma — do que pela disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário — formadas sobre uma superfície pouco acidentada — são mais ou menos uniformes por toda a Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre uma base muito desigual e pela ação impulsionadora das águas, têm um caráter mais local. Por toda parte, escavacando a certa profundidade, encontramos todas as camadas anteriores na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário, nem todas as suas camadas.

40. Durante os reviramentos do solo ocorridos no princípio deste período, entendemos que a vida orgânica teve que passar por algum tempo de repouso, o que se reconhece pela comprovação de terrenos sem fósseis. Porém, desde que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. Modificadas as condições de vitalidade e a atmosfera sendo mais depurada, viu-se formar novas espécies com organização mais perfeita. Sob o ponto de vista da sua estrutura, as plantas pouco diferem das de hoje.

41. Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas ofereciam pouca extensão e ainda assim eram pantanosos e ficavam frequentemente submersos; é por isso que não havia mais do que animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual vários continentes se formaram, é caracterizado pelo aparecimento dos animais terrestres.

Do mesmo modo que o período de transição assistiu ao nascimento de uma vegetação colossal e o período secundário de répteis monstruosos, este aqui vê produzirem-se mamíferos gigantescos, tais como o ***elefante***, o ***rinoceronte***, o ***hipopótamo***, o ***paleotério***, o ***megatério***, o ***dinotério***, o ***mastodonte***, o ***mamute*** etc. Esses dois últimos, variedades de elefante, tinham de 5 a 6 metros de altura e suas presas atingiam até 4 metros de comprimento. Esse período igualmente viu nascerem os pássaros, bem como à maioria das espécies animais que ainda hoje existem. Algumas das espécies dessa época sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, designadas genericamente de animais ***antediluvianos***, desapareceram completamente ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos pesadas e menos maciças, cujos primeiros tipos foram como que esboços; são eles: o ***felis speloea***, animal carnívoro do tamanho de um touro, tendo as características anatômicas do tigre e do leão; o ***cervus megaceron***, variedade do cervo, cujos chifres de 3 metros de comprimento eram espaçados de 3 a 4 metros nas suas extremidades.

PERÍODO DILUVIANO

42. Esse período foi marcado por um dos maiores cataclismos que reviraram

o globo, modificando mais uma vez o aspecto da superfície e destruindo sem retorno uma imensidade de espécies vivas, das quais restam apenas despojos. Por toda a parte ele deixou traços que atestam a sua generalidade. As águas, violentamente arremessadas fora de seus leitos, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados em geologia pelo nome de ***terrenos diluvianos***.

43. Um dos traços mais significativos desse grande desastre são os penedos[93] chamados ***blocos erráticos***. Assim são chamados os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a muitas centenas de léguas das montanhas donde foram arrancados. É evidente que eles só puderam ser transportados a tão grandes distâncias pela violência das correntes.[94]

44. Outro fato não menos característico e cuja causa ainda não está explicada é o de que é nos terrenos diluvianos que encontramos os primeiros ***aerólitos***; pois foi somente a essa época que eles começaram a cair; a causa que os produz então não existia anteriormente.

45. Foi também por essa época que os polos começaram a se cobrir de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica uma notável mudança na temperatura da Terra. Essa mudança deve ter sido súbita, porque se tivesse sido operada gradualmente os animais — como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que são encontrados no estado fóssil em tão grande número nas terras polares — teriam tido tempo de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Ao contrário, tudo prova que eles provavelmente foram pegos bruscamente por uma grande friagem e

---

93 Penedo: grande massa de rocha expostas nas encostas, no alto de um morro, bem como nos mares e no leito de rios e lagos. – N. T.

94 Um desses blocos — pela sua composição, provindo evidentemente das montanhas da Noruega — serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo.

envolvidos pelos gelos.[95]

46. Este foi então o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão divididas quanto às causas que devam tê-lo produzido, mas quaisquer que elas sejam, o fato é que ele existiu.

A suposição mais comum é a de que ocorreu uma mudança ***brusca*** na posição do eixo e dos polos da terra: daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se a mudança tivesse sido operada lentamente, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem abalos, ao passo que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Pela ignorância quanto à verdadeira causa, não podemos emitir mais do que hipóteses.

O deslocamento súbito das águas também pode ter sido ocasionado pela elevação de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no seio dos mares, assim como se deu no começo do período terciário; mas, além de que o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança subitânea da temperatura dos polos.

47. Na tormenta causada pelo deslocamento das águas, muitos animais desapareceram; outros, para escapar da inundação, se retiraram para os lugares altos, para as cavernas e fendas, onde pereceram em massa — seja de fome, seja devorando-se uns aos outros, ou ainda talvez pela irrupção das águas nos sítios onde eles tinham se refugiado e donde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que são encontrados misturados em certas cavernas, que por essa razão são chamadas ***brechas*** ou ***cavernas ósseas***. Elas são encontradas muitas das vezes sob as estalagmites. Em algumas dessas, as

---

[95] Em 1771, o naturalista russo Pallas [Peter Simon Pallas (1741–1811) encontrou em meio aos gelos do Norte o corpo inteiro de um mamute revestido da pele e conservando uma parte das suas carnes. Em 1799, descobriu-se outro, igualmente confinado num enorme bloco de gelo, na embocadura do Rio Lena, na Sibéria, e que foi descrito pelo naturalista Adams. Os povos iacutos das circunvizinhanças lhe despedaçaram as carnes para alimentar seus cães. A pele estava coberta de pelos negros e o pescoço o guarnecia com uma espessa crina. A cabeça sem as presas, que mediam mais de 3 metros, pesava mais de 400 quilos. Seu esqueleto está no museu de São Petersburgo. Nas ilhas e nas bordas do mar glacial encontra-se tão grande quantidade de presas que elas fazem objeto de considerável comércio, sob o nome de marfim fóssil ou de Sibéria.

ossadas parecem ter sido arrastadas até ali pela correnteza das águas.[96]

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL – NASCIMENTO DO HOMEM

48. Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do planeta, a vida vegetal e animal prontamente retomou o seu curso. Já consolidado, o solo assumiu uma formação mais estável; o ar mais purificado tornou-se conveniente para órgãos mais delicados. O Sol, brilhando com todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia com a luz um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis; mais suculentos, os vegetais proporcionavam alimentação menos grosseira; enfim, tudo se achava preparado na Terra para o novo hóspede que viria habitá-lo. Apareceu então o ***homem*** — o derradeiro ser da criação, aquele que dali em diante contribuiria com sua inteligência para o progresso geral, à medida que ele próprio progride.

49. O homem só teria existido na Terra depois do período diluviano ou já teria surgido antes dessa época? Esta é uma questão muito controversa atualmente, mas a sua solução — seja qual for — não mudaria o conjunto dos fatos estabelecidos, e a aparição da espécie humana não seria inferior a muitos milhares de anos antes da data assinalada pela Gênesis bíblica.

O que tem feito que se pense que a aparição dos homens é posterior ao dilúvio é o fato de se não ter encontrado vestígio autêntico da sua existência no período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares e que geraram a crença na existência de uma raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como ossada de elefantes.

O que não se pode duvidar é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, não só porque não foi

---

[96] Conhecemos um grande número de cavernas semelhantes, algumas delas de uma extensão considerável. Existem várias no México que têm muitas léguas; a de Aldesberg, em Carniola (Áustria) não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Würtemberg. Há diversas delas na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília [Itália] e outros países da Europa.

encontrado nenhum traço dele, mas também porque as condições de vitalidade não existiam para ele. Se ele surgiu no período terciário, só pode ter sido no fim do período, e ainda assim teria pouco se multiplicado.

De resto, por ter sido curto, o período diluviano não trouxe mudanças marcantes nas condições atmosféricas; os animais e os vegetais eram os mesmos antes e depois; logo, não há impossibilidade para que a aparição do homem tenha precedido esse grande cataclismo; a presença do macaco naquela época está hoje constatada, e descobertas recentes parecem confirmar a do homem.[97] [98]

Seja como for, que o homem tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que o seu papel humano começou realmente a ser esboçado somente no período pós-diluviano; portanto, podemos considerá-lo como caracterizado pela presença do homem.

---

97 Ver: *l'Homme antédiluvien [O Homem Antediluviano]* de Boucher de Perthes; – *Des outils de pierre [Os Instrumentos de Pedra]* do mesmo autor; – *Discours sur les révolutions du globe [Discursos sobre as Revoluções do Globo]* de Georges Cuvier, com notas do Dr. Hœfer.

98 O *homem*, ou a *espécie humana* caracterizada pela ciência atual, é a evolução do gênero *Homo*, da família dos Hominídeos, que abrange outros gêneros de grandes primatas (Chimpanzés, Gorilas e Orangotangos), sendo a espécie *Homo sapiens* (homem sábio) o seu último estágio evolutivo, cujo surgimento é datado de aproximadamente 300 mil anos atrás. Porém, este *homo moderno* vem de uma linhagem muito mais antiga, passando pelas espécies *Homo neanderthalensis* (há cerca de 400 mil anos), *Homo erectus* (há 1,8 milhões de anos a 200 mil anos) e *Homo habilis* (há 2,2 milhões a 780 mil anos) e remontado a 4 milhões de anos quando surgiram os primeiros hominídeos. Desta forma, estima-se que a origem humana corresponda ao Plioceno, a última época do período Terciário. — N. T.

CAPÍTULO VIII

Teorias da Terra

TEORIA DA PROJEÇÃO – TEORIA DA CONDENSAÇÃO – TEORIA DA INCRUSTAÇÃO – ALMA DA TERRA

TEORIA DA PROJEÇÃO

1. De todas as teorias referentes à origem da Terra, a que teve mais aceitação nestes últimos tempos foi a de *Buffon*[99] — seja por causa da posição de seu autor no mundo sábio, seja porque não se sabia mais do que isso naquela época.

Vendo todos os planetas se mover na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano percorrendo órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, Buffon concluiu por essa uniformidade que elas deveriam ter sido postas em movimento pela mesma causa.

Segundo ele, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, supôs que um cometa tenha se chocado obliquamente com ele, raspando sua superfície, tendo desprendido dele uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, dividiu-se em vários fragmentos. Esses fragmentos formaram os planetas, que continuaram a se mover circularmente pela combinação da força centrífuga e da força centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Assim, os planetas seriam partes da substância incandescente do Sol e, por conseguinte, elas próprias também teriam sido incandescentes em sua

---

[99] Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788): cientista francês, um dos pioneiros no estudo da origem das espécies. – N. T.

origem. Elas demoraram a se resfriar e a se consolidar por um tempo proporcional ao seu volume, e, quando a temperatura o permitiu, a vida brotou na sua superfície.

Em razão da gradual diminuição do calor central, num certo tempo a Terra teria chegado a um estado completo de resfriamento; a massa líquida se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. A redução da temperatura, tornando a vida impossível, acarretaria a diminuição e depois o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começara pelos polos, pouco a pouco ganharia todas as regiões até o Equador.

Segundo Buffon, tal é o estado atual da Lua que, sendo menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto e do qual a vida desde então se acha excluída. O próprio Sol viria a ter o mesmo destino um dia. De acordo com seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, e dentro de 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

2. Contraditada pelas novas descobertas da ciência, a teoria de Buffon está hoje quase completamente abandonada pelos motivos seguintes:

1°. Durante longo tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos cuja colisão com um planeta podia ocasionar a destruição deste último. Nessa hipótese, a suposição de Buffon não tinha nada de improvável. Porém agora sabemos que os cometas são formados de uma matéria gasosa condensada, tão rarefeita que se pode perceber estrelas de grandeza mediana através de seus núcleos. Nessas condições, oferecendo menos resistência do que o Sol, um choque violento capaz de arremessar ao longe uma porção da sua massa é uma coisa impossível.

2°. A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que nada até o presente vem confirmar, e que, ao contrário, as observações parecem desmentir. Se bem ainda não esteja completamente definida quanto à sua natureza, a força dos meios de observação de que dispomos atualmente tem permitido estudá-la melhor. Hoje em dia, geralmente é admitido pela ciência que o Sol é um globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera

luminosa — ou fotosfera — que não está em contato com sua superfície.[100]

3°. No tempo de Buffon, só se conhecia os seis planetas já conhecidos pelos: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, foram descobertos um grande número de outros, dos quais especialmente três — Juno, Ceres e Palas — têm suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não está de acordo com a hipótese de um único movimento de projeção.

4°. Os cálculos de Buffon acerca do resfriamento foram completamente reconhecidos como inexatos desde a descoberta da lei do decrescimento do calor, pelo Sr. Fourier[101]. A Terra não precisou de apenas 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.

5°. Buffon não considerou mais do que o calor central da Terra, sem levar em conta o dos raios solares; ora, sabe-se hoje que, pelos dados científicos de rigorosa precisão obtidos pela experiência, em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não tem desde há muito tempo mais do que uma parcela insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que essa atmosfera sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (ver cap. VII, nº 25). O efeito dessa causa sendo permanente, ao passo que o do calor central é nulo ou quase nulo, a diminuição deste nada pode trazer à superfície da Terra além de sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento geral, seria necessária a extinção do Sol.[102]

TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que

---

[100] Encontramos uma dissertação completa e à altura da ciência moderna sobre a natureza do Sol e dos cometas em *Études et lectures sur l'astronomie [Estudos e Leituras sobre a Astronomia]*, de Camille Flammarion.

[101] Jean-Baptiste Joseph Fourier (1768-1830) físico e matemático francês. – N. T.

[102] Para mais detalhes sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor, veja: *Lettres sur les révolutions du globe [Cartas acerca das revoluções do globo]*, pelo Dr. Bertrand, ex-aluno da Escola Politécnica, carta II. – Esta obra, à altura da ciência moderna, escrita com simplicidade e sem espírito de sistema, oferece um estudo geológico de grande interesse.

presentemente prevalece na ciência, como sendo aquela que é a mais bem justificada pela observação, a que resolve o maior número de dificuldades e a que se apoia, mais do que todas as outras, sobre o grande princípio da unidade universal. É a que está descrita logo atrás, no cap. VI, *Uranografia geral*.

Como se vê, essas duas teorias conduzem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o aparecimento da vida orgânica logo que a temperatura a tornou possível. Todavia, elas diferem em pontos essenciais, e é provável que se Buffon tivesse vivido em nossos dias, ele teria outras ideias.

A Geologia toma a Terra do ponto em que é possível a observação direta. Estando além da experimentação, seu estado anterior não pode ser mais do que hipotético; ora, entre duas hipóteses, o bom-senso diz que devemos escolher aquela que é sancionada pela lógica e que melhor concorda com os fatos observados.

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. Mencionamos esta teoria apenas para registro, já que nada tem de científica, mas unicamente porque ela conseguiu certa repercussão nesses últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Ela está resumida na carta seguinte:

> "Segundo a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis aqui o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de respeitabilidade que remontaram à origem da Terra a milhões de anos, e, portanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também; e foi um simples camponês[103] quem os pôs de acordo nos ensinando que a nossa Terra não é mais do que um planeta ***incrustativo*** muito moderno, composto de materiais bem antigos.
>
> "Após o arrebatamento do ***planeta desconhecido***, que chegou à maturidade

[103] Miguel de Figagnères, autor de *la Clef de la vie [A chave da vida]*.

ou em harmonia com o que existiu no lugar que ocupamos hoje, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir seus satélites para formar o nosso globo atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros consentiram com a associação que lhes foi proposta; somente a Lua persistiu na sua autonomia, visto que ***também os globos têm o seu livre-arbítrio***. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles trouxeram para a comunidade. A operação teve por testemunhas só a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Feita a soldagem, as águas se escoaram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram e começaram o despertar ou a ressurreição das ***sementes catalépticas***; o homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao derredor dele. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta ***Ásia*** nos trouxe a raça amarela, a mais antiga civilização; a ***África***, a raça negra; a ***Europa***, a raça branca e a ***América***, a raça vermelha. A Lua talvez nos teria trazido a raça verde ou azul.

"Assim, certos animais, dos quais só encontramos os restos, nunca teriam vivido na nossa Terra atual, mas teriam sido trazidos de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis que encontramos em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, sem dúvida viviam em zonas muito diferentes, nos globos onde nasceram. Tais despojos, que viviam no Equador da morada deles, encontram-se nos nossos polos."

5. Essa teoria tem contra si os dados mais concretos da ciência experimental, além de que ela deixa por insolúvel a questão da origem que ela pretende resolver. Ela diz bem como a Terra seria formada, mas não diz como foram formados os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas tivessem acontecido assim, por que será que não encontramos em nenhuma parte os traços daquelas imensas soldas, indo até as entranhas do globo? Cada um daqueles mundos trazendo seus próprios materiais, Ásia, África, Europa e a América teriam cada qual uma geologia particular e diferente, ***o que não é correto***. Ao contrário, nós vemos inicialmente o núcleo granítico uniforme, de uma composição homogênea em

todas as partes do globo, ***sem solução de continuidade***. Depois, as camadas geológicas de mesma formação, idênticas na sua constituição e em toda parte superpostas na mesma ordem, continuando sem interrupção de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas — testemunhas das transformações do globo — atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não apenas numa parte; elas nos mostram os períodos de aparecimento, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses períodos recuados marcham simultaneamente por toda parte sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando de caráter por toda parte à medida que a temperatura se modifica. Tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de vários mundos diferentes.

Pergunta-se, aliás, o que seria do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse relutado em se reunir com suas irmãs; o que viria a ser da Terra atual se um dia a Lua tivesse a fantasia de vir retomar seu lugar e daí expulsar o mar?

6. Essa teoria seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a sua localização; porém, uma vez que essas raças puderam germinar em mundos separados, por que não teriam podido se desenvolver em pontos diversos de um mesmo globo? Isso é querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade bem maior. Com efeito, quaisquer que fossem a rapidez e a ***destreza*** com que fosse feita a ***operação***, essa adjunção não poderia se realizar sem abalos violentos; quanto mais rápida ela fosse, tanto mais desastrosos teriam sido os cataclismos; então parece impossível que seres ***simplesmente mergulhados em sono paralítico*** tenham podido resistir-lhes, para em seguida despertarem tranquilamente. Se fossem unicamente germes, em que consistiam eles? Como é que seres inteiramente formados teriam sido reduzidos ao estado de gérmens? Restaria sempre a questão de saber como esses gérmens se desenvolveram novamente. Ainda aí, teríamos a Terra formada por via miraculosa, mas por outro processo menos poético e menos grandioso do que o da Gênese bíblica,

ao passo que as leis naturais dão uma explicação da sua formação muito mais completa e sobretudo mais racional, deduzida da observação.[104]

ALMA DA TERRA

7. A alma da terra desempenhou papel principal na teoria da incrustação; vejamos se esta ideia é mais bem fundamentada.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual; o organismo se completa à medida que as faculdades da alma se multiplicam; a escala orgânica acompanha constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e não podia ser de outro modo, pois que falta à alma um instrumento apropriado à importância das funções que lhe compete desempenhar. De que serviria à ostra possuir a inteligência do macaco sem os órgãos necessários para sua manifestação? Se, portanto, a terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, em razão mesmo da sua constituição, sua alma deveria ser ainda mais ***rudimentar*** do que a do pólipo, visto que a terra não tem sequer a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, fizeram dela um ser dotado de razão e de um livre-arbítrio mais completo, enfim um Espírito superior — o que não é racional, porque nenhum Espírito jamais teria sido mais mal distribuído e mais aprisionado. Entendida neste sentido, a ideia da alma da terra deve então ser colocada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Por alma da terra, podemos entender, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção

---

104 Quando uma teoria como essa se liga a toda uma cosmogonia, é de se perguntar sobre qual base racional o resto pode se assentar.

A concordância que se pretende estabelecer por esse sistema, entre a Gênese bíblica e a ciência, é inteiramente ilusória, porque é contradita pela própria ciência.

O autor da carta supracitada, homem de grande saber, um instante seduzido por essa teoria, logo viu seus lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da ciência.

dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que não pode ser atribuída senão a um ser eminentemente superior em conhecimento e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da terra, porquanto ele não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material; é um chefe preposto à sua direção, como um general é preposto à condução de um exército.

Um Espírito, encarregado de uma missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou Deus seria bem imprevidente por confiar a execução de suas leis a seres capazes de contrariá-las por sua má vontade; ora, segundo a doutrina da incrustação, seria a má vontade da alma da lua é que teria causado que a terra ficasse incompleta. Há ideias que se refutam a si mesmas. (***Revista espírita***, setembro de 1868.)

CAPÍTULO IX

Revoluções do globo

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS – IDADE DAS MONTANHAS – DILÚVIO BÍBLICO – REVOLUÇÕES PERIÓDICAS – CATACLISMOS FUTUROS – AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DO VOLUME DA TERRA

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo em consequência das suas transformações; mas, com exceção do período diluviano, que traz características de uma convulsão repentina, todos os demais transcorreram lentamente e sem transição brusca. Durante todo o tempo em que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições, as mutações tiveram de ser generalizadas; uma vez consolidada a base, só foi preciso se produzir modificações parciais na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou um grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Como no tocante às outras, duas causas contribuíram aí: o fogo e a água.

O fogo: seja por erupções vulcânicas que enterraram os terrenos próximos para baixo de grossas camadas de cinzas e lavas, fazendo desaparecer cidades e seus habitantes; seja por terremotos; seja por soerguimentos da crosta sólida, recuando as águas para as regiões mais baixas; seja pelo afundamento dessa mesma crosta em certos lugares, em maior ou menor extensão, para onde as águas se precipitaram, deixando

outros terrenos descobertos. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes foram separadas e formaram ilhas, que braços de mar, postos a seco, reuniram ilhas e continentes.

A água: seja por irrupção ou a retraimento do mar em algumas costas; seja por desmoronamentos que, retendo as correntes d'água, formaram os lagos; seja por transbordamentos e inundações; seja, enfim, pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Esses aterros, retendo o mar, criaram outros territórios: tal é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camargo[105] e de tantos outros.

IDADE DAS MONTANHAS

3. Com a inspeção dos terrenos rasgados pelo erguimento das montanhas e das camadas que formam suas sustentações, podemos determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas, não devemos entender o número de anos da existência delas, mas o período no qual elas se formaram e consequentemente sua antiguidade relativa. Seria um erro acreditar que essa antiguidade seja em razão da sua elevação ou da sua natureza exclusivamente granítica, uma vez que a massa de granito, ao se levantar, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Assim foi constatado, pela observação, que as montanhas dos Vosges na Bretanha e da Costa do Ouro na França — que não são muito elevadas — pertencem às mais antigas formações; elas datam do período de transição e são anteriores aos depósitos de carvão. A Cordilheira do Jura se formou em meados do período secundário e é contemporânea dos répteis gigantes. Os Pirineus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam

---

105 Não tão importante e conhecido como o Rio Nilo, mas também importante, o Rio Ródano (*Rhône* em francês) foi na Antiguidade a principal rota comercial para os povos da Europa e do Mediterrâneo; começa nasce na Suíça e, chegando em Arles, França, divide-se em dois braços ali formando o delta Camargo (*Camargue* em francês) fluindo ambos para desembocar no Mar Mediterrâneo. — N. T.

de meados do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, pois só foram formados perto do fim do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são inclusive posteriores ao período diluviano ou são contemporâneas deste.

Essas elevações devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios.[106]

DILÚVIO BÍBLICO

4. O dilúvio bíblico — também designado como o grande dilúvio asiático — é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deve ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como aquele do México. O que vem apoiar esta opinião é a existência de um mar interior que outrora ia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov e o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se comunique com nenhum outro mar; o Lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as planícies da Rússia parecem ser restos daquele antigo mar. Após o levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, uma parte dessas

---

106 O século passado [correspondente ao século XVIII] registrou um exemplo memorável de um fenômeno desse gênero. A seis dias de caminhada da cidade de México, existia em 1750 uma região fértil e bem cultivada, onde se cultivava em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos terremotos agitaram o solo, e esse terremotos se renovaram continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, a terra sofreu uma violenta convulsão; um terreno de muitas léguas de extensão ergueu-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar ao sopro da tempestade; milhares de montículos se elevavam e afundavam alternativamente; afinal, um golfo de aproximadamente 3 léguas se abriu; fumaça, fogo, pedras esbraseadas e cinzas foram lançadas de lá a uma espantosa altura. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, dentre as quais o vulcão ao qual foi dado o nome de *Jorullo* se eleva atualmente a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começou o tremor do solo, os dois rios *Cuitimba* e *San Pedro*, recuando, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo Jorullo; contudo, no terreno, que se elevava continuamente, outro golfo se abriu e os engoliu. Eles reapareceram mais tarde a oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Louis Figuier, *La Terre avant le déluge [A Terra antes do dilúvio]*, pág. 370).

águas foi reprimida para o norte, na direção do oceano Boreal; a outra parte foi ao meio, em direção ao oceano Índico. Estas últimas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, um fato atualmente comprovado é o de que ele foi apenas local; que ele não pode ter sido causado pela chuva, pois, por mais abundante e prolongada que ela tenha sido por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade d'água caída não podia ser o bastante para cobrir ***toda a terra***, até acima das montanhas mais altas.

Para os homens daquela época, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia da sua configuração, desde o instante em que a inundação havia invadido os países conhecidos, para eles a Terra inteira teria sido inundada. Se juntarmos a essa crença a forma imaginosa e exagerada própria do estilo oriental, já não nos será surpresa o exagero da narração bíblica.

5. O dilúvio asiático evidentemente é posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele está conservada pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram nas suas teogonias[107].

Ele é também posterior ao grande dilúvio universal que marcou o início do período geológico atual; e quando falamos de homens e de animais antediluvianos, referimo-nos a este primeiro cataclismo.

---

[107] A lenda indiana sobre o dilúvio traz, de acordo com o livro dos Vedas, que Brahma, transformado em peixe, dirige-se ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe diz: "O momento da dissolução do Universo chegou; logo tudo o que existe sobre a Terra será destruído. É preciso que tu construas um navio no qual embarcarás após ter tomado contigo sementes de todos os vegetais. Esperarás por mim neste navio, e eu irei a ti portando na minha cabeça um chifre que me fará reconhecido." O santo obedece; ele construiu um navio, embarcou nele e prendeu um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi arrastado por vários anos com uma extrema rapidez no meio da escuridão de uma terrível tempestade, e finalmente desembarcou no cume do Monte Himawat (Himalaia). Brahma então recomendou a Vaivaswata criar todos os seres e repovoar a terra.

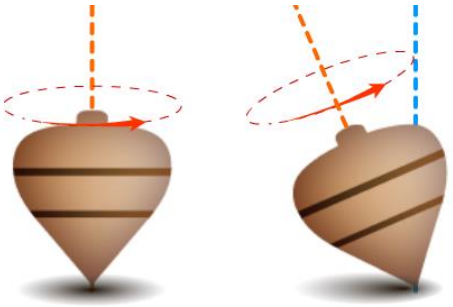
A analogia dessa lenda com a história bíblica de Noé é impressionante; da Índia ela vai passar para o Egito, como uma série de outras crenças. Ora, como o livro dos Vedas é anterior ao de Moisés, o relato do dilúvio que ali se encontra não pode ser uma imitação deste último. Portanto, é provável que Moisés — que havia estudado as doutrinas dos sacerdotes egípcios — tenha tirado a sua dentre eles."

REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6. Além do seu movimento anual em torno do Sol — que produz as estações — e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas — que produz o dia e a noite — a Terra tem um terceiro movimento que se completa em aproximadamente 25 mil anos (mais exatamente 25.868 anos) e que produz o fenômeno denominado em astronomia com o nome de ***precessão dos equinócios***. (cap. V, item 11).

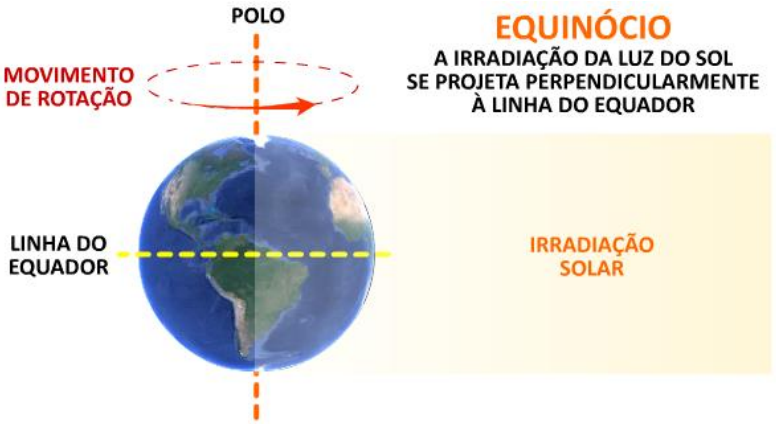
Esse movimento — que seria impossível explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica — consiste em um tipo de oscilação circular que comparamos com a de um pião se enfraquecendo, em virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.

Nota desta tradução: demonstração gráfica de um pião em plena velocidade de rotação e mantendo seu eixo de rotação na vertical, depois, quando perdendo velocidade, inclinando o eixo de rotação:



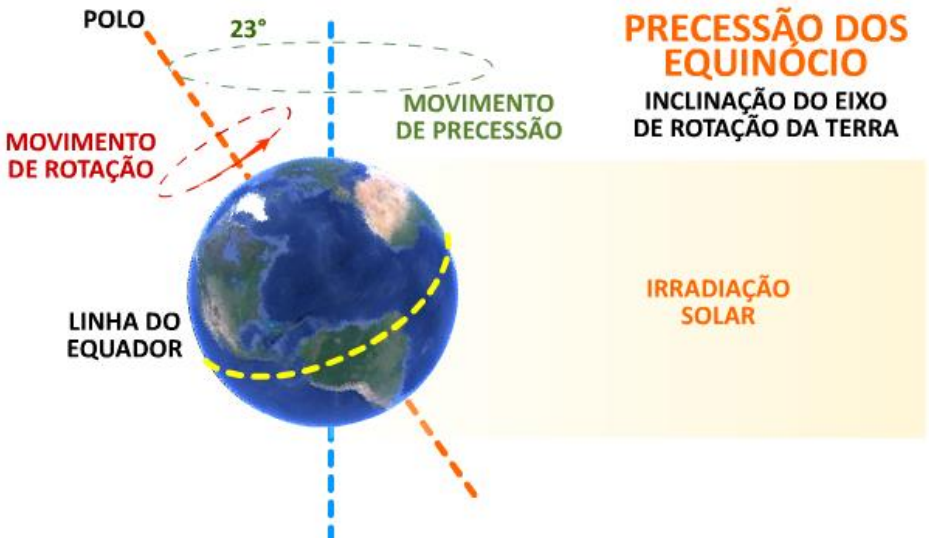
7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicularmente à linha do equador, o que acontece duas vezes por ano: a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Nota desta tradução: demonstração gráfica da posição da Terra em relação à órbita solar no Equinócio.



Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na inclinação da linha do equador sobre a eclíptica, o instante do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de ***precessão dos equinócios*** (do latim *proecedere*, caminhar para diante, composto de *proe*, adiante e *cedere*, ir-se).

Nota desta tradução: demonstração gráfica do fenômeno Precessão dos Equinócios



Ao logo do tempo, esses poucos minutos formam horas, dias, meses e anos; isso resulta que o equinócio da primavera — que agora se verifica em março — em algum tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará em 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente.[108]

---

108 A precessão dos equinócios ocasiona outra modificação: aquela que se opera na posição dos signos do zodíaco.

Como a Terra gira ao derredor do Sol em um ano, à medida que ela avança, a cada mês o Sol se encontra diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: *Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário* e *Peixes*. São chamadas constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano da linha do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo, dizia-se que ele era nascido sob um determinado signo: daí as previsões da astrologia. Porém, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações; então, quem nasce no mês de julho já não está no signo do Leão, mas sim no do Câncer. Cai assim a ideia supersticiosa relativa à influência dos signos. (cap. V, item 12).

8. Desse movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que gradualmente os polos são mais ou menos inclinados para o Sol, dele recebendo raios mais ou menos diretos; donde se conclui que, por exemplo, a Islândia e a Lapônia — que estão sob o círculo polar — poderão em dado tempo receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição do extremo oposto, Espanha e Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25 mil anos.[109]

9. As consequências deste movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque só se pôde observar uma pequena parte da sua revolução; a respeito desse assunto nada mais há do que presunções, algumas das quais tem certa probabilidade.

Essas consequências são:

1° O aquecimento e o resfriamento alternativos dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25 mil anos e a sua nova formação durante a outra metade desse período. Resultaria daí que os polos não estão destinados a uma perpétua esterilidade, mas revezariam os papeis desfrutando dos benefícios da fertilidade.

2°. O deslocamento gradual do mar que invadia pouco a pouco as terras, ao passo que descobre outras, para lhes abandonar novamente e voltar ao seu leito anterior. Esse movimento periódico e indefinidamente renovado constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração; porém é sensível ao fim de alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclismo súbito, pois os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e os homens avançam pelas terras donde o mar se retira. Muito provavelmente, é a essa causa que alguns sábios atribuem o afastamento do mar de certas costas e a invasão de

---

109 O deslocamento gradual das linhas isotérmicas — fenômeno reconhecido pela ciência de uma maneira tão concreta como o deslocamento do mar — é um fato material que sustenta essa teoria.

outras por ele.

10. O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência e confirmado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. Isso tem por efeito a manutenção das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são fertilizações naturais periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem dessas mudanças.[110]

---

110 Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar estes:

No golfo da Gasconha [ou Golfo de Biscaia, situado entre a costa sudoeste da França e a costa norte da Espanha] entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da água partes de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, na costa do Havre, o mar dia a dia ganha terreno e minam as falésias de Sainte-Adresse, que desmoronam pouco a pouco. A dois quilômetros da costa entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco d'Éclat, que outrora se achava descoberto e ligado à terra firme. Antigos documentos constatam que nesse lugar, onde hoje podemos navegar, existia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno no século XIV, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com um tempo bom, pode-se ver os restos dela no fundo da água em tempo calmo.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido pela força de diques, que de tempos a tempos se rompem. O antigo lago de *Flevo*, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Essa irrupção do oceano tragou várias cidades.

Segundo isto, o território de Paris e de toda a França seria novamente ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

Poderemos navegaremos por sobre regiões que atualmente se percorre em caminho de ferro; os navios aportarão a Montmartre, ao monte Valeriano, as encostas de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e as florestas onde se passeia ficarão sepultados sob as águas, recobertos de limo e povoados de peixes em lugar de aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que a invasão das águas foi repentina e a sua permanência de curta duração, ao passo que de outro modo essa permanência teria sido de vários milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens percebessem.

CATACLISMOS FUTUROS

11. Grandes abalos da Terra ocorrem na época em que a crosta sólida — pela sua fraca espessura — oferecia pouca resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior; viu-se essas comoções diminuírem de intensidade e de generalidade à medida que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões agora ficaram extintos e outros foram soterrados pelos terrenos de formação posterior.

Certamente, perturbações locais ainda poderão produzir-se, por efeito de erupções vulcânicas, da abertura de alguns novos vulcões, de inundações súbitas de certas regiões; algumas ilhas poderão surgir do mar e outras poderão ser tragadas por ele; mas o tempo dos cataclismos gerais — como os que marcaram os grandes períodos geológicos — já passou. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, exceto por causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo e que de nada pudesse prever.

12. Quanto aos cometas, estamos hoje perfeitamente tranquilizados com relação à sua influência, que é mais salutar do que prejudicial, por eles parecerem destinados a revitalizar os mundos — se assim podemos nos exprimir — trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam durante seu percurso através do espaço e na vizinhança dos sóis. Eles serão, portanto, mais fontes de prosperidades do que mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, já bem comprovada hoje em dia (cap. VI, item 28 e seguintes), não é de se temer um choque violento, porque, no caso se um deles encontrasse a Terra, seria esta última quem atravessaria o cometa, como se atravessasse um nevoeiro.

Sua cauda não é mais terrível; ela não é mais do que o reflexo da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, porque ela é constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, e muda de direção de acordo com a posição deste astro. Por consequência da rapidez com que eles caminham, essa matéria gasosa também poderia bem ser uma espécie de cabeleira semelhante ao rastro na água deixada por um navio, ou à fumaça de uma

locomotiva. De resto, vários cometas já se aproximaram da Terra sem lhe causar qualquer dano; e em razão das suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a do cometa sobre a Terra. Somente um resto de velhos preconceitos pode inspirar preocupações com a sua presença.[111]

13. É preciso igualmente relegar entre as hipóteses quiméricas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos afastam toda a probabilidade desse encontro.

No entanto, a Terra terá um fim; como? Isso é o que está no domínio das suposições; mas, como ela ainda está longe da perfeição que pode alcançar e do envelhecimento que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que tal não se dará ao seu tempo. (Cap. VI, item 48 e seguintes.)

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; ela entrou agora num período de relativa estabilidade: no período do progresso pacífico, que se realiza pelo retorno regular dos mesmos fenômenos físicos e pela colaboração inteligente do homem. Todavia, ***ela ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral***. Aí estará a causa das suas maiores comoções. ***Até que a humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas mais pelos homens do que pela natureza; isto é, serão mais morais e sociais do que físicas.***

AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DO VOLUME DA TERRA

15. O volume da terra aumenta, diminui ou permanece estacionário?

Em defesa do aumento do volume da terra, algumas pessoas se

[111] O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra a 20 horas de distância do ponto onde estava este planeta, que teve que se achar mergulhado na atmosfera daquele cometa, sem que resultasse daí nenhum acidente.

fundamentam no fato de que as plantas devolvem ao solo mais do que elas tiram dele, o que é verdade, em certo sentido, mas não em outro. As plantas se nutrem tanto — e até mais — das substâncias gasosas que haurem na atmosfera, quanto das que elas aspiram pelas suas raízes. Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem provêm da decomposição dos corpos sólidos, e estes, em se recompondo, lhe retomam o que lhe haviam dado. É uma troca, ou, antes, uma perpétua transformação, de tal sorte que o crescimento dos vegetais e dos animais se operando com a ajuda dos elementos constitutivos do globo, seus despojos — por mais consideráveis que sejam — não aumentam um átomo à massa. Se por essa causa a parte sólida do globo aumentasse de uma maneira permanente, isso se daria às custas da atmosfera, que diminuiria de outro tanto e acabaria por se tornar imprópria à vida, se não recuperasse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde pela sua composição.

Na origem da terra, as primeiras camadas geológicas foram formadas das matérias sólidas momentaneamente volatilizadas pelo efeito da alta temperatura, e que, mais tarde condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, mas sem acrescentarem nada à massa total, pois não foi mais do que um deslocamento de matéria. Quando a atmosfera, expurgada dos elementos estranhos que continha em suspensão, se encontrou no estado normal, as coisas tomaram o curso regular que desde então seguiram. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera forçosamente acarretaria a destruição dos atuais habitantes, mas provavelmente também se formariam novas raças em outras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo — isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas — é incontestavelmente a mesma desde sua origem; se ele experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Portanto, se a terra aumentasse de massa, isso seria pelo efeito de uma causa estranha, pois ela não poderia tirar de si mesma os elementos necessários ao seu aumento.

De acordo com uma determinada opinião, o globo aumentaria de massa

e de volume pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária. Esta ideia nada tem de irracional, mas é hipotética demais para ser admitida como princípio. Não é mais do que um sistema combatido por sistemas contrários, sobre os quais a ciência não está nada resolvida. Eis aqui, sobre esse assunto, a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos ***uranográficos*** insertos anteriormente, no capítulo VI:

> "Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a se dissolver para servir de elementos de formação a outros universos. Eles restituem pouco a pouco ao fluido cósmico universal do espaço aquilo que dele tiraram para se formarem. Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir constantemente a sua massa, se bem que de uma quantidade inapreciável em determinado tempo.[112]
>
> "A existência dos mundos pode, a meu ver, dividir-se em três períodos. – Primeiro período: condensação da matéria durante o qual o volume do globo diminui consideravelmente, e a massa permanecendo a mesma; é o período da infância. – Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão dos germens, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude, é a época da virilidade; ele perde, mas muito pouco, os seus elementos constitutivos. À medida que seus habitantes progridem ***espiritualmente***, passa ao período de decrescimento ***material***; ele perde, não só por consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, corroída pelo tempo, acaba reduzida à poeira. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele deixa ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até o momento em que sua dissolução esteja completa.
>
> "Mas então, como o poder de atração está na razão direta da massa, não digo do volume, a massa do globo diminuindo, suas condições de equilíbrio no espaço são modificadas; dominado por globos mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície. Assim: nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica; só o Espírito — que não é matéria — é indestrutível." (GALILEU, *Sociedade de Paris*, 1868.)

---

112 No seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sua circunferência sendo de 9 mil léguas, no seu movimento de rotação sobre seu eixo, cada ponto do equador percorre 9 mil léguas em 24 horas, ou 6,3 léguas por minuto.

CAPÍTULO X

Gênese orgânica

FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS – PRINCÍPIO VITAL – GERAÇÃO ESPONTÂNEA – ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS – O HOMEM CORPORAL

FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS

1. Houve tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram um começo. Viu-se cada espécie aparecer à medida que o globo adquiria as condições necessárias para a existência delas: eis o que é um fato patente. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreendemos que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram; mas de onde saiu esse primeiro casal? Eis aqui um dos mistérios que dependem do princípio das coisas e sobre os quais nós só podemos levantar hipóteses. Se a ciência ainda não pode resolver completamente o problema, pelo menos, ela pode encaminhá-lo para a solução.

2. Uma primeira questão que se apresenta é esta: cada espécie animal saiu de um ***casal primário***, foram criados de vários casais ou, se o preferirem, ***brotaram*** simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável; podemos dizer até que ela resulta da observação. Com efeito, o estudo das conchas geológicas atesta a presença nos terrenos de mesma formação e isso em enormes proporções, da mesma espécie sobre os pontos mais longínquos do globo. Essa multiplicação, tão generalizada e de alguma maneira contemporânea, teria sido impossível

com um tipo primitivo único.

De outro modo, a vida de um indivíduo — sobretudo de um indivíduo nascido — está sujeita a tantas eventualidades que toda uma criação poderia ficar comprometida sem a variedade dos tipos primários, o que implicaria uma imprevisão inadmissível da parte do soberano Criador. Ademais, se um tipo pôde se formar em um determinado lugar, pela mesma causa ele poderia ser formado em vários lugares.

Logo, tudo contribui para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos, por analogia, pode ser deduzida pela mesma lei pela qual foram formados — e se formam todos os dias — os corpos inorgânicos. Na proporção que aprofundamos as leis da natureza, vemos as engrenagens — que a princípio pareciam tão complicadas — se simplificarem e se confundirem na grande lei de unidade que preside toda a obra da criação. Compreendemos isso melhor quando nos dermos conta da formação dos corpos inorgânicos, que é o seu primeiro degrau.

4. A química considera como essenciais um certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Pela sua combinação, essas substâncias formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os saís e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um concurso especial de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequidão ou de umidade, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica etc. Se essas circunstâncias não existirem, a combinação não se dará.

5. Quando há essa combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que resulta deles adquire novas propriedades, diferentes daquelas das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio — que são gases invisíveis — sendo combinados quimicamente, formam a água — que é líquida, sólida, ou

vaporosa, conforme a temperatura. A bem dizer, na água já não há mais oxigênio nem hidrogênio, mas um corpo novo; se essa água for decomposta, aqueles dois gases, sendo novamente liberados, recuperam suas propriedades e já não haverá mais água. A mesma quantidade dessa água pode ser assim alternativamente decomposta e recomposta infinitamente.

6. A composição e a decomposição dos corpos ocorrem por consequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns com os outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas se pusermos em contato com a água um corpo que tenha mais afinidade com o oxigênio do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio torna-se livre e já não haverá mais água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma determinada quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio forem combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água, obteremos aí o dióxido de hidrogênio — um líquido corrosivo, embora formado dos mesmos elementos que a água, porém numa outra proporção.

8. Em poucas palavras, está é a lei que preside a formação de todos os corpos da natureza. A imensurável variedade desses corpos resulta de um número pequenino de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre e o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico e fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo — ambos inofensivos — dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o mínio — que são venenosos. O oxigênio com os metais chamados cálcio, sódio e potássio, forma a cal, a soda e a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a greda, a pedra de construção e as estalactites das grutas;

unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico: o fosfato de cal, base sólida dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidroclórico; o cloro e o sódio formam o hidrocloreto ou sal marinho.

9. Todas essas combinações e milhares de outras são obtidas artificialmente em pequena escala nos laboratórios de química; elas se operam espontaneamente em larga escala no grande laboratório da natureza.

Em sua origem, a Terra não continha essas matérias combinadas, mas apenas seus princípios constitutivos volatilizados. Quando as terras calcárias e outras — que se tornaram pedrosas com o tempo — foram depositadas na sua superfície, elas não existiam inteiramente formadas; porém, no ar se encontravam, em estado gasoso, todas as substâncias básicas; essas substâncias — precipitadas por efeito do resfriamento e sob a força de circunstâncias favoráveis — foram combinadas segundo o grau de suas afinidades moleculares; foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos etc., a princípio em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao seu estado de incandescência primitiva, tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são voláteis se evaporariam. Então um segundo resfriamento levaria a uma nova precipitação e as antigas combinações se formariam novamente.

10. Estas considerações provam o quanto a química era necessária para o conhecimento da Gênese. Antes do conhecimento das leis de afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Essa ciência esclareceu a questão de um jeito inteiramente novo, como a astronomia e a geologia têm feito de outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem quando da sua passagem de estado líquido ou gasoso ao estado sólido. Essa

forma — que varia de acordo com a natureza da substância — é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo e a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces terminadas em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante o congelamento, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo; essas partículas — infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam por isso de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular — se arranjam e se justapõem conforme a exigência de sua forma, de maneira a tomar cada uma toma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização não se opera senão pela força de certas circunstâncias favoráveis, sem as quais ela não pode ocorrer; o grau da temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreendemos que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria se condensar, e que a agitação se opondo ao seu arranjo simétrico, elas não formariam mais do que uma massa confusa e irregular, e não partindo da cristalização propriamente dita.

12. A lei que rege a formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra todas as substâncias vegetais e animais compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham um papel principal são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se acham apenas ocasionalmente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bílis, os nervos, a matéria cerebral e a gordura, isso nos animais; a

seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, não existe nenhum corpo especial que não se encontre também no reino mineral.[113]

13. Alguns exemplos comuns nos farão compreendermos as transformações que se operam no reino orgânico apenas pela modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva não há vinho e nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando esse suco chega à maturidade e se encontra em as condições propícias, produz-se nele um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e se combinam nas proporções desejadas para produzir o álcool, de sorte que bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este não existe ainda; ele se forma das partes constituintes da água e do açúcar, sem que haja aí, em suma, uma molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que comemos, certamente não há carne, nem sangue, nem osso, nem bílis, nem matéria cerebral, entretanto, esses mesmos alimentos, em se decompondo e recompondo-se pelo trabalho da digestão, vão produzir aquelas diferentes substâncias apenas pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos, e seria um erro infantil crermos que a árvore inteira se encontre em forma microscópica nessa semente; quase não há nela sequer oxigênio,

---

[113] O quadro a seguir, com a análise de algumas substâncias, mostra a diferença das propriedades que resulta somente da diferença na proporção dos elementos constituintes. Sobre 100 partes:

	Carbono	Hidrogênio	Oxigênio	Azoto
Açúcar de cana	42,470	6,900	50,630	—
Açúcar de uva	36,710	6,780	56,510	—
Álcool	51,980	13,700	34,320	—
Azeite de oliveira	77,210	13,360	9,430	—
Óleo de nozes	79,774	10,570	9,122	0,534
Gordura	78,996	11,700	9,304	—
Fibrina	53,360	7,021	19,685	19,934

hidrogênio e carbono em quantidade necessária para formar uma folha de árvore. A semente contém um gérmen que desabrocha quando ela se acha nas condições favoráveis; esse gérmen se desenvolve pelos sucos que extrai da terra e dos gases que aspira do ar; tais sucos, que não são nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta, forma nela a seiva, assim como nos animais os alimentos formam o sangue. Essa seiva levada pela circulação a todas as partes do vegetal, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, transforma-se em madeira, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bílis etc.; contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais não podem então se produzir senão nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Todavia, desde que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximam-se e se separam em virtude da lei de afinidades, e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Que essas condições cessem e o trabalho subitamente cessará, para recomeçar quando elas novamente se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, cessa e prossegue sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; é assim que esta planta prospera num clima ou num terreno, e murcha ou morre em um outro.

15. O que se passa diariamente aos nossos olhos pode nos colocar na pista do que se passou na origem dos tempos, pois as leis da natureza são sempre invariáveis.

Visto que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos são os mesmos e que, sob a força de certas circunstâncias, nós os vemos incessantemente formar as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos foram formados como as

primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A similaridade de forma e de cores na reprodução dos indivíduos de cada espécie pode ser comparada à similaridade de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a força da mesma lei, as moléculas produzem um conjunto análogo.

PRINCÍPIO VITAL

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios que formam os minerais, é preciso entendê-lo no sentido exclusivamente material: aqui então é só uma questão de corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial, inapreciável e que ainda não pode ser definido: é ***o princípio vital***. Esse princípio, que é ativo no ser vivente, está ***inativo*** no ser morto, mas não concede à substância menos propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A química — que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos — pôde decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir sequer uma folha morta, o que é uma prova evidente de que há nestes corpos alguma coisa que não existe nos outros.

17. O princípio vital é alguma coisa distinta que tenha existência própria? Ou melhor, para retornar no sistema da unidade do elemento gerador, seria apenas um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como ele se torna luz, fogo, calor e eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações anteriormente reportadas. (Ver cap. VI, *Uranografia geral*).

No entanto, seja qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, ele existe, pois vemos os seus efeitos. Portanto, podemos logicamente admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o

princípio vital — que é necessário para a destinação deles; ou, se assim quiserem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo efeito próprio da combinação dos elementos, assim como, pela força de certas circunstâncias, podemos ver se desenvolver o calor, a luz e a eletricidade.

18. Combinando entre si o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, sem o princípio vital, não teríamos formado mais do que um mineral ou um corpo inorgânico; ao modificar a constituição molecular desse corpo, o princípio vital dá a eles propriedades especiais. No lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é mantida durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, como o calor o é pelo movimento de rotação de uma roda; que essa ação cesse pela morte, o princípio vital ***se extingue***, como o calor acaba quando a roda deixa de girar. Mas, o ***efeito*** produzido pelo princípio vital sobre o estado molecular do corpo sobrevive após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira sobrevive após a extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a química encontra exatamente os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas não pode reconstituí-los, porque já não existindo mais a causa, ela não pode reproduzir o ***efeito***, embora possa reconstituir uma pedra.

19. Nós tomamos por comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda porque esse é um efeito comum, conhecido por todo mundo e mais fácil de ser compreendido; porém, seria mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, ele se desenvolve da ***eletricidade***. Então, os corpos orgânicos seriam como verdadeiras ***pilhas elétricas***, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estiverem nas condições requeridas para produzir eletricidade: isso é a vida; que param de funcionar quando essas condições cessam: isso é a morte. De acordo com isso, o princípio vital não seria mais do que a espécie particular de eletricidade denominada pelo nome ***eletricidade animal***, liberada durante a vida pela ação dos órgãos e cuja produção se acaba com a morte pelo término dessa ação.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20. É natural que se pergunte por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições que os primeiros que surgiram na Terra.

A questão da geração espontânea — que hoje preocupa a Ciência, embora ainda diversamente resolvida — não pode deixar de esclarecer esse assunto. O problema proposto é este: nos tempos atuais, seres orgânicos se formam espontaneamente pela simples reunião dos elementos constitutivos, sem germens previamente produzidos da geração comum, ou seja, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente e se apoiam nas observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros apoiando-se sobre esse fato, constatado pela experiência, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Essa opinião deixa sempre viva a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém salientar que o princípio da geração espontânea evidentemente não pode ser aplicado exceto aos seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles em quem a vida começa a despontar e cujo organismo extremamente simples é de certo modo rudimentar. Esses foram efetivamente os primeiros que apareceram na Terra e cuja geração teve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente igual àquela que se produziu nas primeiras fases do mundo.

22. Mas então, por que não vemos se formarem da mesma maneira os seres de organização complexa? Esses seres nem sempre existiram — isso é um fato patente; portanto, eles tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães e os cavalos?

Aqui, por enquanto, as investigações param; o fio condutor se perde, e até que ele seja encontrado o campo fica aberto às hipóteses; seria então imprudente e prematuro apresentar sistemas como verdades absolutas.

23. Se o fato da geração espontânea está demonstrado, por mais limitado que seja, não deixa de ser um fato capital, um marco estabelecido que pode abrir caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho e a glande, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante? (Ver item 25.)

No estágio atual dos nossos conhecimentos, não podemos colocar a teoria da geração espontânea ***permanente*** a não ser como uma hipótese, mas como uma hipótese provável, e que talvez um dia faça parte das verdades científicas reconhecidas.[114]

ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS

24. Entre o reino vegetal e o reino animal não há nenhuma delimitação nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os ***zoófitos*** ou ***animais-plantas***, cujo nome indica que eles participam de um e outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como os animais, para viver elas precisam de luz, de calor e de água; se forem privadas disso, elas se enfraquecem e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais acentuada é a de estar mais ligada ao solo e de tirar dele a sua subsistência sem deslocamento.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, está preso ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; ele tira a sua alimentação do

---

[114] ***Revista Espírita***, julho de 1868: Desenvolvimento da teoria da geração espontânea.

meio ambiente.

Um degrau acima, o animal é livre e vai procurar sua nutrição: a princípio, são inúmeras variedades de pólipos em corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, e que não diferem das plantas senão pela locomoção; depois vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos, sem ossos, alguns deles são nus como as lesmas, poupas ou polvos, outros providos de conchas como o caracol e a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura como os caranguejos, as lagostas; os insetos, aos quais a vida assume espantosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha e a aranha. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem em seguida a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; e por fim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25. Se considerarmos apenas os dois pontos extremos da cadeia, sem dúvida não haverá nenhuma semelhança aparente; porém, se passarmos de um anel a outro sem solução de continuidade, chegaremos, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então que os animais de organização complexa não possam ser mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, pouco a pouco, até o ser primitivo elementar. Entre a glande e o carvalho é grande a diferença, e, entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glande, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos mais de que este proceda de tão pequena semente. Se então a glande contém os elementos latentes próprios para a formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do ácaro ao elefante? (Item 23.)

De acordo com isso, compreendemos que não haja geração espontânea exceto para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam o resultado das transformações sucessivas desses mesmos seres, à medida que as condições climáticas para isso tivessem sido propiciadas. Cada espécie

adquirindo a capacidade de se reproduzir, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades; e então, uma vez instalada a espécie nas condições de durável vitalidade, quem diz que os germens primitivos dos quais ela surgiu não desapareceram, por serem inúteis desde então? Quem diz que nosso ácaro atual seja o mesmo daquele que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Assim se explicaria porque não há geração espontânea entre os animais de complexa organização.

Esta teoria, sem ser admitida ainda de uma maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje na ciência; ela é aceita pelos observadores sérios como a mais racional.

O HOMEM CORPORAL

26. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais ele não se diferencia senão por nuances na forma exterior; de resto, é a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção e de reprodução; ele nasce, vive e morre nas mesmas condições, e, quando morre, seu corpo se decompõe como todo aquele que vive. Não há em seu sangue, nem na sua carne e nem nos seus ossos um átomo diferente daquele encontrado no corpo dos animais; como estes, ao morrer, ele restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que estavam combinados para formá-lo, e, por novas combinações, eles vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. A semelhança é tão grande que se estuda as suas funções orgânicas em certos animais quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos ***bímanos***. Imediatamente abaixo dele vêm os ***quadrúmanos*** (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó[115],

[115] *Jocó* ou *jocko*: uma variedade de macaco típica do Brasil. O nome provavelmente provém do romance *Jocko ou le Singe du Brésil (Jocko ou o Macaco do Brasil)*, escrito em 1824 por Charles

têm certas semelhanças com o homem, a tal ponto que por muito tempo foram denominados ***homens das florestas***; como o homem, eles caminham eretos, usam cajados, constroem cabanas e levam os alimentos à sua boca com a mão — sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia elevando-se gradativamente sem solução de continuidade e cujos todos os anéis têm um ponto de contato com o anel precedente; ***acompanhando passo a passo a série dos seres, diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior***. Visto que o corpo do homem está nas condições idênticas às dos outros corpos, na sua química e constituição física, e que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele há de ter sido formado nas mesmas condições.

29. Ainda que isso possa custar ao seu orgulho, o homem deve se resignar a não ver no ***seu corpo material*** mais do que o último anel da animalidade ***sobre a Terra***. Aí está o inviolável argumento dos fatos, contra o qual será em vão protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, mais o princípio espiritual cresce em importância; se o primeiro o iguala ao bruto, o segundo o eleva a uma indescritível altura. Nós vemos o círculo onde o animal se limita, mas não vemos o limite a que o Espírito do homem pode alcançar.

30. Por aí, o materialismo pode ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e seu positivismo, vai ao seu encontro e os provoca, por ele estar certo de que o princípio espiritual — ***que tem sua existência própria*** — em nada pode sofrer com elas.

---

de Pougens, que fez grande sucesso na França com a adaptação para o teatro em 1825, sob a direção de Edmond Rochefort. No enredo, um rico português em viagem ao Brasil captura um macaco muito esperto e que, numa travessia, salva a vida da filha do português de um naufrágio. — N. T.

O Espiritismo marcha de mãos dadas com o materialismo no terreno da matéria; ele admite tudo o que aquele admite; mas de lá onde o materialismo se detém, o Espiritismo vai além. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos partindo de um mesmo ponto; chegando a uma certa distância, um diz: “Eu não posso ir mais além”; e o outro continua sua rota e descobre um mundo novo. Por que então o primeiro diz que o segundo está louco, por este, entrevendo novos horizontes, querer cruzar o limite onde o outro quis parar? Cristóvão Colombo também não foi tratado como louco por acreditar em um mundo além do oceano? Quanto a História não nos conta desses loucos sublimes que fizeram a humanidade avançar, aos quais se tecem coroas depois de lhes ter atirado lama!

Pois bem! O Espiritismo — essa loucura do século dezenove, segundo aqueles que querem permanecer no litoral terrestre — revela para nós todo um mundo, mundo bem mais importante para o homem do que a América, pois nem todos os homens vão para a América, enquanto todos — sem exceção — vão para o mundo dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro.

Chegando ao ponto onde estamos com relação à Gênese, o materialismo se detém, ao passo que o Espiritismo prossegue suas pesquisas no domínio da ***Gênese espiritual***.

CAPÍTULO XI

Gênese espiritual

PRINCÍPIO ESPIRITUAL – UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA – HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS – REENCARNAÇÕES – EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS – RAÇA ADÂMICA – DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO

PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não necessita mais de demonstração do que o princípio material; de certa forma, é uma verdade axiomática: ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria se afirma pelos que lhe são próprios.

Segundo o princípio “Todo efeito tendo uma causa e todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode vir a ninguém a ideia de atribuir o pensamento à matéria do sino, temos de concluir que ele é movido por uma inteligência à qual o sino serve de instrumento para essa inteligência se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se o homem vivo pensa, é então que há nele alguma coisa que não mais existe quando ele morre. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz o sino se mover está fora dele, enquanto a

que faz o homem agir está nele mesmo.

2. O princípio espiritual é a coroação da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, pois não poderíamos mais conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade unicamente sobre a matéria bruta, como um monarca terrestre, durante toda a sua vida, não reinando mais do que pedras. Como não podemos admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade — a justiça e a bondade —, essas qualidades seriam inúteis se ele só tivesse que exercê-las sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom criando seres inteligentes e sensíveis para lançá-los ao nada após alguns dias de sofrimento sem compensações, entretendo sua vida dessa sucessão indefinita de seres que nascem sem terem pedido isso, pensando um instante para não conhecerem mais que a dor, e se acabarem para sempre ao fim de uma curta existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam uma crueldade sem sentido da parte de Deus. Eis por que o materialismo e o ateísmo são consequências um do outro; negando a causa, não se pode admitir o efeito. Então, o materialismo é consequente de si mesmo, embora não o seja com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é natural no homem; ela está nele em estado de intuição e de aspiração; ele compreende que somente aí está a compensação pelas misérias da vida: essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas, e mais crentes em Deus do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio, o Espiritismo vem acrescentar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade; ele ajusta e define o que essa ideia tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente agindo fora da matéria — seja depois, seja durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital são um só e a mesma coisa?

Como sempre, partindo da observação dos fatos, diremos que se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para confundi-los; contudo, como vemos os seres que vivem e não pensam, como as plantas; vemos corpos humanos ainda ser animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; vemos que se produz no ser vivente movimentos vitais independentes de qualquer ato da vontade; e vemos que durante o sono a vida orgânica está em plena atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é de se admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual — que é inerente ao Espírito. Então, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, itens 16 a 19.)

6. Teria o princípio espiritual sua origem no elemento cósmico universal? Seria ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as modificações da matéria; ele seria extinto pela desagregação como o princípio vital; o ser inteligente não seria mais do que uma existência momentânea como o corpo, e ao morrer ele retornaria ao nada, ou — o que seria o mesmo — voltaria ao todo universal; numa palavra, isso seria a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis*[116] que reconhecemos no princípio espiritual provam que ele tem sua existência própria e independente, pois se ele tivesse sua origem na matéria, ele não teria estas propriedades. A partir de que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chegamos a essa conclusão, remontando dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados ***Espíritos***, assim como o elemento material individualizado constitui os diferentes

---

116 *Sui generis:* expressão latina literalmente equivalente a “de seu próprio gênero”, com referência ao que é único no seu tipo, original, peculiar, ímpar, diferente dos demais. — N. T.

corpos da natureza — corpos orgânicos e inorgânicos.

7. Admitido o ser espiritual, e sua fonte não podendo ser a matéria, qual é a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação absolutamente se acabam, como em tudo aquilo que diz respeito ao princípio das coisas. O homem apenas pode constatar o que existe; sobre todo o resto, ele não faz mais do que emitir hipóteses; e, seja porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, seja porque haja para ele inutilidade ou inconveniência possuí-lo no momento, Deus não lhe concede esse saber nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o homem pode deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça — que é um dos atributos essenciais da divindade — é que todos têm um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pela sua atividade individual; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura através de seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de uma igual solicitude; que não há ninguém mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem o objetivo.

8. Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais desde toda a eternidade, ele tem igualmente criado seres espirituais eternamente: sem isso, os mundos materiais ficariam sem finalidade. Conceberíamos melhor os seres espirituais sem os mundos materiais do que estes mundos sem os seres espirituais. São esses mundos materiais que deveriam fornecer aos seres espirituais os elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa é a meta que eles devem alcançar; ora, sendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando sem cessar, desde toda a eternidade tem havido seres

que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos tendo sucedidos aos mundos, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que nasceram para a vida até os que desde toda a eternidade haviam tomado lugar entre os Espíritos puros, normalmente chamados de anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10. Como a matéria deve ser o objeto do trabalho do Espírito para o desenvolvimento das suas capacidades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, e por isso veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Como a matéria deve ser ao mesmo tempo o objeto e o instrumento do trabalho, então Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

Portanto, o corpo é ao mesmo tempo o envoltório e o instrumento do Espírito, e à medida que este adquire novas aptidões, veste um envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal como se entrega a um operário ferramentas menos grosseiras na medida em que ele é capaz de executar uma obra mais delicada.

11. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito quem modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, desenvolve e completa seu organismo na proporção em que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, ele o molda conforme sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais: cabe ao homem os pôr em obra; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se quiserem, uma aparelhagem cerebral mais aperfeiçoada do que as raças primitivas. Assim se explica igualmente o cunho especial que o caráter do

Espírito imprime nos traços da fisionomia e nas feições do corpo.[117] (Cap. VIII, item 7: *A alma da Terra.*)

12. Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, para o seu adiantamento ele deve fazer uso de suas capacidades, que a princípio são rudimentares; é por isso que ele veste um envoltório corporal adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório esse que ele abandona para vestir outro na medida em que suas forças crescem. Ora, como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos — qualquer que fosse o seu grau de adiantamento — encontraram os elementos necessários para a sua vida carnal.

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as transformações da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não mais encontrando elemento para sua a atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito — para quem o corpo privado de vida passa então a se tornar inútil — deixa o corpo como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa desgastada.

14. O corpo não passa assim de um envoltório destinado a receber o Espírito; a partir de então, pouco importam a sua origem e os materiais de que ele é construído. Que o corpo do homem seja ou não uma criação especial, ele não é menos formado pelos mesmos elementos que o dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, ou, por outras palavras, aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: este é um ponto sobre o qual não há contestação.

---

[117] Escrevendo em acordo com as convenções científicas de seu tempo, Allan Kardec então leva em conta a ideia amplamente aceita pelos seus contemporâneos de que, na diversidade típica de nosso planeta, certas raças ainda eram bastante primitivas e outras já bem adiantadas (notadamente a dos europeus) correlacionando aí o estágio evolutivo do ser espiritual com o organismo físico no qual reencarna, o qual — segundo o entendimento da época, fomentado pela doutrina da Frenologia — imprime em seus traços fisionómicos o seu caráter intelectual e moral. — N. T.

Considerando apenas a matéria, e fazendo abstração do Espírito, o homem então nada tem que o diferencie do animal; porém tudo muda de aspecto tão logo se estabeleça uma distinção entre ***a habitação*** e ***o habitante***.

Um nobre senhor sob a palha ou vestido com a bata do camponês não deixa de ser um nobre senhor. É o mesmo que ocorre com o homem: não é a sua vestimenta carnal que o eleva acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO

15. Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro não passava de uma transformação do segundo. Não há nada aí de impossível, sem que, se for assim, a dignidade do homem tenha o que sofrer com isso. O corpo do macaco pôde servir muito bem de vestimenta para os primeiros Espíritos humanos — necessariamente pouco avançados — que vieram encarnar na Terra, sendo essas vestiduras mais apropriadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de uma vestimenta especial ter sido feita para o Espírito, ele teria ali encontrado uma já pronta. Ele então se vestiu da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem às vezes se veste da pele de certos animais sem deixar de ser homem.

Está bem entendido que aqui não se trata mais do que uma hipótese, de modo algum colocada como princípio, mas dada somente para mostrar que a origem do corpo não prejudica em nada o Espírito — que é o ser principal — e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica igualdade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. Admitindo essa hipótese, podemos dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos detalhes, conservando em tudo a forma geral do conjunto (item 11). Os corpos melhorados, em se procriando, reproduziram-se nas

mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas; deram origem a uma espécie nova que pouco a pouco se distanciou do tipo primitivo à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco — que não foi aniquilado — continuou a procriar corpos de macaco para o seu uso, como o fruto do selvagem reproduz os selvagens e o Espírito humano procriou os corpos dos homens, variantes do primeiro molde em que se estabeleceu. O tronco se bifurcou: ele produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como não há transições abruptas na natureza, é provável que os primeiros homens que surgiram na Terra tenham diferido pouco do macaco na forma exterior, e sem dúvidas não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pela longura dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta similitude com o macaco que só lhes falta ser peludos para completar a semelhança.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. O Espiritismo nos ensina de que maneira se realiza a união do Espírito com o corpo na encarnação.

Pela sua essência espiritual o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; falta para ele um intermediário e esse intermediário está na vestimenta fluídica que, de certo modo, faz parte integrante do Espírito, vestimenta semimaterial, isto é, pertencente à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea; como toda matéria, ela é extraída do fluido cósmico universal, que sofre nessa circunstância uma modificação especial. Essa vestimenta, designada pelo nome ***perispírito***, de um ser abstrato, faz do Espírito um ser concreto, definido e apreensível pelo pensamento; torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, do mesmo modo como se dá com todos os fluidos imponderáveis que, como se sabe, são os motores mais poderosos.

O fluido perispiritual é, portanto, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo do seu pensamento para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, agindo sob a

impulsão da sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem os nervos como fios condutores, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. Quando o Espírito deve encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico — que não é mais do que uma expansão do seu perispírito — o liga ao gérmen ao qual ele é atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do ***princípio vital material do gérmen***, o perispírito — que possui certas propriedades da matéria — se une ***molécula a molécula*** ao corpo que se forma: donde podemos dizer que, por intermédio do seu perispírito, o Espírito ***se enraíza*** de certa maneira nesse gérmen como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, a união fica completa e então ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, quando esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo, mantida apenas por uma força atuante, então essa união entre o perispírito e a matéria carnal — efetuada sob a influência do princípio vital do gérmen — se desfaz quando essa força deixa de agir; então o perispírito se desprende ***molécula a molécula***, como havia se unido, e a liberdade é restituída ao Espírito. Assim, ***não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas sim a morte que causa a partida do Espírito***.

Desde o instante em que após a morte a integridade do Espírito fica intacta, e desde que suas faculdades adquirem até uma maior penetração enquanto o princípio da vida fique extinta no corpo, fica a prova evidente que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

19. O Espiritismo nos faz compreendermos — pelos fatos que ele mesmo nos permite observar — os fenômenos que acompanham essa separação; às vezes ela é rápida, fácil, suave e insensível; doutras vezes ela é lenta, trabalhosa e horrivelmente penosa conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. Um fenômeno peculiar, igualmente demonstrado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito: desde que este é apreendido pelo laço fluídico que o anexa ao gérmen, a perturbação toma conta dele; essa perturbação cresce à medida que o laço se aperta, e nos últimos momentos o Espírito perde toda a consciência de si próprio, de sorte que jamais tem consciência do seu nascimento. No momento quando a criança respira, o Espírito começa a readquirir suas faculdades, que se desenvolvem na proporção em que são formados e consolidados os órgãos que devem lhe servir para sua manifestação.

21. Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, ele perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que ficaram temporariamente em estado latente e que, voltando à sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor aquilo que ele não fez anteriormente; ele recomeça o que foi feito pelo seu trabalho anterior; o que para ele é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui também se manifesta a bondade do Criador, pois a lembrança de um passado — muitas vezes aflitiva ou humilhante — somando-se aos amargores de uma nova existência, poderia lhe perturbar e entravá-la; ele não se recorda senão do que tem aprendido, porque isso lhe é útil. Se às vezes ele conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho evasivo. Eis então um novo homem, por mais antigo que seja seu Espírito; ele se firma nos novos rumos ajudado pelo que ele aprendeu. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. Portanto, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado; o Espírito é sempre ***ele***, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação não passa de uma fase especial da sua existência. Esse esquecimento só ocorre durante a vida exterior de relação; durante o sono, o Espírito — parcialmente desprendido dos vínculos carnais e de volta à liberdade e à vida espiritual — recorda-se; sua visão não é mais tão

obscurecida pela matéria.

23. Tomando a humanidade no seu grau mais baixo da escala espiritual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se este é o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente — diferente do princípio material — individualiza-se e se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade; é aí que a alma ensaia para a vida e desabrocha suas primeiras faculdades pelo exercício; por assim dizer, isso seria para ela sua fase de incubação. Tendo esse ser chegado ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ele recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal ao homem, como há aí filiação corporal.

É preciso convir que essa teoria, fundada na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde à justiça e à bondade do Criador; ela dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam de ser seres deserdados, mas que encontram no futuro que lhes está reservado uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais dos quais ele é dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam e fazem dele um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde ele saiu. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não se seria menos homem; já não seria mais animal, como o fruto não é raiz, como o sábio não é o feto sem forma pelo qual entrou no mundo.

Mas esse sistema levanta inúmeras questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, nem tampouco é oportuno examinar as diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Pois, sem buscarmos a origem da alma e as fileiras pelas quais ela pudesse passar, vamos tomá-la a partir da ***sua entrada na humanidade***, no ponto em que, dotada de senso moral e de livre-arbítrio, ela começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos.

24. Para o Espírito encarnado, a obrigação de providenciar a nutrição do

corpo, a sua segurança e o seu bem-estar o força a empregar suas capacidades a essas buscas, a exercitá-las e as desenvolver. A sua união com a matéria é, pois, útil ao seu adiantamento; eis por que ***a encarnação é uma necessidade***. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele realiza na matéria para o seu proveito, ele auxilia a transformação e o progresso material do globo onde habita; é assim que, progredindo individualmente, ele colabora com a obra do Criador, da qual é agente inconsciente.

25. Todavia, a encarnação do Espírito não nem constante nem perpétua: é apenas transitória; deixando um corpo, ele não retoma outro imediatamente; durante um espaço de tempo mais ou menos considerável, ele vive na vida espiritual, que é sua vida normal, de tal modo que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa comparado ao tempo que ele passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que ele aproveita, para o seu avanço, os conhecimentos e as experiências adquiridas durante a vida corporal; ele examina o que fez durante sua estadia terrestre, revisa o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça seus planos e toma resoluções pelas quais pretende se guiar em uma nova existência, procurando fazer melhor. É assim que cada existência é um passo avante na senda do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

26. A encarnação normalmente não é uma punição para o Espírito — como alguns pensam; é uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir. (***O Céu e o Inferno***, cap. III, itens 8 e seguintes.)

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, isto é, depura-se, subtraindo nele a influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade fica proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como ele age em virtude do seu livre-arbítrio, por negligência ou má vontade ele pode retardar o seu avanço; conseguintemente, ele prolonga a duração de suas encarnações materiais, que então se tornam uma punição para ele, pois, por falta sua, ele permanece nas faixas inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Portanto, pelo seu

trabalho de purificação sobre si mesmo, depende de o Espírito abreviar a extensão do período das encarnações.

27. O progresso material de um globo acompanha o progresso moral de seus habitantes; ora, como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e como estes progridem mais ou menos rapidamente em virtude do seu livre-arbítrio, resulta daí que há mundos mais ou menos antigos, em diferentes graus de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho para os Espíritos é mais ou menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea aqui é mais penosa do que em outros planetas, como é em lugares mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra, e para as quais a Terra seria relativamente um mundo feliz.

28. Quando os Espíritos têm realizado num mundo a soma de progresso correspondente ao estado desse mundo, eles o deixam para encarnar em outro mais avançado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante até que, a encarnação em corpos materiais não sendo mais útil para eles, vivam exclusivamente da vida espiritual, onde ainda progridam em um outro sentido e por outros meios. Tendo chegado ao ponto máximo do progresso, eles desfrutam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, eles conhecem o pensamento de Deus e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Desta forma, todos os Espíritos — encarnados ou desencarnados, qualquer que seja o grau da hierarquia a que pertençam, do mais baixo ao mais elevado — têm suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo em que são úteis a si mesmos; aos menos adiantados, como aos simples servos, cabe uma tarefa material — a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente. Por toda parte no mundo espiritual há atividade, em nenhum ponto há ociosidade inútil.

De certo modo, a coletividade dos Espíritos é a alma do Universo; é o

elemento espiritual que age em tudo e em toda parte, sob a impulsão do pensamento divino. Sem esse elemento, não há mais do que matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, sem outro motor senão as forças materiais que deixam uma imensidade de problemas sem solução; pela ação do elemento espiritual ***individualizado***, tudo tem um propósito, uma razão de ser, tudo se explica; eis por que, sem a espiritualidade, esbarramos em dificuldades insuperáveis.

29. Quando a Terra se encontrou em condições climáticas propícias à existência da espécie humana, os Espíritos humanos nela encarnaram. De onde vieram eles? Quer esses Espíritos tenham sido criados naquele mesmo momento, quer eles tenham vindo totalmente formados da Terra, do espaço ou de outros mundos, a presença deles por um tempo limitado é um fato, pois antes deles não havia nada além de animais; eles se revestiram de corpos apropriados às suas necessidades especiais e às suas aptidões, e que, psicologicamente, pertenciam à animalidade; sob a sua influência e pelo exercício de suas faculdades, esses corpos se modificaram e se aperfeiçoaram: eis o que resulta da observação. Então, deixemos de lado a questão da origem, ainda insolúvel no momento; tomemos o Espírito, não no seu ponto de partida, mas no ponto em que os primeiros germes do livre-arbítrio e do senso moral se manifestando nele, o vemos desempenhar seu papel humanitário, sem nos inquietarmos com o ambiente onde passou seu período de infância, ou, se se preferir, de incubação. Apesar da analogia de seu envoltório com o corpo dos animais, saberemos — através das faculdades intelectuais e morais que o caracterizam — distinguir os homens dos animais como distinguimos, debaixo das mesmas roupas grosseiras, o homem rústico e o civilizado.

30. Conquanto os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados — até pela razão de que eles deveriam encarnar em corpos muito imperfeitos — deveria aí haver entre eles diferenças sensíveis nas características e aptidões. Os Espíritos similares naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. A Terra ficou assim povoada de diversas categorias de Espíritos, mais ou menos

aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos recebendo a impressão do caráter do Espírito e se procriando conforme seu respectivo tipo, resultou daí diferentes raças — seja quanto ao físico, seja quanto ao moral (item 11). Continuando a encarnar de preferência entre os seus semelhantes, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das raças e dos povos, que só desaparece com o tempo, pela sua mistura e pelo progresso dos Espíritos (***Revista Espírita***, julho de 1860: *Frenologia e Fisionomia*).

31. Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a essas tropas de emigrantes de origens diversas que vão estabelecer-se numa terra virgem. Ali encontram madeira e pedra para erguer suas habitações, e cada qual lhe assinala um cunho diferente, de acordo com o grau do seu saber e de sua inteligência particular. Eles ali se agrupam por analogia de origens e de gostos; esses grupos acabam por formar tribos, em seguida povos, tendo cada qual seus costumes e suas características peculiares.

32. Portanto, o progresso não foi uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes naturalmente adiantaram-se em relação às outras, sem contar que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual tinham vindo encarnar na Terra após os primeiros recém-chegados, tornaram a diferença de progresso mais visível. Com efeito, seria impossível atribuir o mesmo tempo de criação aos selvagens que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, e ainda menos aos europeus civilizados.

No entanto, esses Espíritos de selvagens também pertenciam à Humanidade; eles alcançarão um dia o nível de seus irmãos mais velhos, mas ***isso não será certamente em corpos da mesma raça física***, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver mais em correspondência com o seu desenvolvimento, eles emigrarão desse meio para encarnar num grau superior, e assim por diante até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra para passar a mundos cada vez mais avançados. (***Revista Espírita***, abril de 1862: *Perfectibilidade da raça negra.*)

REENCARNAÇÕES

32. O princípio da reencarnação é uma consequência inevitável da lei de progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o atual estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas e tão primitivas quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que não haveria entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que elas seriam completamente independentes umas das outras; por que então as almas de hoje seriam mais dotadas por Deus do que as almas que as precederam? Por que elas compreendem melhor? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais civilizados? Por que elas têm a intuição de certas coisas sem tê-las aprendido? Desafiamos que se saia dessa questão, a menos que se admita que Deus tenha criado almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares — proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana. (Cap. II, item 19.)

Admitam, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos distantes; que elas possam ter sido bárbaras como sua época, mas que elas progrediram; que a cada nova existência elas trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram ***por si mesmas*** com o tempo, e vocês terão a única explicação plausível da causa do progresso social (***O Livro dos Espíritos***, cap. IV e V.).

34. Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma se passam de mundo em mundo e não sobre um mesmo globo onde cada Espírito apareceria uma única vez.

Essa doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente num mesmo nível intelectual e moral; eles então não poderiam progredir senão indo de um mundo para outro e sua reencarnação sobre a Terra seria sem utilidade; ora, Deus não faz nada de inútil. Uma vez que aqui encontramos todos os graus de inteligência e moralidade — desde a selvageria que beira o animal até a mais avançada civilização —, a Terra

oferece um vasto campo ao progresso; por isso, perguntamos por que o selvagem seria obrigado a ir procurar noutros lugares o grau de progresso logo acima onde ele está, quando esse grau se encontra ao lado dele, e assim sucessivamente? Por que o homem avançado não poderia dado seus primeiros passos nos mundos inferiores, quando os semelhantes de todos esses mundos estariam ao redor dele? Que existem diferentes níveis de adiantamento, não somente de povo a povo, mas dentro do mesmo povo e da mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito alguma coisa inútil ao colocar lado a lado a ignorância e o saber, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, ao passo que é exatamente esse contato que faz avançar os retardatários.

Desta feita, não há mais necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa, como não há razão para que um estudante mude de colégio a cada aula; longe de ser uma vantagem para o progresso, isso seria um entrave, pois o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a observação dos graus superiores e da possibilidade de reparar seus erros num mesmo ambiente e na presença daqueles a quem tenha ofendido — possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de adiantamento moral. Após uma curta coabitação, os Espíritos se dispersando e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade — não tendo tempo para se consolidarem — seriam rompidos.

Ao inconveniente moral acrescentar-se-ia um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas e as condições de existência variam de acordo com os mundos; a este respeito, não há dois que sejam perfeitamente idênticos. Nossos tratados de física, de química, anatomia, medicina, botânica etc., seriam inúteis em outros mundos e, entretanto, aquilo que se aprende aqui não se perde; não apenas isso desenvolve a inteligência como as ideias que se tiram desses trabalhos ajudam a adquirir novas ideias (cap. VI, nº 61 e seguintes.). Se o Espírito não fizesse mais do que uma aparição no mesmo mundo — aparição muitas vezes de curta duração — a cada migração ele se encontraria em condições completamente diferentes; trabalharia a cada vez com novos elementos, forças e de acordo com leis desconhecidas para ele, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de estudá-los e os praticar. Seria a cada vez um novo aprendizado

a fazer, e essas mudanças incessantes seriam um obstáculo ao progresso. O Espírito deve, portanto, permanecer no mesmo mundo até que tenha adquirido ali a soma do conhecimento e o grau de perfeição que este mundo comporta. (Item 31.)

Que os Espíritos deixem aquele mundo do qual nada mais podem adquirir, por outro mais avançado, isso é como deve ser e é; esse é o fundamento. Se há alguns que antecipadamente o deixam, sem dúvidas é devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo na criação tem um propósito, sem o que Deus não seria nem prudente nem sábio; ora, se a Terra tivesse que ser uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade aqui haveria para as crianças que morrem com pouca idade vir passar aqui alguns anos, alguns meses ou algumas horas, durante os quais elas não poderiam adquirir nada daqui? O mesmo vale para as pessoas com deficiência mental[118]. Uma teoria não é boa exceção feita sob a condição de que resolva todas as questões a ela relacionadas. A questão das mortes prematuras tem sido um obstáculo para todas as doutrinas, menos para a doutrina espírita, a única que a resolveu de uma maneira racional e completa.

Para o progresso dos que cumprem uma jornada normal na Terra, há uma vantagem real em voltar ao mesmo meio, para continuar aqui o que deixou inacabado, frequentemente na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que lhes tenham feito ou para que aqui sofra a pena do talião.

EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

35. No intervalo das suas existências corporais, os Espíritos ficam no estado de erraticidade e compõem a população espiritual ambiente do globo. Pelas

---

118 *Pessoas com deficiência mental* aqui substitui os termos no texto original *les idiots* (os idiotas) e *les crétins* (os cretinos) que eram tecnicamente usados para designar os portadores de deformações cerebrais e neurológicas que caracterizam tais patologias do tipo oligofrenia (déficit de inteligência), termos esses que depois ganharam uma conotação pejorativa e, aliás, muito inadequadas, razão pela qual nossa tradução se abstém de usá-los. — N. T.

mortes e pelos nascimentos, essas duas populações se despejam incessantemente uma na outra; então, diariamente há emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corporal: esta é a situação normal.

36. Em certas épocas, determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis em virtude das grandes revoluções que lhes fazem partir ao mesmo tempo quantidades enormes, que logo são substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. É preciso assim considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas — meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais aperfeiçoados. Se nessas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, não há nada mais do que ***roupas gastas***, mas nenhum Espírito falece: eles não fazem mais do que mudar de ambiente; em vez de partir isoladamente, eles partem em bandos — eis toda a diferença, pois, por uma causa ou por outra, cedo ou tarde, eles inevitavelmente devem partir.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações, que de tempos em tempos vêm lhes dar um violento impulso, esse progresso só caminharia uma com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual, ou moral, e por conseguinte no estado social das nações em que elas ocorrem. É que as calamidades têm por objetivo operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e desencarnada de um mesmo globo igualmente se realiza entre os mundos — seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Por isso há emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro.

Daí resulta a introdução de elementos inteiramente novos na população de um globo; novas raças de Espíritos vindo se misturar às raças existentes, formando novas raças de homens. Ora, como os Espíritos jamais perdem aquilo que adquiriram, eles trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; por consequência, eles imprimem o seu caráter à raça corpórea a qual vêm animar. Para isso, eles só necessitam de que novos corpos sejam criados especialmente para o seu uso; já que a espécie corporal existe, eles a encontram toda pronta para recebê-los. Portanto, são simplesmente novos habitantes; chegando na Terra, eles primeiramente fazem parte da sua população espiritual, depois se encarnam como os outros.

RAÇA ADÂMICA

38. Segundo o ensinamento dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se preferem, uma dessas ***colônias de Espíritos*** vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão, e, por essa razão mesma, chamada ***raça adâmica***. Quando ela chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, ***como a América quando lá chegaram os europeus***.

A raça adâmica — mais adiantada do que as que a tinham precedido na Terra — é de fato a mais inteligente; é ela quem arrasta todas as outras ao progresso. A Gênesis[119] nos mostra isso, industriosa desde os seus primórdios, apta às artes e às ciências, sem haver passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas que concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido. Tudo prova que ela não é antiga na Terra e nada se opõe a que aqui tenha habitado há apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, e, ao contrário, tenderia a confirmá-las.

39. A doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma única

[119] Referência ao primeiro livro da Bíblia. — N. T.

individualidade há apenas seis mil anos não é mais admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem — tiradas da ordem física e moral — se resumem nos seguintes pontos:

Do ponto de vista fisiológico, certas raças apresentam tipos particulares característicos que não permitem que lhes sejam dadas uma origem comum. Há diferenças que não são evidentemente efeito do clima, pois os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol queima e escurece a pele, porém jamais transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, tampouco tornou crespos e encaracolados os cabelos longos e oleosos. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo que é peculiar à espécie.

Logo, temos de considerar as raças negras, mongólicas e caucásicas como tendo sua origem própria e tendo nascido simultaneamente ou sucessivamente em diversas partes do globo; seu cruzamento tem produzido as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas são o indício evidente que elas procedem de tipos diferentes. As mesmas considerações existem então tanto para os homens como para os animais, quanto à pluralidade dos troncos. (Cap. X, itens 2 e seguintes.)

40. Adão e seus descendentes são representados na Gênesis como homens essencialmente inteligentes, pois, desde a segunda geração eles constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e constantemente duradouros. Por isso, não se conceberia que essa linhagem teve como descendentes numerosos povos tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias se aproximam da animalidade; que tenha perdido todos os traços e até a menor memória tradicional do que seus pais faziam. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta — com muita evidência — uma diferença de origem.

41. Independentemente de fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pela Gênesis é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que vem — dizem — desde trinta mil anos, documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam há pelo menos três mil anos antes da Era Cristã, portanto mil anos depois da criação do primeiro homem segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não deixam hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios; daí devemos concluir que essa região já era povoada naquela época. Então seria necessário admitirmos que em mil anos a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra; ora, semelhante fertilidade seria contrária com todas as leis antropológicas.[120]

42. A impossibilidade torna-se ainda mais evidente desde que se admita, com a Gênesis, que o dilúvio destruiu ***todo o gênero humano***, com exceção de Noé e sua família — que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja: 2.348 anos antes da Era Cristã. Portanto, não seria realmente a partir de Noé que dataria o povoamento do globo; ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o dilúvio, o Egito já era um poderoso império que — sem falar de outros países — teria sido povoado há pelo menos seis séculos, só pelos descendentes de Noé — o que não é admissível.

De passagem, notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que eles tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima, uma vez que eles conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Uma lógica rigorosa, corroborada pelos fatos, demonstra então da

---

120 A exposição universal de 1867 apresentou antiguidades do México que não deixam nenhuma dúvida quanto às relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, numa anotação exposta no templo mexicano da exposição assim se exprime:

"É conveniente não publicar nada antes do tempo as descobertas feitas do ponto de vista da história do homem para a recente exposição científica do México; contudo, nada impede que o público saiba, desde agora, que a exploração apontou a existência de um grande número de cidades apagadas pelo tempo, mas que a picareta e o incêndio podem tirar de sua mortalha. As escavações revelaram em toda parte três camadas de civilizações que parecem dar ao mundo americano uma antiguidade fabulosa."

É assim que cada dia a ciência vem desmentir os fatos da doutrina que limita em 6 mil anos o aparecimento do homem na Terra, e pretende fazê-lo vir de um único tronco.

maneira mais peremptória que o homem está na Terra desde um tempo indeterminado, bem anterior à época assinalada pela Gênesis. O mesmo ocorre com a diversidade das linhagens primitivas; pois então, demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO [121]

43. Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência eles podem fazer o mal.

Logo que um mundo chega a um de seus períodos de transformação que o faz subir na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada; é então que se dão as grandes emigrações e imigrações (itens 34 e 35). Aqueles que, malgrado sua inteligência e seu saber, perseveraram no mal, na sua revolta contra Deus e contra suas leis seriam daí em diante um entrave para o futuro progresso moral, uma causa permanente de problema para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos desse mundo e enviados para outros menos evoluídos; lá, eles aplicarão sua inteligência e intuição dos seus conhecimentos adquiridos em favor do progresso daqueles entre os quais são convocados a viver, ao mesmo tempo em que expiarão suas faltas passadas e seu endurecimento

[121] Quando publicamos na ***Revista Espírita*** de janeiro de 1862 um artigo sobre a **interpretação da doutrina dos anjos decaídos**, apresentamos essa teoria como uma hipótese, não tendo mais que a autoridade de uma opinião pessoal passível de controvérsia, porque então nos faltavam elementos completos o bastante para uma afirmação absoluta; nós a expusemos a título de ensaio, tendo em vista provocar o seu exame, bem determinado a abandoná-la ou a modificá-la se fosse preciso. Hoje, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não só ela foi bem aceita pela maioria dos Espíritas como a mais racional e a mais concordante com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre o assunto. É o mesmo caso do que concerne à origem da raça adâmica.

voluntário, numa série de existências penosas e por um duro trabalho.

Que serão eles entre esses povos, novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? Para eles, a terra ***de onde foram expulsos*** não é exatamente um ***paraíso perdido***? Não era para eles um ***lugar de delícias*** em comparação com o meio cruel onde vão ficar relegados durante milhares de séculos, até que um dia tenham merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que conservam em si é para eles como uma longínqua miragem que lhes recorda o que ***perderam por sua própria culpa***.

44. Mas ao mesmo tempo em que os maus são retirados do mundo em que habitavam, eles são substituídos por Espíritos melhores, vindos ou da erraticidade desse mesmo mundo, ou de um mundo menos adiantado, que eles mereceram deixar, e para os quais sua nova estadia é uma recompensa. A população espiritual sendo assim renovada e depurada dos seus piores elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

Essas mutações às vezes são parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são generalizadas, quando o período de renovação chega para o globo.

45. A raça adâmica tem todas as características de uma raça banida; os Espíritos que fazem parte dela foram exilados para a Terra, já povoada, mas por homens primitivos, imersos numa ignorância, e que os adâmicos tiveram por missão fazer progredir, trazendo entre eles as luzes de uma inteligência desenvolvida. De fato, não é esse o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde eles partiram era mais adiantado do que a Terra; porém, como aquele mundo deveria entrar numa nova fase de progresso, e esses Espíritos, visto sua obstinação, não tendo sabido se colocar à altura daquele progresso, lá estariam deslocados e seriam um entrave à marcha providencial das coisas; eis por que eles foram excluídos de lá, ao passo que outros mereceram lhes substituir.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, Deus

teve razão para lhe dizer: “Tirarás teu alimento do suor do teu rosto”. Na sua mansidão, ele prometeu que lhe enviaria um ***Salvador***, isto é, aquele que deveria esclarecer sobre o caminho a seguir para sair desse lugar de miséria, desse ***inferno***, e alcançar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Deus lhe enviou na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade desconhecida por eles, e que deveria ser a verdadeira âncora de salvação.

É igualmente com o objetivo de fazer a humanidade avançar num determinado sentido que Espíritos superiores — embora sem as qualidades do Cristo — encarnam de tempos em tempos na Terra para aqui desempenhar missões especiais que beneficiam o seu adiantamento pessoal, se eles as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46. Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Com efeito, suponhamos que a alma de cada homem seja criada no nascimento do seu corpo e que ela não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; são todas estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador feita por Deus não poderia se aplicar aos descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse se relacionar com as palavras de Deus, seria preciso que elas pudessem ser aplicadas às mesmas almas. Se estas almas são novas, não podem ser maculadas pelo erro do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual; caso contrário, Deus teria ***criado*** almas maculadas de uma falta que não poderia passar para elas, já que essas almas não existiam. A doutrina comum do pecado original implica então a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e aquelas do tempo de Adão, e por consequência a reencarnação.

Digam que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra no tempo de Adão e que elas se achavam manchadas dos vícios que lhes fizeram ser excluídas de um mundo melhor e vocês terão a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio a cada indivíduo, e não o resultado da responsabilidade da falta de alguém a quem jamais este conheceu; digam que essas almas ou Espíritos renascem diversas

vezes na Terra para a vida corpórea para progredir e se depurar; que o Cristo veio esclarecer ***essas mesmas almas*** não só acerca de suas vidas passadas, como também sobre suas vidas ulteriores, e só então vocês darão à sua missão um sentido real e sério, aceitável pela razão.

47. Um exemplo familiar — impressionante pela sua analogia — fará ainda mais compreensíveis os princípios que acabam de ser expostos:

Em 24 de maio de 1861, o navio ***Ifigênia*** trouxe à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. Na sua chegada, o comandante da colônia lhes endereçou uma ordem do dia assim expressa:

"Pondo os pés nesta terra distante, sem dúvida vocês já cumpriram o papel que lhes estava reservado.

"A exemplo dos nossos bravos soldados da marinha servindo sob as suas vistas, vocês nos ajudam a levar com brilho, no meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a tocha da civilização. Eu lhes pergunto: não é uma bela e nobre missão? Vocês a cumprirão dignamente.

"Escutem a palavra e os conselhos dos seus chefes. Estou à frente deles; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

"A escolha do seu comandante, dos seus oficiais, dos seus suboficiais e cabos são uma garantia certa de que todos os esforços serão dirigidos para fazer de vocês excelentes soldados; digo mais: para elevá-los à altura de bons cidadãos e transformá-los em colonos honrados ***se assim quiserem***.

"Vossa disciplina é severa e assim deve ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, saibam bem; como igualmente, justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação..."

Aí temos então homens expulsos de um país civilizado, por causa de seu mau procedimento, e enviados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? — "Vocês infringiram as leis do seu país; nele se tornaram causa de perturbação e escândalo e por isso foram expulsos; foram enviados para cá, mas aqui podem resgatar o seu passado; pelo trabalho vocês podem criar aqui uma posição honrosa e se tornarem cidadãos honestos. Vocês têm aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização entre estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos

distinguir aqueles que procederem bem. O destino de vocês está em suas mãos; podem se melhorar ***se o desejarem***, pois possuem o livre-arbítrio."

Para aqueles homens relegados no meio da selvajaria, a pátria-mãe não é um paraíso perdido por suas próprias faltas e por rebelião contra a lei? Nessa terra distante, eles não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é aquela — "Vocês têm desobedecido às minhas leis e por isso eu os expulsei do mundo onde podiam viver felizes e em paz; aqui, estarão condenados ao trabalho, mas pela sua boa conduta vocês poderão merecer perdão e reconquistar a pátria que perderam por suas faltas, isto é, o Céu" — que Deus dirigiu aos Espíritos exilados na Terra?

48. À primeira vista, a ideia de rebaixamento parece uma contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retroceder; mas é necessário considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo; o Espírito — ainda que numa posição inferior — não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde esteja colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos; certamente esse homem se encontra degradado do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido nem mais ignorante.

49. Acredita-se agora que esses homens enviados para a Nova Caledônia vão se transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão abandonar repentinamente todos os seus erros passados? Seria necessário desconhecer a humanidade para supor isso. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica — uma vez transplantados para a terra do exílio — não se depuraram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências de sua origem, um resto do velho fermento; ora, não é esse o pecado original?

CAPÍTULO XII

Gênese mosaica

OS SEIS DIAS – O PARAÍSO PERDIDO

OS SEIS DIAS

1. Capítulo I — 1. No princípio Deus criou o céu e a terra. - 2. A terra era uniforme e toda nua; as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus passeava sobre as águas. - 3. Então Deus disse: Que a luz seja feita e a luz foi feita. - 4. Deus viu que a luz era boa, e separa a luz das trevas. - 5. Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus disse também: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas das águas. - 7. E Deus fez o firmamento; e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. - 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Disse Deus ainda: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça. E assim se fez. - 10. Deus deu ao elemento árido o nome de ***terra***, e chamou de ***mar*** todas as águas recolhidas. E viu que isso era bom. - 11. Deus disse mais: Que a terra produza a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que deem frutos cada qual segundo sua espécie, e que contenham suas sementes em si mesmas para se reproduzir na terra. E assim se fez. - 12. A terra então produziu a erva verde que trazia a semente conforme a sua espécie, e árvores frutíferas que continham suas sementes em si mesmas, cada qual segundo sua espécie. E Deus viu que isso era bom. - 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse assim: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu, a

fim de que eles separem o dia da noite, e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. - 15. Que eles brilhem no firmamento do céu e que iluminem a terra. E assim se fez. - 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia, o outro menor para presidir à noite; também fez as estrelas. - 17. E os pôs no firmamento do céu para brilhar sobre a terra. - 18. Para presidir ao dia e à noite, e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. - 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.
20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra abaixo do firmamento do céu. - 21. Então Deus criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram cada qual segundo sua espécie, e criou também todos os pássaros segundo sua espécie. Ele viu que isso era bom. - 22. E os abençoou dizendo: Cresçam e se multipliquem, e encham as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a terra. - 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus também disse: Que a terra produza animais vivos cada qual segundo sua espécie, os animais domésticos, os répteis e as feras selvagens da terra em suas diferentes espécies. E assim se fez. - 25. Deus então fez as feras selvagens da terra segundo suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada qual segundo sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Em seguida, ele disse: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança, e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, as feras, em toda a terra e a todos os répteis que se movem sobre a terra. - 27. Deus assim criou o homem à sua imagem, e o criou à imagem de Deus, e o criou macho e fêmea. - 28. Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, encham a terra e sujeitem-na a vocês, dominem sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem sobre a terra. - 29. Disse Deus ainda: Eu lhes dei todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que contém em si mesmas suas sementes cada qual segundo sua espécie, a fim de que lhes sirvam de alimento; - 30. E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move sobre a Terra e que é vivo e animado, a fim de que eles tenham de que se alimentar. E assim se fez. - 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. - 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II — 1. O céu e a terra ficaram então concluídos com todos os seus

ornamentos. - 2. Deus concluiu no sétimo dia toda a obra que havia feito e repousou nesse sétimo dia, após ter concluído todas as suas obras. - 3. Ele abençoou o sétimo dia e o santificou, porque ele havia cessado nesse dia de produzir todas as obras que tinha criado. - 4. Essa é a origem do céu e da terra, e foi assim que eles foram criados no dia que o Senhor fez um e outro. - 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra, e todas as ervas dos campos antes que houvessem germinado. Porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para lavrá-la; - 6. Porém, da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

7. O Senhor Deus forma então o homem do barro da terra, e lhe espalhou sobre rosto dele um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2. Após as explicações contidas nos capítulos anteriores sobre a origem e a constituição do Universo, conforme os dados fornecidos pela ciência quanto à parte material, e pelo Espiritismo quanto à parte espiritual, seria útil colocá-las em paralelo o próprio texto da Gênesis de Moisés, a fim de que cada um pudesse fazer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações complementares serão suficientes para fazer compreender as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. Sobre alguns pontos, há certamente uma notável concordância entre a Gênesis de Moisés e a doutrina científica; mas seria erro acreditar que basta substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação, pelos seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa; seria um erro maior ainda acreditarmos que — salvo o sentido alegórico de algumas palavras — a Gênesis e a ciência caminham passo a passo, sendo uma apenas a simples confirmação da outra.

4. Notamos de início que, assim como já foi dito (Cap. VII, item 14), o número de seis períodos geológicos é arbitrário, pois, conta-se mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número marca apenas as grandes fases gerais; ele só foi adotado, a princípio, para retornar, o máximo possível, no texto bíblico a uma época — pouco distante, aliás — quando se acreditava que

a ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, visando se fazer mais facilmente aceitável, se esforçaram para se colocar em acordo com o texto sagrado. Quando a ciência se apoiou no método experimental, ela sentiu-se mais forte e se emancipou; hoje, é a Bíblia que é controlada pela ciência.

De outra forma, a geologia — não tomando por ponto de partida senão a formação dos terrenos graníticos, na contagem de seus períodos — não abrange o estado primitivo da Terra. Tampouco ela se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo — que pertencem à astronomia. Para enquadrar tudo na Gênesis, convém então acrescentarmos um primeiro período abrangendo essa ordem de fenômenos, ao qual se poderia chamar ***período astronômico***. Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram antes e depois do dilúvio. Podemos então fazer abstração desse período sem nos desviarmos da verdade.

5. A tabela comparativa a seguir, no qual estão resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite considerar o conjunto e julgar as relações e as diferenças existentes entre elas e a Gênesis bíblica:

CIÊNCIA	GÊNESIS
I - PERÍODO ASTRONÔMICO: Aglomeração da matéria cósmica universal em um ponto do espaço numa nebulosa que, pela condensação da matéria em diversos pontos, deu origem às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. – Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.	**1º DIA:** O céu e a terra. – A luz.
II - PERÍODO PRIMÁRIO: Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. – Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. – Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. – Ausência completa de vida orgânica.	**2º DIA:** O Firmamento. – Separação das águas que estão acima do firmamento daquelas que estão debaixo.

III - PERÍODO DE TRANSIÇÃO: As águas cobrem toda a superfície do globo. – Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. – Calor úmido. – O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. – Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. – Liquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. – Primeiros animais marinhos: zoófitos, polipeiros, crustáceos. – Depósitos betuminosos.	**3º DIA:** As águas que estão debaixo do firmamento se reúnem; o elemento árido aparece. – A terra e os mares. — As plantas.
IV - PERÍODO SECUNDÁRIO: Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcários pelas águas. – Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. – Peixes; cetáceos; animais com conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.	**4º DIA:** O Sol, a Lua e as estrelas.
V - PERÍODO TERCIÁRIO: Grandes soerguimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. – Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. – Animais terrestres gigantescos. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros. **DILÚVIO UNIVERSAL**	**5º DIA:** Os peixes e os pássaros.
VI - PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO: Terrenos de aluvião. – Vegetais e animais da atualidade. – O homem.	**6º DIA:** Os animais terrestres. – O homem.

6. Um primeiro fato que ressalta desse quadro comparativo é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa a cada um dos seis períodos geológicos, como muitos supõem. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, e no aparecimento do homem por último; mas este é um fato importante.

Há igualmente coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si na passagem em que diz que, no terceiro dia “as águas que estão debaixo do céu se reuniram em um só lugar e o elemento árido apareceu”. É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas que formaram os mares. Foi somente a partir daí que apareceram os animais terrestres, segundo a geologia e segundo Moisés.

7. Quando Moises diz que a criação foi feita em seis dias, queria ele falar de dias de vinte e quatro horas, ou teria empregado essa palavra no sentido de: período, de duração? A primeira hipótese é a mais provável, se nos referirmos

ao mesmo texto; primeiramente porque este é o sentido próprio da palavra hebraica *ïôm*, traduzida por *dia*; depois a especificação de tarde e de manhã — que limitam cada um dos seis dias — faz tudo supor que ele queria falar de dias regulares. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, quando diz no versículo 5: "Ele deu à luz o nome de dia e às trevas dá o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia". Isso obviamente não pode se aplicar senão ao dia de vinte e quatro horas, dividido pela luz e pelas trevas. O sentido se torna ainda mais preciso quando ele diz no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: "Ele as colocou no firmamento do céu para elas brilharem sobre a terra; para presidirem o dia e a noite, e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia."

Aliás, tudo na criação era miraculoso e, desde que se entre pela via dos milagres, podemos perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignora as primeiras leis naturais. Essa crença foi muito compartilhada por todos os povos civilizados, até o momento em que a geologia surgiu, com as provas na mão, demonstrando a impossibilidade dessa crença.

8. Um dos pontos que têm sido mais criticados na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, até mesmo com os dados fornecidos pela geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, a atmosfera terrestre — sendo carregada de vapores densos e opacos — não permitia que se visse o Sol, que, assim, efetivamente não existia para a Terra. Talvez essa explicação fosse admissível se naquela época já houvesse habitantes para julgar a presença ou a ausência do Sol; ora, segundo o próprio Moisés, somente havia plantas, que, contudo, não poderiam crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Portanto, há evidentemente um anacronismo na ordem que Moisés assinala para a criação do Sol; mas — involuntariamente ou não — ele não cometeu um erro ao dizer que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto, dita de outra maneira, do fluido que, em certas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido — que é

a causa — havia necessariamente de existir antes do Sol — que é apenas um efeito. O Sol é ***causa*** para a luz que ele irradia, mas ele é ***efeito*** com relação à luz que ele recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que é que se fez para se acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade luminescente do fluido luminoso e concentrou-se esse fluido num ponto; a vela é a causa da luz espalhada pelo quarto, mas se o princípio luminoso não existisse antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

É o mesmo caso do Sol. O erro provém da ideia falsa que se tem desde longo tempo de que o Universo inteiro começou com a Terra, e então não se compreende que o Sol pudesse ser criado depois da luz. Sabemos atualmente que antes do nosso Sol e nossa Terra já existiam milhares de sóis e terras, que consequentemente já desfrutavam da luz. Portanto, a afirmação de Moisés é perfeitamente exata em princípio: ela é falsa naquilo que faz crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol; estando sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, a Terra teve de ser formada depois dele: isso é o que Moisés não podia saber, pois ignorava a lei de gravidade.

Essa mesma ideia se encontra na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad[122] , narrando a origem do mundo, Ormuzd[123] diz: “Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas.” (*Dicionário de Mitologia Universal*). A forma aqui é seguramente mais clara e mais científica do que em Moisés, e não precisa de comentários.

9. Evidentemente, Moisés compartilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia é expressa sem alegoria e nem ambiguidade nessa passagem (versículos 6 e seguintes): “Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que se separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que

---

122 *Vendidad* (*Vendedad* em francês): um dos livros que compõem o *Avesta*, os textos sagrados do Zoroastrismo (religião da antiga Pérsia cujo profeta maior é Zaratustra, também conhecido como Zoroastro) — N. T.

123 Ormuzd (também chamado de Aúra-Masda ou simplesmente Ormuz): é o deus do bem dentro da dualidade do Zoroastrismo, sendo seu irmão gêmeo Arimã, o deus do mal — N. T.

estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima do firmamento." (Veja o cap. V, *Antigos e modernos sistemas do mundo*, itens 3, 4 e 5).

Uma antiga crença considerava a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; também Moisés não fala da criação das águas, que aparentemente já existiam. "As trevas cobriam o abismo", quer dizer, as profundezas do espaço que a imaginação representava vagamente ocupada pelas águas e em trevas antes da criação da luz; eis aí por que Moisés diz: "O Espírito de Deus passeava (ou plainava) sobre as águas". A Terra sendo supostamente formada no meio das águas, era preciso isolá-la; supôs-se então que Deus teria feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

Para se compreender certas partes da Gênese, é preciso necessariamente se colocar no ponto de vista das ideias cosmogônicas da época em que ela reflete.

10. Desde os progressos da física e da astronomia, uma doutrina como essa não é sustentável.[124] Entretanto, Moisés atribui aquelas palavras ao próprio Deus; ora, visto que elas exprimem um fato notadamente falso, de duas coisas uma: ou Deus se enganou quanto à narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é uma revelação divina. A primeira suposição não sendo admissível, é preciso concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias. (cap. I, item 3).

11. Moisés está mais com a verdade quando diz que Deus formou o homem com o barro da terra.[125] A ciência nos mostra, de fato (Cap. X) que o ***corpo*** do homem é composto de elementos tomados da matéria inorgânica — por outras palavras, do barro da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria,

---

[124] Por mais grosseiro que seja o erro de uma crença como essa, ainda se mima como ela as crianças de nossos dias como se essa crença fosse uma verdade sagrada. Não é senão tremendo dela que os educadores ousam arriscar uma tímida interpretação. Como querem que isso mais tarde não faça incrédulos?

[125] A palavra hebraica *haadam*, homem, do qual fez *Adão (Adam),* e o termo *haadama*, terra, têm a mesma raiz.

aparentemente infantil, se for tomada literalmente, mas profunda quanto ao sentido. Essa alegoria tem por objetivo mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, por isso, sua semelhante perante Deus, e não uma criatura à parte feita para ser escravizada nem tratada como hilota[126]. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo barro; isso diz ao homem que ela é sua semelhante, e não sua serva, que ele deve amá-la como parte de si mesmo.

12. Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação miraculosa e instantânea tinha qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um único ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. De fato, que pintura mais sublime e mais poética desse poder do que estas palavras: “Deus disse: Que a luz se faça e a luz foi feita!”. Deus criando o Universo pelo cumprimento lento e gradual das leis da natureza teria lhes parecido menor e menos poderoso; para eles, fazia-se necessário qualquer coisa de maravilhoso que saísse das vias comuns, do contrário eles teriam dito que Deus não seria mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

Em suma, não rejeitemos a Gênesis bíblica; ao contrário, vamos estudá-la como estudamos a história da infância dos povos. Trata-se de uma epopeia rica em alegorias a qual devemos procurar o sentido oculto; que precisamos comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da ciência. Tudo nela fazendo ressaltar a beleza poética e os ensinamentos velados sob a forma imaginosa, faz-se preciso demonstrar francamente os erros, no próprio interesse da religião. Nós a respeitaremos melhor quando esses erros não forem mais impostos pela fé como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando seu nome não for misturado com fatos controversos.

---

126 Hilota era um tipo de servo na Grécia Antiga que, diferentemente dos escravos, era propriedade do Estado, que administrava a produção econômica. — N. T.

PERDA DO PARAÍSO [127]

13. Capítulo II — 9. Ora, o Senhor Deus plantou desde o princípio um jardim delicioso, no qual pôs o homem que ele havia formado. – O Senhor Deus também havia produzido da terra todas as espécies de árvores belas à vista e cujo fruto era agradável ao paladar, e a árvore da vida no meio do paraíso[128], com a árvore da ciência do bem e do mal. *(Ele, Jeová Eloim, fez sair da terra* [min haadama] *toda árvore bela de ser vista e boa para ser comida, e a árvore da vida* [vehetz hachayim] *no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal).*

15. O Senhor pegou então o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. - 16. Deu-lhe também essa ordem, e lhe disse: Coma de todas as árvores do paraíso (*Ele, Jeová Eloim, ordenou ao homem* [hal haadam], *dizendo: De qualquer árvore do jardim* [hagan] *tu podes comer.)* - 17. Mas, não coma jamais do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque ao mesmo tempo que o comer, você morrerá com toda a certeza. (*E da árvore da ciência do bem e do mal* [oumehetz hadaat tob vara] *não comerás, porque no dia que o comeres, tu morrerás.*)

14. Capítulo III — 1. Ora, a serpente era o mais perspicaz de todos os animais que o Senhor Deus havia criado sobre a Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus te ordenou não comer dos frutos de todas as árvores do paraíso? (*E a serpente* [nâhâsch] *era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher* [el haïscha]: *Eis o que Eloim disse: Não comerás de nenhuma árvore do jardim?).* - 2. A mulher lhe respondeu: Nós comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (*Ela, a mulher, disse à serpente, do fruto* [miperi] *das árvores do jardim nós podemos comer.*) - 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos e nem o tocássemos, para não corrermos o perigo de morrer. - 4. A serpente retrucou à mulher: Seguramente vocês não morrerão; - 5. Mas é que Deus sabe que assim que tiverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão e vocês serão como *deuses*, conhecendo o bem e o mal.

---

[127] Em seguida a alguns versículos, nós colocamos a tradução literal do texto hebreu, que expressa mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente.

[128] Paraíso, do latim *paradisus*, derivado do grego: *paradeisos*, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é *hagan*, que tem a mesma significação.

6. A mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, ela o comeu e o deu ao seu marido, que também comeu dele. (*Ela, a mulher, viu que ela era boa a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para* COMPREENDER [leaskil], *e ela comeu de seu fruto* etc.)

8. E como se eles tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava pelo paraíso à tarde, quando sopra um vento suave, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso para se ocultarem diante da sua face.

9. Em seguida o Senhor Deus chamou Adão, e lhe disse: Onde você está? - 10. Adão lhe respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, eis por que me escondi. - 11. O Senhor lhe retrucou: E como soube que estava nu, senão por ter comido do fruto da árvore da qual eu os proibi de comer? - 12. Adão lhe respondeu: A mulher que me deu por companheira me apresentou o fruto dessa árvore, e eu comi dele. - 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que você fez isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então o Senhor Deus disse à serpente: Por ter feito isso, você será maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rastejará sobre o ventre e comerá terra por todos os dias de tua vida. - 15. Colocarei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te esmagará a cabeça e você tentará mordê-la no calcanhar.

16. Deus disse assim à mulher: Eu te afligirei com muitos males durante tua gravidez; você parirá com dor; ficará sob a dominação de teu marido, e ele te dominará.

17. Em seguida, disse a Adão: Por ter escutado a voz de tua mulher e ter comido do fruto da árvore de que eu proibi que vocês comessem, a terra será maldita por causa do que vocês fizeram e não tirarão dela com o que se alimentar durante toda a vida senão com trabalho. - 18. Ela lhes produzirá espinhos e sarças e vocês se alimentarão da erva da terra. - 19. E comerão seu pão com o suor do seu rosto até que voltem à terra de onde foram tirados, pois vocês são pó e ao pó voltarão.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e para sua mulher roupas de peles com que os cobriu. - 22. E ele disse: Eis aí Adão feito *um de nós*, conhecendo o

> bem e o mal. Pois então, agora vamos impedir que ele estenda a sua mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, ele viva eternamente. (*Ele, Jeová Eloim, disse: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; e agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida* [veata pen ischlach yado velakach mehetz hachayim]; *ele comerá dela e viverá eternamente).*
>
> 23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele havia sido tirado. - 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins[129] diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para guardar o caminho que conduzia à árvore da vida.

15. Sob uma imagem infantil e às vezes ridícula — se nos prendermos à forma — a alegoria frequentemente oculta as maiores verdades. À primeira vista, haverá fábula mais absurda do que aquela de Saturno, um deus devorando pedras que ele toma como seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa figura, quando procuramos nela o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas tudo também se destrói com o tempo. Saturno devorando pedras é o símbolo da destruição pelo tempo dos corpos mais duros, que são seus filhos, pois eles são formados com o tempo. E, segundo essa mesma alegoria, quem escapa dessa destruição? Júpiter, o símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. Essa imagem é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, assim se diz de uma deteriorada a longo prazo, que ela é devorada pelo tempo, gasta, devastada pelo tempo.

Na realidade, toda a mitologia pagã não é mais do que um vasto quadro alegórico das diversas faces — boas e más — da humanidade. Para quem busca o seu sentido, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as fábulas modernas. O absurdo era tomar a forma pela essência.

---

[129] Do hebreu *cherub*, *keroub*, boi; e, *charab*, lavrar. Anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que são representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

16. Ocorre o mesmo com a Gênesis, na qual precisamos ver grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, presas à letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais aos quais não sabe resistir.[130]

A árvore, como árvore de vida, é o símbolo da vida espiritual; como árvore da ciência é a da consciência do bem e do mal que o homem adquire pelo desenvolvimento da sua inteligência e do seu livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre um e outro; assinala o ponto em que a alma do homem — deixando de ser guiada unicamente pelos seus instintos — toma posse da sua liberdade e passa a ter responsabilidade pelos seus atos.

O fruto da árvore é o emblema do objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça e da concupiscência; ele resume numa única figura os motivos do arrastamento ao mal; comer esse fruto significa cair na tentação. Ele cresce no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres, e para lembrar que, se o homem dá preponderância aos gozos materiais, ele se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual.[131]

A morte de que ele é ameaçado — caso transgrida a proibição que se faz a ele — é uma advertência das inevitáveis consequências físicas e morais que decorrem da violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência. É bastante evidente que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de

---

130 Hoje está bem reconhecido que a palavra hebraica *haadam* não é um nome próprio, mas que significa o homem em geral, a humanidade, que destrói toda a estrutura construída sobre a personalidade de Adão.

131 Em nenhum texto o fruto está especificado pela *maçã*; essa palavra só é encontrada nas versões infantis. O termo do texto hebreu é *peri*, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie, e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como queira, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum*, que se aplica tanto à maçã como a qualquer espécie de fruto. Deriva do grego *melon*, particípio do verbo *melo*, interessar, cuidar, atrair.

sua falta, Adão viveu ainda longo tempo, mas sim da morte espiritual, dita por outras palavras da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda da qual sua expulsão do jardim de delícias é a imagem.

17. A serpente de hoje está longe de passar pelo tipo da astúcia; consta aqui, portanto, mais por referência à sua forma do que pelo seu caráter, uma alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinuam como a serpente, e da qual, por essa razão, muitas vezes não se desconfia dela. Além do mais, por haver enganado a mulher, se a serpente é que foi condenada a rastejar sobre o ventre, isso poderia dizer que antes ela tinha pernas — e aí neste caso não seria uma serpente. Por que então se há de impor à fé ingênua e crédula das crianças, como se fossem verdades, alegorias tão evidentes e que, falseando seu juízo, mais tarde se faz que elas olhem a Bíblia como um emaranhado de fábulas absurdas?

Além do mais, é preciso observar que o termo hebreu *nâhâsch*, traduzido pela palavra ***serpente***, vem da raiz *nâhâsch*, que significa: ***fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas***, e pode significar: ***encantador, adivinho***. Nós o encontramos com esta acepção na Gênesis, capítulo 44, versículos 5 e 15, a propósito da taça que José mandou esconder no saco de Benjamim: "A taça que vocês roubaram é aquela na qual meu Senhor bebe, e da qual ele se serve para adivinhar (*nâhâsch*)[132]. Ignoram que não há quem me iguale na ciência de adivinhar (*nâhâsch*)?" No livro Números, capítulo 23, versículo 23: "Não há encantamentos (*nâhâsch*) em Jacó, nem adivinhos em israel." Daí, a palavra *nâhâsch* tomou também a significação de *serpente*, réptil que os encantadores tinham a pretensão de encantar, ou de que eles se serviam em seus encantamentos.

Apenas na versão da ***Septuaginta*** [133] — escrita em grego, antes do

---

[132] Deste fato se poderá pensar que a mediunidade pelo *copo de água* seria conhecida dos egípcios? (*Revista espírita,* junho de 1868.)

[133] *Septuaginta*, ou *Versão dos Setenta*, é a mais antiga versão da Bíblia hebraica traduzida para o grego coiné entre os séculos III e I a.C. em Alexandria, Egito, a qual serviu de base para outras diversas traduções. É assim chamada por conta dos relatos (que os estudiosos atuais consideram fictícios) de que essa versão teria ficado pronto em cerca de setenta dias, graças ao esforço de cerca de setenta eruditos judeus. — N. T.

segundo século da Era Cristã, e que, segundo Hutcheson[134], corrompeu o texto hebreu em muitos trechos — que a palavra *nâhâsch* foi traduzida por ***serpente***. As inexatidões dessa versão indubitavelmente resultaram das modificações que a língua hebraica havia sofrido nesse intervalo; pois o hebreu do tempo de Moisés era uma língua morta, que diferia do hebreu comum, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos.[135]

É provável, pois, que Moisés tenha ouvido, por sedutor da mulher, o desejo indiscreto de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo Espírito de adivinhação, o que concorda com o sentido primitivo da palavra *nâhâsch*, adivinhar; e, por outro lado, com estas palavras: "Deus sabe que tão logo tenham comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e vocês serão como ***deuses***. Ela, a mulher, viu que era cobiçável a árvore para ***compreender*** (léaskil) e ela tomou do seu fruto." Não se deve esquecer que Moisés queria proibir os hebreus de praticar a arte da adivinhação ao modo dos egípcios, e a prova disso na sua defesa de interrogar os mortos e o Espírito de Píton. (***O céu e o Inferno*** segundo o Espiritismo, cap. XI.[136])

18. A passagem onde está dito que "O Senhor passeava pelo jardim à tarde, quando se levanta um vento suave" é uma imagem ingênua e um tanto pueril que a crítica não deixou de salientar; mas ela nada tem que deva surpreender se nos reportamos à ideia que os hebreus dos tempos primitivos faziam da Divindade. Para aquelas inteligências brutas, incapazes de conceber abstrações, Deus devia ter uma forma concreta e eles relacionavam tudo com a humanidade, como único ponto conhecido. Moisés lhes falava então como

---

134 Francis Hutcheson (1694-1746) foi renomado um teólogo e filósofo finlandês, conhecido pelas suas teses sobre ética e defesa do progresso comum, rompendo com o puritanismo e abrindo uma visão religiosa mais liberal e moderna, influenciando outros grandes pensadores, como o filósofo e economista Adam Smith, que foi seu aluno. — N. T.

135 A palavra *nâhâsch* existia na língua egípcia, com a significação de *negro*, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. Talvez também por isso é que as esfinges (de origem assíria) eram representadas por uma figura de negro.

136 Na versão original, esta indicação aponta para o capítulo XII, mas o referido capítulo na verdade é o XI, da primeira parte, intitulado '*Da proibição de evocar os mortos*', da obra ***O Céu e o Inferno***, — N. T.

que a crianças, por meio de imagens sensíveis. No caso em questão, era a potência soberana personificada, como os pagãos personificavam, em figuras alegóricas, as virtudes, os vícios e as ideias abstratas. Mais tarde, os homens despojaram a ideia da forma, como a criança que se tornou adulta procura o sentido moral dos contos com os quais foram acalentadas. Deve-se considerar essa passagem, portanto, como uma alegoria da própria Divindade vigiando os objetos da sua criação. O grande rabino Wogue[137] a traduziu assim: "Eles ouviram ***a voz*** do Eterno Deus percorrendo o jardim, do lado de onde vem o dia."

19. Se o erro de Adão foi literalmente ter comido um fruto, pela sua natureza quase pueril, esse erro incontestavelmente, não poderia justificar o rigor com que foi punido. Nem seria racionalmente mais admissível que o fato seja como geralmente se supõe; doutra forma, considerando esse erro como um crime irremissível, Deus teria condenado sua própria obra, já que ele teria criado o homem para a propagação. Se Adão tivesse escutado nesse sentido a proibição de tocar no fruto da árvore e se o tivesse cumprido rigorosamente, onde estaria a humanidade e o que teria sido feito dos desígnios do Criador?

Deus não havia criado Adão e Eva para ficarem sozinhos na Terra, e a prova disso está nas próprias palavras que dirige a eles imediatamente após a sua criação, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: "Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, ***encham a terra*** e a submetam a vocês." (Gênesis, 1:28). Já que a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terreno, a expulsão deles não pode ter sido por causa do fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se esconderem. Mas essa mesma vergonha é uma figura para comparação: ela simboliza a confusão que todo culpado experimenta na presença daquele a quem ofendeu.

20. Então, definitivamente, qual é o erro tão grande que mereceu acarretar a

[137] Lazare Wogue (1817-1897): francês de origem judaica, dito o grande rabino Éléazar. — N. T.

reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que o cometeu? Caim, o fratricida[138], não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo pode defini-lo logicamente, porque todos — não saindo da letra — têm girado dentro de um círculo vicioso.

Hoje sabemos que aquele erro não é um ato isolado e pessoal de um indivíduo, mas que, sob um fato simbólico único, envolve o conjunto das irresponsabilidades de que a humanidade da Terra — que ainda é imperfeita — mal pode ser culpada, e que se resumem nestas palavras: ***infração da lei de Deus***. Por isso que o erro do primeiro homem — simbolizando a humanidade — é simbolizado em si mesmo por um ato de desobediência.

21. Ao dizer a Adão que ele tiraria da terra sua alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que ele fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse através do trabalho? Que seria da Terra, se ela não fosse fecundada, transformada e saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (Gênesis, 2:5 e 7): "O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a terra, e não havia nela homens que a cultivassem. Então o Senhor formou o homem do barro da terra". Essas palavras, relacionadas com estas: ***Encham a terra***, provam que o homem, desde a sua origem, estava destinado a ocupar ***toda a Terra*** e a cultivá-la; além do demais, que o paraíso não era um lugar circunscrito a um canto do globo. Se a cultura da terra devesse ser uma consequência do erro de Adão, ocorreria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra não teria sido cultivada e os desígnios de Deus não teriam sido cumpridos.

Por que ele disse à mulher que, por ela ter cometido tal erro, ela iria parir com dor? Como a dor do parto pode ser um castigo, se é um efeito do organismo, e que já está provado fisiologicamente que é uma necessidade? Como uma coisa que se produz segundo as leis da natureza pode ser punição? É o que os teólogos ainda não explicaram e que não poderão explicar enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram; todavia,

---

138 Fratricida: aquele que mata o seu irmão ou sua irmã (Caim é assim intitulado por ter assassinado seu irmão Abel) – N. T.

essas palavras — que parecem tão contraditórias — podem ser justificadas.

22. Antes de tudo, notemos que, no momento da criação de Adão e Eva, se suas almas tivessem sido tiradas do nada, como alguns ensinam, eles deveriam ser novatos em todas as coisas; não deveriam saber o que é morrer. Como estavam ***sozinhos*** na Terra, enquanto viviam no paraíso terrestre, não tinham visto ninguém morrer; como então eles teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fizera? Como Eva teria compreendido que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

As palavras de Deus, portanto, não faziam nenhum sentido para Adão e Eva. Recentemente surgidos do nada eles não podiam saber nem por que nem como tinham surgido ali; não podiam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que ele lhes havia dado. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre toda a humanidade.

23. O que é um impasse para a teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de maneira racional pela anterioridade da alma e pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anormalidade na vida do homem. Com efeito, admitindo que Adão e Eva já tivessem vivido, tudo se acha justificado: Deus não lhes fala como que a crianças, mas como a seres em condições de compreendê-lo e que o compreendem — prova evidente de que tinham aquisições anteriores. E mais, vamos admitir que eles tenham vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o trabalho do corpo; que por sua rebeldia contra a lei de Deus — simbolizada na desobediência — tenham sido excluídos de lá e como punição forma exilados na Terra, onde, pela natureza do globo, o homem é constrangido a um trabalho corporal; Deus tinha razão de lhes dizer: No mundo onde vão viver doravante, "vocês cultivarão a terra e dela tirarão o alimento com o suor do seu rosto"; e, para a mulher: "Você

parirá com dor", porque essa é a condição desse mundo (Cap. XI, itens 31 e seguintes).

O paraíso terrestre — cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra — era então a figura do mundo feliz onde Adão vivera, ou antes, a raça dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes desse mundo e a mudança de situação que foi a consequência dessa expulsão. O anjo armado com uma espada flamejante, que defende a entrada do paraíso, simboliza a impossibilidade na qual estão os Espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores, antes de o terem merecido pela sua purificação. (Ver adiante o cap. XIV, itens 8 e seguintes).

> 24. Caim (após a morte de Abel) responde ao Senhor: Minha iniquidade é grande demais para poder obter o perdão. O Senhor hoje me expulsa da superfície da Terra e eu irei me esconder da sua face. Serei fugitivo e vagabundo sobre a Terra e então qualquer um que me encontrar me matará. – O Senhor lhe respondeu: Não, isto não se dará, porque quem matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que o encontrassem não o matassem.
>
> Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim tornou-se vagabundo sobre a Terra e habitou a região oriental do Éden. E tendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Enoque. Em seguida, ele construiu (*vaïehi boné*; literalmente: estava construindo) uma cidade a qual chamou *Enóquia* (Enochia) do nome de seu filho (Gênesis, 4:13-16).

25. Se nos apegarmos à letra da Gênesis, aqui estão as consequências a que chegaremos: Adão e Eva eram os únicos no mundo após a sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente eles tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, Caim — tendo matado seu irmão e se retirado para outra região — não tornou a ver seu pai e sua mãe, que de novo ficaram a sós; foi somente muito tempo depois, na idade de cento e trinta anos, que Adão teve um terceiro filho, chamado Set. Após o nascimento de Set — segundo a genealogia bíblica — ele ainda viveu oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando Caim foi se estabelecer ao oriente do Éden, não havia na Terra mais que três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, ***sozinho*** no seu canto.

Entretanto, Caim teve mulher e um filho; que mulher poderia ser essa e onde ele pôde desposá-la? O texto hebreu diz: ***Ele estava construindo uma cidade***; e não ***ele construiu*** uma cidade, o que indica uma ação presente e não anterior; porém, uma cidade pressupõe habitantes, pois não é de se presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que ele pudesse tê-la construído sozinho.

Portanto, devemos inferir desse referido relato que a região era povoada; ora, não podia ser pelos descendentes de Adão, pois não havia ninguém além de Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: "Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará", e da resposta que Deus lhe deu. De quem ele poderia temer ser morto e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo, se ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens fora a família de Adão, então é que eles já estavam ali antes dele; daí vem esta consequência, tirada do mesmo texto da Gênesis: Adão não é nem o primeiro nem o único pai do gênero humano (Cap. XI, item 34).[139]

26. Faltavam os conhecimentos que o Espiritismo trouxe acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, sobre a natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus na senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual emancipação da influência da matéria, pelo uso do seu livre-arbítrio, da causa dos seus bons ou maus pendores e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, do estado do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro que é o prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para lançar a luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

---

139 Essa ideia não é nova. La Peyrère, sábio teólogo do século XVII, em seu livro *Preadamitas*, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da Bíblia — adulterado pelas traduções — a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão. Essa opinião é hoje a de muitos eclesiásticos esclarecidos.

Graças a essa luz, o homem de agora em diante sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre; ele sabe que o seu futuro está em suas mãos, e que a duração do seu cativeiro aqui embaixo depende dele. A Gênese, despida da alegoria acanhada e mesquinha, apresenta-se para ele grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, a Gênese confundirá a incredulidade e a derrotará.

OS MILAGRES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII

Característica dos Milagres

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO – O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES – DEUS FAZ MILAGRES? – O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO

1. Na sua concepção etimológica, a palavra ***milagre*** (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia a definiu deste modo: ***Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza***.

No seu sentido usual, essa palavra — como tantas outras — perdeu seu significado original. De geral que era, ela se restringiu a uma ordem particular de fatos. No entender das pessoas, um ***milagre*** diz respeito à ideia de um fato sobrenatural; no sentido litúrgico, é uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. De fato, essa é a sua acepção comum, que se tornou o sentido próprio, e é só por comparação e por metáfora que se aplica essa palavra nas circunstâncias normais da vida.

Uma das características do milagre propriamente dito é a de ser inexplicável, pelo mesmo fato que ele se realiza fora das leis naturais; e essa característica é tão associada a essa ideia que se um fato milagroso vem a encontrar sua explicação, diz-se que já não é mais milagre, por mais surpreendente que ele seja. Para a Igreja, o que constitui o mérito dos milagres é precisamente sua origem sobrenatural, e a impossibilidade de os explicarmos; ela está tão firme sobre esse ponto que toda assimilação dos

milagres com os fenômenos da natureza é acusada de heresia, de atentado contra a lei; que ela tem excomungado e até queimado gente que não quis acreditar em certos milagres.

Outra característica do milagre é o de ser raro, isolado e excepcional; logo que um fenômeno se reproduz — seja espontaneamente, seja por um ato da vontade — é que ele está submetido a uma lei, e desde então, que essa lei seja conhecida ou não, esse fenômeno já não pode ser um milagre.

2. A ciência faz milagres todos os dias aos olhos dos ignorantes. Se um homem realmente morto for chamado à vida por uma intervenção divina, isso seria um verdadeiro milagre, por ser um fato contrário às leis da natureza. Mas se esse homem não tivesse mais do que as aparências da morte, se ainda tivesse nele um resto de ***vitalidade latente***, e que a ciência ou uma ação magnética conseguisse reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso seria um fenômeno natural, embora aos olhos de uma pessoa ignorante o fato passaria por miraculoso. Que no meio de certos campos um físico lance uma pipa elétrica e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu[140] certamente será considerado como alguém dotado de um poder diabólico; no entanto, admitindo o fato de Josué[141] parar o movimento do Sol — ou, antes, da Terra —, aí teríamos o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para operar tal prodígio.

Os séculos de ignorância foram férteis de milagres, porque tudo aquilo que não tinha uma causa conhecida se passava por sobrenatural. À medida que a ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringido; mas como a ciência ainda não tinha explorado todo o campo da natureza, uma larga parte dele ainda ficara reservada ao maravilhoso.

---

140 Prometeu: na mitologia grega, era um dos titãs (raça de gigantes que convivia com os deuses) e quem roubou o fogo do Olimpo para levá-lo aos homens; aqui é colocado como alegoria de alguém que realiza uma grande façanha. – N. T.

141 Josué: foi o sucessor de Moisés na condução do povo de Israel fugindo da escravidão no Egito. Entre os principais feitos, segundo a tradição bíblica, em uma determinada batalha, ele contou com a intervenção divina para parar o Sol e a Lua a fim de prolongar o período diurno (pois, supunha-se que se aquela batalha perdurasse noite adentro, os guerreiros de Israel tombariam, pois desconheciam a região e estavam em número bem inferior aos inimigos cananeus) – N. T.

3. Expulso do domínio da materialidade pela ciência, o maravilhoso se recolheu no domínio da espiritualidade — que tem sido o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza — força incessantemente ativa em conjunto com a força material — o Espiritismo recoloca os fenômenos que dele haviam saído no círculo dos efeitos naturais, porque, como os outros, esses fenômenos também estão sujeitos às leis. Se o maravilhoso for expulso da espiritualidade, já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres já passou. (Cap. I, item 18.)

O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES

4. Por sua vez, o Espiritismo então vem fazer o que cada ciência fez no seu começo: revelar novas leis e consequentemente explicar os fenômenos que ressaltam dessas leis.

É verdade que esses fenômenos estão ligados à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material; ora, é aqui que dizem que está o sobrenatural. Mas aí seria preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da Natureza; que isso não é e nem pode ser uma dessas leis.

O Espírito não é mais do que a alma que sobrevive ao corpo; é o ser principal porque não morre, ao passo que o corpo é um simples acessório que se destrói. Sua existência é, pois, tão natural depois quanto durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas como estes dois princípios têm uma afinidade necessária, como reagem incessantemente um sobre o outro, que da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto à outra, e que a primeira não é uma exceção ou uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante sua encarnação, o Espírito age sobre a matéria por intermédio do

seu corpo fluídico — o perispírito; o mesmo ocorre fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas capacidades, aquilo que fazia como homem; apenas, como não tem mais o seu corpo carnal por instrumento, ele se serve — quando é necessário — dos órgãos materiais de um encarnado que se torna o que chamamos ***médium***. Ele faz então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, se serve de um intérprete. Um secretário e um intérprete são os ***médiuns*** de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. O meio no qual os Espíritos agem e os instrumentos de execução já não são os mesmos que no estado de encarnação; os efeitos são diferentes. Esses efeitos só parecem sobrenaturais porque se produzem com o auxílio de agentes que não são aqueles de que nos servimos; porém, desde o instante em que esses agentes estejam na natureza e que os fatos de manifestações se efetuem em virtude de certas leis, nada há aí de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de conhecermos as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de muita gente; desde que a causa se tornou conhecida, o maravilhoso desapareceu. O mesmo acontece com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que têm sido a fonte de uma imensidade de crenças supersticiosas.

7. Portanto, poderão dizer: vocês admitem que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem nenhum ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas, nós conhecemos todas as leis? Antes que tivéssemos experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando vários homens, pudesse triunfar da força de atração? Aos olhos do ignorante, isso não devia parecer maravilhoso e diabólico? Aquele que há um século tivesse proposto transmitir uma mensagem a quinhentas léguas e de lá receber a resposta dentro de alguns minutos, este teria se passado por louco; se o fizesse, acreditariam que ele tinha o diabo está sob as suas ordens,

porque então só o diabo seria capaz de andar tão depressa; hoje, no entanto, não só reconhecemos como possível o fato, como ele parece totalmente natural. Por que então um fluido desconhecido não teria em certas circunstâncias a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Com efeito, isso é o que acontece no caso de que tratamos. (***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. IV).

8. Os fenômenos espíritas, estando na natureza, são produzidos em todos os tempos; mas, precisamente porque seus estudos não poderiam ser feitos pelos meios materiais de que ciência comum dispõe, eles permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os retira.

Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa um caminho aberto à imaginação que, errando no desconhecido, gera então as crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até os seus limites extremos e retira dele o último refúgio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, por outro lado, impede a crença em muitos outros, porque demonstra no círculo da espiritualidade, a exemplo da ciência no círculo da materialidade, o que é possível e o que não é. Todavia, como ele não tem a pretensão de dar a última palavra sobre todas as coisas, nem mesmo sobre aquelas que são da sua competência, o Espiritismo não se apresenta como absoluto regulador do possível, e deixa de lado os conhecimentos reservados ao futuro.

9. Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito — seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; nós a julgamos pelos seus efeitos; a causa sendo natural, o efeito igualmente é natural. São esses efeitos que formam o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegarmos a um conhecimento tão completo quanto possível da natureza e

dos atributos da alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10. Para os que negam a existência do princípio espiritual independente, e por isso negam a da alma individual e sobrevivente, toda a natureza está na matéria tangível; aos seus olhos, todos os fenômenos que pertencem à espiritualidade são sobrenaturais e, portanto, quiméricos; não admitindo a causa, eles não podem admitir os efeitos; e quando esses efeitos são evidentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e se recusam a aprofundá-los; daí, entre eles, a opinião preconcebida em que se fecham e que os torna incapazes de apreciar criteriosamente o Espiritismo, porque eles partem do princípio de negação de tudo o que não seja material.

11. Pelo fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são a consequência da existência da alma, não se segue que ele aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e lhes dar crédito; que se torne defensor de todos os visionários, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas: seria preciso conhecê-lo muito pouco para pensar assim. Seus adversários creem opor-lhe um argumento incontestável quando, depois de terem feito pesquisas eruditas sobre os convulsionários de Saint-Médard[142], sobre os Camisards das Cevenas,[143] ou sobre os religiosos de Loudun[144], chegaram a descobrir fatos patentes de fraude que ninguém contesta; mas seriam essas histórias o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos já negaram que o charlatanismo tenha explorado certos fatos em seu próprio proveito? Que a imaginação os

---

142 Referência a um episódio de convulsão coletiva ocorrido em Saint-Médard (França), cuja cura estaria supostamente condicionada ao contato com o túmulo de um famoso diácono (François Pâris) erguido naquela localidade. O caso é tratado na ***Revista Espírita*** de novembro de 1859. — N. T.

143 Camisards eram protestantes franceses da linha teológica calvinista (de João Calvino), também chamados huguenotes, que se concentraram na região de Cevennes (França). Conta-se que eles organizavam sua resistência contra perseguições mediante instruções espirituais recebidas por seus mestres, ditos profetas. — N. T.

144 Loudun é uma comuna francesa do departamento de Vienne, que se notabilizou pelo episódio conhecido como "Possessão das freiras de Loudun", ocorrido em 1634, em que irmãs de um convento ursulino em Loudun estariam endemoniadas. — N. T.

tenha criado e que o fanatismo os tenha exagerado muitíssimo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome do que a verdadeira ciência o é quanto aos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo apenas pelos contos de fadas e das lendas populares, que são suas ficções; seria equivalente a julgar a História pelos romances históricos ou pelos dramas literários.

12. Os fenômenos espíritas são na maioria das vezes espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia premeditada das pessoas que menos pensam neles; em certas circunstâncias, alguns podem ser provocados pelos agentes denominados pelo nome de ***médiuns***; no primeiro caso, o médium é ***inconsciente*** do que se produz por seu intermédio; no segundo, ele age com conhecimento de causa; daí vem a classificação de ***médiuns conscientes*** e ***médiuns inconscientes***. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os incrédulos mais obstinados, que assim praticam o Espiritismo sem o saber e sem o querer. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos têm uma importância capital, pois não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Ocorre aqui como ocorre com o sonambulismo, que é natural e involuntário em certos indivíduos, enquanto em outros é provocado pela ação magnética.[145]

Porém, que esses fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Portanto, os médiuns não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, eles não fazem ***nenhum milagre***; as próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, pois que resultam da ação de um agente fluídico desempenhando o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até os dias de hoje. O título de ***taumaturgos***[146]**,** dado a certos

---

[145] ***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. V; ***Revista Espírita*** de dezembro de 1865, e*xemplos*: [*'Como o Espiritismo vem sem ser procurado'*]; e ***Revista Espírita*** de agosto de 1865 [*'Abade Dégenettes, médium'*] – N. K.

[146] **Taumaturgo:** milagreiro, adivinho e vidente – N. T.

médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é então totalmente impróprio. Por comparação, a qualificação de ***milagres*** dada a esses tipos de fenômenos só pode induzir ao erro quanto ao verdadeiro caráter deles.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos que partem dos agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo nos dá a solução de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, nos tempos antigos, passaram por prodígios; do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi o desconhecimento dessa lei que gerou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desapareceu e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os Espíritas não produzem mais milagres ao fazer uma mesa se mover ou fazer os mortos escreverem, do que o médico ao fazer que um moribundo reviva, ou o físico ao fazer cair um raio. Aquele que, com o auxílio desta ciência, pretendesse ***fazer milagres***, este seria ou um ignorante do assunto, ou um fazedor de tolos.

14. Já que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá fora dele milagres na acepção usual desta palavra?

Digamos primeiramente que dos fatos reputados milagrosos que se passaram antes do advento do Espiritismo e que ainda se passam no presente, a maior parte — senão todos — encontram sua explicação nas novas leis que ele veio revelar; esses fatos então se encaixam na ordem dos fenômenos espíritas, embora sob outro nome, e como tais nada têm de sobrenatural. Está bem entendido que aqui nos referimos somente aos fatos autênticos, e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma trapaça

indigna, com o objetivo de explorar a fé; tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido originariamente um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até o absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo projeta luz, oferecendo os meios de separar a parte do erro e da verdade.

DEUS FAZ MILAGRES?

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, ele sem dúvidas pode fazê-los; mas será que ele faz? Ou, em outros termos: ele derroga aquelas leis que ele estabeleceu? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade nem de os subordinar à fraqueza do seu entendimento; entretanto, diante das coisas divinas, nós temos como critério para o nosso julgamento os próprios atributos de Deus. Ao soberano poder ele reúne a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz nada de inútil.

Por que então ele faria milagres? Para atestar o seu poder — dizem; mas o poder de Deus não se manifesta de uma maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia previdência que preside — desde as partes mais ínfimas quanto as mais gigantescas — e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e infantis derrogações que todos os ilusionistas sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que havia feito? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento?

A questão dos milagres propriamente ditos não é, portanto, da alçada do Espiritismo; contudo, apoiando-se sobre esse raciocínio: que Deus não faz nada de inútil, o Espiritismo emite a seguinte opinião: ***como os milagres não são necessários para a glorificação de Deus, nada no Universo se desvia das leis gerais. Deus não faz milagres, pois suas leis são perfeitas e ele não tem necessidade de derrogá-las***. Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16. Admitido que Deus — por razões que nós não podemos entender — tenha podido revogar acidentalmente aquelas leis que ele havia estabelecido, tais leis já não seriam mais imutáveis; mas pelo menos seria racional pensarmos que somente ele tem esse poder; sem negar a sua onipotência, não seria admissível que fosse dado ao Espírito do mal desfazer a obra de Deus produzindo seus próprios prodígios para seduzir até os eleitos, pois isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus; no entanto, é o que ensinam. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais — que são a obra divina — sem a permissão de Deus, então ele é mais poderoso do que Deus: logo, Deus não teria a onipotência; se Deus delegasse esse poder a Satanás, como alguns pretendem, para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Em ambos os casos, isso é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Até a Igreja distingue os bons milagres que vêm de Deus dos maus milagres que vêm de Satanás; mas como fazer a diferença entre eles? Que um milagre seja satânico ou divino, isso não seria menos uma revogação das leis que emanam unicamente de Deus; se um indivíduo é curado supostamente por um milagre — que esse milagre seja operado por Deus ou por Satanás — ele não estará por isso menos curado. É preciso fazer uma ideia muito pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de certos fatos reputados milagrosos, é preciso concluir que, seja qual for a fonte atribuída a esses milagres, são efeitos naturais de que ***Espíritos*** ou ***encarnados*** podem usar, como em tudo, como da sua própria inteligência e dos seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme a sua bondade ou a sua perversidade. Valendo-se do seu saber, um ser perverso pode assim fazer coisas que passem por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando tais efeitos resultam um bem qualquer, seria ilógico atribuir a eles uma origem diabólica.

17. Mas, dizem que a religião se apoia em fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; explicáveis, é outra questão. O que sabemos das descobertas e dos conhecimentos que o porvir nos reserva? Sem

falar do milagre da criação — que é sem contestação o maior de todos e que agora retornou ao domínio da lei universal — não vemos hoje se reproduzirem através do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, considerados antigamente como maravilhosos e atualmente demonstrados como pertencentes à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão repletos de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais; todavia, como nós os encontramos semelhantes e ainda mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não saberíamos dizer qual delas prevaleceria.

O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

18. Dizer que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião E que ele seja a pedra angular do edifício de toda religião é sustentar uma tese perigosa; se apoiarmos as verdades do cristianismo exclusivamente sobre a base do maravilhoso, isso é lhe dar um alicerce fraco, cujas pedras facilmente se soltam a cada dia. Essa tese — de que eminentes teólogos se fazem defensores — conduz direito a essa conclusão que em breve já não haverá mais religião possível, nem mesmo a religião cristã, se aquilo que é visto como sobrenatural for demonstrado como natural; pois, por mais que se acumule argumentos, não se consegue sustentar a crença de que um fato é miraculoso, quando ficar provado que ele não é: ora, a prova de que um fato não é uma exceção às leis naturais existe quando esse fato pode ser explicado por essas mesmas leis, e que, podendo ser reproduzido por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. Não é o ***sobrenatural*** que é necessário às religiões, mas sim o ***princípio espiritual***, que elas costumam confundir erradamente com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá a ela uma base mais sólida do que os milagres: as leis imutáveis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual quanto o princípio material; essa base desafia o tempo e a ciência, pois o tempo e a ciência virão sancioná-la.

Deus não é menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não ter desfeito suas leis, grandiosas sobretudo pela sua imutabilidade. Não precisamos do sobrenatural para prestar a Deus o culto que lhe é devido; a natureza já não é tão imponente por si mesma para necessitar que se ajunte a ela o sobrenatural para provar a suprema potência? A religião encontrará tanto menos incrédulos quanto mais ela seja em todos os pontos sancionada pela razão. O cristianismo nada tem a perder com essa sanção; ao contrário, ele só tem a ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-la na opinião de muita gente, foi exatamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. Se tomarmos a palavra ***milagre*** em sua acepção etimológica, no sentido de ***coisa admirável***, teremos milagres sem cessar sob os olhos; nós aspiramos um milagre no ar e o calçamos aos pés, porque então tudo é milagre na natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes e aos pobres de espírito uma ideia da potência de Deus? Basta-lhes mostrá-la na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser nas suas necessidades, de acordo com o ambiente onde é chamado a viver; basta lhes mostrar a ação de Deus no talo da erva, na flor que desabrocha, no Sol que vivifica tudo; basta lhes mostrar sua bondade no cuidado com todas as criaturas, por mais simples que elas sejam, a sua previdência na razão de ser de todas as coisas, cuja nenhuma é inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam o povo compreender principalmente que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem lhes apavorar com o quadro das penas eternas, nas quais as pessoas acabam por não mais acreditar e que as levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem a eles coragem mediante a certeza de um dia poderem se redimir e repararem o mal que tenham

praticado; mostrem-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas, e não como obras de Satanás; ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas em cada página: então eles compreenderão que um Ser tão grande, se ocupando com tudo, velando tudo, prevendo tudo, há de ser soberanamente poderoso. O lavrador verá Deus ao roçar o seu campo, e o infeliz o louvará nas suas aflições, pois reconhecerá: Se sou infeliz, é por culpa minha. Então os homens serão verdadeiramente religiosos, sobretudo racionalmente religiosos, muito mais do que se acreditassem que as pedras suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

CAPÍTULO XIV

Os Fluidos

I. NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS

Elementos fluídicos – Formação e propriedades do perispírito – Ação dos Espíritos sobre os fluidos; Criações fluídicas; Fotografia do pensamento – Qualidade dos fluidos

II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS REPUTADOS SOBRENATURAIS

Visão espiritual ou psíquica; Dupla vista; Sonambulismo – Sonhos – Catalepsia; Ressurreições – Curas – Aparições; Transfigurações – Manifestações físicas; Mediunidade – Obsessões e possessões

NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS

Elementos fluídicos

1. A ciência deu a chave dos milagres que derivam mais particularmente do elemento material, seja lhes explicando, seja demonstrando a sua impossibilidade, através das leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem uma parte preponderante, esses, não podendo ser explicados unicamente pelas leis da natureza, escapam das investigações da ciência: esta é a razão pela qual eles, mais do que os outros, apresentam as características ***aparentes*** do maravilhoso. Pois é nas leis que regem a vida espiritual que podemos encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2. Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável

variedade de corpos da natureza (Cap. X). Como princípio elementar universal, ele oferece dois estados distintos: o de eterização[147] ou imponderabilidade — que podemos considerar como o estado normal primitivo — e o de materialização ou de ponderabilidade — que de certa maneira é apenas subsequente àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí, não há transição brusca, pois podemos considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, itens 10 e seguintes.)[148]

Cada um desses dois estados naturalmente dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo (estado de materialização ou de ponderabilidade) pertencem os fenômenos do mundo visível, e ao primeiro (de eterização ou de imponderabilidade) pertencem os do mundo invisível. Uns, os chamados ***fenômenos materiais***, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de ***fenômenos espirituais*** ou ***psíquicos*** — porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos — estão nas atribuições do Espiritismo; porém, como a vida espiritual e a vida corporal estão em contato incessante, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se apresentam simultaneamente. No estado de encarnação, o homem só pode ter a percepção dos fenômenos psíquicos que se ligam à vida corpórea; aqueles que estão no domínio ***exclusivo*** da vida espiritual escapam aos sentidos materiais e não podem ser percebidos senão no estado de Espírito.[149]

---

147 Eterização: de maneira simples, entende-se como sendo o estado de pureza e sutileza — próprio do mundo espiritual —, no qual o fluido puro (antigamente denominado **éter**) é essencialmente constituído indivisivelmente. – N. T.

148 Kardec trata aqui de uma espécie de matéria fluídica muito etérea, aquela que constitui o mundo espiritual, tão sutil que não é imperceptível pelo homem. Contudo, essa conceituação kardequiana não é a mesma ideia dos fluidos em voga pela ciência de seu tempo: os físicos daquela época supunham que havia uma classe de substâncias fluídicas imponderáveis, além da matéria comum conhecida; assim se dizia de fluidos luminosos, fluidos elétricos e fluidos calóricos, supostamente emitidos por corpos luminosos, eletrizados e aquecidos. Hoje sabemos que luz, eletricidade e calor não são fluidos, mas sim ondas eletromagnéticas. — N. T.

149 A denominação de fenômeno ***psíquico*** representa mais exatamente o pensamento do que a de fenômeno ***espiritual***, já que esses fenômenos se apoiam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispirituais — que são inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; então podemos admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas nos seu gênero — e talvez mais numerosas — do que no estado de matéria tangível[150]. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedam do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm uma aparência tão material para os Espíritos — que também são fluídicos — quanto à aparência dos objetos tangíveis têm para os encarnados, e são para eles o que as substâncias do mundo terrestre são para nós; eles os elaboram e os combinam para produzir determinados efeitos, como os homens fazem com os seus materiais, ainda que por procedimentos diferentes.

Mas lá, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos de que são testemunhas e para os quais muitas vezes contribuem maquinalmente, como os ignorantes da Terra são incapazes de explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, de dizer como eles enxergam e escutam.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual estão fora de alcance dos nossos instrumentos de análise e da percepção dos nossos sentidos — que são feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio tão diferente do nosso que não podemos fazer uma ideia deles senão através de comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Entre esses fluidos, todavia, alguns estão intimamente ligados à vida corporal, e de certa forma pertencem ao ambiente terreno. Na falta de observação direta, podemos observar seus efeitos como observamos aqueles do fluido do ímã, que jamais se viu, e adquirir conhecimentos sobre sua natureza com certa precisão. Esse estudo é essencial, porque é a chave de uma imensidade de fenômenos inexplicáveis apenas com as leis da matéria.

---

150 Matéria tangível: que pode ser captada pelos sentidos humanos (visão, audição, tato etc.) ou por instrumentos materiais. – N. T.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, da qual nada pode nos dar uma ideia; o ponto oposto é o da sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, há inúmeras transformações, que se aproximam mais ou menos de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade — consequentemente os menos puros — compõem o que podemos chamar a ***atmosfera espiritual terrestre***. É nesse meio, onde também se encontram diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à organização de sua existência. Esses fluidos, por muito sutis e impalpáveis que sejam para nós, nem por isso deixam de ser de uma natureza grosseira em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo acontece com a superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto menos material é a vida neles, menos os fluidos espirituais têm afinidades com a matéria propriamente dita.

A qualificação de ***fluidos espirituais*** não é rigorosamente exata, já que definitivamente é sempre matéria, mais ou menos quintessenciada[151]. De ***espiritual*** realmente não há mais que a alma ou princípio inteligente. Nós o designamos assim por comparação e em razão sobretudo de sua afinidade com os Espíritos. Podemos dizer que é a matéria do mundo espiritual: eis por que lhes chamamos ***fluidos espirituais***.

6. Aliás, quem conhece a composição íntima da matéria tangível? Talvez ela só seja compacta em relação aos nossos sentidos, e a prova disso é a facilidade com que ela pode ser atravessada pelos fluidos espirituais e os Espíritos aos quais ela não oferece mais obstáculo do que os corpos transparentes

---

151 Quintessenciado: aquilo que é do maior grau de pureza física, dito essência espiritual; relativo à quintessência (quinta-essência) também chamada éter ou elemento etéreo (sublime, elevado, divino), de uma natureza material especial que o diferencia dos demais elementos físicos; dito de *quinta essência* em sequência aos quatro elementos (terra, ar, fogo e água) que antigos pensadores supunham como sendo as formas primitivas da matéria de que então todos os demais elementos físicos seriam formados. – N. T.

oferecem à luz.[152]

Tendo por elemento básico o fluido cósmico etéreo, a matéria tangível ***ao se desagregar*** deve poder voltar ao estado de eterização, como o diamante — o mais duro dos corpos — pode se vaporizar em gás impalpável. ***A solidificação da matéria na realidade não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado original quando as condições de coesão deixam de existir***.

Quem sabe até se no estado de tangibilidade a matéria não é suscetível de adquirir um tipo de eterização que lhe dê propriedades particulares? Certos fenômenos que parecem autênticos tenderiam a fazer supor isso. Nós não conhecemos mais do que as beiradas do mundo invisível, e sem dúvida o futuro nos reserva o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que hoje ainda é um mistério para nós.

Formação e propriedades do perispírito

7. O perispírito — ou corpo fluídico dos Espíritos — é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou ***alma***. Já vimos que o corpo carnal também tem seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. Portanto, o corpo perispiritual e o corpo carnal têm sua fonte no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.

8. Os Espíritos extraem seu perispírito no meio onde se encontram, quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientes; resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito devem variam conforme os mundos.

---

[152] Allan Kardec propõe aqui, de forma inovadora, o que a ciência logo mais confirmaria de forma categórica: que o átomo não é uma partícula sólida e indivisível como então se pensava, mas uma unidade composta por elementos subatômicos: elétrons, prótons, nêutrons. — N. T.

Júpiter sendo considerado como um mundo mais avançado em comparação com a Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais lá devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que na Terra. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam penetrar nele com seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e se reveste de outro apropriado ao mundo para onde deva ir.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo ao seu gosto, e por conseguinte não podem passar de um mundo para outro à vontade. Por isso, há alguns cujo envoltório fluídico — se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível — ainda é pesado demais, se assim podemos dizer, em relação ao mundo espiritual, para lhe permitir sair do seu ambiente. Devemos incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é por demais grosseiro para que o confundam com seu corpo carnal, e que, por essa razão, creiam que ainda estejam vivos. Esses Espíritos — e o número deles é grande — permanecem na superfície da Terra como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações; outros são um pouco mais desmaterializados, entretanto, não o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres.[153]

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar neles. Eles extraem, nos elementos constitutivos do mundo onde ingressam, os materiais do corpo fluídico ou carnal apropriado ao ambiente em que se encontram. Eles fazem como o nobre que deixa suas belas vestes para se vestir momentaneamente de roupa velha, sem por isso deixar de ser nobre.

É assim que os Espíritos de ordem mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos

---

153 Exemplos de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: ***Revista Espírita***, dezembro de 1859 ["Um Espírito que não acredita estar morto"]; novembro de 1864 ["Sobre Espíritos que ainda se julgam vivos"]; e abril de 1865 ["Pierre Legay, dito Grand-Pierrot"].

trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que eles veem pelo pensamento. São videntes entre cegos.

10. A camada de fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas e menos puras do que as camadas superiores. Esses fluidos não são homogêneos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que formam a sua base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por esses fluidos estarão na razão da ***soma*** das partes puras que eles trazem. Assim é, por comparação, o álcool retificado ou misturado em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo em que diminuem a sua força e a sua capacidade de se inflamar, embora no todo haja álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse ambiente tiram daí seu perispírito; mas, ***conforme o Espírito tenha mais ou menos se purificado, seu perispírito se forma das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido apropriado ao mundo onde ele se encarna***. O Espírito produz aí — sempre por comparação e não por assimilação — o efeito de um reativo químico que atrai para ele as moléculas assimiladas à sua natureza.

Resulta disso este fato ***capital*** que ***a composição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a envolve***. Não é o mesmo que se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos — qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Além disso, em todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, bem como as necessidades, ao passo que eles diferem em tudo o que diz respeito ao perispírito.

Daí ainda decorre que: ***o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modificar com o progresso moral daquele Espírito a cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo.***

11. O meio ambiente está sempre em relação com a natureza dos seres que devem viver nele: os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo sobre a terra. ***O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito o que a atmosfera está para as necessidades dos encarnados***. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Eles ali não morreriam, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como nos afastamos de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí por que eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para mudarem desse ambiente, é preciso que eles mudem antes sua natureza e que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente; Então, gradualmente, identificam-se com um meio mais depurado, que se torna para eles uma obrigação, uma necessidade, como os olhos daquele que viveu longo tempo nas trevas insensivelmente se habituam à luz do dia e à claridade do Sol.

12. Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; tudo se submete à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade até a mais pura espiritualidade. A Terra é igual um vaso de onde escapa uma fumaça densa que vai clareando na medida em que se eleva e cujos fragmentos rarefeitos se perdem no espaço infinito.

A potência divina cintila em todas as partes desse grandioso conjunto e ainda querem que Deus, não contente com o que tem feito, venha perturbar essa harmonia para atestar seu poder! Querem que ele se rebaixe ao papel de mágico através de efeitos infantis dignos de um ilusionista! E ainda por cima ousam lhe dar como rival em habilidade o próprio Satanás! Na realidade, jamais se rebaixou tanto a majestade divina, e se admiram com o progresso da incredulidade.

Estão com razão ao dizer “A fé está sumindo!”. Mas, a que está sumindo é a fé em tudo que choca o bom-senso e à razão; é a fé igual a que antigamente

levava a dizer: “Os deuses estão sumindo!”. Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, essa está sempre vivaz no coração do homem, e por mais sufocada que tenha sido pelas histórias tolas com que a sobrecarregaram, ela se reerguerá mais forte desde que se liberte delas, tal como a planta reprimida se levanta de novo logo que volta a receber o Sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres são para todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito apenas de alguns. Não, não há milagres no sentido que se tem dado a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação e são leis perfeitas.

Ação dos Espíritos sobre os fluidos – Criações fluídicas – Fotografia do pensamento

13. Os fluidos espirituais — que constituem um dos estados do fluido cósmico universal — são, propriamente falando, a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; é o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, e que escapam dos sentidos carnais impressionáveis somente pela matéria tangível; onde se forma essa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz comum por sua causa e por seus efeitos; enfim, é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que têm uma aparência, uma forma e uma coloração determinadas; mudam suas propriedades como um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações vêm de uma intenção; elas são frequentemente o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à visão de um encarnado dotado da vista psíquica sob as aparências que ele tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores — enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. — que ele tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências; não, certamente, pois, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu ***pensamento*** se reportando à época em que era assim, seu perispírito instantaneamente toma suas aparências, que ele larga também instantaneamente desde quando o pensamento cessa de agir. Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocado e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos de que ele esteja habituado a se servir; um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma idosa a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito — que também é fluídico — quanto eles eram no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento.[154]

15. Os fluidos sendo o veículo do pensamento, este pensamento atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Podemos dizer, pois, com toda a verdade, que nesses fluidos há ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e radiações sonoras.

Tem mais: criando ***imagens fluídicas***, o pensamento se reflete no

---

[154] ***Revista Espírita***, julho de 1859 ["O zoavo de Magenta"]; – ***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. VIII.

envoltório perispirítico como num espelho; ele toma nele corpo e aí de certo modo se ***fotografa***. Que um homem tenha a ideia, por exemplo, de matar a outro, embora o seu corpo material se conserve impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, do qual ele reproduz todos os detalhes; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que planejou praticar; o pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se desenrola no seu espírito.

É assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico e que uma alma pode ler em outra alma como num livro, para ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Todavia, vendo a intenção, ela pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que ato será se cumprirá, nem lhe assinalar os detalhes, nem ainda afirmar que ele vá ocorrer, porque circunstâncias posteriores podem modificar os planos feitos e mudar as disposições. A alma não pode ver o que ainda não esteja no pensamento; o que ela vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

Qualidade dos fluidos

16. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e capital para os encarnados. Desde o instante em que esses fluidos são o veículo do pensamento e que o pensamento pode modificar as suas propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más de pensamentos que os põem em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus ou os que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o permite o grau da perfeição moral destes.

17. Seria impossível fazer uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos, como é impossível especificar suas respectivas qualidades, uma vez que a diversidade deles é tão grande quanto a dos pensamentos.

Os fluidos não têm qualidades *sui generis*, mas aquelas que eles adquirem no meio onde se elaboram; eles se modificam pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações e a água pelos sais das camadas que ela atravessa. Conforme as circunstâncias essas qualidades — como as da água e do ar — são temporárias ou permanentes, o que os tornam mais especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos determinados.

Os fluidos também não têm denominações especiais; como os odores, eles são designados pelas suas propriedades, seus efeitos e seu tipo original. Sob o ponto de vista moral, eles trazem a impressão dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura etc. Sob o aspecto físico, eles são excitantes, calmantes, penetrantes, constringentes, irritantes, dulcificantes, soporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da humanidade, e das propriedades da matéria correspondentes aos efeitos que eles produzem.

18. Sendo Espíritos encarnados, os homens têm em parte as atribuições da vida espiritual, pois eles vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal — primeiramente durante o sono, e muitas vezes enquanto acordados. Ao encarnar, o Espírito conserva seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não fica circunscrito no corpo, mas irradia ao seu derredor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito cumpre um papel preponderante no organismo; pela sua expansão, ele põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como também sobre o dos Espíritos desencarnados; ele se transmite de Espírito a Espírito da mesma forma e, dependendo se for bom ou mau,

purifica ou vicia os fluidos circundantes.

Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, o seu envoltório perispiritual — que é parte integrante de seu ser e que diretamente recebe a impressão dos seus pensamentos, de uma maneira permanente — há de trazer ainda mais a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo distanciamento daqueles, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o que o Espírito não se modificar por si mesmo.

Como o perispírito dos encarnados é de natureza idêntica àquela dos fluidos espirituais, ele assimila esses fluidos com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito se mistura com eles.

Esses fluidos agindo sobre o perispírito, este por sua vez reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se as emanações são de boa natureza, o corpo ressente uma impressão saudável; se são más, a impressão é prejudicial; se as ações más são permanentes e enérgicas, elas podem determinar desordens físicas: certas doenças não têm outra causa.

Os meios onde os maus Espíritos predominam ficam assim impregnados de maus fluidos que são absorvidos por todos os poros perispiríticos, assim como os miasmas pestilenciais são absorvidos pelos poros do corpo.

19. Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco de onde irradiam diversos pensamentos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada qual reproduz sua nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de emanações fluídicas em que cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada qual recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, do mesmo modo como há radiações sonoras harmoniosas ou dissonantes, igualmente há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se ele é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, seja ela

expressa ou não.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que experimentamos numa reunião simpática e animada de pensamentos bons e benévolos; aí ela reina como uma atmosfera moral salutar, onde respiramos confortavelmente; saímos daí reconfortado, porque ficamos impregnados de eflúvios fluídicos salutares; porém, se alguns pensamentos ruins se misturam, eles causam o efeito de uma corrente de ar glacial em um ambiente morno ou de uma nota errada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade e o mal-estar indefinido que sentimos num meio antipático, onde pensamentos malévolos provocam correntes de ar nauseante.

20. O pensamento produz então uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; só o Espiritismo poderia tornar isso compreensível. O homem sente isso instintivamente quando procura as reuniões harmônicas e simpáticas, onde ele sabe que pode haurir novas forças morais; poderíamos dizer que ali ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, bem como pelos alimentos ele recupera as perdas do corpo material. É que, na realidade, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda concreta de fluidos espirituais e, conseguintemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa se reconfortar através dos eflúvios que recebe do exterior.

Quando dizemos que um médico cura seu paciente com boas palavras, estamos com a absoluta verdade, pois o pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que agem sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21. Irão dizer: sem dúvidas é possível evitar os homens que sabemos serem mal-intencionados, mas como escapar da influência dos maus Espíritos que povoam em torno de nós e se metem por toda parte sem serem vistos?

O meio é muito simples, porque depende da própria vontade do homem, que traz consigo a prevenção necessária. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos dissemelhantes se repulsam; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como há entre o óleo e a água.

O que fazemos quando o ar está contaminado? Nós o saneamos e o depuramos destruindo o foco dos miasmas e combatendo as emanações prejudiciais por meio de correntes de ar saudáveis mais fortes. Contra a invasão de maus fluidos, carecemos então de lhes opor com os fluidos bons; e como cada pessoa tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o seu remédio; trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que elas sejam para as más influências um ***repelente***, em vez de ser uma força atrativa. Portanto, o perispírito é uma armadura à qual se deve dar o melhor revestimento possível; ora, como as qualidades do perispírito correspondem às qualidades da alma, é preciso trabalhar pelo seu próprio melhoramento, pois são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas vão aonde os focos de corrupção as atraem; destruam esses focos e as moscas desaparecerão. Da mesma maneira os maus Espíritos vão para onde o mal lhes atrai; destruam o mal e eles se afastarão. ***Os Espíritos realmente bons — encarnados ou desencarnados — nada têm a temer da influência dos maus Espíritos***.

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS REPUTADOS SOBRENATURAIS

Visão espiritual ou psíquica – Dupla vista – Sonambulismo – Sonhos

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é por ele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos; enfim, é por meio dele que se operam no homem fenômenos especiais cuja causa fundamental não está na matéria tangível, e que por essa razão parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da ***dupla vista***, ou ***vista espiritual***, que também podemos chamar ***vista psíquica***, da qual muitas pessoas são dotadas, muitas vezes

inconscientemente, assim como da vista sonambúlica.[155]

O perispírito é ***o órgão sensitivo*** do Espírito; é por seu intermédio que o encarnado tem percepção de coisas espirituais que escapam aos sentidos carnais. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou ***psíquico***, elas se generalizam; o Espírito vê, escuta e sente por todo o seu ser aquilo que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispiritual.

No homem, tais fenômenos são a manifestação da vida espiritual; é a alma que opera fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê mais pelos olhos do corpo — embora muitas vezes, por hábito, ele dirija o olhar para o ponto sobre o qual põe sua atenção; ele vê através dos olhos da alma, e a prova disso é que ele vê tudo mesmo com os olhos fechados, inclusive aquilo que está além do alcance do raio visual; ele lê o pensamento traçado no raio fluídico (item 15).[156]

23. Ainda que durante a vida o Espírito se encontre ***preso*** ao corpo pelo perispírito, ele não está tão escravizado nele que não possa alongar sua cadeia e se transportar para distante — seja na Terra, seja em qualquer ponto no espaço. O Espírito só tem o que lamentar por estar ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade, enquanto a vida corporal é a do servo preso ao cativeiro.

O Espírito então se sente feliz em deixar o corpo, como o pássaro deixa sua gaiola; ele aproveita todas as ocasiões para escapar do corpo e por isso saboreia todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Esse é o fenômeno designado pelo nome de ***emancipação da alma***;

---

155 O estado sonambúlico é um fenômeno de sono profundo, involuntário ou provocado por ação de um magnetizador, pelo qual o indivíduo tem a capacidade de agir conforme aptidões espirituais, por exemplo, a dupla vista, também chamada de clarividência ou vista à distância, quando ele vê através de percepções espirituais, pelo seu perispírito. — N. T.

156 Fatos de dupla vista e de lucidez sonambúlica relatados na ***Revista Espírita***: edições de janeiro de 1858 ["Diferentes modos de comunicação"]; novembro de 1858 ["Independência sonambúlica"]; julho de 1861 ["As visões do Sr. O."]; novembro de 1865 ["O patriarca José e o vidente de Zimmerwald"].

ele sempre se produz durante o sono; todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende (***O Livro dos Espíritos***, parte 2ª, cap. VIII).

Nesses momentos, o Espírito vive da vida espiritual, enquanto o corpo vive apenas da vida vegetativa; ele fica parcialmente no estado em que se achará após a morte: percorre o espaço, conversa com seus amigos e com outros Espíritos livres ou ***encarnados*** como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente com a morte; a separação completa somente se dá pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito — a qualquer distância que esteja — é instantaneamente chamado ao corpo, desde que sua presença seja necessária; então ele retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, ele conserva uma lembrança dessas peregrinações, uma imagem mais ou menos exata, que constitui o sonho; em todos os casos, ele traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira.

Assim igualmente se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase etc., e que não são mais do que manifestações da vida espiritual.[157]

24. Como a visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, é certo que a percepção das coisas não se opera pela luz comum: com efeito, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial cuja natureza para nós é desconhecida, mas que sem dúvida é uma das propriedades do fluido etéreo adequada às percepções visuais da alma. Portanto, há a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda parte: essa é a razão pela qual não há obstáculo para a visão espiritual; ela não é embaraçada nem pela distância e nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é então iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é

---

[157] Exemplos de letargia e de catalepsia: ***Revista Espírita***, "Senhora Schwabenhaus", setembro de 1858; "A jovem cataléptica da Suábia", janeiro de 1866.

iluminado pela luz solar.[158]

25. A alma, envolta no seu perispírito, traz assim consigo seu princípio luminoso; penetrando a matéria em virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão.

Não obstante, a vista espiritual não tem nem em extensão e nem em penetração em todos os Espíritos; somente os Espíritos puros a possuem em toda a sua potência; nos Espíritos inferiores ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe com uma espécie de nevoeiro.

Nos Espíritos encarnados, ela se manifesta em diferentes graus pelo fenômeno da segunda vista — tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade, dizemos que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa aptidão que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem a causa das enfermidades.

26. A vista espiritual permite enfim percepções especiais que, não estando sujeitas aos órgãos materiais, se operam nas condições muito diversas da visão corporal. Por essa razão, não podemos esperar dela efeitos idênticos e experimentá-la pelos mesmos procedimentos. Efetuando-se fora do organismo ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É preciso estudá-la nos seus efeitos e nas suas causas, e não por comparação com a vista comum, à qual ela não está destinada a suprir, salvo em casos excepcionais e que não poderíamos tomar por regra.

27. A vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita nos Espíritos encarnados, e por isso está sujeita a aberrações. Tendo sua sede na própria alma, o estado da alma deve influir nas percepções que ela oferece. Segundo o grau do seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode — seja durante o sono, seja no estado acordado —

---

158 Mesmo na nossa dimensão física existem frequências de luz fora do alcance visual do olho humano, mas visíveis através de determinados aparelhos (por exemplo: raios gamas, raios x etc.). — N. T.

propiciar: 1°. A percepção de certos fatos materiais reais, como o conhecimento de alguns eventos que se passam ao longe, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes; 2°. A percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3°. Imagens fantásticas criadas pela imaginação, semelhantes às criações fluídicas do pensamento (veja lá atrás, item 14). Essas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas como certas crenças religiosas lhes apresentam o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tal como parece para elas: às vezes é toda uma epopeia[159]; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro como os cristãos veem o paraíso e o inferno. Se essas pessoas, ao despertarem ou ao saírem do êxtase, conservam uma lembrança exata de suas visões, elas as tomam como reais e confirmações de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos[160]. Por isso, há um exame muito rigoroso a se fazer nas visões extáticas antes de aceitá-las. O remédio para tão grande credulidade a esse respeito é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três categorias de visões aqui descritas. Os sonhos de previsões, os pressentimentos e as advertências[161] pertencem às duas primeiras; é na terceira categoria — quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento — que podemos encontrar a causa de certas imagens fantásticas que nada têm de real com relação à vida material, mas que às vezes apresentam para o Espírito uma realidade tal que o corpo sofre o seu contrachoque, havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser

---

159 Epopeia: aventura extraordinária, fabulosa, chocante — N. T.

160 É assim que podemos explicar as visões da irmã Elmerich que, reportando-se ao tempo da Paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que só existiam nos livros que ela leu; as visões da Sra. Cantanille (***Revista Espírita*** de agosto de 1866) e uma parte das visões de Emanuel Swedenborg.

161 Ver adiante no cap. XVI, *Teoria da presciência*, itens 1 a 3.

provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo ou por um embaraço nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza.[162]

Catalepsia – Reencarnações

29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também é, mas ele transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem então no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, cujos nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, não conhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam explicar todos os efeitos.

Essa interrupção pode acontecer pela separação de um membro ou pelo corte de um nervo, mas também — parcialmente ou de maneira geral, e sem nenhuma lesão — nos momentos de emancipação, de grande superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa mais no corpo e, em sua atividade febril, por assim dizer ele atrai para si o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Pode-se ainda admitir que em certas circunstâncias, ele se produz, inclusive no fluido perispiritual, uma modificação molecular que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É assim que, no ardor do combate, muitas vezes um militar não percebe que está ferido, e que uma pessoa cuja atenção se acha concentrada num trabalho não ouve o ruído que se faz no entorno dela. É um efeito semelhante, ainda mais manifesto, que ocorre com certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que podemos explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires (***Revista Espírita***, janeiro, de 1868: *Estudo sobre os Aïssaouas*).

---

[162] ***Revista Espírita***, junho de 1866; setembro de 1866; ***O Livro dos Espíritos***, questão 400.

Já a paralisia absolutamente não tem a mesma causa: aqui o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores, que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

30. Em certos estados patológicos, desde quando o Espírito não está mais no corpo, e que o perispírito só se acha ligado a ele por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte, e se enuncia como uma verdade absoluta dizendo que a vida aí está por um fio. Esse estado pode durar um tempo mais ou menos longo; certas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida seja definitivamente extinta. Até que o último fio não esteja rompido, o Espírito pode ser chamado a volver ao corpo — quer seja por uma ação enérgica da sua ***própria*** vontade, quer seja por ***um influxo fluídico estranho, igualmente forte***. É como se explicam certos prolongamentos da vida contra todas as probabilidades, e algumas supostas ressurreições. É a planta que às vezes renascer apenas de um funcho de raiz; mas quando as derradeiras moléculas do corpo fluídico se desprendem do corpo carnal, ou quando este último chega a um estado irreparável de degradação, todo regresso à vida se torna impossível.[163]

Curas

31. Como vimos, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito — encarnado ou desencarnado — que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula ***sadia*** no lugar de uma molécula ***enferma***. O poder curativo estará então na proporção direta da pureza da substância inserida; depende também da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica tanto mais abundante e

[163] Exemplos: ***Revista Espírita***, “O doutor Cardon”, agosto de 1863; “A mulher corsa”, maio de 1866.

dá ao fluido uma força de penetração ainda maior; finalmente, depende das intenções que animam aquele que deseja curar — ***seja homem ou Espírito***. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os enfermos são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias; algumas vezes essa ação é lenta e requer um tratamento prolongado, como no magnetismo comum; de outras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de um poder tal que operam curas instantâneas em certos doentes simplesmente pela imposição das mãos, ou até mesmo só por um ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade há infinitos níveis. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só se diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico e cujo efeito é subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode se produzir de diversas maneiras:

1°. Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou ***magnetismo humano***, cuja ação está condicionada à força e sobretudo à qualidade do fluido;

2°. Pelo fluido dos Espíritos atuando diretamente e ***sem intermediário*** sobre um encarnado, seja para curar ou aliviar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o ***magnetismo espiritual***, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;[164]

3°. Pelo fluido que os Espíritos despejam sobre o magnetizador, para o qual este serve de condutor. É o magnetismo ***misto***, ***semiespiritual***, ou se o preferirem, ***humano-espiritual***. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades que lhe faltam. Em tais circunstâncias,

---

164 Exemplos; ***Revista Espírita***, fevereiro de 1863: *'Cura por um Espírito'*; abril de 1865: 'Poder curativo do magnetismo espiritual - *Espírito Doutor Demeure*'; setembro de 1865: 'Cura de uma fratura pela magnetização espiritual'.

o socorro dos Espíritos às vezes é espontâneo, porém, mais frequentemente é provocado por um apelo do magnetizador.

34. A capacidade de curar pela influência fluídica é muito comum e pode ser desenvolvido pelo exercício; entretanto, aquele de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e o seu grau máximo pode ser considerado como excepcional. No entanto, em diversas épocas e no meio de quase todos os povos, temos visto indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, vemos muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Uma vez que as curas desse gênero pertencem a um princípio natural e que o poder de operá-las não é um privilégio, o que se segue é que elas não saem da Natureza e que só são miraculosas na aparência.[165]

Aparições – Transfigurações

35. O perispírito no seu estado normal é invisível para nós; mas como ele é formado de matéria etérea, em certos casos o Espírito pode — por ato da sua vontade — fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torne momentaneamente visível. É assim que são produzidas as ***aparições***, que, mais do que os outros fenômenos, não estão fora das leis da Natureza. Este fenômeno não tem nada de mais extraordinário do que o do vapor, que é invisível quando muito rarefeito, mas que se torna visível quando está condensado.

Dependendo do grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, é mais nitidamente definida; mas enfim, algumas vezes ela tem todas as aparências da matéria tangível; pode até chegar até a tangibilidade real, ao ponto de alguém se enganar com

---

[165] Exemplos de curas instantâneas relatados na ***Revista Espírita***: "O príncipe de Hohenlohe", dezembro de 1866; "Jacob", outubro e novembro de 1866; outubro e novembro de 1867; — "Simonet", agosto de 1867; "Caid Hassan", outubro de 1867; "O padre Gassner", novembro de 1867.

relação à natureza do ser que tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes e acontece bastante que indivíduos, após sua morte, se apresentem assim às pessoas a quem são afeiçoados. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja numerosíssimos exemplos delas, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer ser reconhecido, ele imprime no seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.[166]

36. É de se destacar que as aparições tangíveis tenham somente as aparências da matéria carnal, mas não tenha as qualidades dela; em razão da sua natureza fluídica, elas não podem ter a mesma coesão, pois, na realidade, isso não é da carne. Elas se formam instantaneamente e do mesmo modo desaparecem, ou se evaporam, pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem e nem morrem como os outros homens; nós os vemos e não os vemos mais sem sabermos de onde eles vêm, como vieram, nem para onde vão; ninguém poderia matá-los, nem os acorrentar ou aprisioná-los, pois eles não têm um corpo carnal; os golpes que lhes fossem desferidos só atingiriam o vazio.

Tal é a característica dos ***agêneres***[167], com os quais podemos conversar sem suspeitar do que sejam eles, mas que não demoram longo tempo e não podem se tornar convivas habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Há, aliás, em toda a sua pessoa e nas suas atitudes, algo de estranho e de insólito que vem ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade; seu olhar vaporoso, e penetrando tudo de uma vez, não tem a nitidez do olhar através dos olhos da carne; sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa nada tem da claridade e da mobilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação incomum indefinível de surpresa que inspira uma espécie de temor, e, enquanto os tomando por indivíduos iguais a todo

---

166 ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. VI e VII.

167 Agêneres: expressão oriunda da língua grega que significa literalmente “que não foi gerado”. Kardec classificou assim os tipos de aparições realíssimas nas quais o Espírito manifestado se passa facilmente por encarnado. – N. T.

mundo, diz-se involuntariamente: Eis aí um ser estranho.[168]

37. Como o perispírito é o mesmo tanto nos encarnados como nos desencarnados, por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade[169], em ponto diferente do lugar onde seu corpo repousa, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos exemplos autênticos, que deu origem à crença nos homens duplos.[170]

38. Um efeito particular a esses tipos de fenômenos é que as aparições vaporosas e até tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todo mundo; os Espíritos não se mostram senão quando e a quem eles querem. Então um Espírito poderia aparecer numa assembleia a um ou a vários dos presentes e não ser visto pelos demais. Isso acontece porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não pela vista carnal: porque não só a vista espiritual não é dada a toda mundo, como também, se for conveniente, pode ser retirada daquele a quem ele não queira se mostrar, assim como pode permiti-la momentaneamente, se a julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições — incluindo as de tangibilidade — não contém as propriedades da matéria comum: se não fosse assim, as aparições, sendo perceptíveis pelos olhos do corpo, seriam visíveis para todas as pessoas presentes.[171]

---

168 Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: ***Revista Espírita***, janeiro de 1858; outubro de 1858; fevereiro de 1859; março de 1859; janeiro de 1859; novembro de 1859; agosto de 1859; abril de 1860; maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; "O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos", dezembro de 1866.

169 Por exemplo, durante o sono ou durante um transe mediúnico — N. T.

170 Exemplos de aparições de pessoas vivas: ***Revista Espírita***, de dezembro de 1858; fevereiro de 1859; agosto de 1859; novembro de 1860.

171 Não se deve aceitar senão com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser efeito de uma imaginação exaltada e, muitas vezes, uma invenção com um propósito interesseiro. Convém então levarmos em conta muito cuidadosamente as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da fé de indivíduos excessivamente confiantes.

39. Podendo o Espírito operar transformações na textura do seu envoltório perispiritual, e esse envoltório irradiando em torno do corpo qual uma atmosfera fluídica, um fenômeno semelhante ao das aparições pode se produzir até na superfície do corpo. Sob a camada fluídica, a imagem real do corpo pode se apagar mais ou menos completamente e se revestir de outra aparência; ou então, vistos através da camada fluídica modificada como através de um prisma, os traços originais podem tomar outra expressão. Se, saindo do meio comum, o Espírito se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e às vezes até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é movido por más paixões, uma figura bela pode tomar um aspecto horrendo.

É assim que se operam as ***transfigurações***, que são sempre um reflexo das qualidades e sentimentos predominantes do Espírito. O fenômeno é então o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo do vivo e algumas vezes no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o fato de geralmente serem perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, exatamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, ao passo que nas aparições puramente fluídicas não há matéria tangível.[172]

Manifestações físicas – Mediunidade

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica — tão antigos quanto o mundo, porém tão comuns hoje — nos dão a chave de alguns fenômenos parecidos e espontâneos aos quais, na ignorância da lei que os rege, era atribuído o caráter sobrenatural e miraculoso. Esses fenômenos se fundamentam nas propriedades do fluido perispiritual — seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

---

[172] Exemplo e teoria da transfiguração: ***Revista Espírita***, março de 1859: *'Fenômeno de Transfiguração'*. ***(O Livro Dos Médiuns,*** 2ª Parte, cap. VII).

41. É com a ajuda do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; é ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta agindo sobre a matéria inerte e que produz os ruídos, os movimentos de mesa e de outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente se considerarmos que entre nós os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e até imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda do seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem e desenharem; não tendo mais corpo físico para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, de quem toma emprestado os órgãos, que faz agir como se fosse o seu próprio corpo, mediante a emissão fluídica que despeja sobre ele.

42. Por esse mesmo processo é que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la se mover sem significação determinada, seja para que dê pancadas inteligentes indicando letras do alfabeto, para formar palavras e frases — fenômeno esse denominado ***tiptologia***. Aqui a mesa não é mais do que um instrumento de que o Espírito se serve, como ele utiliza o lápis para escrever; ele lhe dá uma vitalidade momentânea por meio do fluido que o penetra, mas ***não se identifica com o lápis***. As pessoas que — na sua emoção, ao verem um ente querido se manifestar — abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se sirva para bater no chão. O mesmo fazem aqueles que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse confinado na madeira, ou como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações são transmitidas por esse meio, devemos imaginar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, ***tal qual ele estaria se estivesse vivo*** e tal como seria visto, se nesse momento ele pudesse se tornar visível. A mesma coisa acontece nas comunicações pela escrita: veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio,

o Espírito não a ergue com a força de um braço, mas a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o ar faz com os balões e pipas. O fluido que se infiltra na mesa lhe dá momentaneamente uma leveza específica maior. Quando ela fica pregada ao solo, ela fica numa situação igual à da bolsa de oxigênio sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais do que simples comparações para mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas (***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. IV).

A partir disso, compreendemos que não é mais difícil para o Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, de transportar um objeto de um lugar para outro, ou de atirá-lo a qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei.[173]

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele dá a ela o impulso por uma corrente fluídica com a ajuda do qual faz a mesa mover ao gosto dele.

Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou outros lugares, o Espírito não bate nem com a mão nem com um objeto qualquer; ele apenas dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde vem o ruído e este produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como nós modificamos os sons produzidos pelo ar.[174]

---

173 Esse é o princípio dos fenômenos de ***transporte***, fenômeno muito real, mas que convém não ser aceito senão com extrema reserva, pois é um dos que mais usados na imitação e na enganação. A honradez inquestionável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse material e *moral*, e o auxílio das circunstâncias acessórias devem levados em séria consideração. Sobretudo é importante desconfiar da excessiva facilidade com que tais efeitos são produzidos, e tomar como suspeitos os que se renovem com grande frequência e, por assim dizer, à vontade. Os ilusionistas fazem coisas mais extraordinárias.

A levitação de uma pessoa é um fato não menos real; mas talvez muito mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. É notório que o Sr. Daniel Dunglas Home [célebre médium escocês contemporâneo de Allan Kardec] se elevou mais de uma vez até o teto, dando voltas na sala. Dizem que São Cupertino tinha essa mesma aptidão, não sendo este mais miraculoso do que o outro.

174 Exemplos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: ***Revista Espírita***, "A jovem filha dos Panoramas", janeiro de 1858; "Senhorita Clairon", fevereiro de 1858; "Espírito batedor de Bergzabern" (narração completa), maio, junho e julho de 1858; "Dibbelsdorf", agosto de 1858; "Padeiro de Dieppe", março de 1860; "Fabricante de S. Petersburgo", abril de 1860; "Rua das Nogueiras", agosto de 1860; "Espírito batedor do Aube",

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que é estranha para eles; para tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da sua instrução. Não é raro se vê que escrevam correntemente sem terem aprendido a escrever; de outros que compõem poesias sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; de outros que desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura, ou a arte musical. É muito frequente que um médium escrevente reproduza, sem equívocos, a grafia e a assinatura que os Espíritos que por ele se comunicam tinham quando vivos, ainda que não os tenham conhecido.

Esse fenômeno não é mais espantoso do que ver uma criança escrever quando guiamos a sua mão; podemos assim lhe fazer executar tudo o que queiramos. Podemos fazer com o primeiro a chegar que escreva num idioma qualquer lhe ditando as palavras letra por letra. Compreende-se que possa acontecer o mesmo com a mediunidade, se nos referirmos à maneira como os Espíritos se comunicam com os médiuns, que na realidade não são para eles mais do que instrumentos passivos. Todavia, se o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se, finalmente, possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; o Espírito não precisa mais do que transmitir seus pensamentos e o seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também vem frequentemente dos conhecimentos que ele possuiu noutra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que queira reproduzir. A língua que ele hoje ignora pode ter sido familiar para ele noutra existência: daí vem para ele uma aptidão maior para escrever

---

janeiro de 1861; “Flagelo do século dezesseis”, janeiro de 1864; “Poitiers”, maio de 1864 e maio de 1865; “Irmã Maria”, junho de 1864; “Marselha”, abril de 1865; “Fives”, agosto de 1865; “Os ratos de Equihem”, fevereiro de 1866.

mediunicamente nessa língua.[175]

Obsessões e possessões

45. Os Espíritos maus espalham-se ao redor da Terra por causa da inferioridade moral dos seus habitantes. A ação maldosa deles é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade aqui se vê abraçada. A obsessão — que é um dos efeitos dessa ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida — deve ser considerada como uma provação ou uma expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das capacidades mentais. Ela bloqueia todas as aptidões mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela teimosia de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros.

46. Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral que dá ensejo a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é preciso uma força moral. Para se preservar das enfermidades, fortifica-se o corpo; para se garantir contra a obsessão, é preciso fortalecer a alma; daí, para o obsediado, a necessidade de trabalhar para o seu próprio melhoramento, o que muitas vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de outras pessoas. Esse socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em

---

175 A aptidão de certas pessoas para línguas que elas conhecem, por assim dizer, sem as ter aprendido, não tem outra origem a não ser a lembrança intuitiva do que souberam noutra existência. O caso do poeta Méry, relatado na ***Revista Espírita*** de novembro de 1864: *'Uma Lembrança de Existências Passadas'*, é uma prova disso. É evidente que se o Sr. Méry tivesse sido médium na sua mocidade, ele teria escrito em latim tão facilmente como em francês, e todo mundo teria acreditado ser um prodígio.

possessão, porque nesse caso o paciente muitas vezes perde a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre uma vingança praticada por um Espírito e cuja fonte frequentemente vem das relações que o obsidiado manteve com o obsessor em uma existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza e repele a ação dos fluidos saudáveis. É desse fluido pernicioso de que se precisa se desembaraçar; ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido igualmente mau. Por uma ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, ***é preciso expulsar um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor***.

Essa é a ação magnética, mas que nem sempre basta; é necessário também — e sobretudo — ***agir sobre o ser inteligente***, ao qual é preciso ter a prerrogativa de ***falar com autoridade***, e essa autoridade só é dada à superioridade moral; quanto maior for esta superioridade, tanto maior será a autoridade.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, é indispensável levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus costumes; é preciso fazer brotar nele o arrependimento e o desejo do bem, por auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de sua educação moral; pode-se então ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado — compreendendo a sua situação — dá sua contribuição com a vontade e a prece; isso não acontece quando o obsidiado, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades do seu dominador e se deleita no erro em que este o mergulha, porque então, longe de ajudar, ele repele toda a assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação (***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxílio para agir contra o Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito age exteriormente com a ajuda do seu perispírito,

que ele identifica com aquele do encarnado; este último fica enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito livre substitui o Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio sem que, no entanto, o encarnado abandone seu corpo definitivamente — o que só acontece na morte. Portanto, a possessão é sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar e ocupar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, visto que a união molecular entre o perispírito e o corpo não pode se efetivar senão no momento da concepção. (Cap. XI, item 18.)

Na posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela boca dele, vê pelos seus olhos e age com seus braços conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; é este último mesmo quem fala e quem age, e quem o tiver conhecido em vida reconhecerá nele a sua linguagem, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da fisionomia.

48. A obsessão é sempre o ato de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser o fato de um Espírito bom que queira falar e, para causar maior impressão nos seus ouvintes, ***toma emprestado*** o corpo de um encarnado, que o empresta voluntariamente, como emprestaria sua roupa. Isso se faz sem qualquer perturbação ou incômodo, e durante o tempo em que o Espírito se acha em liberdade, como no estado de emancipação, e na maioria das vezes ele se conserva ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não pega o corpo emprestado, mas sim se apodera dele caso o titular não tenha ***força moral para resisti-lo***. Faz isso por maldade contra este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo — seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do infeliz paciente, ele blasfema, insulta-o e maltrata aqueles que o cercam; entrega-se à estranheza e a atos que têm todas as características da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero são numerosos, em diferentes graus de intensidade, e muitos casos de loucura não derivam de outra causa. Muitas vezes, há também desordens patológicas que são apenas consequências e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto persista a causa originária. Tornando conhecida essa fonte de uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o meio de remediá-la: esse meio é atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.[176]

49. A obsessão e a possessão são muitas vezes individuais, mas não raro elas são epidêmicas. Quando um bando de Espíritos perversos se lança sobre uma localidade, é como se uma tropa de inimigos a invadisse. Nesse caso, o número dos indivíduos atacados pode ser considerável.[177]

---

176 Casos de cura de obsessões e de possessões: ***Revista Espírita***, dezembro de 1863; janeiro de 1864; junho de 1864; janeiro de 1865; junho de 1865; fevereiro de 1868; junho de 1867.

177 Foi uma epidemia desse gênero que há alguns anos atacou a aldeia de Morzine na Saboia (veja o relato completo dessa epidemia na ***Revista Espírita*** de dezembro de 1862; de janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.

CAPÍTULO XV

Os Milagres do Evangelho

SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS – SONHOS – ESTRELA DOS MAGOS – DUPLA VISTA – CURAS – POSSESSOS – RESSURREIÇÕES – JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA – TRANSFIGURAÇÃO – TEMPESTADE ACALMADA – BODAS DE CANÁ – MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES – TENTAÇÃO DE JESUS – PRODÍGIOS NA MORTE DE JESUS – APARIÇÃO DE JESUS APÓS SUA MORTE – DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS

1. Os fatos relatados no Evangelho, e que até hoje têm sido considerados milagrosos, pertencem na sua maioria à ordem dos ***fenômenos psíquicos***, isto é, dos que têm como causa primária as capacidades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconheceremos sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História nos mostra fatos semelhantes em todos os tempos e em todos os povos, pela razão de que, desde que haja almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos puderam se produzir. É certo que, no que se refere a este ponto, podemos contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade, e por indivíduos que nada têm de excepcional. Só o fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, basta para provar que ele é possível e está submetido a uma lei, e que, portanto, não é miraculoso.

Como já vimos, o princípio dos fenômenos psíquicos se fundamenta nas propriedades do fluido perispiritual, que é o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida e após a morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e seu papel como força ativa da natureza. Conhecendo estes elementos e comprovando os seus efeitos, temos consequentemente de admitir a possibilidade de certos fatos que foram rejeitados enquanto lhes atribuíamos uma procedência sobrenatural.

2. Sem nada prejulgar sobre a natureza do Cristo — cujo exame não entra no escopo desta obra — considerando-o, por hipótese, apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecer nele um daqueles da ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que ele produziu, sua encarnação neste mundo não poderia deixar de ser uma dessas missões que só são confiadas aos mensageiros diretos da Divindade para o cumprimento de seus desígnios. Supondo que ele não fosse o próprio Deus, mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais do que um profeta, pois seria um Messias divino.

Como homem, ele tinha o organismo dos seres carnais; porém como Espírito puro, desprendido da matéria, devia viver mais da vida espiritual do que da vida corporal — da qual ele não tinha as fraquezas. ***A superioridade de Jesus em relação aos homens não vinha das qualidades particulares do seu corpo, mas das qualidades do seu Espírito, que dominava a matéria de um modo absoluto, e das qualidades do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.*** (Cap. XIV, item 9.) Sua alma devia estar ligada ao corpo apenas pelos laços estritamente indispensáveis; constantemente desprendida, ela certamente lhe dava uma ***dupla vista*** não apenas permanente, mas de uma penetração excepcional e muito superior àquela que vemos nos homens comuns. Devia ser o mesmo com todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe dava uma imensa força magnética, fortificada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Nas curas que operava, agia ele como ***médium***? Poderíamos considerá-lo

como um poderoso médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento de que os Espíritos desencarnados se servem. Ora, o Cristo não tinha necessidade de assistência; era ele quem assistia os outros; ele agia por si mesmo, em virtude da sua potência pessoal, assim como os encarnados podem fazer em certos casos e na medida de suas forças. Além disso, que Espírito ousaria infundir nele seus próprios pensamentos e lhe encarregar de os transmitir? Se ele recebia alguma influência estranha, essa não poderia ser senão de Deus; segundo a definição dada por um Espírito, ele era ***médium de Deus***.

SONHOS

3. Diz o Evangelho que José foi avisado por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe disse para fugir para o Egito com o Menino (Mateus, 2:19 a 23).

Advertências por meio de sonhos cumprem um grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos registrados e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal quando sabemos que o período do sono é aquele em que o Espírito — desprendendo-se dos laços da matéria — penetra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com aqueles que ele conheceu. É frequentemente nessa ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar aos seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos de advertência via sonho são numerosos, entretanto não se deve inferir daí que todos os sonhos sejam avisos, nem muito menos que tudo o que se vê em sonho tem uma significação. Devemos incluir entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, itens 27 e 28.)

ESTRELA DOS MAGOS

4. Dizem que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus e que ela seguia à frente deles para lhes indicar o caminho, e se deteve quando eles haviam chegado (Mateus, 2:1 a 12).

A questão não é saber se o fato narrado por Mateus é real ou se não passa de uma figura de linguagem para indicar que os magos foram guiados de uma maneira misteriosa ao lugar onde estava o Menino, já que não há meio algum de comprovação; a questão é saber se um fato dessa natureza é possível.

Uma coisa certa é que naquela circunstância a luz não podia ser uma estrela. Podia-se crer na época em que o fato aconteceu que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e podiam cair sobre a Terra; mas não hoje, quando conhecemos sua natureza.

Por não ter a causa a que lhe atribuem, o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela não deixa de ser possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual em um foco luminoso. Muitos fatos desse gênero — recentes e perfeitamente autênticos — não procedem de outra causa, e essa causa não tem nada de sobrenatural. (Cap. XIV, itens 3 e seguintes.)

DUPLA VISTA

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, e lhes disse: “Vão a essa aldeia que está diante de vocês e, lá chegando, encontrarão uma jumenta amarrada, e junto dela o seu jumentinho; desamarrem e os tragam aqui. Se alguém lhes disser qualquer coisa, respondam que o Senhor precisa deles e então ele os deixará trazer.” Ora, tudo isso se deu a fim de que aquela palavra do profeta se cumprisse: “Diga à filha de Sião: Eis aqui o teu rei que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo.” (Zacarias, 9:9 e 10.)

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus lhes havia ordenado. E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes, e o fizeram montar. (Mateus, 21:1 a 7.)

Beijo de Judas

6. "Levantem-se, vamos, aquele que há de me trair já está perto daqui!" Ainda não

tinha acabado de dizer essas palavras e eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, que havia sido enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o traíra havia dado um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: "Aquele a quem eu beijar é aquele mesmo a quem vocês procuram; apoderem-se dele!" Logo mais, ele aproximou-se de Jesus e lhe disse: "Mestre, eu te saúdo!"; e o beijou. Jesus lhe respondeu: "Meu amigo, o que você veio fazer aqui?" E ao mesmo tempo, todos os outros avançaram e se lançaram a Jesus e dele se apoderaram. (Mateus, 26:46 a 50.)

Pesca milagrosa

7. Um dia que estava Jesus à margem do lago de Genesaré, achando-se sobrecarregado pelo amontoado de gente que se apertava para ouvir a palavra de Deus, ele viu duas barcas atracadas à borda do lago, das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. Ele entrou numa dessas barcas, que era a de Simão, e lhe pediu que a afastasse um pouco da margem; e tendo se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Tão logo acabou de falar, disse a Simão: "Avança em pleno mar e lança as tuas redes para pescar!" Simão lhe respondeu: "Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanharmos; contudo, por causa da tua palavra, eu lançarei a rede." Tendo então lançado a rede, eles apanharam tão grande quantidade de peixes que a rede se rompeu. Acenaram para seus companheiros que estavam na outra barca para virem lhes ajudar. Eles ali vieram e encheram suas barcas de tal modo que faltou pouco para eles se afundarem. (Lucas, 5:1 a 7.)

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; e disse a eles: "Sigam-me e eu os farei pescadores de homens!" Prontamente eles deixaram suas redes e o seguiram.

Daí, avançando, ele viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam numa barca com Zebedeu, pai deles, os quais estavam remendando suas redes; e ele os chamou. Naquela mesma hora eles deixaram as suas redes e o seu pai e o seguiram. (Mateus, 4:18 a 22.)

Jesus, saindo dali, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, a quem disse: "Segue-me!" E o homem logo se levantou e o seguiu. (Mateus, 4:9.)

9. Estes fatos não têm nada de surpreendente desde que se conheça o poder

da dupla vista e a causa bem natural dessa faculdade. Jesus a possuía no grau supremo, e podemos dizer que ela era o seu estado normal, conforme atesta um grande número de atos da sua vida e que explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não havia; ele viu, como poderia ter visto um lúcido desperto, com a vista da alma, o lugar onde os peixes se concentravam, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali suas redes.

A penetração do pensamento, e, por conseguinte, certas previsões, são o efeito da vista espiritual. Quando Jesus chama consigo Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que ele conhecia suas disposições íntimas para saber que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que devia lhes confiar. E se fazia necessário que eles próprios tivessem a intuição dessa missão para se entregarem a ele. O mesmo se deu quando, por ocasião da Ceia, ele anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato; e o mesmo quando disse que Pedro o renunciaria.

Em muitas passagens do Evangelho é dito: “Porém Jesus, conhecendo os pensamentos deles, lhes diz...” Pois bem, como Jesus poderia conhecer os pensamentos deles se não fosse pelas irradiações fluídicas que lhe transmitia esse pensamento e a vista espiritual que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Tantas vezes quando acreditamos que um pensamento esteja profundamente escondido nos recônditos da alma, não suspeitamos que trazemos conosco um espelho que reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica que está impregnada dele. Se enxergássemos o mecanismo do mundo invisível que nos rodeia, as ramificações dos fios condutores do pensamento que ligam todos os seres inteligentes — corporais e incorpóreos —, os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, então ficaríamos muito menos surpresos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (Cap. XIV, itens 15, 22 e seguintes.)

CURAS

Hemorragia

10. Então uma mulher, enferma de uma hemorragia há doze anos — que havia sofrido bastante nas mãos de vários médicos e que, tendo gastado todos os seus bens sem ter conseguido nenhum alívio, mas sempre piorando — tendo ouvido falar de Jesus, veio com a multidão atrás dele e tocou a roupa dele, pois ela dizia: "Se eu conseguir ao menos tocar sua roupa, eu ficarei curada." No mesmo instante, a fonte da hemorragia cessou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

No mesmo instante Jesus, ***conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele***, voltou-se no meio da multidão e disse: "Quem tocou minhas vestes?" Seus discípulos lhe disseram: "Vê que a multidão te aperta de todos os lados e pergunta quem te tocou?" Ele olhava em torno de si para ver aquela que o havia tocado.

Mas aquela mulher, que sabia o que se passava consigo, tomada de medo e pavor, lançou-se aos seus pés e lhe declarou toda a verdade. E Jesus disse a ela: "Minha filha, tua fé te salvou! Vá em paz e fique curada da tua enfermidade." (Marcos, 5:25 a 34.)

11. Estas palavras ***"Conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele"*** são significativas; elas expressam o movimento fluídico que se operava de Jesus para a mulher enferma; ambos sentiram a ação que havia acabado de se produzir. É notável que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve nem magnetização nem imposição de mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que aquela irradiação se dirigiu mais àquela mulher e não às outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado de uma multidão?

A razão disso é bem simples: o fluido — considerado como matéria terapêutica — deve atingir a desordem orgânica para repará-la; ele pode ser dirigido sobre a enfermidade pela vontade do curador ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança e, em uma palavra, pela fé do enfermo. Com relação à corrente fluídica, o primeiro faz o efeito de uma bomba propulsora e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade dos dois efeitos; doutras vezes um só basta; foi o segundo caso que ocorreu na referida circunstância.

Jesus então tinha razão de dizer: "Tua fé te salvou". Compreendemos que aqui a fé não é a virtude mística tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira ***força atrativa***, já que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação. Com isso, compreendemos que dois enfermos que sofrem do mesmo mal, estando na presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. Este é um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, determinadas anomalias aparentes. (Cap. XIV, itens 31, 32 e 33.)

Cego de Betsaida

> 12. Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse.
>
> E pegando o cego pela mão, ele o levou para fora da aldeia; passou-lhe a saliva nos olhos e impondo as mãos sobre ele, perguntou se ele via alguma coisa. O homem, enxergando, lhe disse: "Vejo homens caminhando que se parecem para mim como árvores." Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a enxergar melhor; por fim, ficou tão perfeitamente curado que via todas as coisas distintamente.
>
> Em seguida o mandou de volta para casa, dizendo-lhe: "Vai para tua casa; e se entrar na aldeia, não diga a ninguém o que aconteceu contigo." (Marcos, 8:22 a 26.)

13. Aqui o efeito magnético está evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e proporcional a uma ação prolongada e repetida — se bem que mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação daquele homem foi exatamente a que os cegos experimentam ao recobrarem a vista; por um efeito de ótica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

Paralítico

> 14. Tendo subido numa barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). E como lhe apresentaram um paralítico deitado em uma maca, Jesus, notando sua fé, disse a ele: "Meu filho, tenha confiança! Teus pecados estão redimidos!"
>
> Com isso alguns escribas disseram entre si: "Este homem blasfema". Porém Jesus, ***tendo percebido o que eles pensavam***, lhes perguntou: "Por que vocês conservam maus pensamentos em seus corações? Pois, o que é mais fácil: dizer

'Teus pecados estão perdoados' ou dizer 'Levanta-te e anda'? Ora, para que saibam que o Filho do homem tem na Terra o poder de redimir os pecados: 'Levanta-te! — disse então ao paralítico — Pegue a tua maca e vai para tua casa!'"

O paralítico levantou-se imediatamente e foi para sua casa. E o povo, vendo aquele milagre, encheu-se de temor e rendeu graças a Deus por haver concedido tal poder aos homens. (Mateus, 9:1 a 8.)

15. O que poderia significar essas palavras ***"Teus pecados estão redimidos"*** e em que elas podiam servir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje; ele ensina que pela lei da pluralidade das existências os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos numa existência anterior: as diversas existências são solidárias umas com as outras, até que tenhamos quitado a dívida de nossas imperfeições.

Portanto, se a moléstia daquele homem era uma punição pelo mal que ele tinha cometido, Jesus ao dizer-lhe "Teus pecados estão redimidos" era como lhe dizer "Você pagou a tua dívida; a causa da tua enfermidade está cessada pela tua fé presente; conseguintemente, você merece ficar livre da tua moléstia". Daí o fato de ele haver dito aos escribas: "É tão fácil dizer 'Teus pecados estão perdoados' quanto 'Levanta-te e anda.'"; cessada a causa, o efeito deve cessar. É exatamente o mesmo caso do prisioneiro a quem se vem dizer: "Teu crime está expiado e perdoado", o que equivaleria a lhe dizermos "Pode sair da prisão".

Os dez leprosos

16. Um dia, indo para Jerusalém, ele passava pelos confins da Samaria e da Galileia, estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, mantendo-se afastados, elevaram suas vozes lhe dizendo: "Jesus, nosso Mestre, tem piedade de nós!" Logo que os percebeu, disse a eles: "Vão e se apresentem aos sacerdotes!" E enquanto iam lá, eles ficaram curados.

Um deles, vendo que estava curado, refez seus passos, glorificando a Deus em voz alta; e vindo se lançar aos pés Jesus, com o rosto em terra, rendendo-lhe graças; e este era samaritano.

Então Jesus disse: "Todos os dez não ficaram curados? Onde estão, pois, os outros nove? Não se acha nenhum deles que tenha voltado e rendido glória a Deus,

a não ser este estrangeiro." E disse a esse: "Levante-se e vá; tua fé te salvou!" (Lucas, 17:11 a 19.)

17. Os samaritanos eram cismáticos[178] — mais ou menos como os protestantes em relação aos católicos — e desprezados pelos Judeus como hereges. Curando indistintamente os samaritanos e os judeus, Jesus dava ao mesmo tempo uma lição e um exemplo de tolerância; e destacando que só o samaritano havia voltado para glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento do que nos que se diziam ortodoxos[179]. Acrescentando "Tua fé te salvou", fez ver que Deus olha o que há no íntimo do coração e não na forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados; e isso era necessário para a lição que ele queria dar, e provar a ingratidão deles; no entanto, quem sabe o que isso lhes terá resultado e se eles teriam se beneficiado do favor que lhes foi concedido? Ao dizer ao samaritano "Tua fé te salvou", Jesus dá a entender que não havia ocorrido o mesmo aos outros.

Mão seca

18. Jesus entrou novamente na sinagoga e ali encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. E eles o observavam para ver se ele o curaria num dia de sábado, para terem um motivo de acusá-lo. Então, ele disse ao homem que tinha uma mão seca: "Levante-se e se coloque ali no meio!" Depois, disse àqueles: "É permitido em dia de sábado fazer o bem ou mal, salvar a vida ou tirá-la?" E eles permaneceram em silêncio. Ele, porém, encarando-os com indignação, afligido que estava com a dureza dos corações deles, disse ao homem: "Estende a tua mão!" Ele a estendeu e ela ficou sarada.

Imediatamente os fariseus saíram e tramaram contra ele junto aos herodianos sobre o meio de prendê-lo. Mas, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, onde uma grande multidão o seguia da Galileia e da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia e de além do Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número lhe encontrar. (Marcos, 3:1 a 8.)

---

178 Cismático: relativo à cisma, discórdia, separação (por exemplo, por questão de crenças). De fato, entre os judeus e os samaritanos havia uma extrema cisma. — N. T.

179 Ortodoxo**:** tradicional, rigoroso, intransigente em sua crença. — N. T.

A mulher curvada

19. Jesus ensinava numa sinagoga todos os dias de sábado. E um dia, ele viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a deixava doente há dezoito anos; e ela era tão curvada que não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, você está livre da tua enfermidade!" Ao mesmo tempo, ele impôs as mãos sobre ela; e na mesma hora ficando endireitada, ela rendeu graças a Deus.

Porém, o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver curado num dia de sábado, disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho; venham nesses dias para serem curados e não nos dias de sábado!"

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: "Hipócrita, há algum de vocês que não desamarre da manjedoura seu boi ou seu jumento no dia de sábado e não o leve para beber água? Por que então não se deveria, num dia de sábado, libertar dos laços que a prendiam esta filha de Abraão, que Satanás mantinha presa durante dezoito anos?"

A estas palavras, todos os seus adversários permaneceram confusos e todo o povo ficou encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas. (Lucas, 13:10 a 17.)

20. Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que, como ainda hoje, todos confundiam os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje, os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

Paralítico da piscina

21. Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que em hebreu se chama *Betesaida*, a qual tinha cinco galerias — onde se encontravam deitados um grande número de doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros ressecados, todos à espera de que a água fosse agitada, pois, em determinada época o anjo do Senhor descia àquela piscina e agitava sua água; e aquele que primeiro entrasse na piscina depois que a água fosse agitada ficava curado — qualquer que fosse a doença que ele tivesse.

Pois bem, havia lá um homem que era doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo que ele era doente desde longo tempo, indagou-lhe: "Quer ser curado?" O enfermo respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois da água ser agitada, e antes que eu chegue lá, outro desce à frende de mim." Jesus lhe diz: "Levante-se, toma a tua maca e caminha!" No mesmo instante o homem ficou curado; e pegando a sua maca, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

> Então os judeus disseram àquele que havia sido curado: "Hoje é sábado; não te é permitido carregar tua maca." O homem lhes respondeu: "Aquele que me curou disse: toma a tua maca e anda!" Indagaram-lhe então: "Quem foi esse homem que te disse: Toma a tua maca e anda?" Mas nem mesmo o homem que tinha sido curado sabia quem era aquele, pois Jesus tinha se retirado do meio da multidão que lá estava.
>
> Depois, Jesus encontrou aquele homem no templo e lhe disse: "Veja que foi curado; não peque mais no futuro, para que não te aconteça coisa pior!"
>
> Esse homem foi se encontrar com os judeus e lhes disse que foi Jesus quem o havia curado. E por essa razão os judeus perseguiam Jesus, porque ele fazia aquelas coisas em um dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: "Meu Pai não para de trabalha até o presente e eu também trabalho incessantemente." (João, 5:1 a 17).

22. Entre os romanos, piscina (da palavra latina *piscis*, peixe) significava reservatórios ou tanques de água onde se criavam peixes. Mais tarde, a acepção desse termo foi estendida às bacias onde se tomava banho coletivo.

A piscina de Betesaida em Jerusalém era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Sem dúvida, era uma fonte intermitente, que em certas épocas jorrava com força e agitava a água. Segundo a crença comum, esse era o momento mais propício às curas; na realidade, no momento de sua saída, talvez a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou que a agitação produzida pela água jorrante fizesse remoer o lodo salutar contra algumas moléstias. Esses efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas então as ciências estavam pouco adiantadas e todos viam uma causa sobrenatural na maioria dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam a agitação daquela água à presença de um anjo, e essa crença lhes parecia tanto mais fundamentada quanto naquele momento a água era mais salutar.

Após ter curado aquele homem, Jesus lhe disse “Não peque mais no futuro, para que não te aconteça coisa pior”. Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição, e que, se ele não se melhorasse, poderia ser punido de novo e ainda mais rigorosamente. Essa doutrina é inteiramente conforme aquela que o Espiritismo ensina.

23. Jesus parecia fazer questão de operar suas curas no dia de sábado, para

ter ocasião de protestar contra o rigor dos fariseus no tocante à observação desse dia.[180] Ele queria mostrar a eles que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades, mas que a piedade está nos sentimentos do coração. Ele se justificava declarando: “Meu Pai não cessa de trabalhar até o presente e eu também trabalho incessantemente”; quer dizer: “Deus não suspende suas obras nem sua ação sobre as coisas da natureza nos dias de sábado; continua a produzir tudo quanto é necessário à alimentação e à saúde de vocês; e eu sou seu exemplo.”

Cego de nascença

24. Quando Jesus passou, viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe interrogaram: "Mestre, foi o pecado desse homem ou o pecado daqueles que o puseram no mundo que deu causa a que ele nascesse cego?"

Jesus lhes respondeu: "Não é porque ele pecou, nem pelo pecado dos que o puseram no mundo; mas para que as obras do poder de Deus se evidenciem nele. É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou enquanto é dia; a noite vem, na qual ninguém pode agir. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo."

Após ter dito isso, cuspiu no chão, e tendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego, e lhe diz: "Vai lavar-te na piscina de Siloé!", que significa *Enviado*. Ele então foi, lavou-se e voltou vendo claramente.

Seus vizinhos e aqueles que o tinham visto antes a pedir esmolas diziam: "Este não é aquele que estava assentado e que pedia esmola?" Uns respondiam: "É ele"; outros diziam: "Não, é alguém que se parece com ele". Porém o homem lhes dizia: "Sou eu mesmo". Perguntaram-lhe então: "Como seus olhos se abriram?" Ele respondeu: "Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo ‘Vai à piscina de Siloé e lava-te’. Fui, lavei-me e agora enxergo." Retrucaram-lhe: "Onde está ele?" O homem respondeu: "Não sei."

Depois, levaram aos fariseus aquele homem que era cego. Ora, foi num dia de sábado que Jesus havia feito aquela lama e tinha aberto os olhos do cego.

Os fariseus também o interrogaram para saber como ele havia recobrado a visão. E ele lhes disse: "Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e enxergo." Ao que alguns fariseus retrucaram: "Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado." Outros, porém, diziam: "Como poderia um homem mau fazer tais prodígios?" E a respeito disso, surgiu ali desacordo entre eles.

---

180 Para a lei judaica, o sétimo dia — sábado, ou *sabbath* — é o dia do descanso e recolhimento sagrado (porque, segundo os textos do Antigo Testamento, Deus descansou no sétimo dia da criação) sendo proibido qualquer tipo de trabalho, senão o mínimo para a subsistência e louvor a Deus. – N. T.

Disseram de novo ao cego: "E tu, o que diz desse homem que te abriu os olhos?" Ele respondeu: "Digo que é um profeta." Mas, os judeus não creram que aquele homem tivesse sido cego e que tivesse recobrasse a vista enquanto não fizessem vir o pai e a mãe dele, a quem interrogaram assim: "É este o filho de vocês, que dizem ter nascido cego? Como é que ele agora vê?" O pai e a mãe responderam: "Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; porém, não sabemos como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interroguem-no; ele já tem idade, que responda por si mesmo."

Seu pai e sua mãe falavam desse modo porque temiam os Judeus, visto que estes já haviam resolvido juntos que ***qualquer um que reconhecesse Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga***. Foi o que obrigou o pai e a mãe a responderem: “Ele já tem idade; interroguem ele mesmo.”

Então chamaram pela segunda vez aquele homem que era cego e lhe disseram: "Glorifique a Deus; sabemos que esse homem é um pecador!" Ele lhes respondeu: "Se é um pecador, eu não sei; mas tudo o que sei é que eu era cego e agora vejo." Tornaram a lhe perguntar: "O que ele te fez e como ele abriu os teus olhos?" Respondeu o homem: “Eu já lhes disse isso e vocês me ouviram bem; por que querem ouvir uma segunda vez? Será que querem se tornar discípulos dele?" Ao que eles o encheram de injúrias e lhe disseram: "Seja você discípulo dele! Quanto a nós, somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a este, não sabemos de onde saiu."

Aquele homem lhes retrucou: "É de espantar que não saibam donde ele é, e nem que ele tenha aberto os meus olhos. Ora, sabemos que Deus não exalta os pecadores; mas sim àquele que o honra e faz a sua vontade; é a esse que Deus exalta. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, ele não poderia fazer nada de tudo o que tem feito."

Os fariseus lhe responderam: "Você não passa de um pecado desde o ventre de tua mãe, e quer nos ensinar?" E o expulsaram. (João, 9:1 a 34)

25. Esta narrativa tão simples e tão ingênua traz em si o cunho evidente de uma verdade. Nada de fantasista nem de maravilhoso; é uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem daquele cego é exatamente a desses homens simples nos quais o saber é suprido pelo bom senso, e que retrucam aos argumentos de seus adversários com bondade, e por razões a que não falta nem justeza nem propósito. O tom dos fariseus não é o daqueles orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências, e se indignam da simples ideia de que um homem do povo possa lhes corrigir? Salvo a característica local dos nomes, parece nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja; era uma

espécie de excomunhão. Os Espíritas — cuja doutrina é a do Cristo, interpretada de acordo com as luzes atuais — são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias; excomungando-os, eles os põem fora da Igreja como os escribas e os fariseus fizeram com os seguidores de Jesus. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o havia curado fosse um possesso do demônio e porque ele glorifica a Deus pela sua cura! Não é o mesmo o que fazem com os Espíritas? O que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, reconciliação com Deus e com o bem, curas — tudo isso é obra do diabo e lhes lançam maldição. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, que ***é melhor permanecer incrédulo do que resgatar a fé por meio do Espiritismo***? Não há os que dizem aos doentes que estes não deviam se curar pelos Espíritas que possuem esse dom porque esse dom é satânico? Outros pregam que os desgraçados não deviam aceitar o pão distribuído pelos Espíritas porque esse pão era do diabo? O que mais os sacerdotes judeus e os fariseus diziam ou faziam? De resto, dizem que tudo hoje deve se passar como no tempo do Cristo.

Essa pergunta dos discípulos “Foi algum pecado deste homem que causou ele ***nascer*** cego?” indica a intuição de uma existência anterior, pois do contrário ela não teria sentido, pois o pecado que seria a causa de uma enfermidade de ***nascença*** deveria ter sido cometido antes do nascimento e, portanto, numa existência anterior. Se Jesus tivesse visto nisso uma ideia falsa, ele teria lhes dito “Como este homem poderia ter pecado antes de ter nascido?” Em vez disso, ele lhes diz que aquele homem estava cego não por ter pecado, mas para que o poder de Deus se revelasse nele; isto é, que ele deveria ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação que deveria servir ao seu adiantamento, pois Deus — que é justo — não poderia lhe impor um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia conter nenhuma virtude senão a ação do fluido curador de que ela estivesse impregnada; é assim que as mais insignificantes substâncias — a água, por exemplo — podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético

ao qual elas servem de veículo, ou se quiserem, de ***reservatório***.

Numerosas curas operadas por Jesus

> 26. Jesus ia por toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as fraquezas e todas as enfermidades no meio do povo. E como sua fama havia se espalhado por toda a Síria, traziam-lhe todos os que estavam enfermos e afligidos por diversos males e dores, os possessos, os lunáticos, os paralíticos, e ele curava a todos; – e uma grande multidão de povo o seguia da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e de além Jordão (Mateus, 4:23 a 25.)

27. De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, sem dúvidas que os mais numerosos são as curas; ele queria provar dessa forma que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, que o seu objetivo era ser útil, e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes por coisas extraordinárias.

Aliviando o sofrimento, ele prendia a si as pessoas pelo coração e fazia seus adeptos mais numerosos e sinceros do que se apenas os encantasse com espetáculos para os olhos. Por esse modo, fazia-se amado, ao passo que se ficasse limitado a produzir fatos materiais surpreendentes — como os fariseus lhes pediam — a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro ou um mágico hábil ***que os desocupados quisessem ver para se distraírem***.

Assim, quando João Batista envia seus discípulos para lhe perguntar se ele era o Cristo, ele não respondeu “Eu sou o Cristo”, como qualquer impostor teria dito; tampouco ele lhes fala de prodígios ou de coisas maravilhosas, mas responde simplesmente: “Vão dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos escutam, o Evangelho é anunciado aos pobres”. Era o mesmo que dizer: “Reconheçam-me pelas minhas obras; julguem a árvore pelo seu fruto”, porque esse era o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. É também pelo bem que faz que o Espiritismo prova sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas sobretudo cura as doenças morais, e esses são os maiores prodígios pelos quais se afirma. Seus adeptos mais

sinceros não são os que se sentem encantados pela observação de fenômenos extraordinários, mas aqueles que foram tocados no coração pela consolação; aqueles que foram libertos das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem foi levantada nas aflições, que depositaram a força na certeza no futuro que ele veio trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e no seu destino. Esses são aqueles cuja fé é inabalável, pois sentem e compreendem.

Aqueles que enxergam no Espiritismo unicamente efeitos materiais não podem compreender sua força moral; assim como os incrédulos — que não o conhecem exceto pelos fenômenos dos quais eles não admitem a causa primária — não enxergam nos Espíritas além de mágicos e charlatões. Pois não será por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará sobre a descrença: mas será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porque se os incrédulos não admitem os prodígios, eles conhecem — como todo o mundo — o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa alívio e consolação.

Possessos

29. Vieram em seguida a Cafarnaum, e Jesus, primeiramente entrando na sinagoga em um dia de sábado, os instruía; e eles estavam admirados da sua doutrina, porque ele os ensinava como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, encontrava-se na sinagoga um homem possuído de um Espírito impuro que exclamou gritando: "O que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Você veio para nos destruir? Eu sei quem você é: é o santo de Deus!" Jesus, porém, falando-lhe com ameaça, disse-lhe: "Cala-te e sai desse homem!" Então o Espírito impuro saiu dele, agitando-se em violentas convulsões e soltando um forte grito.

Todos ficaram tão surpresos que se perguntavam uns aos outros: "O que é isto? E que nova doutrina é esta? Ele ordena com autoridade, até mesmo aos Espíritos impuros, e eles o obedecem!" (Marcos, 1:21 a 27.)

30. Depois que saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possuído pelo demônio. Tendo sido expulso o demônio, o mudo falou e o povo ficou tomado de admiração, e eles diziam: Jamais se viu coisa semelhante em Israel!

Mas os fariseus diziam, ao contrário: "É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios!" (Mateus, 9: 32 a 34.)

31. Quando chegou ao lugar onde estavam os outros discípulos, ele viu em torno destes uma grande multidão de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam. Logo, percebendo a chegada de Jesus, todo o povo foi tomado de espanto e de temor; então correram e o saudaram.

Ele então perguntou: "Pelo que estão disputando?" E um homem do meio do povo, tomando a palavra, respondeu-lhe: "Mestre, eu trouxe a ti meu filho que está possesso de um Espírito mudo; e em todo lugar onde se apossa dele, atira-o por terra e o menino espuma, range os dentes e fica todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam."

Jesus lhe respondeu: "Ó gente incrédula! Até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei? Traga-me o menino!" Trouxeram-no e antes que visse Jesus, o Espírito começa a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão, onde se rolou espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: "Desde quando isto acontece com ele?" O pai respondeu: "Desde a infância. E o Espírito muitas vezes o tem lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; mas se puder fazer alguma coisa, tenha compaixão de nós e nos socorra!"

Respondeu-lhe Jesus: "Se puder crer, tudo é possível àquele que crê!" Logo, o pai do menino, banhado em lágrimas, exclamou: "Senhor, eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade."

E Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou com ameaça ao Espírito impuro, dizendo-lhe: "Espírito surdo e mudo: saia desse menino, eu te ordeno, e não entre mais nele!" Então esse Espírito saiu, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, e o menino ficou como morto, de modo que muitos diziam que ele estava morto. Mas, Jesus tendo tomado as mãos do menino e segurando-o, levantou o menino.

Quando Jesus entrou na casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: "Por que nós não pudemos expulsar aquele demônio?" Ele lhes explicou: "Os demônios desta espécie não podem ser expulsos por outro meio senão pela prece e pelo jejum." (Marcos, 9:13 a 28.)

32. Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que aquele começou a falar e a ver. Todo o povo ficou repleto de admiração e dizia: "Não é este o filho de Davi?"

Mas os fariseus, ouvindo isso, disseram: "Este homem não expulsa os demônios se não por virtude de Belzebu, príncipe dos demônios!"

Ora, conhecendo os pensamentos deles, Jesus lhes disse: "Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode subsistir. Se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo; como então o seu reino poderá sobreviver? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem seus filhos os expulsarão? Por isso eles serão os seus próprios juízes. Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vocês." (Mateus, 12:22 a 28.)

33. As libertações de possessos, como as curas, estão entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, há alguns (como os

narrados aqui, no item 30) em que a possessão não é evidente. Provavelmente naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa não era conhecida — principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há outros em que da ação dos maus Espíritos não é duvidosa; eles têm uma semelhança tão marcante com aqueles dos quais somos testemunhas, que reconhecemos neles todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta nesse caso ressalta de um fato material: são as múltiplas curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas pela evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização ou medicamentos, e muitas vezes na ausência e à distância do paciente. A imensa superioridade do Cristo lhe dava uma autoridade tal sobre os Espíritos imperfeitos — chamados então demônios — que bastava ele ordenar para que se retirassem, porque eles não podiam resistir a essa imposição. (Cap. XIV, item 46.)

34. O fato de maus Espíritos serem enviados para o corpo de porcos é contrário a todas as probabilidades. Seria difícil, aliás, explicar a presença de tão numerosa manada de suínos num país onde esse animal era abominado e sem utilidade para a alimentação. Um Espírito mau não deixa de ser um Espírito humano, conquanto ainda seja imperfeito o bastante para fazer o mal depois da morte, assim como o fazia anteriormente, e é contra as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal; então, devemos ver aí um desses exageros comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria para caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35. Os obsediados e os possessos parecem ter sido bastante numerosos na Judeia, à época de Jesus, o que lhe deu ocasião de curar muitos deles. Sem dúvida os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, item 49.)

Sem ser em estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que

um conhecimento aprofundado do Espiritismo faria reconhecer facilmente; elas podem muitas vezes ter consequências danosas à saúde — seja agravando as infecções orgânicas, seja determinando-as. Um dia, elas serão incontestavelmente incluídas entre as causas patológicas que, pela sua natureza especial, requerem meios curativos especiais. Revelando a causa do mal, o Espiritismo abre um novo caminho à arte de curar e fornece à ciência o meio de triunfar aí onde ela muitas vezes fracassou somente por falta de atacar a causa essencial do mal (***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. XXIII).

36. Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelos demônios; segundo eles, até o bem que Jesus fazia era obra de Satanás, sem refletir que Satanás expulsando a si mesmo praticaria um ato de insensatez. É notável que os fariseus de seu tempo já pretendessem que toda faculdade transcendente — e por esse motivo, reputada sobrenatural — fosse obra do demônio, pois, segundo eles, o próprio Jesus recebia seu poder daquele; esse é mais um ponto de semelhança com a época atual, e essa doutrina é aquela que ainda hoje a Igreja procura fazer prevalecer contra as manifestações espíritas.[181]

RESSURREIÇÕES

A filha de Jairo

37. Tendo Jesus subido novamente no barco do outro lado, quando estava perto do

---

181 Todos os teólogos estão longe de professar opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma, de um eclesiástico da qual o clero não poderá contestar o valor. Encontramos a passagem seguinte nas *Conferências sobre a religião*, do Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tomo II, pág. 341, Paris, 1825:

"Se Jesus tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, então o demônio teria trabalhado pela destruição do seu império e teria empregado o seu poder contra si próprio. Certamente, ***um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio***. Eis por que Jesus, para repelir a acusação absurda dos judeus, lhes dizia: 'Se eu realizo prodígios em nome do demônio, o demônio está então dividido consigo mesmo; portanto, procura se destruir a si próprio'; resposta que não admite réplica."

É exatamente o argumento que os Espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que eles recebem dos Espíritos. O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

mar, uma grande multidão se reuniu ao redor dele. E um chefe da sinagoga chamado Jairo veio ao seu encontro; e o encontrando, lançou-se aos pés e lhe suplicou com grande fervor, dizendo-lhe: "Tenho uma filha que está morrendo; venha lhe impor as mãos para curá-la e salvar a vida dela!"

Jesus foi com ele até lá, e estava acompanhado de uma grande multidão que o pressionava.

Enquanto Jairo ainda falava, vieram pessoas do chefe da sinagoga, que lhe disseram: "Tua filha está morta; por que deseja dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?" Mas Jesus, tendo ouvido isso, disse ao chefe da sinagoga: "Não tenha medo, apenas creia!" E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Chegando na casa do chefe da sinagoga, ele viu uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam fortes gritos; e entrando, disse a eles: "Por que fazem tanto alarido e por que choram? *Esta menina não está morta, ela está apenas adormecida*." E zombavam dele. Tendo feito que todos saíssem, ele chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a menina estava deitada. Ele a pegou pela mão e lhe disse: "*Talitha cumi!*" — isto é: "Minha filha, levanta-te, eu te ordeno!" No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar, pois ela tinha doze anos; e todos ficaram maravilhosamente espantados. (Marcos, 5:21 a 43.)

O filho da viúva de Naim

38. No dia seguinte, Jesus foi a uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão. Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe, e essa mulher era viúva; e com ela ali havia uma grande quantidade de pessoas da cidade. Vendo-a, o Senhor ficou tomado de compaixão por ela e lhe disse: "Não chore!" Depois, aproximando-se, tocou o caixão e aqueles que o conduziam pararam. Então ele disse: "Jovem, levanta-te, eu te ordeno!" Imediatamente o morto se levantou de sua maca e começou a falar; e Jesus o devolveu à sua mãe.

Todos que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus dizendo: "Um grande profeta surgiu no meio nós, e Deus visitou o seu povo!" O rumor desse milagre que ele fez se espalhou por toda a Judeia e por todas as regiões da vizinhança. (Lucas, 7:11-17.)

39. O fato do retorno à vida corporal de um indivíduo, realmente morto, seria contrário às leis da natureza e, portanto, miraculoso. Ora, não há necessidade de nos recorrermos a essa ordem de fatos para explicarmos as ressurreições realizadas pelo Cristo.

Se, entre nós, as aparências às vezes enganam os profissionais, os acidentes daquela natureza deveriam ser bem mais frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução disso e onde o sepultamento era imediato.[182] Havia então toda a probabilidade que nos dois casos acima apenas tivesse acontecido síncope[183] ou letargia[184]. O próprio Jesus declara isso positivamente quanto à filha de Jairo, ao dizer: *Esta menina não está morta, ela está apenas adormecida*.

Dado a potência fluídica que Jesus possuía, não há nada de espantoso que esse fluido vivificante — dirigido por uma forte vontade — tenha reanimado os sentidos em torpor; que pudesse até mesmo chamar de volta ao corpo o Espírito prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens daquela época — que acreditava estar morto o indivíduo desde que ele não respirasse mais — havia aí ressurreição, e eles o poderiam afirmar de muita boa-fé; mas na realidade, ali havia uma cura e não ressurreição na acepção da palavra.

40. Digam o que disserem, a ressurreição de Lázaro de nenhum modo anula esse princípio. Dizem que ele estava há quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que ele já cheirava mal — o que seria um sinal de decomposição. Essa alegação também não prova nada, uma vez que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte, e que eles exalam um odor de putrefação. A morte não vem senão quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem podia saber se Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem

---

182 Uma prova desse costume se encontra em Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes.

"Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e entregou o Espírito; e todos os que ouviram falar disso foram tomados de um grande temor. Rapidamente, alguns rapazes vieram buscar o seu corpo e, tendo-o levado, o enterraram. Passadas umas três horas, entrou sua mulher (Safira) — que nada sabia do que havia se passado — e Pedro lhe disse (...). No mesmo instante, ela caiu aos pés e entregou o Espírito. Aqueles rapazes entraram e a encontraram morta; e levando-a, eles a enterraram junto do seu marido."

183 Síncope: perda dos sentidos devido deficiência de irrigação sanguínea no cérebro. – N. T.

184 Letargia: estado de profunda e prolongada inconsciência, semelhante ao sono profundo, do qual a pessoa pode ser despertada, mas ao qual retorna logo a seguir. – N. T.

o disse. Mas, como ela sabia disso? Estando Lázaro enterrado há quatro dias, ela supôs isso, mas não podia ter essa certeza. (Cap. XIV, nº 29.)[185]

JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

> 41. Logo, Jesus obrigou seus discípulos a subirem na barca e a passarem para a outra margem antes dele, enquanto ele despedia o povo. Após ter despedido a multidão, ele subiu um monte para orar sozinho; e tendo caído a noite, ele se encontrava sozinho naquele lugar.
>
> Contudo, a barca era fortemente açoitada pelas ondas no meio do mar, porque o vento estava ao contrário. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles caminhando por sobre o mar.[186] Quando eles o viram andando sobre o mar, ficaram perturbados e diziam: "É um fantasma" e se puseram a gritar de pavor. Jesus então lhes falou: "Acalmem-se! Sou eu, não tenham medo!"
>
> Pedro lhe respondeu: "Senhor, se for o senhor mesmo, ordene que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas." Jesus lhe diz: "Venha!", e Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água para ir até Jesus. Mas, veio um grande vento e ele teve medo; e começando a afundar, ele gritou: "Senhor, salva-me!" Logo, estendendo-lhe a mão, Jesus o pegou e disse: "Homem de pouca fé, por que tem duvidado?" E tendo subido na barca, o vento cessa. Então os que estavam naquela barca se aproximando dele e o adoraram dizendo: "Você é verdadeiramente filho de Deus!" (Mateus, 14:22 a 33.)

42. Esse fenômeno encontra sua explicação natural nos princípios anteriormente expostos, cap. XIV, item 43.

Exemplos semelhantes provam que ele nada tem de impossível nem de miraculoso, pois está nas leis da natureza. Ele pode ser produzido de duas maneiras:

---

185 O fato seguinte prova que a decomposição algumas vezes antecede a morte. No Convento do Bom Pastor (fundado em Toulon pelo padre Marin, capelão dos cárceres, para as filhas arrependidas) encontrava-se uma moça que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores, ela parecia sorrir para uma visão celestial; como santa Teresa, ela pedia para sofrer mais, sua carne estava se despedaçando, a gangrena se espalhando por seus membros; por sábia previdência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo dela imediatamente após a morte. Coisa estranha! Mal ela deu seu último suspiro, todo o processo de decomposição cessou; as exalações cadavéricas desapareceram; durante trinta e seis horas ela permaneceu exposta às orações e à veneração da comunidade.

186 O lago de Genesaré ou de Tiberíades.

Jesus, embora vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, enquanto seu corpo carnal permanecia em outro lugar; é a hipótese mais provável. E podemos até reconhecer na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis. (Cap. XIV, itens 35 a 37.)

De outro modo, seu corpo poderia ter sido sustentado e sua gravidade ser neutralizada pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. O mesmo efeito é muitas vezes produzido com os corpos humanos.

TRANSFIGURAÇÃO

> 43. Seis dias depois, Jesus tendo levado com ele Pedro, Tiago e João, levou-os a sós a um alto monte afastado,[187] e ficou transfigurado diante deles. E enquanto ele fazia sua oração, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram todas radiantes de luz, e brancas como a neve, de maneira que não há nenhum alvejante na Terra que possa fazer algo tão branco. E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.
>
> Então Pedro disse a Jesus: "Mestre, estamos bem aqui; vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e mais uma para Elias.", pois ele não sabia o que dizia, de tão espantado que estava.
>
> Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem saiu uma voz que se fez ouvir estas palavras: "Este é meu Filho bem-amado; ouçam o que ele diz!"
>
> Logo, olhando para todos os lados, eles não viram mais ninguém além de Jesus, que permaneceu a sós com eles.
>
> Quando desciam do monte, ele lhes ordenou que não falassem a ninguém sobre o que tinham visto, até que o Filho do homem fosse ressuscitado dentre os mortos. E eles conservaram o fato em segredo, inquirindo uns aos outros o que ele teria querido dizer com estas palavras: "Até que o Filho do homem fosse ressuscitado dentre os mortos." (Marcos, 9:1 a 9.)

44. É também nas propriedades do fluido perispiritual que encontramos a razão desse fenômeno. A transfiguração (explicada no cap. XIV, item 39) é um fato bastante comum que, por conta da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus permitiu ao

---

187 O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 km do sudeste de Nazaré, cerca de mil metros de altura.

seu Espírito lhe dar um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, entra inteiramente no caso de todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, itens 35 e seguintes.)

De todas as aptidões que são reveladas em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade e que não se encontre no meio comum dos homens, porque elas estão na natureza; todavia, pela superioridade da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, elas alcançaram nele proporções muito acima daquelas comuns. Fora do seu envoltório carnal, ele representou para nós o estado dos Espíritos puros.

TEMPESTADE ACALMADA

> 45. Certo dia, tendo subido num barco com seus discípulos, Jesus disse a eles: "Vamos à outra margem do lago." Então eles partiram. E enquanto passeavam Jesus adormeceu. Nisso, um grande turbilhão de vento veio subitamente desabar sobre o lago, de maneira que a barca deles se encheu d'água e eles estavam em perigo. Então se aproximaram de Jesus e, despertando-o, lhe disseram: "Mestre, estamos morrendo!" Levantando-se, Jesus falou com ameaça aos ventos e às ondas agitadas e eles se acalmaram, e se fez uma grande calmaria. Depois disse a eles: "Onde está a fé de vocês?" Eles, porém, repletos de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: "Quem é este que dá ordens desse modo ao vento e às ondas e eles lhe obedecem?" (Lucas, 8:22 a 25.)

46. Ainda não conhecemos o bastante os segredos da natureza para dizer se há ou não inteligências ocultas que presidam a ação dos elementos. Nessa hipótese, o fenômeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências, e provaria um poder que a nenhum homem é dado exercer.

Em todo o caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode ser explicada pelo fato de que seu Espírito ***via*** não haver perigo nenhum ali e que a tormenta ia cessar.

BODAS DE CANÁ

47. Esse milagre — mencionado unicamente no Evangelho de são João — é

indicado como sendo o primeiro que Jesus realizou, e por isso deveria ter sido muito mais notável; parece que ele produziu bem pouca sensação, pois nenhum outro evangelista fala dele. Um fato assim tão extraordinário deveria ter surpreendido ao máximo os convidados, e sobretudo o dono da casa, que nem parecem tê-lo percebido.

Considerado em si mesmo, o fato tem pouca importância em comparação com aqueles que verdadeiramente atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas tenham se passado como foram narradas, é admirável que seja esse o único fenômeno desse gênero que ele tenha produzido; Jesus era de natureza extremamente elevada para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas para aguçar a curiosidade da multidão que, então o teria igualado a um mágico; ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos do que aquelas que poderiam passar por hábeis truques e não tocariam o coração. (Item 27.)

Se bem que, a rigor, o fato possa ser explicado até certo ponto por uma ação fluídica que — assim como o magnetismo oferece muitos exemplos deles — tivesse modificado as propriedades da água dando-lhe o sabor do vinho, essa hipótese é pouco provável, já que em tal caso, tendo do vinho apenas o sabor, a água tivesse conservado a sua cor — o que não deixaria de ser notável. É mais racional vermos aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinos de Jesus, como aquela do filho pródigo, a do festim de bodas, do rico mau, da figueira seca e tantas outras que, contudo, tem o caráter de fatos ocorridos. Durante o jantar, ele teria feito menção ao vinho e à água, de onde tiraria um ensinamento. O que justifica essa opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a esse respeito: “Todo mundo serve em primeiro lugar o vinho bom, e depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, reservaste o bom vinho até essa hora.”

Entre duas hipóteses, é preciso escolher a mais racional, e os Espíritas não são pessoas assim tão crédulas para ver a todo o lado fatos de manifestações, nem são tão absolutos para pretender explicar tudo pelos fluidos.

MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores, ao mesmo tempo em que tem despertado o ânimo dos descrentes. Sem se darem ao trabalho de lhe examinar o sentido alegórico, estes últimos não têm visto nisso mais do que um conto pueril; mas a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato — embora sob uma forma diferente da maneira comum — uma parábola comparando o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

No entanto, podemos ver nela mais do que uma alegoria e, de certo ponto de vista, admitir a realidade de um fato patente, sem para isso recorrer ao prodígio. Sabemos que uma grande preocupação do espírito, estando a atenção presa a uma coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam Jesus eram pessoas ávidas por ouvi-lo; pois, nada há de espantar que, fascinadas pela sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre aqueles, as pessoas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Jesus, que previu esse resultado, então pôde tranquilizar seus discípulos dizendo a eles, na linguagem figurada que lhe era habitual, admitido que realmente tivessem trazido alguns pães, que estes pães bastariam para saciar a multidão. Ao mesmo tempo, ele dava aos referidos discípulos uma lição, dizendo-lhes: “Deem vocês mesmos de comer a eles”; ensinava-lhes assim que também eles poderiam alimentar por meio da palavra.

Sendo assim, ao lado do sentido alegórico moral, pôde-se produzir um efeito fisiológico natural e bem conhecido. O prodígio nesse caso está na superioridade da palavra de Jesus, poderosa o bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, é confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes.

O fermento dos fariseus

49. Ora, seus discípulos tinham passado para o outro lado do mar, tendo se esquecido de levar pães. Jesus lhes diz: "Tenham o cuidado de se guardarem do fermento dos fariseus e dos saduceus!" Mas eles pensavam e diziam entre si: "É porque nós não trouxemos pães".

Pelo que Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse a eles: "Homens de pouca fé, por que estão conversando entre si a respeito de não terem trazido pães? Ainda não compreendem e não se lembram de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e quantos lhes sobraram na cesta? Como não compreendem que não é do pão de que eu lhes falava, quando lhes disse para se guardarem do fermento dos fariseus e saduceus?"

Eles então compreenderam que Jesus não havia dito para se guardarem do fermento que se põe no pão, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus, 16:5 a 12.)

O pão do céu

50. No dia seguinte, o povo, que havia permanecido do outro lado do mar, notou que não havia chegado lá outra barca e que Jesus não havia entrado nela com seus discípulos, mas que somente os discípulos haviam partido; e como depois haviam chegado outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os havia alimentado com cinco pães; e que eles souberam finalmente que Jesus não estava lá, nem tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum à procura de Jesus. E, tendo-o encontrado além do mar, disseram-lhe: "Mestre, quando chegaste aqui?"

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, na verdade eu lhes digo que me procuram, não por causa dos milagres que viram, mas por eu lhes ter dado pão de comer e ficaram saciados. Trabalhem por ter, não o alimento que perece, mas aquele que dura para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter."

Eles lhe indagaram: "Que faremos para produzir as obras de Deus?" Respondeu-lhes Jesus: "A obra de Deus é que vocês creiam naquele que ele enviou."

Questionaram-lhe então: "Que milagre então fará a fim de que nós, vendo-o, acreditemos em ti? Que fará de extraordinário? Nossos pais comeram o maná[188] no deserto, conforme está escrito: 'Ele lhes deu de comer o pão do céu'."

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, digo a vocês que Moisés não lhes deu o pão vindo do céu; mas é meu Pai quem dá o verdadeiro pão do céu, porque o pão

---

188 Maná: o livro bíblico Êxodo descreve o maná como sendo um alimento que caiu milagrosamente do céu, pela graça de Deus, para alimentar o povo israelita que, liderado por Moisés, atravessava o deserto em direção à terra prometida, depois da fuga do Egito. — N. T.

de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo."

Então eles disseram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão!"

Jesus lhes respondeu: "*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que crê em mim não terá mais sede!* Mas, eu já lhes disse: vocês me têm visto e não creem.

Na verdade, na verdade eu digo a vocês: aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Seus pais comeram o maná do deserto, e eles estão mortos. Mas aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que comer deste pão não morra." (João, 6:22 a 36 e 47 a 50.)

51. Na primeira passagem, lembrando o efeito produzido anteriormente, Jesus claramente dá a entender que não se tratava de pães materiais; de outro modo, a comparação que ele estabelecera com o fermento dos fariseus ficaria sem sentido: "***Ainda não compreendem*** — diz ele — e não se recordam de que cinco pães foram o suficiente para cinco mil pessoas e que sete pães foram o bastante para quatro mil pessoas? Como não compreenderam que não era de pão que eu lhes falava, quando dizia para se guardarem do fermento dos fariseus?" Essa comparação não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato em si mesmo foi bastante extraordinário para ter impressionado a imaginação dos discípulos que, entretanto, pareciam não mais lembrar-se dele.

É isso o que ressalta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu, no qual ele se empenha em fazer que se compreendesse o verdadeiro sentido do alimento espiritual. Diz ele: "Trabalhem, não para conseguir o alimento que perece, mas aquele que se conserva para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará". Esse alimento é a sua palavra, que é o pão descido do céu e dá vida ao mundo. Ele declara: "Eu sou o pão da vida; ***aquele que vem a mim não terá fome*** e aquele que crê em mim nunca terá sede".

Mas, tais distinções eram por demais sutis para aquelas naturezas rudes, que não compreendiam além das coisas tangíveis. Para eles, o maná que tinha nutrido o corpo de seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; lá estava o milagre. Portanto, se o fato da multiplicação dos pães tivesse ocorrido materialmente, como aqueles mesmos homens — a benefício dos quais essa multiplicação acontecera poucos dias antes — poderiam ter sido tão pouco

impressionados por ela para dizer a Jesus: “Que milagre então fará a fim de que nós, vendo-o, acreditemos em ti? O que fará de extraordinário?” É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, quer dizer, sinais no céu operados por comandos, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era bem simples e não se afastava das leis da natureza; nem as curas tinham um caráter muito singular, nem muito extraordinário; os milagres espirituais não tinham muito substância para eles.

TENTAÇÃO DE JESUS

52. Jesus, transportado pelo diabo ao topo do Templo, depois ao cume de uma montanha, e tentado por ele, é uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a crença pública transformou em fatos materiais.[189]

> 53. “Jesus não foi levado, mas quis fazer que os homens compreendessem que a humanidade está sujeita a falir e que ela deve estar sempre em guarda contra as más inspirações às quais sua natureza fraca é tentada a ceder. Portanto, a tentação de Jesus é uma simbologia e seria preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como se pretende que o Messias — o Verbo de Deus encarnado — tenha sido submetido às sugestões do demônio por algum tempo, por muito curto que fosse, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse deixado ***por algum tempo***, o que daria a supor que ele ainda continue submetido ao seu poder? Não; compreendam melhor os ensinamentos que lhes foram dados. O Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha nem no topo do Templo; de certo, tal fato teria sido daqueles que se espalha entre todos os povos. Logo, a tentação não foi um ato material e físico. Quanto ao ato moral, vocês podem admitir que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder: ‘Adore-me e te darei todos os reinos da Terra’? O demônio teria ignorado então aquele a quem fazia tais propostas; o que não é provável; se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele bem sabia que seria repelido por aquele que viera arruinar o seu império sobre os homens.
>
> “Compreendam então o sentido dessa parábola, pois é um só, tanto quanto nos casos da parábola do ***Filho pródigo*** e do ***Bom Samaritano***. Esse sentido nos mostra os perigos que os homens correm se não resistirem àquela voz íntima que lhes clama sem cessar: ‘Você pode ser mais do que é; pode possuir mais do que

[189] A explicação seguinte é textualmente tirada de um ensino dado por um Espírito para essa questão.

possui; pode se engrandecer, adquirir muito; ceda à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos". Mostra-nos o perigo e o meio de evitá-lo, dizendo às más inspirações: ***Retira-te, Satanás!*** — ou, de outra forma: ***Vá embora, tentação!***

"As duas outras parábolas de que me lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, muito fraco para expulsar o demônio, tenha cedido às suas tentações. Mostram a misericórdia do pai de família estendendo a sua mão sobre a fronte do filho arrependido e, com amor, concedendo-lhe o perdão implorado. Mostram o culpado, o cismático, o homem repelido por seus irmãos, valendo mais aos olhos do Juiz supremo do que os que o desprezam, por ele praticar as virtudes ensinadas pela lei de amor.

"Pesem bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saibam distinguir o que está em sentido próprio ou em sentido figurado, e os erros que lhes tem cegado durante séculos se apagarão pouco a pouco para dar lugar à brilhante luz da Verdade." (Bordeaux, 1862. ***João, Evangelista***.)

PRODÍGIOS NA MORTE DE JESUS

54. Ora, desde a sexta hora do dia até a nona, toda a Terra ficou coberta de trevas.

Ao mesmo tempo o véu do Templo se rasgou em dois, de cima a baixo; a terra tremeu; as pedras se racharam; os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos que estavam no sono da morte ressuscitaram; e saindo de seus túmulos após a ressurreição, eles vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (Mateus, 27:45, 51 a 53.)

55. É estranho que tais prodígios, realizando-se no mesmo momento em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois que nenhum historiador fez menção deles. Parece impossível que tenham podido passar despercebidos um terremoto e ***toda a Terra*** ficar coberta em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez.

A duração dessa obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses desse tipo só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que notamos na sua superfície. Em semelhante caso, o brilho da luz fica sensivelmente enfraquecido, porém jamais ao ponto de produzir a obscuridade e as trevas. Supondo que um fenômeno desse gênero tivesse

ocorrido a essa época, ele teria tido uma causa perfeitamente natural.[190]

Quanto aos mortos ressuscitados, é possível que ***algumas pessoas*** tenham tido visões ou aparições, o que não é algo excepcional; todavia, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, imaginou-se que os indivíduos aparecidos saíam dos sepulcros.

Sensibilizados com a morte de seu mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida relacionaram com essa morte alguns fatos particulares, aos quais eles não tiveram prestado nenhuma atenção noutra ocasião. Bastaria que um fragmento de rochedo tivesse se soltado naquele momento para que pessoas predispostas ao maravilhoso vissem nesse fato um prodígio, e que, exagerando o fato, tivessem dito que as pedras estavam se rachando.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco esclarecido entendeu dever cercá-lo.

APARIÇÃO DE JESUS APÓS SUA MORTE

> 56. Mas Maria (Madalena) ficou do lado de fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E enquanto ela chorava, estando abaixada para olhar no sepulcro, ela viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde havia ficado o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro do lado dos pés. Eles disseram a ela: "Mulher, por que está chorando?" Ela respondeu: "É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram."
>
> Tendo dito isto, ela voltou-se e viu a Jesus de pé, ***sem saber, porém, que era Jesus***. Então Jesus lhe disse: "Mulher, por que está chorando? A quem procura?" Ela, pensando que fosse o jardineiro, responde: "Senhor, se foi você quem o tirou, diga-me onde o colocou e eu o levarei!"
>
> Jesus diz: "Maria". Logo ela se voltou e lhe disse: ***"Rabboni!"*** — isto é: "Meu Senhor". Jesus lhe respondeu: “Não me toque, porque ainda não subi para meu Pai; mas vá se encontrar com meus irmãos e diga a eles meu recado: Subo a meu Pai e seu Pai, a meu Deus e seu Deus."

---

190 Há constantemente na superfície do Sol manchas físicas que acompanham o seu movimento de rotação e têm servido para determinar a duração desse movimento. Mas às vezes essas manchas aumentam em número, em extensão e em intensidade, e é então que se produz uma diminuição da luz e do calor. Esse aumento do número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que determina o seu reaparecimento periódico. A duração desse obscurecimento é muito variável; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses.

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que ela havia visto o Senhor, e que este lhe havia dito aquelas coisas. (João, 20:14 a 18.)

57. Naquele mesmo dia, dois deles iam para uma vila chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios, falando entre si de tudo o que se passara. E aconteceu que enquanto conversavam e conferenciavam sobre isso, o próprio Jesus veio se juntar a eles, e se pôs a caminhar com eles; ***mas seus olhos estavam cobertos, a fim de que não pudessem reconhecê-lo***. E ele lhes disse: "De que vinham falando enquanto caminhavam, e por que vocês estão tão tristes?"

Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra lhe disse: "Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aconteceu lá estes dias?". "E o que foi?" — perguntou ele. Eles responderam: "A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de todo o povo; e acerca do modo como os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem resgataria Israel, e, no entanto, apesar de tudo isso, já é o terceiro dia depois que essas coisas aconteceram. É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos surpreenderam, pois, tendo ido ao seu sepulcro antes do amanhecer, e não tendo encontrado lá o corpo dele, elas vieram nos dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo a elas que ele está vivo. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam contado; e quanto a ele, não o encontraram."

Então Jesus lhes disse: "Ó insensatos, cujo coração está atrasado a crer em tudo aquilo que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que assim entrasse na glória? E começando por Moisés, passando em seguida por todos os profetas, ele lhes explicara o que em todas as Escrituras havia sido dito dele!"

Quando se aproximaram da cidade para onde eles iam, ele fez parecer que ia mais adiante. Contudo, eles o forçaram a deter-se dizendo-lhe: "Fique conosco, porque já é tarde e o dia está em declínio."; e ele entrou com os dois. Estando com eles à mesa, ele pegou o pão, abençoou-o, partiu-o e distribuiu a eles. ***No mesmo instante os olhos deles se abriram e o reconheceram; ele, porém, desapareceu diante das vistas deles***.

Depois disso, eles disseram um ao outro: "Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" E, erguendo-se na mesma hora, eles retornaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles estavam reunidos, e disseram: "O Senhor realmente ressuscitou e ***apareceu*** a Simão." Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

Enquanto assim conferenciavam, ***Jesus se apresentou no meio deles*** e lhes disse: "A paz esteja convosco! Sou eu, não tenham medo!" Mas, na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram estar vendo um ***Espírito***.

E Jesus lhes disse: "Por que estão perturbados? E por que se elevam tantos pensamentos nos seus corações? Olhem minhas mãos e meus pés e reconheçam que sou eu mesmo. Toquem-me e considerem que um Espírito não tem carne, nem osso, como podem ver que eu tenho." Após dizer isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas como eles ainda não acreditavam, tão transportados de alegria e de admiração que estavam, ele lhes disse: "Vocês têm aqui alguma coisa de comer?" Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles e tomando os restos, distribuiu a eles dizendo: "Eis o que eu lhes disse, estando ainda com vocês; que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos."

Ao mesmo tempo ele abriu o espírito deles, a fim de que entendessem as Escrituras, e lhes disse: "É assim que está escrito e assim era que se fazia necessário que o Cristo sofresse, e que ressuscitasse dentre os mortos no terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. Ora, vocês são testemunhas dessas coisas. E eu vou enviá-los o dom de meu Pai, que lhes foi prometido; mas, por enquanto, permaneçam na cidade até que vocês sejam revestidos da força do Alto." (Lucas, 24:13 a 49.)

58. Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus aparecera. Os outros discípulos então lhe disseram: "Nós vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão no rasgão do seu lado, eu não acreditarei!"

Oito dias depois, os discípulos ainda estavam no mesmo lugar, e com eles Tomé, Jesus veio, ***as portas estando fechadas***, e ele se colocando no meio deles, disse-lhes: "A paz esteja com vocês!"

Disse em seguida a Tomé: "Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e coloca-a no meu lado, e não seja assim incrédulo, mas fiel!" Tomé lhe respondeu: "Meu Senhor e meu Deus!" Jesus lhe disse: "Você acreditou, Tomé, porque você viu; felizes aqueles que creram sem ter visto!" (João, 20:20 a 29.)

59. Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, e ele se fez visto desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. Simão Pedro lhes disse: "Vou pescar." Os outros disseram: "Nós também vamos contigo." Então foram e entraram numa barca; mas nada apanharam naquela noite.

Tendo amanhecido, ***Jesus apareceu na margem, sem que seus discípulos reconhecessem que era ele***. Jesus então lhes disse: "Filhos, vocês não têm nada para comer?" Responderam-lhe: "Não." Ele replicou: "Lancem a rede do lado

direito da barca e encontrarão!" Eles lançaram a rede imediatamente e quase não puderam retirá-la, tão carregada estava de peixes.

Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!" E Simão Pedro, ao descobrir que era o Senhor, vestiu seu hábito (pois estava nu) e se atirou ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes da praia mais de duzentos côvados, eles daí puxaram a rede cheia de peixes. (João, 21:1 a 8.)

60. Depois disso, ele os levou em direção a Betânia; e tendo lavado as mãos, ele os abençoou, e os bendizendo, ***separou-se deles e foi arrebatado ao céu***.

Quanto a eles, depois de o terem adorado, retornaram a Jerusalém repletos de alegria; e estavam constantemente no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (Lucas, 24:50 a 53.)

61. As aparições de Jesus após sua morte são reportadas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não nos permitem duvidar da realidade do fato. Aliás, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito, e não apresentam nada de anormal com os fenômenos do mesmo gênero, cuja história antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem fazer exceção da tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, reconheceremos em Jesus, nesses momentos, todas as características de um ser fluídico. Ele aparece instantaneamente e do mesmo modo desaparece; ele é visto por uns e por outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer pelos seus discípulos; ele se mostra em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; até sua linguagem não tem a vivacidade daquela de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso — peculiar aos Espíritos que se manifestam dessa maneira; em resumo, todas as suas atitudes têm alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua visualização causa simultaneamente surpresa e pavor; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que já não é mais o homem.

Portanto, Jesus se mostrou com o seu corpo perispiritual — o que explica que ele não tenha sido visto senão por aqueles por quem quis ser visto; se estivesse com o seu corpo carnal, ele teria sido visto pelo primeiro que viesse, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se deram conta dessas

particularidades às quais provavelmente não prestaram atenção; desde que viram Jesus e o tocavam, para eles, aquele deveria ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, itens 14 e 35 a 38.)

62. Já que a incredulidade rejeita todos os fatos realizados por Jesus, tendo uma aparência sobrenatural, e os considera — sem exceção — lendários, o Espiritismo dá à maior parte desses fatos uma explicação natural; prova a possibilidade deles, não somente pela teoria das leis fluídicas, como pela sua identidade com fatos semelhantes produzidos por uma imensidade de pessoas nas condições mais comuns. Por tais fatos estarem de certo modo no domínio público, eles nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus.[191]

63. O maior dos milagres que Jesus operou, aquele que verdadeiramente atesta a sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, malgrado a simplicidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus — obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um pequeno povo, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária — não pregou mais do que por três anos; durante esse curto espaço de tempo ele é desacreditado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor; ele é obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Ele só fez o bem, mas isso não o livrou da malevolência, que voltou contra ele os próprios serviços que ele prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, ele morre ignorado pelo mundo, visto que a história de seu tempo

---

191 Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na ***Revista Espírita*** e reportados aqui nas observações dos itens anteriores, oferecem até nas circunstâncias dos detalhes uma analogia tão flagrante com aqueles que o Evangelho narra, que a semelhança dos efeitos e das causas permanece evidente. Pergunta-se então por que o mesmo fato teria hoje uma causa natural e sobrenatural outrora; diabólica com uns e divina com outros. Se fosse possível pô-los aqui em confronto uns com os outros, a comparação se tornaria mais fácil; porém, o número deles e os desenvolvimentos que a maior parte necessita não o permitem.

se calou a seu respeito[192]. Nada escreveu e, entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso, e ele se tornou o farol da civilização. Tinha contra si tudo quanto pode causar o fracasso dos homens, e é por isso que dizemos que o triunfo da sua doutrina é o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo em que ela prova sua missão divina. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele tivesse oferecido à posteridade apenas alguns fatos maravilhosos, talvez hoje nós mal conheceríamos o seu nome.

DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de inúmeros comentários; ele é atestado pelos quatro evangelistas, sob a narrativa das mulheres que estiveram presentes ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato miraculoso, outros supunham uma remoção clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria se revestido de um corpo carnal, mas apenas de um corpo fluídico; durante toda a sua vida, ele não teria sido mais do que uma aparição tangível — em numa palavra, uma espécie de agênere. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida não teriam sido senão uma aparência. Foi assim que — como dizem — seu corpo teria voltado ao estado fluídico, que pôde desaparecer do sepulcro, e com esse mesmo corpo é que ele teria se mostrado após sua morte.

Sem dúvida, um fato como esse não é radicalmente impossível, desde que hoje se conhece as propriedades dos fluidos; mas isso seria pelo menos um fato inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres (Cap. XIV, item 36). A questão, portanto, é sabermos se tal hipótese é admissível, se ela está conforme ou em contradição com os fatos.

65. A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: aquele que

[192] O historiador judeu Flávio Josefo, é o único que fala dele, e diz muita pouca coisa.

precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, com sua mãe, como nas condições normais da vida.[193] Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, apresenta as características inequívocas da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e nada têm de anormais, pois se explicam pelas propriedades do perispírito e se encontram em diferentes graus noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão evidente que não se pode confundi-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; a desorganização nele se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, o funcionamento deles cessa e acontece a morte, isto é, a morte do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não se sustenta na interação de órgãos especiais, e aí não se podem produzir semelhantes desordens; um instrumento cortante, ou outro qualquer, penetra num corpo fluídico como num vapor, sem lhe ocasionar nenhuma lesão. Eis por que os corpos desse tipo ***não podem morrer*** e por que os seres fluídicos designados pelo nome de ***agêneres*** não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; ele foi sepultado como os corpos comuns, e qualquer pessoa pôde vê-lo e tocá-lo. Após sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, ele não morreu; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de uma natureza diferente da daquele que pereceu na cruz; daí devemos concluir que se Jesus pôde morrer, é que ele tinha um corpo carnal.

Por causa de suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito.

---

193 Não estamos falando do mistério da encarnação, com o qual não temos por que nos ocupar aqui, e que será examinado futuramente.

Não é o corpo quem sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo privado do Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito que não tem corpo material não pode experimentar os sofrimentos — que são o resultado da alteração da matéria; donde igualmente é preciso concluir que se Jesus sofreu materialmente — do que não podemos duvidar — é que ele tinha um corpo material de uma natureza parecida com a de todo mundo.

66. Aos fatos materiais vêm se juntar fortíssimas considerações morais.

Se Jesus tivesse estado durante sua vida nas condições de seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor nem qualquer uma das necessidades do corpo; supor que tenha sido assim é tirar dele todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que ele havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse somente aparente, todos os atos de sua vida — o reiterado anúncio de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para afastar o cálice dos seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até o último grito no momento de entregar o Espírito — tudo não teria passado de uma vã simulação para enganar quanto à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida — uma comédia indigna de qualquer homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior; numa palavra, ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas dessa teoria, consequências que não são admissíveis, porque o rebaixa moralmente, em vez de o elevar.

Portanto, Jesus — como todo mundo — teve um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram a sua vida.

68. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário de Laodiceia, chefe da seita dos ***Apolinaristas***, pretendia que Jesus não tinha tomado um corpo como o nosso, mas um corpo ***impassível***, que havia descido do céu ao ventre da santa Virgem, e que não havia nascido dela; que então Jesus não teria nascido, nem sofrido e nem morrido a não ser em ***aparência***. Os apolinaristas foram anatematizados no

concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374 e no de Constantinopla em 381.

Os ***Docetas*** (do grego *dokein*, aparecer) — seita numerosa dos ***Gnósticos***, que subsistiu durante os três primeiros séculos — tinham a mesma crença.

AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI

Teoria da presciência

1. Como o conhecimento do futuro é possível? Compreendemos a previsão dos acontecimentos que sejam a consequência do estado presente, mas não daqueles acontecimentos que não tenham nenhuma relação com esse estado, ainda menos aqueles que se atribuem ao acaso. As coisas futuras não existem — dizem; elas ainda se encontram no nada; como saber então que elas acontecerão? Entretanto, os exemplos de predições realizadas são muito numerosos, pelo que devemos concluir que aí ocorre um fenômeno do qual não temos a chave, pois não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar descobrir, e é novamente o Espiritismo — a própria chave de tantos mistérios — quem vai nos fornecê-la e, ainda mais, quem nos mostrará que o próprio fato das predições não está fora das leis naturais.

Tomemos por comparação um exemplo nas coisas comuns, e que nos ajudará a compreender o princípio que temos a desenvolver.

2. Suponhamos um homem colocado numa montanha alta e observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, que poderá facilmente apanhar de um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, do começo ao fim da estrada. O viajante que esteja nessa estrada pela primeira vez sabe que caminhando chegará ao fim dela: isso é uma simples previsão da consequência da sua caminhada; entretanto, sobre os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os rios que terá de transpor, os bosques que tenha de atravessar, os precipícios em que poderá cair, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde ele poderá repousar, tudo isso é independente dessa pessoa: é para ele o

desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que gasta para percorrer o caminho; tirem dele os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo é o presente. Suponhamos que esse homem desça ao encontro do viajante lhe diga "Em tal momento, você encontrará tal coisa, será atacado e socorrido", ele lhe prediz o futuro; o futuro é para o viajante, mas para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3. Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais e entrarmos através do pensamento no domínio da vida espiritual, veremos esse mesmo fenômeno se produzir em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: o espaço e a duração desaparecem para eles. Mas a extensão e a penetração da sua vista são proporcionadas à sua purificação e à sua elevação na hierarquia espiritual; com relação aos Espíritos inferiores, eles são como homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é limitada, não só porque eles dificilmente podem se afastar do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos esconde deles as coisas distantes, como faz um nevoeiro aos olhos do corpo.

Logo, compreendemos que, de acordo com o grau de perfeição, um Espírito possa alcançar um período de alguns anos, de alguns séculos e até mesmo de muitos milhares de anos, pois o que é um século em comparação com o infinito? Os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente diante deles, como os incidentes da estrada diante do viajante: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que nesse período formem o futuro para o homem da Terra formam para ele o presente. Ele poderia então vir nos dizer com certeza: "Tal coisa acontecerá em tal época", porque ele vê tal coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante na sua rota; se assim não for, é porque o conhecimento do futuro poderia ser prejudicial ao homem: esse conhecimento entravaria seu livre-arbítrio e o paralisaria no trabalho que ele deve cumprir para o seu progresso; o bem e o mal que o esperam, permanecendo no desconhecido, são

para ele a provação.

Se tal faculdade, ainda que restrita, pode estar nos atributos da criatura, a que grau de potencialidade ela não deve chegar no Criador, que alcança o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos são o presente. Dentro desse panorama imenso, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração ou de um povo?

4. Entretanto, como o homem deve contribuir para o progresso geral e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser útil que em casos especiais ele deva pressentir esses eventos, a fim de preparar o seu encaminhamento e de estar pronto a agir quando a ocasião chegar; por isso é que Deus às vezes permite que uma ponta do véu seja levantada; mas sempre com um objetivo útil, e nunca para satisfazer uma vã curiosidade. Tal missão pode então ser concedida, não a todos os Espíritos — pois há muitos que não conhecem o futuro mais do que os homens — mas sim a alguns Espíritos suficientemente adiantados para desempenhá-la; ora, é notável que revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais — ou pelo menos muito raramente — em resposta a um pedido direto.

5. Essa missão pode igualmente ser confiada a certos homens, da seguinte maneira:

Aquele a quem seja confiado o cuidado de revelar uma coisa oculta pode recebê-la, sem o seu conhecimento, por inspiração dos Espíritos que a conhecem, e então a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Além do mais, sabemos que, assim como durante o sono, como no estado desperto, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire as faculdades do Espírito livre em grau mais ou menos alto. Se for um Espírito adiantado e se sobretudo tiver recebido uma missão especial para esse efeito — como os profetas receberam —, ele obterá, nos momentos de emancipação da alma, a capacidade de abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os eventos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante ou conservar a lembrança deles ao despertar. Se esses eventos devam permanecer secretos, ele se esquecerá deles ou apenas

guardará uma vaga intuição, o bastante para guiá-lo instintivamente.

6. É assim que vemos essa capacidade se desenvolve providencialmente em certas circunstâncias, em perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim que a maioria das seitas perseguidas tem tido numerosos ***videntes***; é assim também que vemos grandes capitães avançar corajosamente contra o inimigo, com a certeza da vitória; e que vemos homens geniais, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir uma meta prevendo, por assim dizer, o momento em que a alcançarão: é que eles viram essa meta, que ela não era desconhecida para o seu Espírito.

O dom da predição, portanto, não é mais sobrenatural do que uma imensidade de outros fenômenos; ele se firma nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível que o Espiritismo veio tornar conhecidas.

Essa teoria da presciência talvez não resolva de uma maneira absoluta todos os casos em que se possam apresentar a revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir que ela estabelece o seu princípio fundamental.

7. Com frequência, as pessoas dotadas da faculdade de prever, no estado extático ou sonambúlico, veem os eventos se desenharem como num quadro. Isso poderia também se explicar pela fotografia do pensamento. Um evento estando no pensamento dos Espíritos que trabalham para realizá-lo, ou no pensamento daqueles homens cujos atos devam provocar, esse pensamento, atravessando o espaço como o som atravessa o ar, pode formar uma imagem para o vidente; mas como a sua realização pode ser adiantada ou retardada pelo concurso das circunstâncias, o vidente pode ver a coisa sem poder precisar o momento de sua realização. Às vezes esse pensamento até pode não passar de um projeto, um desejo que pode não ter seguimento; daí os erros frequentes quanto aos fatos e a datas nas previsões. (Cap. XIV, itens 13 e seguintes.)

8. Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para fazermos uma ideia tão clara delas como a que fazemos de uma paisagem que esteja diante dos

olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da sua vista sem o contato. Então, não é senão através de um esforço de imaginação que conseguimos chegar lá, e com a ajuda de comparações com coisas que nos são familiares. Contudo, as coisas materiais não podem nos dar senão ideias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não devemos tomar essas comparações literalmente e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos dependa da sua elevação efetiva, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Essa capacidade é inerente ao estado de espiritualização, ou se o preferirem, de desmaterialização; isto quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar — se bem muito imperfeitamente — ao da visão de conjunto do homem que esteja sobre a montanha. Esta comparação tinha por objetivo simplesmente mostrar que os eventos que estejam no futuro para uns estão no presente para outros e ainda podem ser preditos — o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para desfrutar dessa percepção, o Espírito não precisa então se transportar a um ponto qualquer do espaço; aquele que na Terra esteja ao nosso lado pode possuí-la em toda a sua plenitude, tanto quanto se ele estivesse a mil léguas de distância, ao passo que nós não vemos nada além do nosso horizonte visual. Como a visão nos Espíritos não se efetua da mesma maneira nem com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é totalmente outro; ora, é exatamente esse o sentido que nos falta para o concebermos; ***o Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado de um cego***.

9. Além disso, devemos imaginar que essa percepção não se limita à extensão, mas que ela abrange a penetração de todas as coisas; repetimos: esta é uma faculdade natural e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é ***amortizada*** pela encarnação, mas não está completamente anulada, porque a alma não está trancada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, embora sempre num grau menor do que quando se acha

inteiramente desprendido; é isso que dá a certos homens um poder de penetração que a outros falta totalmente; uma maior precisão na visão moral e uma compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado espiritual, e essa lembrança é como um quadro que se desenha no seu pensamento. Na encarnação, ele vê, mas vagamente e como que através de um véu; no estado de liberdade, ele vê e concebe claramente. ***O princípio da visão não está no seu exterior, mas nele mesmo***; é por isso que ele não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteravam a delicadeza das percepções; daí é fácil compreendermos que a extensão de todas as capacidades segue o progresso do Espírito.

10. É o grau da extensão das capacidades do Espírito que o torna, durante a encarnação, mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, essa aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência comum não dá essa capacidade: tanto assim que vemos homens de uma grande sabedoria tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; são aí refratários porque não as compreendem; isso é porque seu progresso ***ainda*** não se realizou nesse sentido, ao passo que vemos pessoas de uma instrução e inteligência comuns as compreenderem com a maior facilidade, o que prova que elas já tinham uma intuição prévia de tais coisas. Para estas pessoas, é uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam — seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, como alguns outros têm a intuição das línguas e das ciências de que já possuíam.

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, como já sabemos, os Espíritos são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, não obstante os entraves que se opõem a ele; essa previsão é fácil para os Espíritos, primeiramente porque a sua propagação é obra pessoal deles: contribuindo para o movimento, ou dirigindo-o, eles sabem consequentemente o que devem fazer; em segundo

lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração, e nesse período eles veem ao longo do caminho os poderosos auxílios que Deus lhe suscita e que não tardarão para se manifestarem.

Sem ser Espíritos desencarnados, que os Espíritas se transportem apenas para trinta anos diante, no meio da geração que surge; que daí considerem o que se passa hoje; que eles acompanhem a caminhada progressiva e verão se consumir em vãos esforços aqueles que se creem convocados a derrotá-lo; eles os verão pouco a pouco desaparecem de cena, ao lado da árvore que cresce e cujas raízes se alonga cada dia mais.

12. Na maioria das vezes, os acontecimentos comuns da vida privada são a consequência da maneira de agir de cada qual: um terá sucesso conforme suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, sua prudência e energia, enquanto o outro fracassará por sua incapacidade; de sorte que podemos dizer que cada um é o artífice do seu próprio porvir — o qual jamais se encontra sujeito a uma fatalidade cega, independente da sua personalidade. Conhecendo o caráter de um indivíduo, facilmente podemos predizer a sorte que o espera no caminho por onde ele se enfia.

13. Os eventos que envolvem os interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve se cumprir de qualquer maneira — de um jeito ou de outro. Os homens contribuem para a sua execução, mas nenhum é indispensável, pois do contrário o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se faltar aquele a quem incumbe a missão de executá-la, outro será encarregado dela. Não há missão fatal; o homem é sempre livre para cumprir aquilo que lhe foi confiado e que ele aceitou voluntariamente; se não o cumpre, ele perde os seus benefícios e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade; caso se torne um obstáculo para o cumprimento dessa missão, Deus pode afastá-lo com um sopro.

14. O resultado final de um evento pode então ser certo, por ele este estar nos desígnios de Deus; porém, quase sempre, como os detalhes e o modo de

execução estão subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as maneiras e os meios podem ser eventuais. Os Espíritos podem nos dá um pressentimento sobre o conjunto, se for útil que sejamos prevenidos disso; mas, para precisar o lugar e a data, seria preciso que conhecessem previamente a determinação que este ou aquele indivíduo tomará; ora, se essa determinação ainda não estiver no seu pensamento, tal como ela será, poderá apressar ou retardar o desenlace, modificar os meios auxiliares da ação, chegando ao mesmo resultado. É assim, por exemplo, que pelo conjunto das circunstâncias os Espíritos podem prever que uma guerra esteja mais ou menos próxima, que ela é inevitável, sem poderem predizer o dia que ela começará, nem os incidentes detalhados que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15. Para a determinação da época dos acontecimentos futuros será preciso ainda que se leve em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

Assim como o espaço, o tempo não pode ser avaliado senão com a ajuda de pontos de comparação ou de referência que o dividam em períodos que possamos contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e o pôr do Sol, e pela duração do movimento de translação da Terra. As unidades de medida do tempo devem variar conforme os mundos, pois os períodos astronômicos são diferentes; é assim, por exemplo, que em Júpiter os dias equivalem a dez de nossas horas e os anos valem mais de doze nossos terrestres.

Desta forma, há para cada mundo uma maneira diferente de se computar a duração, conforme a natureza das revoluções astrais que nele se efetuam; já aí haverá uma dificuldade para a determinação das nossas datas por Espíritos que não conheçam o nosso mundo. Além disso, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no espaço, não há nem a aurora e nem pôr de Sol para marcar os dias, nem revolução periódica a marcar os anos; só há para ele a duração e o espaço infinitos (Cap. VI, itens 1 e seguintes). Assim, aquele que jamais tivesse vindo à Terra não possuiria nenhum conhecimento dos nossos cálculos, que, aliás, seriam completamente

inúteis para ele; e mais ainda: aquele que jamais houvesse encarnado em nenhum mundo não teria nenhuma noção das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, ele não pode assinar datas dos acontecimentos senão identificando-se com os nossos usos, o que sem dúvida está ao seu alcance, porém, na maioria das vezes, ele julga não ser útil fazer isso.

16. Os Espíritos que formam a população invisível do nosso globo — onde eles já viveram e onde continuam a viver no meio de nós — naturalmente estão identificados com os nossos hábitos, dos quais eles conservam a lembrança na erraticidade. Consequentemente eles podem mais facilmente assinalar uma data para os eventos futuros desde que a conheçam; mas, de outro modo, nem sempre isso é permitido e eles ficam impedidos por aquela razão de que todas as vezes que as circunstâncias de detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data exata realmente não existe senão quando o evento tiver ocorrido.

Eis aí por que as predições circunstanciadas não podem oferecer certeza e nem devem ser aceitas a não ser como probabilidades, mesmo que não tragam consigo um selo de legítima suspeita. Além do mais, os Espíritos verdadeiramente sábios nunca predizem nada para épocas fixas; eles se limitam a nos pressentir o seguimento das coisas que nos convém conhecermos. Insistir em obter informações precisas é se expor às mistificações de Espíritos levianos, que predizem tudo o que se queira, sem se preocuparem com a verdade, e se divertem com os temores e as decepções que causem.

17. A forma geralmente muito empregada até agora para as predições faz delas verdadeiros enigmas frequentemente indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística — de que Nostradamus[194] nos oferece o tipo mais completo — lhe dá certo prestígio aos olhos do ignorante, que lhe atribui um valor maior quanto mais sejam incompreensíveis. Pela sua ambiguidade, elas se prestam a interpretações bastante diferentes, de tal modo que, de acordo

194 Michel de Nostradame (1503-1566): médico francês célebre por suas previsões. — N. T.

com o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira de efetuar o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, nelas se encontra quase tudo o que se queira.

Seja como for, não podemos discordar de que algumas apresentam um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que em certo tempo essa forma velada tenha tido sua razão de ser e até mesmo a sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias não são as mesmas; o positivismo do século dificilmente se acomodaria com a linguagem sibilina[195]. Ademais, as predições de nossos dias já não afetam mais essas formas estranhas; aquelas que os Espíritos fazem nada têm de místico; eles falam a linguagem de todo o mundo, como falariam enquanto vivos, porque não deixaram de pertencer à humanidade: eles nos pressentem sobre as coisas futuras — pessoais ou gerais — quando isso for útil e na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam os conselheiros e os amigos. Então suas previsões são antes mais advertências, que não tiram o livre-arbítrio, do que predições propriamente ditas, que implicariam numa fatalidade absoluta. Sua opinião é, de outra forma, quase sempre motivada, pois eles não querem que o homem anule sua razão sob uma fé cega, o que permite examinar a sua exatidão do que eles predizem.

18. A Humanidade contemporânea também tem seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo pressentiram em seus escritos a marcha futura das coisas que hoje vemos se realizar.

Essa aptidão sem dúvida decorre muitas vezes da retidão do juízo que deduz as consequências lógicas do presente; mas, de outras vezes, ela é o resultado de uma clarividência especial inconsciente, ou de uma inspiração externa. O que esses homens fizeram quando vivos, com razão mais forte e maior exatidão eles podem fazer na condição de Espírito, enquanto a visão espiritual não é obscurecida pela matéria.

---

195 Sibilina: misteriosa, mística; relativo a sibila, que na Antiguidade (especialmente na Grécia e Roma Antiga) eram as sacerdotisas encarregadas de cuidar dos templos dos oráculos e dos cultos nos quais eram feitas consultas para pedir conselhos ou previsões. — N. T.

CAPÍTULO XVII

Predições do Evangelho

NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA – MORTE E PAIXÃO DE JESUS – PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS – CIDADES IMPENITENTES – RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM – MALDIÇÃO CONTRA AOS FARISEUS – MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO – A PEDRA ANGULAR – PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS – UM SÓ REBANHO E SÓ PASTOR - ADVENTO DE ELIAS – ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR – SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO – SINAIS PRECURSORES – VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO – JUÍZO FINAL

NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

> 1. E tendo vindo à sua terra, ele os instruía nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, eles diziam: "Donde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? Este não é o filho daquele carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não estão todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?" E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas Jesus lhes disse: ***"Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa"***. E ele não fez muitos milagres lá devido à descrença deles. (Mateus, 13:54-58.)

2. Jesus ali enunciou uma verdade que se tornou provérbio, que é de todos os tempos e à qual poderíamos dar maior amplitude dizendo que ***ninguém é profeta em vida***.

Na linguagem atual, essa máxima se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus conhecidos e entre aqueles com quem vive da confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se essa máxima tem exceções, são raras, e em nenhum caso são exceções absolutas; o princípio

dessa verdade está numa consequência natural da fraqueza humana e pode ser explicado desse modo:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias comuns da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que faz com que muitas vezes nos recusemos a reconhecer uma superioridade moral naquele de quem foram companheiros ou convivas, que veio do mesmo meio que eles e de quem vimos as primeiras fraquezas; o orgulho sofre com a ascendência que é obrigado a reconhecer. Qualquer um que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja; aqueles que se sentem incapazes de chegar à altura dele esforçam-se para rebaixá-lo pela difamação, da maledicência e da calúnia; tanto mais forte eles gritam quanto menores se veem, crendo que engrandecem a si e ofuscam o outro pelo barulho que fazem. Assim tem sido e assim será a História da humanidade, enquanto os homens não tiverem compreendido a sua natureza espiritual e não tiverem alargado seu horizonte moral; também esse preconceito é próprio dos Espíritos estreitos e vulgares, que relacionam tudo com a sua personalidade.

De outro lado, geralmente se faz dos homens que se conhece apenas pelo seu espírito um ideal que cresce com o distanciamento dos tempos e dos lugares. Eles são quase despojados da humanidade; parece que eles não devem nem falar, nem sentir como todo mundo; que a sua linguagem e os seus pensamentos devam estar constantemente no patamar da sublimidade, sem pensarem que o espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação. No cotidiano da vida privada, vemos mais o homem material, que em nada se distingue do comum. O homem corporal, que impressiona os sentidos, quase ofusca o homem espiritual, que só impressiona o Espírito; ***de longe, vemos apenas os clarões do gênio; de perto, vemos o restante do Espírito.***

Após a morte, não existindo mais a comparação, resta unicamente o homem espiritual e tanto maior ele parece quanto mais longínqua é a lembrança do homem corporal. É por isso que aqueles que marcaram sua passagem na Terra com obras de um real valor são mais apreciados depois de sua morte do que quando estavam vivos. Eles são julgados com mais

imparcialidade porque, já tendo desaparecido os seus invejosos e ciumentos, os antagonismos pessoais já não existem mais. A posteridade é um juiz desinteressado que aprecia a obra de espírito, que a aceita sem entusiasmo cego se for uma boa obra, e a rejeita sem rancor se ela for má, abstração feita da individualidade que a produziu.

Muito menos Jesus podia escapar das consequências desse princípio inerente à natureza humana, porque viveu num ambiente pouco esclarecido e entre pessoas votadas inteiramente à vida material. Seus compatriotas não viam nele mais do que o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e assim se perguntavam o que poderia torná-lo superior a eles e lhe dava o direito de censurá-los; assim, vendo que a sua palavra tinha menos crédito sobre os seus próximos — que o desprezavam — do que sobre os estranhos, ele preferiu ir pregar entre os que o escutavam e no meio daqueles em quem ele encontrava simpatia.

Podemos fazer uma ideia de quais sentimentos seus conterrâneos estavam animados em relação a ele pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, vieram a uma reunião em que ele estava, para ***buscá-lo***, dizendo que ele havia ***perdido o juízo***. (Marcos, 3:20-21 e 31 a 35 – ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, cap. XIV.)

Desta maneira, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir através do demônio; de outro, ele era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que ocorre em nossos dias com relação aos Espíritas? E estes deverão se queixar de não serem mais bem tratados pelos seus concidadãos do que foi Jesus? O que não tinha nada de surpreendente há dois mil anos, no meio de um povo ignorante, é mais estranho em pleno século dezenove, entre as nações civilizadas.

MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. (Após a cura do lunático) Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E enquanto todos estavam tomados de admiração do que Jesus fazia, ele disse a seus discípulos: "Guardem bem no coração de vocês o que vou lhes dizer: O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens". Mas eles não entendiam essa

linguagem; para eles, ela era de tal modo oculta que nada compreendiam daquilo e temiam até interrogá-lo a respeito. (Lucas, 9:44-45.)

4. A partir de então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que era preciso que ele fosse a Jerusalém; que ali ele sofreria muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria levado à morte e que ressuscitaria no terceiro dia. (Mateus, 16:21.)

5. Quando eles estavam na Galileia, Jesus lhes disse: "O Filho do homem deve ser entregue nas mãos dos homens; e estes lhe levarão à morte, e ele ressuscitará no terceiro dia.": o que os afligiu extremamente. (Mateus, 17:21-22.)

6. Ora, Jesus indo a Jerusalém, chamou seus doze discípulos em particular e disse a eles: "Nós iremos a Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte; e o entregarão aos gentios[196], a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e ele ressuscitará no terceiro dia." (Mateus, 20:17 a 19.)

7. Em seguida, chamando em particular os doze apóstolos, Jesus lhes disse: "Eis que nós vamos a Jerusalém e irá se cumprir tudo o que foi escrito pelos profetas acerca do Filho do homem; porque ele será entregue aos gentios, zombarão dele e o açoitarão, escarrando no seu rosto. E depois que o tiverem açoitado, eles o matarão e ele ressuscitará no terceiro dia."

Mas, eles nada compreenderam de tudo aquilo; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que ele lhes dizia. (Lucas, 18:31 a 34.)

8. Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: "Vocês sabem que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado."

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo-sacerdote, chamado Caifás, e se puseram a debater para procurar um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de levá-lo à morte. E eles diziam: "É preciso que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no meio do povo." (Mateus, 26:1 a 5.)

9. No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: "Vá embora, saia deste lugar, pois Herodes quer te matar." Ele lhe respondeu: "Vá dizer a essa raposa: Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado pela minha morte." (Lucas, 13:31-32.)

---

196 Gentio: para os hebreus, aquele que não é da sua religião judaica nem do seu povo, estrangeiro, estranho. Neste caso, refere-se ao fato de os doutores da lei submeterem Jesus ao julgamento perante Pilatos, numa corte romana. — N. T.

PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS

10. "Tenham cuidado com os homens, pois eles lhes farão comparecer nas suas assembleias, e lhes farão serem açoitados nas sinagogas deles; e por minha causa vocês serão levados aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações." (Mateus, 10:17 e 18.)

11. "Eles lhes expulsarão das sinagogas; e virá o tempo em que aquele que lhes levar à morte julgará fazer uma coisa agradável a Deus. Tratarão vocês desse modo porque eles não conhecem nem a meu Pai nem a mim. Ora, digo-lhes estas coisas a fim de que, quando tiver chegado o tempo, lembrem-se de que eu lhes disse isso." (João, 16:1 a 4.)

12. "Vocês serão traídos e entregues aos magistrados pelos seus pais e suas mães, por seus irmãos, por seus parentes e amigos, e levarão muitos de vocês à morte. E vocês serão odiados por todo mundo por causa de meu nome. Entretanto, não se perderá um só cabelo de sua cabeça. Pela vossa paciência é que possuirão suas almas." (Lucas, 21:16 a 19.)

13. (*Martírio de são Pedro*) "Na verdade, na verdade eu digo a vocês que, quando eram mais jovens, vocês vestiam a si mesmos e iam para onde queriam; mas quando forem velhos, estenderão as mãos e outro os vestirá e os conduzirá para onde não quererão ir." Ora, ele dizia isso para assinalar por qual morte Pedro haveria de glorificar a Deus. (João, 21:18-19.)

CIDADES IMPENITENTES

14. Então ele começou a censurar as cidades onde havia feito muitos milagres, por eles não terem feito penitência:

"Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos no meio de vocês tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência com saco e cinzas. Eis por que declaro a vocês que no dia do julgamento Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vocês.

"E tu, Cafarnaum, sempre ficará elevada até o céu? Será abaixada até o fundo do inferno, porque se os milagres que foram feitos no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, esta talvez ainda teria sobrevivido até hoje. Eis por que te declaro que no dia do julgamento o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente do que tu." (Mateus, 11:20 a 24.)

RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15. Quando Jesus saiu do Templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe mostrarem a estrutura e a grandeza daquele edifício. Porém ele lhes disse: "Estão vendo todas estas edificações? Digo a vocês que, na verdade, elas serão destruídas de tal maneira que não ficará pedra sobre pedra." (Mateus, 24:1-2.)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: "Ah, se tu reconhecesses ao menos neste dia que ainda te é concedido o que pode te proporcionar a paz! Mas agora tudo isto está oculto aos teus olhos. Então, virá para ti um tempo desgraçado em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te fecharão e apertarão de todos os lados; eles te derrubarão por terra, a ti e a teus filhos que estão dentro de ti, e eles não te deixarão pedra sobre pedra, porque tu não reconheceste o tempo em que Deus te visitou." (Lucas, 19:41 a 44.)

17. "No entanto, é preciso que eu continue a andar hoje, amanhã e no dia seguinte, porque é necessário que nenhum profeta sofra a morte noutra parte que não em Jerusalém."

"Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os são enviados a ti, quantas vezes tenho desejado reunir teus filhos, como uma galinha reúne seus pintainhos sob as suas asas, e você não os quis! Aproxima-se o tempo em que tua casa ficará deserta. Então, em verdade, eu digo a vocês que não me verão mais de agora em diante, até que digam: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor." (Lucas, 13:33 a 35.)

18. "Quando virem um exército cercando Jerusalém, saibam que a sua desolação está próxima. Então, que aqueles que estiverem na Judeia fujam para as montanhas; que aqueles que se encontrarem no meio dela daí se retirem, e que os que estiverem nas redondezas dessa região não entrem mais. Porque esses dias serão os da vingança, a fim de que tudo o que está na Escritura seja cumprido. Ai daquelas que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias, pois esta cidade será acabrunhada de males e a cólera do céu recairá sobre esse povo. Passarão pelo fio de espada; serão feitos prisioneiros em todas as nações, e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que o tempo das nações tenha se comprido." (Lucas, 21:20- 24.)

19. (*Jesus caminhando para o suplício*) Ora, ele era seguido de uma grande multidão de povos e de mulheres se batiam no peito e choravam. Mas Jesus, voltando-se, disse-lhes: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas chorem por vocês mesmas e pelos seus filhos, pois virá um tempo em que se dirá: 'Felizes as estéreis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram'. Todos

> começarão a dizer às montanhas 'Caia sobre nós!' e às colinas 'Cobram-nos!' Pois, se deste modo eles tratam o lenho verde, como será tratado o lenho seco?" (Lucas, 23:27 a 31.)

20. A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e é explicada pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros atributos, em um grau eminente. Ele pôde então prever os eventos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato tivesse algo de sobrenatural, pois que os vemos se reproduzir aos nossos olhos nas condições mais comuns. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante de sua morte: é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, item 1): vê toda a rota a percorrer e vê o término dela.

21. Tanto mais devia ser assim com Jesus, que, tendo consciência da missão que vinha desempenhar, sabia que a morte pelo suplício era para ele a consequência necessária. A visão espiritual — que era permanente nele, assim como a penetração do pensamento — devia lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal de sua morte. Pela mesma razão ele podia prever a ruína do Templo, a queda de Jerusalém, as desgraças que iam recair sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.[197]

MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

> 22. (João Batista) Vendo vários fariseus e saduceus que vinham para seu batismo, ele lhes disse: "Raça de víboras, quem lhes ensinou a fugir da ira que há de cair sobre vocês? Produzam então frutos dignos de penitência; e não pensem em dizer a

---

197 De fato, as profecias de Jesus se cumpriram. O Templo de Jerusalém foi construído por Salomão em 970 a.C., depois saqueado e destruído em 586 a.C. pelos soldados babilônicos do rei Nabucodonosor. Ele foi reerguido e embelezado por Herodes por volta de 20 a.C. e então completamente destruído no ano 70 d.C. pelas tropas do general Tito, sob o reinado do imperador Vespasiano, em resposta à grande revolta judaica contra o Império Romano. Entre 132 e 135 d.C. uma nova revolta dos judeus, desta vez liderada por Simão Barcoquebas, ameaçou o domínio romano em Jerusalém, tendo como resposta um impiedoso massacre do qual os poucos judeus que sobreviveram ainda foram proibidos de habitar a região, causando assim sua grande dispersão (diáspora). — N. T.

si mesmos: ‘Nós temos Abraão por pai’, pois eu lhes declaro que Deus pode fazer que até destas pedras nasçam filhos a Abraão; pois o machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo." (Mateus, 3:7 a 10.)

23. "Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque fecham o reino dos céus aos homens; pois vocês mesmos não entrarão lá, e ainda se opõem àqueles que lá desejam entrar!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto das suas longas preces, devoram as casas das viúvas; é por isso que receberão um julgamento mais rigoroso!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que percorrem o mar e a terra para fazer um seguidor e que, depois de o terem conseguido, o tornam duas vezes mais digno do inferno do que vocês mesmos!"

"Ai de vocês, condutores cegos que dizem: ‘Se um homem jura pelo templo, isso não é nada; mas qualquer um que jure pelo ouro do templo fica obrigado a cumprir o seu juramento!’ Insensatos e cegos que são! A que se deve mais estimar: ao ouro, ou ao templo que santifica o ouro? E se um homem — vocês dizem — jura pelo altar, isso não é nada; mas, aquele que jurar pela oferta que esteja sobre o altar, este fica obrigado a cumprir o seu juramento. Cegos que são! A qual se deve mais estimar, à oferta ou ao altar que santifica a oferta? Pois aquele que jura pelo altar jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre o altar; e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita; e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que ali se assenta."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que pagam o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e que têm abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas são as coisas que devem praticar, sem, contudo, omitir as outras. Guias cegos, que têm grande cuidado em coar o que bebem por medo de engolir um mosquito, mas que engolem um camelo!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que limpam o copo e o prato por fora, mas que por dentro estão cheios de rapina e impureza! Fariseus cegos! Limpem primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão! Assim, por fora parecem justos, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e de maldade."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que levantam túmulos aos profetas e ornamentam os monumentos dos justos, e que dizem: ‘Se existíssemos no tempo de nossos pais, não teríamos nos juntado a eles para derramar o sangue dos profetas!’ Dessa forma, acabam de completar a medida de seus pais. Serpentes, raça de víboras! Como podem evitar serem condenados ao inferno? Eis por que eu vou lhes enviar profetas, sábios e escribas, e vocês matarão a uns, crucificarão a

outros e açoitarão outros tantos nas suas sinagogas, e os perseguirão de cidade em cidade, a fim de que recaia sobre vocês todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês mataram entre o templo e o altar! Digo a vocês, na verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje." (Mateus, 23:13-36.)

MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24. Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: "O senhor sabe bem que, ouvindo o que acaba de dizer, os fariseus se escandalizaram?" E ele respondeu: "***Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada***. Deixem a eles; são cegos que conduzem cegos; se um cego guia outro cego, ambos caem na cova." (Mateus, 15:12 a 14.)

25. "O Céu e a Terra passarão, mas minhas palavras não passarão." (Mateus, 24:35.)

26. As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos; seu código moral será eterno porque contém as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. Mas será que as suas palavras chegaram até nós puras de toda mistura e de falsas interpretações? Será que todas as seitas cristãs absorveram o seu significado? Nenhuma delas terá distorcido o seu verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma delas fez das palavras de Jesus um instrumento de dominação para servir à ambição e aos seus interesses materiais, um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar na Terra? Será que todas elas propuseram a prática das virtudes como regra de conduta, da qual Jesus fez a condição expressa da salvação? Estão todas elas isentas das censuras que ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? E finalmente, todas elas são — tanto em teoria, quanto na prática — a expressão pura da sua doutrina?

Como a verdade é uma só, ela não pode ser encontrada em afirmações contrárias, e Jesus não pretendeu dar um duplo sentido às suas palavras. Então, se diferentes seitas se contradizem e se umas consideram verdadeiro aquilo que outras condenam como heresias, é impossível que todas elas estejam com a verdade. Se todas tivessem apreendido o sentido verdadeiro do

ensinamento evangélico, elas teriam se achado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que ***não passará*** é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que ***passará*** é o que os homens construíram sobre o falso sentido que eles deram a essas mesmas palavras.

Jesus tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina ***pura*** pode ser a expressão desse pensamento; por isso foi que ele disse: ***Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada***.

A PEDRA ANGULAR

> 27. "A pedra que foi rejeitada pelos edificadores se tornou a principal pedra angular — vocês não leram isto nas Escrituras? Foi o que o Senhor fez, e nossos olhos o veem com admiração. Eis por que eu lhes declaro que o reino de Deus lhes será tirado e será dado a um povo que produzirá os seus frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem ela cair."
>
> Tendo ouvido essas palavras de Jesus, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles de quem Jesus falava. Quiseram então se apoderar dele, mas tiveram medo do povo, pois ele era considerado um profeta. (Mateus, 21:42 a 46.)

28. A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, quer dizer, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo edifício; como os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitaram essa pedra, ela os esmagou do mesmo modo que esmagará aqueles a quem, a partir de então, a ignoraram ou desviaram o seu significado em favor da sua ambição.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

> 29. "Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, a fechou com uma cerca; e cavando a terra, tinha construído uma torre; depois arrendou essa vinha a uns vinhateiros e partiu dali para um lugar distante."

> "Então, estando próximo o tempo dos frutos, ele enviou seus servos aos vinhateiros para recolher o fruto da sua vinha. Mas os vinhateiros apoderaram-se dos servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram a mais um. Ele lhes enviou outros servos, em maior número do que os primeiros, e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo para si mesmo: 'Eles terão algum respeito pelo meu filho'. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: 'Aqui está o herdeiro: vamos matá-lo e seremos donos da sua herança'. E com isso, pegaram-no e o lançaram fora da vinha e o mataram."
>
> "Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros?" Eles responderam: "Fará perecer miseravelmente esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros que lhe entreguem os frutos na sua estação." (Mateus, 21:33 a 41.)

30. O pai de família é Deus; a vinha que ele plantou é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a sua vinha são os homens que devem ensinar e praticar a sua lei; os servos que ele enviou aos arrendatários são os profetas que estes massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente fizeram perecer. Como então o Senhor tratará os seus mandatários desobedientes da lei? Ele irá tratá-los da forma como foram tratados os seus enviados e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas de sua propriedade e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será, quando ele vier de novo para pedir contas a cada um do que foi feito da sua doutrina; retirará a autoridade daquele que tiver abusado dela, pois ele quer que seu campo seja administrado conforme sua vontade.

Após dezoito séculos, tendo chegado à idade adulta, a humanidade já está madura para compreender aquilo que o Cristo não desfolhou porque então — como ele próprio disse — não teria sido compreendido. Ora, a que resultado chegaram aqueles que durante esse longo período estavam encarregados de sua educação religiosa? Basta ver a indiferença suceder a fé e a descrença se erguer em doutrina. Com efeito, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo são vistas sob a alegoria, em tudo o que se refere à regra de conduta, às relações de homem para com o homem

e aos princípios morais — a que ele expressamente condicionou a salvação — ele é claro, explícito e sem ambiguidade (***O Evangelho segundo o Espiritismo***, capítulo XV.)

O que estão fazendo das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que ele fez a seus apóstolos para converter os homens pela ***doçura e pela persuasão***; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes das quais ele deu o exemplo? Em seu nome, os homens se lançaram ao anátema e à maldição; estrangularam-se em nome daquele que disse "Todos os homens são irmãos". Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; em nome daquele Deus de paz e de verdade, milhares de vítimas foram sacrificadas nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito mais do que os pagãos jamais sacrificaram por falsos deuses; venderam orações e favores do céu em nome daquele que expulsou os vendilhões do Templo e que disse a seus discípulos "Deem gratuitamente o que receberam gratuitamente".

O que diria o Cristo se vivesse nos dias de hoje entre nós e visse seus representantes ambicionando honras, riquezas, o poder e o luxo dos príncipes do mundo, ao passo que ele — mais rei do que todos os reis da Terra — fez sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de lhes dizer "O que fizeram dos meus ensinamentos, vocês que incensam o bezerro de ouro, que dão a maior parte das suas preces aos ricos e uma parte insignificante aos pobres, quando eu lhes disse que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus?". Mas, se ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

> 31. "Tenho ainda outras ovelhas que não são ***desse redil***; é preciso que eu também as conduza; elas escutarão a minha voz e não haverá mais que um ***só rebanho e um só pastor***." (João, 10:16.)

32. Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que um dia os homens se unirão em uma única crença; mas, como essa unificação poderá se efetuar? Isso parece difícil, considerando as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus respectivos adeptos e a teimosia em crer na posse exclusiva da verdade. Bem que todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se faça em seu proveito e nenhuma admite fazer concessões às suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pelo abatimento das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro já se confraternizam, como os das províncias de um mesmo império; pressentimos essa unidade e a desejamos. Ela se fará pela força das coisas, porque há de se tornar uma necessidade, para estreitar os laços de fraternidade entre as nações; ela virá pelo desenvolvimento da razão humana que compreenderá a infantilidade dessas dissidências; virá pelo progresso das ciências que demonstra cada dia mais os erros materiais sobre os quais elas se apoiam, e destaca pouco a pouco as pedras estragadas das suas fiadas. Se a ciência demolir nas religiões aquilo que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, ela não poderá — ao contrário da opinião de alguns — destruir o que é obra de Deus e eterna verdade; afastando os acessórios, ela prepara as vias da unidade.

Para chegarem a esta unidade, as religiões deverão se encontrar num terreno neutro, embora comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos grandes, conforme à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá vir do campo oficial; em lugar de tomarem o ponto de partida do alto, tomarão de baixo por iniciativa individual. Desde algum tempo se opera um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que as religiões têm considerado até hoje como uma égide conservadora, irá se tornar um elemento destruidor, já que os cultos se imobilizando — ao passo que a sociedade caminha para frente — serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias de progressão.

A imobilidade, em vez de ser uma força, torna-se uma causa de fracasso e de ruína para quem não segue o movimento geral; ela rompe a unidade, pois aqueles que querem ir avante se separam daqueles que se obstinam em ficar para trás.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que um dia deverá reunir todos os homens sob a mesma bandeira será aquela que melhor satisfizer à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; aquela que não seja desmentida em nenhum ponto pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a humanidade na sua marcha progressiva sem nunca deixar que a ultrapassem; aquela que não for nem exclusivista nem intolerante; que for a emancipadora da inteligência em admitir somente a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais harmonioso com as necessidades sociais, enfim, o mais apropriado a fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universal.

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a ideia de que cada uma tem o seu deus particular e sua pretensão de ter o único verdadeiro e o mais poderoso, que está em constante hostilidade com os deuses dos outros cultos, e ocupado em combater suas influências. Quando elas tiverem se convencido de que não existe mais do que um único Deus no Universo e que ele é definitivamente o mesmo que elas adoram sob os nomes de ***Jeová***, ***Alá*** ou ***Deus***; e quando estiverem de acordo sobre os atributos essenciais, elas compreenderão que um Ser único não pode ter mais do que uma única vontade; elas estenderão as mãos umas às outras como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai, e então elas terão dado um grande passo para a unidade.

ADVENTO DE ELIAS

33. Então, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que então os escribas dizem ser preciso que Elias venha antes?" Mas Jesus respondeu: “É verdade que Elias deve vir e que restabeleça todas as coisas.

“Mas, eu declaro a vocês que Elias já veio e eles não o conheceram; mas o trataram como lhes agradava. É assim que matarão o Filho do homem."

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falava. (Mateus, 17:10 a 13.)

34. Elias já havia voltado na pessoa de João Batista. Seu novo advento é anunciado de um modo explícito; ora, como ele não pode voltar senão com um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (***O Evangelho segundo o Espiritismo***, cap. IV, item 10.)

ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR

35. "Se vocês me amam, guardem meus mandamentos e eu pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: **O *Espírito de Verdade***, que o mundo não pode receber, porque não o vê; porém vocês, vocês o conhecerão, porque permanecerá com vocês e estará em vocês. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, ele ***lhes ensinará todas as coisas e fará com que relembrem de tudo o que lhes tenho dito***." (João, 14:15 a 17 e 26 – ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, cap. VI.)

36. "Entretanto, eu lhes digo a verdade: Convém a vocês que eu vá, pois se eu não for, o Consolador não virá até vocês; então eu vou e o enviarei a vocês; e quando ele tiver vindo, convencerá o mundo no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao julgamento: no que diz respeito ao pecado, por não terem acreditado em mim; no que diz respeito à justiça, porque eu vou para meu Pai e vocês não mais me verão; no que diz respeito ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já foi julgado."

"Tenho ainda muitas coisas a lhes dizer, mas vocês não podem suportá-las agora."

"Quando esse Espírito de Verdade tiver chegado, ele lhes ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e lhes anunciará as coisas que estão por vir."

"Ele me glorificará, porque receberá daquilo que está em mim e ele o anunciará a vocês." (João, 16:7 a 14.)

37. Essa previsão é sem contestação uma das mais importantes do ponto de vista religioso, pois ela constata da maneira menos equivocada que ***Jesus não disse tudo o que tinha a dizer***, porque eles não o teriam compreendido, nem mesmo seus apóstolos, já que era a eles a quem Jesus se dirigia. Se ele lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam mencionado isso nos Evangelhos. Ora, desde que ele não tenha dito tudo a seus apóstolos, os seus

sucessores não terão podido saber mais dessas instruções do que eles; poderiam ter se enganado quanto ao sentido das suas palavras e dado uma interpretação falsa aos seus pensamentos — muitas vezes velados sob a forma exagerada. As religiões fundadas no Evangelho não podem por isso se dizerem com a posse de toda a verdade, pois ele reservou para si o complemento posterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade é um desmentido dado às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de ***Consolador*** e de ***Espírito de Verdade*** Jesus anunciou aquele que devia ***ensinar todas as coisas*** e de ***relembrar*** o que ele dissera: portanto, o seu ensinamento não estava completo; e mais, ele prevê que aquilo que foi dito por ele seria esquecido, como também seria distorcido, já que o Espírito de Verdade deveria vir ***relembrar*** e, de acordo com Elias, ***restabelecer todas as coisas***, isto é, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. Quando esse novo revelador deve vir? É bem evidente que se na época em que Jesus falava os homens não estavam em condições de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns poucos anos que eles poderiam adquirir as luzes necessárias para tal. Para a compreensão de certas partes do Evangelho — exceção feita aos preceitos morais — faziam-se necessários conhecimentos que só o progresso das ciências permitiria e que tinham de ser obra do tempo e de várias gerações. Portanto, se o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno ainda pouco propício e não teria feito mais do que ele. Ora, desde o Cristo até nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado suas partes obscuras — indício certo de que o Enviado ainda não havia aparecido.

39. Qual deve ser esse Enviado? Ao dizer “Pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse não é ele, do contrário diria “Eu voltarei para completar o que lhes tenho ensinado”. Depois acrescentou: ***“A fim de que ele fique eternamente com vocês e ele estará em vocês”***. Essa afirmação não poderia referir-se a uma individualidade

encarnada, que não poderia demorar-se eternamente conosco, nem ainda menos estar em nós, mas compreendemos muito bem que seja uma doutrina que, com efeito, quando a tivermos assimilado, poderá estar eternamente em nós. Segundo o pensamento de Jesus, o ***Consolador*** é de fato a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o ***Espírito de Verdade***.

40. Como ficou demonstrado (cap. I, item 30) o ***Espiritismo*** preenche todas as condições do ***Consolador*** prometido por Jesus. Ele não é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode se dizer ser o criador dele. Ele é fruto do ensino coletivo dos Espíritos presidido pelo Espírito de Verdade. Ele não suprime nada do Evangelho: ele o completa e o elucida; com a ajuda das novas leis que ele revela, unidas com as da ciência, ele faz inteligível o que era incompreensível e admite a possibilidade daquilo que a descrença considerava inadmissível. Ele teve seus precursores e profetas, que pressentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reino do bem na Terra.

A doutrina de Moisés — que era incompleta — ficou restrita ao povo judeu; a de Jesus — mais completa — se expandiu por toda a Terra pelo Cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo — que é ainda mais completo e que tem raízes em todas as crenças — este converterá a humanidade.[198]

41. Dizendo a seus apóstolos “Outro virá mais tarde e lhes ensinará o que não posso ensinar agora”, Jesus proclamava com isso mesmo a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam se beneficiar do ensino mais completo que seria ministrado posteriormente? Como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria proferido uma inconsequência se, segundo a doutrina comum, os homens futuros

---

198 Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do indivíduo fundador; dizemos: o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianismo, o Furrierismo, o São-Simonismo etc. A palavra ***Espiritismo***, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; contém uma ideia geral que ao mesmo tempo indica o caráter e a fonte múltipla da doutrina.

devessem ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Ao contrário, vamos admitir que os apóstolos e os homens do seu tempo tenham vivido depois e ***que ainda revivem hoje***, então a promessa de Jesus estará plenamente justificada; suas inteligências — que puderam se desenvolver com o contato do progresso social — podem compreender agora o que antes não podia suportar. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes[199] por meio da descida do Santo Espírito, responderemos que o Santo Espírito os inspirou, que pôde abrir a inteligência deles, desenvolveu neles as aptidões mediúnicas que deveriam facilitar a sua missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já havia ensinado, porque não encontramos aí nenhum vestígio de um ensinamento especial. Portanto, o Santo Espírito não realizou o que Jesus havia anunciado quanto ao Consolador; de outra forma os apóstolos teriam elucidado, enquanto vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho até o dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que têm dividido o cristianismo desde os primeiros séculos.

SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO

43. Então Jesus disse a seus discípulos: "Se alguém quiser vir depois de mim, que renuncie a si mesmo, que tome a sua cruz e que me siga; porque aquele que quiser salvar sua vida a perderá, e aquele que perder a vida por amor a mim a reencontrará."

"E de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por qual preço o homem poderá comprar sua alma depois de tê-la perdido? Pois o Filho do homem ***há de vir*** na glória de seu Pai com seus anjos, e então recompensará a cada um segundo suas obras."

"Na verdade, digo a vocês que alguns daqueles que aqui se encontram não

---

199 Pentecostes: festa dos judeus em memória do dia em que Moisés recebeu de Deus as tábuas da lei (os Dez Mandamentos), cinquenta dias depois da fuga dos hebreus da escravidão no Egito; para os cristãos, data que marca os cinquenta dias após o domingo da Páscoa de ressurreição, sendo esta versão a que Allan Kardec aqui aponta, fazendo menção às "línguas de fogo" que caíram sobre os discípulos enquanto estavam reunidos nesta ocasião. – N. T.

> sofrerão a morte sem que tenham visto o Filho do homem vir no seu reinado." (Mateus, 16:24 a 28.)
>
> 44. Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo-sacerdote interrogou a Jesus desta forma: "Nada responde ao que estes depõem contra ti?" Mas Jesus se conservava em silêncio e nada respondia. O sumo-sacerdote interrogou-o de novo: "Você é o Cristo, o Filho de Deus para sempre bendito?" Jesus lhe respondeu: "Eu o sou, e vocês verão um dia o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu."
>
> Logo, rasgando suas vestes, o sumo-sacerdote lhe diz: "Que necessidade temos de mais testemunhas?" (Marcos, 16:60 a 63.)

45. Jesus anuncia seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o ***Consolador*** será personificado nele. Apresenta-se como devendo vir em Espírito, na glória de seu Pai, para julgar o mérito e o demérito, e recompensar a cada um segundo as suas obras, quando o tempo se cumprir.

Estas palavras “alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte sem que tenham visto o Filho do homem vir no seu reinado” parecem uma contradição, pois é certo que ele não veio durante a vida de nenhum daqueles que estavam presentes. Entretanto Jesus não podia se enganar numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que lhe dizia respeito pessoalmente; primeiro, temos que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidarmos, desde que se considere que ele nada escreveu; que elas só foram registradas depois de sua morte; e quando vemos o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada um dos evangelistas — o que é uma prova evidente de que aquelas não eram as expressões textuais de Jesus. Além disso, é provável que o significado tenha sido alterado ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que se Jesus tivesse dito tudo o que poderia dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco — conforme o fez com relação aos princípios de moral — ao passo que foi obrigado a velar seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou apropriado aprofundar. Convencidos de que a geração presente devia ser testemunha do que ele anunciava, os discípulos

tiveram que interpretar o pensamento de Jesus de acordo com suas ideias; consequentemente, eles puderam redigi-las do ponto de vista do presente de maneira mais absoluta do que talvez ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles imaginaram.

46. Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver — porque os homens de seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e suas consequências, embora ele tenha posto o princípio, como o fez com todas as coisas — é o da grande e importante lei de reencarnação. Essa lei, estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, é a chave para muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassensos.

É por meio dessa lei que podemos encontrar a explicação racional das palavras acima, em as admitindo textualmente. Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que elas se referem ao reino futuro do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina, mais bem compreendida, será a lei universal. Dizendo que ***alguns daqueles que estavam presentes*** veriam o seu retorno, isso só poderia ser entendido no sentido de que eles reviveriam nessa época. Mas os judeus imaginavam que eles iriam ver tudo o que Jesus anunciava, e tomavam suas alegóricas literalmente.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no seu tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se seguiram àquela ruína e a dispersão dos judeus; mas Jesus projetava sua visão mais adiante, e ao falar do presente, ele constantemente fazia alusão ao futuro.

SINAIS PRECURSORES

47. “Vocês também ouvirão falar de guerra e de rumores de guerra; mas cuidem bem para não se perturbarem, pois é preciso que essas coisas aconteçam; mas isso ainda não será o fim, porque vocês verão povo contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e terramotos em diversos lugares; todas essas coisas serão apenas o começo das dores.” (Mateus, 24:6 a 8.)

48. “Então o irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os levarão à morte. E vocês serão

odiados por todo o mundo por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo.” (Marcos, 13:12 a 13.)

49. “Quando virem que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, ***estiver no lugar santo*** (que aquele que lê ouça bem o que lê); então, os que estiverem na Judeia, retirem-se para as montanhas[200]; aquele que estiver no alto do telhado, não desça para pegar nada de sua casa; e aquele que estiver no campo, não volte para apanhar suas roupas. Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Peçam a Deus que a sua fuga não chegue durante o inverno, nem no dia de sábado, pois a aflição nesses tempos será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente, e como nunca haverá. E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem teria se salvado; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos.” (Mateus, 24:15 a 22.)

50. “Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua não dará mais sua luz; as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas.

“Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos; e eles verão o Filho do homem que virá sobre as nuvens do céu com uma grande majestade.

“Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas, e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu.

“Aprendam uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos já estão verdes e brotam folhas, vocês sabem que o verão está próximo. Do mesmo modo quando virem todas essas coisas, saibam que o Filho do homem está perto, e que ele está quase como se estivesse à porta.

“Digo a vocês de verdade, que essa ***raça*** não passará sem que todas essas coisas tenham se cumprido." (Mateus, 24:29 a 34.)

“E acontecerá na vinda do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Moisés[201], pois como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e

---

200 Essa expressão *a abominação da desolação* não só não faz sentido, como se presta ao ridículo. A tradução de Ostervald diz: “A abominação que *causa a desolação*”, o que é muito diferente; o significado torna-se então perfeitamente claro, pois se entende que as *abominações* devem trazer *desolação* como punição. Quando, diz Jesus, a abominação vier no lugar santo, a desolação também ali virá, e será um sinal de que os tempos estão próximos.

Nota da Tradução: a menção feita nesta nota de Kardec refere-se a Jean-Frédéric Osterwald (1663-1747), pastor protestante natural de Neuchâtel, Suíça, que completou sua tradução da Bíblia para o francês em 1724.

201 Pelo contexto, é de se supor ter havido um equívoco aqui quanto ao personagem citado, Moisés, que nesta tradução conservamos em acordo com o texto original de Allan Kardec, e que provavelmente deveria se referir a Noé, que inclusive é citado no mesmo parágrafo. Por outro lado, não considerando o suposto equívoco, a menção a Moisés pode ter relação com o fato de a ele ser atribuída a autoria do livro Gênesis, que narra a célebre história da arca de Noé. — N. T.

bebiam, casavam-se e casavam seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou todo mundo, assim também será no advento do Filho do homem.” (Mateus, 24:37 e 38.)

51. “Quanto a esse dia ou a essa hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai.” (Marcos, 13:32.)

52. “Na verdade, na verdade eu lhes digo: vocês chorarão e gemerão, e o mundo se alegrará; vocês estarão tristes, porém sua tristeza se mudará para alegria. Uma mulher está em dor quando dá à luz, porque é chegada a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os seus males, pela alegria que sente de haver posto no mundo um homem. É assim que agora estão em tristeza; mas eu os verei de novo e o seu coração rejubilará e ninguém tirará a alegria de vocês.” (João, 16:20 a 22.)

53. "Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão muitas pessoas; e como a maldade se espalhará, a caridade de muitos esfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra para servir de testemunho a todas as nações; e é então que o fim chegará.” (Mateus, 24:11 a 14.)

54. Este quadro do fim dos tempos é evidentemente alegórico, como a maior parte dos quadros que Jesus figurou. Pela sua energia, as imagens que ele contém são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores fortes. Jesus se endereçava principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de captar a delicadeza das formas. Para chegar ao coração deles, carecia falar aos olhos com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos pelo vigor da linguagem.

Por uma consequência natural daquela disposição de espírito, segundo a crença de então, a potência suprema não poderia manifestar-se a não ser por coisas extraordinárias, sobrenaturais; quanto mais fossem impossíveis, mais elas seriam aceitas como prováveis.

O Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, tudo isso lhes parecia de muito maior imponência do que um ser investido apenas de poder moral. Por isso os

judeus — que esperavam no Messias um rei terreno, poderoso entre todos os reis, para colocar sua nação em primeiro lugar e reerguer o trono de Davi e de Salomão — não quiseram reconhecê-lo no humilde filho do carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, aquele pobre operário da Judeia se tornou o maior entre os grandes; ele conquistou para a sua soberania maior número de reinos do que os mais poderosos soberanos; apenas com a sua palavra e alguns pobres pescadores, ele revolucionou o mundo e é a ele que os judeus deverão sua reabilitação. Ele então estava com a verdade quando, respondendo àquela pergunta de Pilatos se ele era um rei, ele respondeu: “Tu o dizes”.

55. É notável que para os antigos os terramotos e o obscurecimento do Sol fossem acessórios obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros; nós os encontramos na morte de Jesus, na de César e em um monte de circunstâncias da história do paganismo. Se esses fenômenos fossem produzidos tantas vezes quantas são relatados, pareceria impossível que os homens não tivessem conservado a lembrança deles pela tradição. Aqui acrescentamos as ***estrelas que caem do céu***, como para testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que isso não passa de uma ficção, pois agora sabemos que as estrelas não podem cair.

56. Todavia, sob essas alegorias se escondem grandes verdades. É, primeiramente, o anúncio das calamidades de todo tipo que atingirão e dizimarão a humanidade — calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, é a difusão por toda a Terra do Evangelho ***reestabelecido na sua pureza genuína***; depois, o reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, derivada do código de moral evangélica posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, porque ele presidirá o seu estabelecimento, e que os homens viverão sob a égide da sua lei; reinado da felicidade, pois ele diz: “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.

57. Quando se realizarão essas coisas? “Ninguém o sabe, ***nem mesmo o Filho***” — disse Jesus. Porém, quando o momento chegar, os homens serão advertidos disso por meio de sinais precursores. Esses indícios não estarão nem no Sol nem nas estrelas, mas no estado social e nos fenômenos mais morais do que físicos, e que em parte podemos deduzir das suas referências.

É muito certo que essa mudança não poderia se dar durante a vida dos apóstolos, pois do contrário Jesus não poderia ignorar o seu momento, e aliás, tal transformação não poderia se cumprir em apenas alguns anos. Não obstante, ele lhes fala como se eles devessem ser testemunhas daquelas coisas; é que, de fato, eles poderão reviver a essa época e eles mesmos poderão trabalhar para a transformação. Às vezes ele fala do destino próximo de Jerusalém e noutras vezes ele toma esse fato como comparação para o futuro.

58. Quando Jesus diz: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que o fim chegará”, será que é o fim do mundo que ele anuncia com a sua a sua nova vinda?

Não é racional supor que Deus destrua o mundo exatamente quando o mundo entrará no caminho do progresso moral pela prática dos ensinos evangélicos; aliás, nada nas palavras do Cristo indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Como a prática geral do Evangelho deve trazer um melhoramento no estado moral dos homens, trará por isso mesmo o reinado do bem e causará a queda do reino do mal. É, pois, o fim do ***velho mundo***, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, egoísmo, fanatismo, pela incredulidade, pela ambição e por todas as más paixões a que o Cristo fazia alusão ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que o fim chegará”; mas esse fim trará uma luta, e é dessa luta que virão os males que ele prevê.

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59. Nos últimos tempos, diz o Senhor, eu espalharei do meu espírito por sobre toda

> a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os anciões terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e sobre as minhas servidoras e eles profetizarão. (Atos dos Apóstolos, 2:17 a 18. – Joel, 2:28 e 29.)

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, os anseios e os pressentimentos do povo, a decadência das velhas ideias que há um século se debatem em vão contra as ideias novas, nós não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega ao seu fim.

Se agora — levando em conta a forma alegórica de certos quadros, e analisando o sentido íntimo das palavras de Jesus — compararmos a situação atual com os tempos descritos por ele, como marcando a era da renovação, não poderemos discordar que muitas das suas predições estão recebendo atualmente o seu cumprimento; daí devemos concluir que atingimos os tempos anunciados, o que é confirmado em todos os pontos do globo pelos Espíritos que se manifestam.

61. Assim como já vimos (cap. I, item 32), o advento do Espiritismo, coincidindo com outras circunstâncias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele necessariamente deve exercer sobre as ideias. Além disse, ele está claramente anunciado no que é reportado no livro Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, eu derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão.”

É o anúncio inconfundível da popularização da mediunidade, que em nossos dias se revela nos indivíduos de todas as idades, de todos os sexos e de todas as condições, e por conseguinte a manifestação universal dos Espíritos — pois sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso está dito: acontecerá ***nos últimos tempos***; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas ao contrário, à sua regeneração, devemos entender por aquelas palavras: os últimos tempos do mundo moral que termina. (***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, cap. XXI.)

JUÍZO FINAL

> 62. “Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; e estando todas as nações reunidas à sua frente, ele separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, vocês que foram abençoados pelo meu Pai’, etc.” (Mateus, 25:31 a 46 – ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, cap. XV).

63. Como o bem deve reinar na Terra, é necessário que dela sejam excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que poderiam lhe provocar perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo necessário para o seu melhoramento; mas, tendo chegado o momento em que o globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, pelo progresso moral de seus habitantes, essa estadia — como Espíritos e como Encarnados — será interditada àqueles que não tiverem aproveitado as instruções que aí puderam receber. Eles serão exilados em mundos inferiores, como certa vez foram exilados na Terra aqueles da raça adâmica, uma vez que foram substituídos por Espíritos melhores. Essa separação — que será presidida por Jesus — é aquela que está figurada por estas palavras do juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, itens 31 e seguintes.)

64. A doutrina de um julgamento final, único e universal, pondo fim para todo o sempre à humanidade é repugnada pela razão no sentido de que ela implicaria na inatividade de Deus durante a eternidade que antecedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Perguntamos então que utilidade teriam o Sol, a Lua e as estrelas que — segundo a Gênesis — foram feitos para clarear o mundo? Causa espanto que uma obra assim tão imensa tenha sido produzida para tão pouco tempo e a benefício de seres que, em sua maioria, foram destinados de antemão aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a ideia de um julgamento único até certo ponto seria admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, quando se

acreditava que toda a humanidade estava concentrava na Terra e que tudo no Universo teria sido feito para seus habitantes; mas é inadmissível desde que se sabe que há milhares de mundos semelhantes que perpetuam as humanidades durante a eternidade e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível dos menos consideráveis.

Só por este fato, vemos que Jesus tinha razão em declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que não posso lhes dizer, porque vocês não as compreenderiam”, posto que o progresso das ciências era indispensável para uma boa interpretação de algumas de suas palavras. Seguramente os apóstolos são Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diferente alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que possuímos hoje. Assim, Jesus adiou o complemento de suas instruções e anunciou que todas as coisas deviam ser restabelecidas.

66. Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelação é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai, deixando sempre uma porta aberta ao arrependimento e pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus tivesse entendido o juízo naquele sentido, teria desmentido as suas próprias palavras.

E mais, se o juízo final devesse surpreender os homens de improviso, em meio a seus trabalhos diários, e as mulheres grávidas, perguntaríamos com que objetivo Deus — que não nada faz de inútil ou injusto — permitiria nascer crianças e criaria almas novas nesse momento supremo, no término fatal da humanidade, para fazê-las passar por um julgamento logo ao saírem do ventre da mãe, antes que elas tivessem a consciência de si mesmas, enquanto outros têm tido vários anos para se reconhecerem? Para que lado — à direita ou à esquerda — essas almas passariam, já que ainda não são nem boas nem más, e que todos os caminhos de progresso futuro se encontrariam desde então fechados, uma vez que a humanidade não mais existirá? (Cap. II, item 19.)

Que conservem essas crenças aqueles cuja razão se contentam com elas, é seu direito, e ninguém aponta aí erros; mas que não achem ruim também

que nem todo mundo esteja de acordo com eles!

67. Conforme ficou explicado anteriormente (item 63), pela via da emigração, o julgamento é racional e se fundamenta na mais rigorosa justiça, já que deixa eternamente ao Espírito o seu livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que Deus concede a todas as suas criaturas — sem exceção — a mesma capacidade para progredir; que o próprio aniquilamento de um mundo, causando a destruição do corpo, não acarretaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Estas são as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de ***juízo final*** não é exata, pois os Espíritos passam por semelhantes julgamentos a cada renovação dos mundos onde habitam, até que tenham alcançado certo grau de perfeição. Portanto, não há *juízo final* propriamente dito, mas há ***julgamentos gerais*** em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

CAPÍTULO XVIII

Os tempos chegaram

SINAIS DOS TEMPOS – A NOVA GERAÇÃO

SINAIS DOS TEMPOS

1. Dizem-nos de todas as partes que já chegaram os tempos marcados por Deus em que grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da humanidade. Em que sentido devemos entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não são mais do que a expressão de uma crença infantil e sem fundamento; para a maior parte dos crentes, elas têm qualquer coisa de místico e de sobrenatural que lhes parece ser o prenúncio de transgressão das leis da natureza. Essas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira, porque implica na negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas sim o cumprimento dessas leis.

2. Tudo é harmonia na criação; tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores coisas, nem nas maiores; então temos que afastar imediatamente toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está marcada para a realização de certas coisas, é que estas coisas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que, como tudo o que existe, o nosso globo está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o habitam. Ambos esses progressos se

seguem e caminham paralelamente, porque o aperfeiçoamento da habitação está em relação com o aperfeiçoamento do habitante. Fisicamente, o globo tem experimentado transformações, constatadas pela ciência, e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens contribuem para isso com os esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e o solo mais produtivo.

Esse duplo progresso é executado de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, a cada uma das quais se opera um movimento de crescimento mais rápido que marca, por características bem acentuadas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos — subordinados ***nos detalhes*** ao livre-arbítrio dos homens — de certo modo são fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como aqueles que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas; é por isso que o movimento progressivo às vezes é parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, e de outras vezes, é geral.

O progresso da humanidade de fato se efetua em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, e não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Por isso, quando a humanidade está madura para subir um degrau, podemos dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se pode dizer também que em tal estação chegaram a fase madura dos frutos e de sua colheita.

3. Pelo fato de o movimento progressivo da humanidade ser inevitável, já que faz parte da natureza, não se segue que Deus seja indiferente a ela, e que depois de ter estabelecido as leis ele tenha se recolhido à inércia, deixando que as coisas seguirem sozinhas. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e porque o seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que

penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia; que esse pensamento cesse um só instante de atuar e o Universo seria como um relógio sem ponteiros reguladores. Logo, Deus cuida incessantemente da execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, segundo as atribuições correspondentes ao seu grau de adiantamento.

4. O Universo é um mecanismo incomensurável conduzido por um número incontável de inteligências e ao mesmo tempo um imenso governo no qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do soberano Mestre, cuja vontade ***única*** mantém por toda parte ***a unidade***. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem; aquilo que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que só nos parecem irregulares porque a nossa visão é limitada. Se pudéssemos avistar todo o seu conjunto, veríamos que essas irregularidades não são mais do que aparentes e que elas se harmonizam no quadro geral.

5. A humanidade tem realizado até nossos dias incontestáveis progressos; com a sua inteligência, os homens chegaram a resultados que jamais haviam alcançado com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes ainda um imenso progresso a efetuar: o de ***fazer reinarem entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade para lhes assegurar o bem-estar moral***. Eles não poderiam conseguir isso nem com suas crenças nem com suas instituições antiquadas — restos de outra era, boas para certa época e suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado tudo o que podiam, seriam hoje um entrave. Já não é somente o desenvolvimento da inteligência que falta aos homens, mas a elevação do sentimento, e para isso é preciso destruir tudo o que exalta neles o egoísmo e o orgulho.

Eis o período em que vão entrar doravante, e que marcará uma das fases principais da humanidade. Essa fase que se elabora neste momento é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; pois então, ela podia ser prevista e predita de antemão, e é por isso que se diz que os tempos determinados por Deus já

chegaram.

6. Neste tempo aqui, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, nem um povo ou a uma raça; é um movimento universal que se efetua no sentido do ***progresso moral***. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e até os homens que mais se opõem a esse progresso trabalham para ela, mesmo sem consciência disso; a geração futura — desembaraçada da escória do velho mundo e formada de elementos mais depurados — se achará motivada por ideias e sentimentos totalmente diferentes que a geração atual, que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e ficará só na História, como ocorre hoje com os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, cada um sabe quanto a ordem atual de coisas ainda deixa a desejar; de qualquer modo, depois de termos esgotado todo o bem-estar material que é fruto da inteligência, conseguimos compreender que o complemento desse bem-estar somente não pode estar senão no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem que, entretanto, possamos ainda o definir claramente: isso é efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração; temos desejos, aspirações que são como que o pressentimento de um estado melhor.

7. Mas uma mudança tão radical como a que está sendo elaborada não pode se produzir sem comoções; há luta inevitável entre as ideias. Desse conflito forçosamente nascerão perturbações temporárias até que o terreno seja aplanado e o equilíbrio restabelecido. Com efeito, é da luta das ideias que surgirão os graves eventos anunciados, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram a consequência do estado de formação da Terra: ***hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da humanidade***.

8. Se a terra já não tem que temer os cataclismos gerais, nem por isso ela deixa de estar sujeita às revoluções periódicas, cujas causas são explicadas — do ponto de vista científico — pelas instruções seguintes fornecidas por dois

eminentes espíritos:[202]

"Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações etc., experimenta as revoluções que demandam milhares de séculos para sua realização completa, mas que, como revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até um máximo de efeito, após o qual há decrescimento até o último limite, para em seguida recomeçar o percurso das mesmas fases.

"O homem não compreende mais do que as fases de uma duração relativamente e das quais ele pode constatar a periodicidade; mas há algumas que abrangem longas gerações de seres, e até sucessões de raças, revoluções essas cujos efeitos conseguintemente têm para as aparências de novidade e de espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse se projetar para alguns milhares de séculos atrás, ele veria, entre aqueles mesmos efeitos e suas causas uma correlação de que ele nem suspeita. Esses períodos que, pela sua extensão relativa, confundem a imaginação dos humanos, não são, contudo, mais do que instantes na duração eterna.

"Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas são nele solidárias e, dos efeitos que vocês designam pelo nome de grandes perturbações, não há um só que não seja consequência da componente das influências de todo esse sistema.

"Vou mais longe: digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, na razão da proximidade ou do distanciamento resultantes dos seus movimentos de translação através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Eu vou mais longe ainda: digo que a nossa nebulosa, que é um como arquipélago na imensidade, tendo também seu movimento de translação através das miríades de nebulosas, sofre a influência das nebulosas de que ela se aproxima.

"Assim as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e assim, de elemento em elemento, até o átomo; daí as revoluções locais ou gerais em cada mundo, que parecem perturbações apenas porque a brevidade da vida não permite que se veja mais do que os efeitos parciais.

"A matéria orgânica não poderia escapar dessas influências; as

---

[202] Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris e publicadas na ***Revista Espírita*** de outubro de 1868: *'Influência dos planetas nas perturbações do globo terrestre'*. Elas são o corolário das comunicações de Galileu, reproduzidas no capítulo VI, e um complemento ao capítulo IX, sobre as revoluções do globo.

perturbações que ela sofre podem então alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas enfermidades que atacam de uma maneira geral as plantas, os animais e os homens; essas enfermidades, como todos os flagelos, são para a inteligência humana um estimulante que, por força da necessidade, a arrasta a procurar os meios de lhes combater e à descoberta das leis da natureza.

"Mas, por sua vez, a matéria orgânica reage sobre o Espírito; este, pelo seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre as influências que modificam suas disposições, sem, no entanto, privar o seu livre-arbítrio, sobre-excitando ou atenuando sua atividade, e que, por isso mesmo, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que às vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita nem o resultado de um capricho; ela tem a sua causa nas leis da natureza. Essa efervescência — inconsciente a princípio, não passando de um vago desejo, uma de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, uma necessidade de mudança — se traduz por uma surda agitação, depois por atos que conduzem as revoluções sociais, as quais — acreditem! — também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia. Se a visão espiritual não fosse circunscrita pelo véu material, vocês veriam as correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, conectam as coisas do mundo espiritual e as do mundo material.

"Quando lhe dizem que a humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra deve se elevar na hierarquia dos mundos, não vejam nada de místico nessas palavras, mas ao contrário, vejam o cumprimento de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais toda a má vontade humana se quebra."

Arago

9. "Sim, decerto a humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que, para o gênero humano, é aquilo que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises às vezes penosas, dolorosas, que arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

"A humanidade terrestre, tendo chegado a um desses períodos de crescimento, está há quase um século integrada no trabalho da sua transformação; é por isso que ela se agita de todos os lados, presa a uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, até que tenha retomado seu lugar nas novas bases. Quem a observar, então a encontrará bem modificada nos seus costumes, no seu caráter, suas leis, suas crenças e, numa palavra, em todo o seu estado social.

"Uma coisa que lhes parecerá estranha, mas que nem por isso deixa de ser uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos que lhes rodeia sofre o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados; digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Isso não tem nada de surpreendente para quem sabe que os Espíritos formam um só corpo com a humanidade; que eles saem dela e a ela retornam; então é natural que eles se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Portanto, fiquem certos de que quando uma revolução social se produz na terra, ela abala igualmente o mundo invisível; todas as boas e más paixões são lá superexcitadas como são entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte do vosso mundo e que a ele aguardam o momento de regressar.

"À agitação dos encarnados e desencarnados às vezes — e muito frequentemente mesmo, já que tudo se encadeia na natureza — se juntam as perturbações dos elementos físicos; ocorre então, por algum tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, após o qual o céu volta a ficar sereno, e a humanidade — reconstituída sobre novas bases e imbuída de novas ideias — percorre uma nova etapa de progresso.

"É no período que se inicia que veremos o espiritismo florescer e dar seus frutos. Pois, é mais para o futuro do que para o presente que vocês trabalham; porém, era necessário que esses trabalhos fossem elaborados antes, porque eles preparam os caminhos da regeneração pela unificação e racionalidade das crenças. Felizes aqueles que deles se beneficiam desde já; isso será para eles bastante ganho e dores poupadas."

Doutor Barry

10. Resulta do que foi dito, em consequência do movimento de translação através do espaço, que os corpos celestes exercem uns sobre os outros uma influência maior ou menor, de acordo com sua proximidade e sua posição respectiva; que essa influência pode trazer uma perturbação momentânea nos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vitalidade dos seus habitantes; resulta também que a regularidade dos movimentos deve determinar o retorno periódico das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que se a duração de certos períodos for demasiado curta para ser apreciada pelos homens, outros veem passar gerações e raças que não a apercebam, e para os quais o estado das coisas é um estado normal; ao contrário, as gerações contemporâneas da transição sofrem o seu contrachoque e tudo lhes parece

fora das leis comuns. Essas gerações veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, na realidade, não é mais do que o cumprimento das leis da natureza.

Pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, se os períodos de renovação moral da humanidade coincidem — como tudo leva a crer — com as revoluções físicas do globo, esses períodos podem ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, inusitados para quem não está habituado com eles, fenômenos de meteoros que parecem estranhos, de um aumento e de uma intensidade incomum de pragas destrutivas. Esses flagelos não são nem uma causa nem presságios sobrenaturais, mas apenas uma sequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.

Anunciando a época de renovação que havia de abrir para a humanidade e marcar o fim do velho mundo, Jesus pode então dizer que ela seria sinalizada por fenômenos extraordinários, terramotos, flagelos diversos, sinais no céu que não são mais do que meteoros, sem sair das leis naturais; mas o homem comum e ignorante viu nessas palavras o anúncio de fatos miraculosos.[203]

11. A previsão dos movimentos progressivos da humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que observam o objetivo a que todas as coisas tendem, e alguns desses seres conhecem o pensamento direto de Deus, e imaginam, pelos movimentos parciais, em que época poderão se cumprir um movimento geral, como podemos imaginar o tempo necessário para uma árvore brotar seus frutos, assim como os astronautas calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que falta para um astro cumprir sua revolução.

---

[203] A terrível epidemia de 1866 a 1868 que dizimou a população da Ilha Maurício, foi precedida de uma tão extraordinária e tão abundante chuva de estrelas cadentes, em novembro de 1866, que os habitantes daquela ilha ficaram aterrorizados. Foi a partir desse momento que a doença que já durava alguns meses de uma forma muito benigna, transformou-se em um verdadeiro flagelo devastador. Foi de fato um sinal no céu e talvez seja nesse sentido que se deva entender ***estrelas caindo do céu***, de que fala o Evangelho, como um dos sinais dos tempos. (Detalhes sobre a epidemia da Ilha Maurício na ***Revista Espírita***, julho de 1867, e novembro de 1868.)

12. A humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais pelas quais cada ser individual passa, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhemos a humanidade em suas evoluções através dos tempos e nós veremos a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

13. A marcha progressiva da humanidade se processa de duas maneiras, como já dissemos: uma é gradual, lenta e imperceptível se considerarmos as épocas aproximadas, que se traduzem por sucessivos melhoramentos nos costumes, nas leis, nos usos e que só percebemos ao longo do tempo, assim como as mudanças que as correntes d'água deixam na superfície do globo; a outra é por movimentos relativamente bruscos e rápidos, semelhantes aos de uma torrente rompendo suas barragens, que o faz transpor em alguns anos o percurso que levaria séculos para ser percorrido. É, portanto, um cataclismo moral que em breves instantes engole as instituições do passado e ao qual sucede uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se assenta, à medida que a tranquilidade se restabelece e se torna definitiva.

Para quem vivesse bastante tempo para alcançar as duas vertentes da nova fase, pareceria que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes e os usos, tudo está mudado; é que de fato surgiram homens novos, ou melhor, regenerados; as ideias levadas pela geração que está se acabando deram lugar a ideias novas na geração que está surgindo.

14. Ao se tornar adulta, a humanidade tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; ela compreende o vazio de ideias com que foi acalentada, a insuficiência de suas instituições para sua felicidade; já não é mais no estado das coisas que ela encontra as satisfações legítimas às quais ela se sente chamada; eis por que ela sacode as fraldas e, movida por uma força irresistível, lança-se em direção às margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.

É a um desses períodos de transformação — ou se preferirem, de ***crescimento moral*** — que a humanidade chegou. Da adolescência ela passa à

idade viril; o passado já não pode satisfazer às suas novas aspirações e às suas novas necessidades; ela não pode mais ser conduzida pelos mesmos modos; não mais se deixa levar por ilusões e por seduções: sua razão amadurecida requer alimentos mais substanciais. O presente é bastante efêmero; ela sente que a sua destinação é mais vasta e que a vida corpórea é muito restrita para contê-lo inteiramente; por isso ela mergulha seus olhares no passado e no futuro a fim de aí descobrir o mistério da sua existência e aí adquirir uma certeza consoladora.

E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que a vida intelectual transborda e o sentimento da espiritualidade se desabrocha, que os homens que se dizem filósofos esperam preencher o vazio através das doutrinas do nada e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens, que pretendem impelir a humanidade de avançar, esforçam-se por limitá-la no estreito círculo da matéria, de onde ela deseja sair; eles lhe encobrem o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: ***Nec plus ultra!*** [204]

15. Qualquer um que tenha meditado sobre o Espiritismo e suas consequências, e não o reduza à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre um novo caminho para a humanidade e desenrola os seus horizontes do infinito; iniciando o homem nos mistérios do mundo invisível, ele lhe mostra o seu verdadeiro papel na criação, papel ***perpetuamente ativo*** — tanto no estado espiritual, quanto no estado corporal. O homem já não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se revela a ele em sua realidade, livre dos preconceitos da ignorância e da superstição; já não se trata de uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência passageira; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que ele já viveu e ainda tornará a viver, e que de tudo o que adquiriu em perfeição pelo seu trabalho, nada se perde; encontra nas suas existências anteriores a razão do

---

204 *Nec plus ultra*: expressão em latim equivalente a “nada mais além”. – N. T.

que é hoje; e: ***daquilo que o homem faz para si mesmo hoje, pode concluir o que ele será um dia.***

16. Com o pensamento que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização estão limitadas à vida presente, que não éramos nada e nada seremos depois, o que interessa ao homem o progresso posterior da humanidade? Que importa para ele que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Como ele não colherá nenhum fruto disso, esse progresso não está perdido para ele? De que lhe serve trabalhar para os que virão depois dele, se ele nunca irá conhecê-los, se serão criaturas novas que logo depois também retornarão ao nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo se encolhe obrigatoriamente às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, quanta amplitude a ***certeza*** da perpetuidade do seu ser espiritual dá ao pensamento do homem! O que há de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que essa lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência que se alternam para a realização do progresso! Como é justa e consoladora a ideia de os mesmos seres progredindo incessantemente — primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, e segundo, de mundo em mundo até a perfeição, ***sem solução de continuidade***! Todas as ações têm então um propósito, pois, trabalhando para todos, cada qual trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nem o progresso individual nem o progresso coletivo jamais são estéreis; ele beneficia as gerações e as individualidades futuras, que não são outras senão as gerações e os indivíduos passados, que chegaram a um grau mais alto de adiantamento.

17. A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se ela não for assentada sobre uma base inabalável; essa base é ***a fé***; não a fé nesses ou naqueles dogmas particulares que mudam com os tempos e com os povos e que mutuamente se apedrejam, pois amaldiçoando uns aos outros elas alimentam o antagonismo; mas sim a

fé nos princípios fundamentais que todo mundo pode aceitar: ***Deus***, ***a alma***, ***o futuro***, O PROGRESSO INDIVIDUAL SEM FIM, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convictos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus — soberanamente justo e bom — não pode querer nada de injusto, e que o mal vem dos homens e não de Deus, então todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se darão as mãos.

É essa fé que o Espiritismo oferece e que de agora em diante será o eixo em torno do qual o gênero humano se moverá, quaisquer que sejam seus meios de adoração e suas crenças particulares.

18. O progresso intelectual realizado até nossos dias nas mais vastas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da humanidade, mas sozinho ele é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele utilizará sua inteligência e os seus conhecimentos em benefício das suas paixões e dos seus interesses pessoais; eis por que ele aplica seus conhecimentos para o aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os seus semelhantes e de destruí-los.

19. Somente o progresso moral pode assegurar a felicidade aos homens na Terra, colocando um freio nas más paixões; só ele pode fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz e a fraternidade.

É ele que derrubará as barreiras entre os povos, e que fará tombar os preconceitos de casta e que calará os antagonismos das seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos convocados a se ajudarem mutuamente, e não a viverem às custas uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, então apoiado pelo progresso da inteligência, unirá os homens numa mesma crença estabelecida nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e por isso mesmo aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte e o fundamento mais sólido da fraternidade universal, que desde todos os tempos é barrada pelas disputas religiosas que dividem os povos e as famílias, que fazem que os dissidentes sejam vistos como inimigos a serem evitados, combatidos e exterminados, em vez de irmãos a quem devemos amar.

20. Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso generalizado que só podia se cumprir saindo do círculo das ideias estreitas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, os homens da elite procuraram levar a humanidade por esse caminho; mas a humanidade, ainda muito jovem, tem se conservado surda, e os ensinamentos deles foram como a boa semente caída sobre a pedra.

Hoje a humanidade está madura para lançar seu olhar mais alto do que tem feito, para assimilar ideias mais largas e compreender o que antes ela não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus preconceitos e seus erros; a geração que surge — retemperada em uma fonte mais pura, e imbuída de ideias mais saudáveis — imprimirá ao mundo um movimento crescente no sentido do progresso moral, que determinará a nova fase da humanidade.

21. Essa fase já se revela por sinais inequívocos, pelas tentativas de reformas úteis através de ideias robustas e generosas que se concretizam hoje e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos ser fundada uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e libertadoras, sob a impulsão e a iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais a cada dia vão sendo impregnadas de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se verem membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de transação, eles suprimem as barreiras que os separavam; de todas as partes do mundo os povos se reúnem em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência.

Porém, falta a essas reformas uma base para se desenvolverem, completarem-se e se consolidarem; falta uma predisposição moral mais generalizada para frutificar e ser aceita pelas massas. Pelo menos, isso tudo é um sinal característico do tempo, o prelúdio daquilo que se efetuará em uma escala mais larga, à medida que o terreno se torne mais propício.

22. Outro sinal não menos característico do período em que entramos é a

reação evidente que se processa no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as teorias materialistas. O Espírito de descrença — que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar, com a forma, a substância mesma de toda crença — parece ter sido um sono do qual despertamos e sentimos a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se havia feito, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

23. Se imaginarmos a maioria dos homens convencidos desses sentimentos, podemos facilmente conceber as modificações que eles trariam nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos e tolerância para com todas as crenças; assim seria seu lema. Esta é a meta para a qual evidentemente a humanidade tende, o objeto de suas aspirações e de seus desejos, sem que ela se dê conta dos meios de realizá-los; ela ensaia, apalpa, mas é detida por resistências ativas ou pela força da inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e repressoras do progresso. São essas resistências que ele deve superar, e essa será a obra da nova geração; se acompanharmos o curso atual das coisas, nós reconheceremos que tudo parece predestinado a abrir o seu caminho; ela terá por si a dupla força do número e das ideias, e por acréscimo a experiência do passado.

24. A nova geração caminhará então para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. Com o Espiritismo caminhando para o mesmo objetivo e realizando seus planos, eles se reencontrarão no mesmo terreno. Os homens de progresso encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca e o Espiritismo terá nos novos homens espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nessa situação, o que poderiam fazer os que queiram atravessar o seu caminho?

25. Não foi o Espiritismo que criou a renovação social, foi a maturidade da humanidade que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas e pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto a

promover o movimento regenerador do que qualquer outra doutrina; por isso que ele é contemporâneo desse movimento. Ele surgiu no momento em que podia ser útil, pois também para ele os tempos já chegaram; se tivesse vindo mais cedo, ele teria se deparado com obstáculos insuperáveis; inevitavelmente teria sucumbido, porque os homens — satisfeitos com o que tinham — não sentiriam ainda a necessidade do que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das ideias que fermentam, o Espiritismo encontra o terreno preparado para recebê-lo; os Espíritos — cansados da dúvida e da incerteza, apavorados com o abismo que se abre diante deles — acolhem o Espiritismo como âncora de salvação e uma suprema consolação.

26. O número dos atrasados ainda é grande, sem dúvidas, mas o que eles podem fazer contra a maré que se agiganta senão lhe atirar algumas pedras? Essa maré é a geração que se levanta, enquanto os atrasados desaparecem junto com a geração que segue a cada dia a passos largos. Até lá, eles defenderão o terreno palmo a palmo; portanto, há uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a do passado decrépito caindo em frangalhos contra o futuro juvenil; é a luta da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, uma vez que os tempos determinados por ele já chegaram.

A NOVA GERAÇÃO

27. Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada somente por bons Espíritos — encarnados e desencarnados — que só queiram o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza nesse momento entre aqueles que a habitam; os que praticam o mal pelo mal, e a quem o sentimento do bem ***não toca***, já não sendo mais dignos da terra transformada, estes serão excluídos dela, porque novamente eles trariam perturbação e confusão a ela e seriam um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar o seu endurecimento — uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, que seriam equivalentes a mundos inferiores, para

onde eles levarão os conhecimentos adquiridos e que eles teriam por missão fazê-los avançar. Eles serão substituídos por Espíritos melhores que farão reinarem eles a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá ser transformada por um cataclismo que aniquile subitamente uma geração. A atual geração desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja nenhuma mudança na ordem natural das coisas.

Tudo se passará então exteriormente como de costume, com a única diferença — mas uma diferença capital — que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra não mais encarnará nela. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, quem nela irá encarnar será um Espírito mais evoluído e ***propenso ao bem***.

Não se trata, portanto, de uma nova geração corpórea, mas sim de uma nova geração de Espíritos; é nesse sentido, sem dúvidas, que Jesus entendia quando dizia: “Eu lhes digo, em verdade, que essa geração não passará sem que esses fatos sejam cumpridos.” Assim, aqueles que esperam ver a transformação se processar por efeitos sobrenaturais e fantásticos ficarão decepcionados.

28. A época atual é a de transição; os elementos das duas gerações se misturam. Colocados no ponto intermediário, nós assistimos à despedida de uma e à chegada da outra, e cada qual já se distingue no mundo pelas características que lhes são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo pelas disposições ***intuitivas e inatas***, é fácil distinguir a qual das duas cada indivíduo pertence.

A nova geração, encarregada de fundar a era do progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntamente com o sentimento ***inato*** do bem e de crenças espiritualistas — que é o sinal indubitável de certo grau de adiantamento ***anterior***. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, já tendo progredido, estejam dispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a ajudar o movimento regenerador.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é primeiramente a revolta contra Deus por se negarem a reconhecer qualquer poder superior à humanidade; a propensão ***instintiva*** às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternais de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme, enfim, de apego a tudo o que é material: sensualidade, ambição e avareza.

São esses os vícios dos quais a Terra deve ser expurgada pelo afastamento daqueles que recusam em se melhorar, porque estes são incompatíveis com o reino da fraternidade, e que os homens de bem sofreriam sempre em contato com eles. Quando a Terra estiver livre deles, os homens caminharão sem entraves para o futuro melhor que está reservado para eles, já neste mundo mesmo, como prêmio pelos seus esforços e pela sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa abra para eles o acesso aos mundos superiores.

29. Por essa emigração de Espíritos, não devemos entender que todos os Espíritos atrasados serão expulsos da Terra e abandonados nos mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aqui retornarão, pois vários deles cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; nesses, a casca era pior do que o interior. Uma vez retirados da influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria enxergaria as coisas de uma maneira inteiramente diferente daquela como quando estavam vivos, assim como temos numerosos exemplos deles. Para isso, eles são ajudados pelos Espíritos benévolos que se interessam por eles e se apressam em lhes esclarecer e lhes mostrar o falso caminho que eles percorriam. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos contribuir para o melhoramento deles, uma vez que há perpétua solidariedade entre os mortos e os vivos.

A maneira como se opera a transformação é bastante simples, e como se vê, ela é toda de ordem moral e não se afasta em nada das leis da Natureza.

30. Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores ou Espíritos antigos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que eles trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, os Espíritos encarnados formam duas categorias, segundo suas disposições

naturais: de um lado, os atrasados que partem; de outro, os Espíritos progressivos que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará então no meio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, na proporção de qual das duas categorias que tiver a preponderância.

31. Uma comparação simples fará compreendermos ainda melhor o que se passa nessa circunstância. Imaginemos um regimento composto na sua grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados; estes aqui constantemente trarão uma desordem que a severidade da lei penal frequentemente terá dificuldades em reprimir. Estes homens são os mais fortes, porque eles são os mais numerosos; eles se amparam, encorajam e estimulam uns aos outros pelo exemplo. Já os bons soldados não exercem nenhuma influência; seus conselhos são desprezados; eles são importunados, maltratados pelos outros e sofrem com esse contato. Não é essa a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que aqueles homens sejam retirados do regimento um por um, de dez em dez, de cem em cem, e que sejam substituídos gradativamente por um número igual de bons soldados, até mesmo por aqueles que tenham sido expulsos, mas que realmente se corrigiram: ao fim de algum tempo, teremos o mesmo regimento, só que transformado; a boa ordem ali terá sucedido à desordem. Assim será com a humanidade regenerada.

32. As grandes partidas coletivas não têm por único objetivo efetivar as saídas, mas o objetivo de transformar mais rapidamente o caráter do povo, livrando-o das más influências, e de dar maior peso às ideias novas.

Por estarem muitos maduros para essa transformação — apesar de suas imperfeições — é que muitos partem, a fim de se fortalecerem em uma fonte mais pura. Enquanto permanecessem no mesmo ambiente e sob as mesmas influências, eles persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de ver as coisas. Uma estadia no mundo dos Espíritos bastará para abrir os seus olhos, porque eles enxergam ali o que não podiam ver na Terra. Então o incrédulo, o fanático e o absolutista poderão voltar com ideias ***inatas*** de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, eles encontrarão as coisas modificadas e

experimentarão a influência do novo meio onde tiverem nascido. Em vez de fazer oposição às ideias novas, serão seus colaboradores.

33. A regeneração da humanidade, portanto, absolutamente não tem a necessidade de renovação integral dos Espíritos: basta só uma modificação em suas disposições morais; essa modificação se realiza em todos aqueles que estejam predispostos a ela, desde que sejam subtraídos da influência perniciosa do mundo. Aqueles que retornarem são serão necessariamente outros Espíritos, mas frequentemente os mesmos Espíritos — pensando e sentindo de outra maneira.

Quando esse melhoramento é isolado e individual, ele passa despercebido e sem nenhuma influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é todo diferente quando ele ocorre simultaneamente em grandes populações, porque então, conforme as proporções, em uma geração as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.

É isso o que quase sempre se observa depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores só acabam com o corpo, e não atingem o Espírito; realizam o movimento de ida e vinda entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É perceptível que em todas as épocas da História as grandes crises sociais foram sucedidas por uma era de progresso.

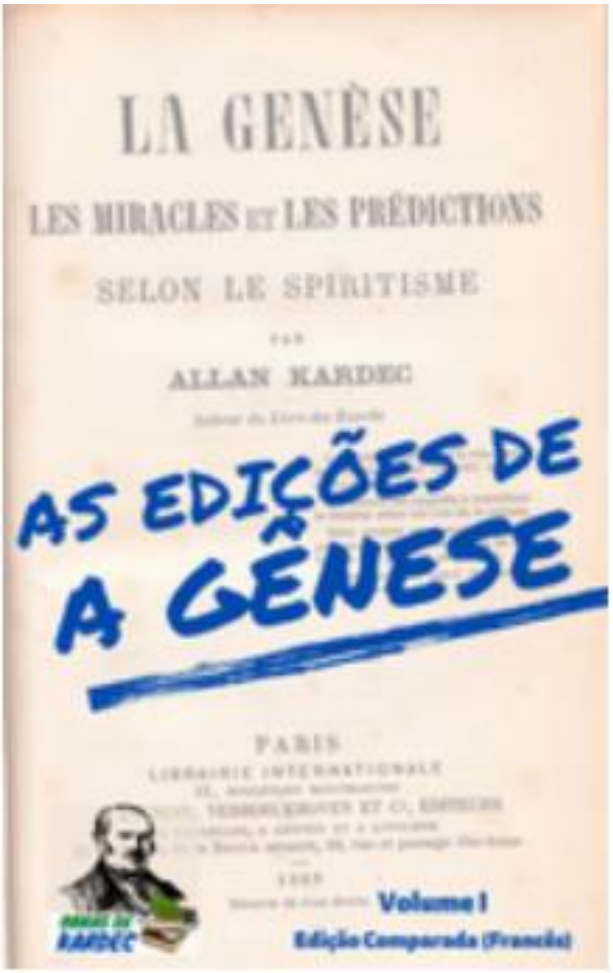
34. É um desses movimentos generalizados que se realizam neste momento e que deve trazer a remodelação da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, pois elas devem acelerar a eclosão das novas sementes. São as folhas de outono que caem e às quais sucederão folhas novas e cheias de vida, pois a humanidade tem as suas estações, como os indivíduos têm as suas fases etárias. As folhas mortas da humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida — que não se extingue, mas se purifica.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, pois, na opinião deles, esses flagelos ***aniquilam os seres para sempre***. Todavia, para aquele que sabe que a morte não destrói mais do que o envoltório, tais flagelos não têm as mesmas consequências e não lhe causam o mínimo pavor; ele compreende o seu propósito e também sabe que os homens não perdem mais por morrerem juntos do que por morrerem isolados, já que, de uma forma ou de outra, isso sempre tem que acontecer.

Os incrédulos vão rir dessas coisas e as qualificarão como quimeras; mas, digam o que disserem, não escaparão da lei comum; assim como os demais, eles cairão na sua hora, e então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: ***Nada!*** No entanto, eles viverão mesmo a contragosto, e um dia serão forçados a abrir os olhos.

FIM

Para os mais estudiosos e demais interessados em conhecer e fazer uma comparação entre as várias edições do conteúdo de ***A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo***,
nós sugerimos o ebook seguinte:



Download gratuito disponível pelo link:
www.obrasdekardec.com.br/ebooks

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br